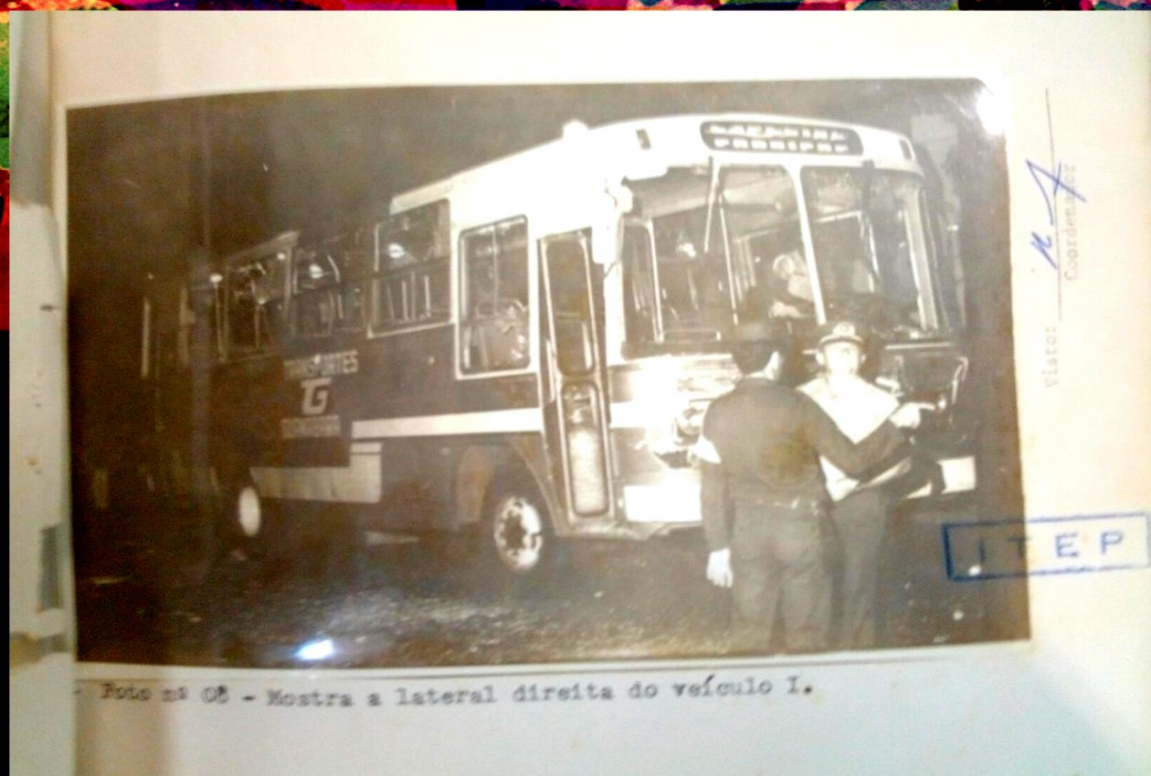


Tragédia do Baldo

A Noite Em Que o
Pierrô Chorou Na
Capital Potiguar



Jefferson Bernardino

Tragédia do Baldo

A Noite Em Que o
Pierrô Chorou Na
Capital Potiguar

Jefferson Bernardino

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Silva, Jefferson Bernardino da.
Tragédia do Baldo: A noite em que o Pierrô chorou na capital
potiguar / Jefferson Bernardino da Silva. - Natal, 2022.
252f.: il. color.

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de
Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
2022.

Orientador: Antonino Condorelli.

1. Jornalismo literário. 2. Jornalismo potiguar. 3. Não-ficção.
I. Condorelli, Antonino. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 070 (813.2)

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/710

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO (ENTRUDO).....	6
PARTE I – SÁBADO DE ZÉ PEREIRA.....	11
CAPÍTULO 1: ME SEGURA SENÃO EU CAIO	12
CAPÍTULO 2: AS ÁGUAS VÃO ROLAR... ..	18
CAPÍTULO 3: Ô ABRE ALAS QUE EU QUERO PASSAR	38
CAPÍTULO 4: A BANDA	64
PARTE II – TERÇA – FEIRA GORDA.....	72
CAPÍTULO 5: TODO CARNAVAL TEM SEU FIM	73
CAPÍTULO 6: FOI UM RIO QUE PASSOU EM MINHA VIDA	99
PARTE III – QUARTA-FEIRA DE CINZAS.....	155
CAPÍTULO 7: CARNAVAL FOI TRISTE PRA MIM	156
CAPÍTULO 8: ATRÁS DO TRIO SÓ NÃO VAI QUEM JÁ MORREU ..	173
CAPÍTULO 9: DIRTEAS JÁ!	183
CAPÍTULO 10: JUSTIÇA DO CÉU	187
CAPÍTULO 11: TRISTEZA	218
PARTE IV – SÁBADO DE ALELUIA.....	222
CAPÍTULO 12: QUEM PARTE LEVA SAUDADE	222
CAPÍTULO 13: NÃO DEIXE O SAMBA MORRER	225
NOTAS	245
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	246

*Um pierrô apaixonado
Que vivia só cantando
Por causa de uma colombina
Acabou chorando, acabou chorando*

*A colombina entrou num butiquim
Bebeu, bebeu, saiu assim, assim*

*Dizendo: pierrô cacete
Vai tomar sorvete com o arlequim*

*Um grande amor tem sempre um triste fim
Com o pierrô aconteceu assim
Levando esse grande chute
Foi tomar vermute com amendoim*

*(Pierrot apaixonado - Heitor dos
Prazeres / Noel Rosa)*

INTRODUÇÃO (ENTRUDO)

Sinto a batucada se aproximar

Estou ensaiado para te tocar

Repique tocou

O surdo escutou

E o meu corasamborim (samborim)

Cuíca gemeu

Será que era eu

Quando ela passou por mim

(Carnavália - Arnaldo Antunes / Carlinhos Brown / Marisa Monte)

O carnaval é a maior festa popular do Brasil e uma das maiores do mundo. Motivo pelo qual também é reconhecido no exterior. Trazido para as terras colonizadas por Portugal pelos europeus, o carnaval encontrou no alegre e festivo povo brasileiro, porém sofrido e explorado do século XVIII (por volta de 1750) um terreno fértil. Era a válvula de escape da população brutalmente agredida, explorado por impostos abusivos cobrados pela metrópole, torturada, privada de seus costumes e identidade, negra e escravizada. Tanto que foi a partir das favelas criadas nos morros da periferia, após a abolição da escravatura no país em 1888, das senzalas baianas e da população marginalizada do interior de Pernambuco, que a festividade ganhou a força e a cara que tem hoje. Nessa época, a festa era chamada de entrudo, palavra que vem do latim *introitu* e significa entrada, pois a comemoração começava na entrada (início) da quaresma.

Festas semelhantes e que seguiam a filosofia do “tudo é permitido” surgiram ainda na antiguidade e foram ganhando novos significados e características no decorrer da história, de um povo para outro. O termo “carnaval” vem do latim *carnis levale*, que significa “retirar a carne” e faz

referência ao jejum da quaresma. Era uma festa pagã onde se cometia todos os excessos e pecados não permitidos durante o período da quaresma pela Igreja Católica, instituição de maior influência da idade média e que tinha o poder de ditar normas políticas, culturais, sociais e até econômicas. A festa profana era regulada pela própria Igreja, que começou a aderir a essa prática no século VIII.

Na antiga Babilônia, por exemplo, existia a chamada *Saceia*, festa onde os papéis sociais eram invertidos e os escravos trocavam de lugar com os reis, comendo, bebendo como eles, além de também dormir com suas esposas. O ponto alto estava no final, quando o prisioneiro escolhido era chicoteado e enforcado. Na Grécia clássica, havia a festa de Dionísio (ou Baco, como chamavam na Roma antiga), o deus do vinho, na qual as pessoas se embriagavam e se entregavam aos prazeres da carne em orgias. Já em Roma, aconteciam as *Saturnálias* e as *Lupercálias*. As primeiras ocorriam no solstício de inverno, em dezembro, e as segundas, em fevereiro, que seria o mês não só das divindades infernais, mas também das purificações. Tais festas duravam dias com comidas, bebidas e danças. Os papéis sociais também eram invertidos temporariamente, com os escravos colocando-se nos locais de seus senhores, e estes colocando-se no papel de escravos.

Na Itália renascentista, foi criada a *commedia dell'arte*, que eram teatros improvisados cuja popularidade ocorreu até o século XVIII. Pierrô e Colombina são personagens de uma famosa trama desse estilo teatral, nascido na Itália do século XVI. A peça tinha o improviso como principal ingrediente exigindo grande disciplina e talento cômico do autor, digo, do ator. Integrantes de uma história com sátiras sociais, aos costumes da época os dois papéis representam serviços envolvidos em um triângulo amoroso: Pierrô ama Colombina, que ama Arlequim, que, por sua vez, também deseja Colombina. Encenadas nas praças e ruas italianas, a história criticava em tom de ironia a vida das figuras poderosas da sociedade, na figura do avarento patrão Pantaleão. O mais pobre dos serviços, Pierrô usava roupas feitas com sacos de farinha, tinha o rosto pintado de branco e ao contrário de tantos outros dessa história, não usava máscaras.

Apenas alguns militares serão poupados pela comédia, já que em antítese foram vítimas de uma tragédia e serão homenageados. Talvez usar um gênero trágico fosse mais adequado. Mas a musa grega no carnaval se embebecesse, e falha ao dar inspiração para contar tragédias tão grotescas. Vira serva de Baco. Então mudo de mitologia e recorro à Exu, o orixá do jornalismo, informação, literatura, editoração, para contar essa história. Afinal, do candomblé veio o samba. O Brasil é essa mistura de samba com pizza siciliana. De Europa com África. De ioruba com latino. Assim nasceu o nosso carnaval.

No meio do espetáculo, acontecia um intervalo chamado *lazzo*, e que será usado aqui para falar de acontecimentos da época, mas que de alguma forma estão conectados com a trama da reportagem romanceada. Durante ele, era apresentadas acrobacias, que o autor tenta fazer com as palavras para narrar esses fatos, e sátiras políticas. A interferência das oligarquias políticas estaduais na história, na cobertura jornalística dela, a ditadura, a campanha das Diretas Já! composição livre e irônica contra instituições, costumes e ideias da época, como está o verbete “sátira” no dicionário. Mas ela está presente em todo o livro como na extensão de todo um sambódromo. Afinal, nesse *lazzo*, o Pierrô abobalhado não sai de cena. E apesar das tristezas, do trágico, das lágrimas, é um que narra esse livro e conta os fatos, com uma abordagem que mescla literatura com jornalismo. *Storyteller* alvo predileto de piadas, mas que também as sabe fazer, por isso leva a dor alheia muito a sério. É sério quando deve ser, metafórico e poético, um pouco sarcástico para aliviar o peso da história que se processa aos seus olhos, dentro do seu coração que bate sofrido pela Colombina. Afinal, Pierrô é um sofredor. Pierrô é um palhaço triste. Pierrô é dor. O nome de batismo do Pierrô, na verdade, é Pedrolino.

O projeto se baseia em um conceito tão italiano, que até o seu orientador é. Mas que fique bem claro ao Pierrô que aqui no Brasil se dança frevo e samba, e não tarantela. Quem faz o trabalho é o jornalista, mas que divide os créditos da escrita com o Pierrô em momentos de devaneios poéticos, sem noção, introspectivos, reflexivos, irônicos, zombeteiros. Pois é carnaval. A festa do ninguém se leva a sério. Então cabe ao jornalista o trabalho sério. Ai Pierrô, os gracejos. Ah, e Pierrô adora cantar. Então música nesse livro não vai faltar.

Mas continuando com a história do carnaval, em Florença, canções foram criadas para acompanhar os desfiles, que contavam ainda com carros decorados, os *trionfi* (origem das alegorias do carnaval brasileiro). Em Roma e Veneza, os participantes usavam a bauta, uma capa com capuz negro que encobria ombros e cabeça, além de chapéus de três pontas e uma máscara branca. O mais famoso exemplo era o da própria Veneza, onde aconteciam os tradicionais bailes de máscara.

A ideia de subversão, orgias, do colorido das roupas e adereços que dava o tom da animação, inversão de papéis sociais e consumo exagerado de bebida alcoólica são algumas características que fazem essas festas coincidirem umas com as outras e serem as ancestrais do carnaval brasileiro. Não é à toa que temos a tradição da inversão dos gêneros, onde homens se travestem de mulher e vice-versa

No Brasil, outros elementos da nossa cultura, muito marcada pela influência da cultura africana trazida pelos negros escravizados, foram incorporados. Como os cordões e ranchos, as festas de salão, os corsos e as escolas de samba. Afoxés, frevos e maracatus também passaram a fazer parte da tradição cultural carnavalesca brasileira. Marchinhas, sambas e outros gêneros musicais também. Inicialmente no século XIX, acontecia no Rio de Janeiro, a capital da colônia portuguesa na época, através de manifestações populares como os folguedos. No entrudo, água suja e farinha eram jogados nas pessoas.

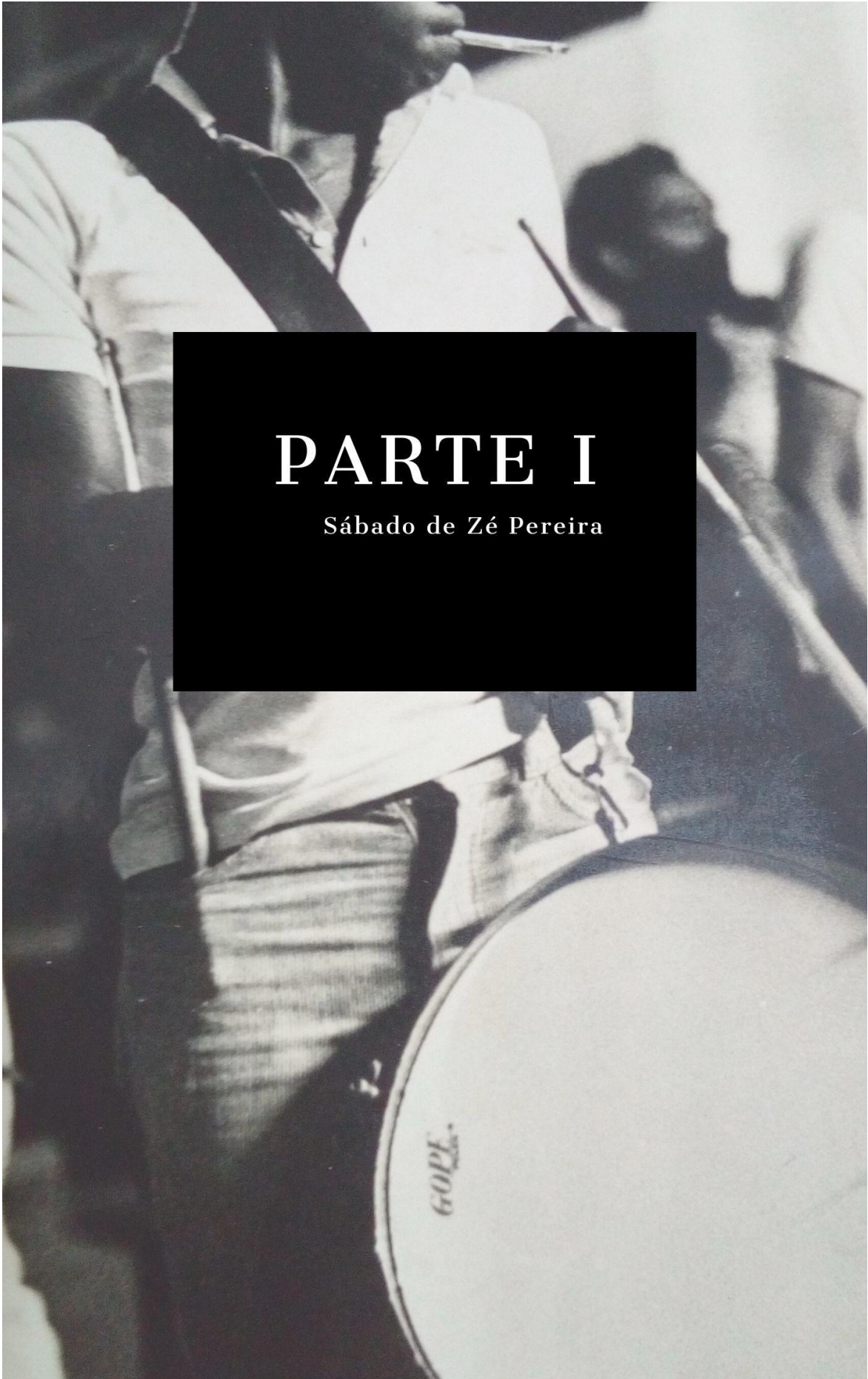
No Rio Grande do Norte, o carnaval chegou apenas na segunda século XIX, em 1877, ano em que foi encontrado o primeiro registro de uma movimentação carnavalesca. Folias, blocos, troças, Papangus foram as primeiras manifestações carnavalescas no estado nordestino. Também marcaram época os desfiles em carros alegóricos e os bailes realizados nos clubes sociais, a partir da parceria entre as instituições governamentais e jornais. No início, os principais pontos de concentração da festa eram no bairro da Ribeira e na Cidade Alta. No decorrer da sua história, outros blocos foram surgindo como o Bloco dos Travestidos (ou Bloco das Kengas), Chiquitas Bacanas, Dois de Ouro, Jacu no Pau, Os Brasinhas e os Índios Tabajaras, Malandros do Morro, dentre outros.

Antes, as festas estavam privadas aos bailes de máscaras dos clubes e também aos chamados “assaltos”, que eram festas programadas para ocorrer em casas de amigos ou familiares. Os “assaltantes” invadiam as casas e roubavam todo o estoque de comidas e bebidas já preparado previamente. Se esbaldavam.

Mas em 1984, um trágico episódio aconteceu e mudou radicalmente o cenário do carnaval potiguar. O motorista Aluizio Farias Batista perdeu o controle do ônibus que dirigia e atropelou o bloco de carnaval Cordão do Puxasaco nas proximidades do viaduto do Baldo. No total, 19 pessoas morreram vitimadas pelo atropelamento, e outras 12 ficaram gravemente feridas. O carnaval em Natal nunca mais seria o mesmo e teria essa grave mancha no seu histórico, gerando traumas e o declínio do carnaval do Estado, já considerado naquela época um dos melhores do Brasil.

O que era diversão para tantos, se transformou em uma triste memória para parentes e amigos das vítimas. Um pesadelo do qual ainda tentam acordar, e que teve início na madrugada do dia 25 de fevereiro de 1984, às 00h50. O que mais dói na ferida que ainda cicatriza é o fato de todos saberem que o ocorrido poderia ter sido evitado e que o motorista, que não conseguia parar o ônibus desgovernado, ainda segue a sua viagem impune, como se aquele ônibus nunca tivesse parado e seguisse o seu curso. Ao ver a trágica cena, o Pierrô chorou por sua colombina reluzente, a cidade do sol. É hora de montar o palco na rua, como

se faz em um bom carnaval e começar o espetáculo. Merda para nós! (Ah! isso quer dizer “sorte” no meio artístico).



PARTE I

Sábado de Zé Pereira

CAPÍTULO 1: ME SEGURA SENÃO EU CAIO

Vai passar

Nessa avenida um samba popular

Cada paralelepípedo

Da velha cidade

Essa noite vai se arrepiar

Ao lembrar que aqui passaram sambas imortais

Que aqui sangraram pelos nossos pés

Que aqui sambaram nossos ancestrais

(Vai passar - Chico Buarque / Francis Victor Walter Hime)

MAMÃE, EU QUERO MAMAR

Dois de Abril de 2019. Terça-feira, 06h30 da manhã. Zé Pereira tocou o seu bumbo. Ou melhor, o despertador tocou. Após uma noite mal dormida, levantei um pouco trôpego da cama. A ansiedade levou o meu descanso durante a madrugada e a insônia me dominou. Parecia que eu tinha acordado de uma terça-feira de carnaval tamanha era a sensação de ressaca. Depois de ter telefonado dias antes para a Primeira Vara Criminal de Natal com a intenção de me informar se o processo de número 001.84.000723-0 estava disponível para consulta pública, as expectativas aumentaram. Do outro lado, o simpático secretário Wilson me indagou com uma certa desconfiança e apreensão ao mesmo tempo. Talvez espanto.

—Mas por que você está interessado em ver essas fotos?

Expliquei que era para um livro que eu pretendia escrever, um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Marcamos a data e lá fui eu, suando frio e temendo pelo que iria encontrar, como ansioso patológico que sou. Na verdade, acordar cedo para alguém que vara as madrugadas na internet não é algo fácil e tem seus efeitos quando é preciso acordar mais cedo e deixar as paredes do seu

quarto te veem deixando os lençóis fora do horário de costume. Fui a pé do meu bairro até o centro da cidade de Parnamirim, onde eu moro, por falta de transporte público, já que não havia nenhum ônibus que passasse no meu bairro e me levasse até o Fórum Municipal Desembargador Miguel Seabra Fagundes, bairro Lagoa Nova. Senti o aumento do preço da gasolina na passagem após esperar alguns minutos na parada lotada por trabalhadores e estudantes. Desci do ônibus, atravessei a avenida Capitão Mor-Gouveia e passei por um portão. Entrei na Ceasa, principal central de abastecimento e de distribuição de frutas, verduras e legumes do Rio Grande do Norte, um estado com uma forte cultura econômica voltada para a fruticultura, juntamente com o sal, responsável por boa parte das nossas receitas com exportações.

“Yes, nós temos bananas. Bananas pra der e vender”, como cantava Carmen Miranda.

O meu coração batia cada vez mais acelerado. Estava, literalmente, a alguns passos de encontrar aquilo que eu tanto desejava e que planejei meses para encontrar.

Me senti um pouco deslocado ao chegar ao fórum de calça jeans, camiseta polo e *All Star*, já que todos estavam vestidos impecavelmente de trajes formais como terno e gravata, saias *tailleur*. Me identifiquei na recepção e fui até a sala da Secretaria da Primeira Vara Criminal. Bati na porta um pouco tímido e desconcertado. Até as batidas foram tímidas e discretas pela força que empreguei. Era por volta das nove horas da manhã. Perguntei ao senhor que me atendeu:

—Você é o Wilson? Eu sou o estudante de jornalismo que está pesquisando sobre a tragédia do Baldo e....

—Não precisa dizer mais nada, eu já sei qual é.

Retirou o processo volumoso da estante de processos que ainda estão pendentes pelo fato de os condenados não terem o paradeiro encontrado. Me entregou o calhamaço com mais de 450 páginas e jogando em cima da única mesa vaga que eu poderia usar para o ler e fazer algumas anotações. Alguns delegados e advogados chegavam e me perguntavam se eu era o Wilson pelo fato de a mesa estar na entrada da sala. A mesa do Wilson ficava em uma sala mais ao fundo. Respondia que não e me falavam, talvez pela cara de adolescente ou pelo que eu vestia:

—Logo percebi que não é você

Engessado e tímido, ouvi o Wilson me perguntar se eu queria café ou água. Não bebo café e não queria ser incômodo. Pedi apenas um copo de água.

Eu estava de cara com o processo tão desejado, um momento tão esperado. Quando pus as mãos nele, senti uma certa vertigem, uma sensação de desmaio que quase me fez desistir. Tomei doses cavalares de coragem. Eu finalmente estava com o processo em mãos e nem acreditava naquilo. Sentei, sem coragem de abri-lo, e respirei fundo por alguns minutos até ter preparo mental suficiente para abrir o processo e começar a ler e fazer anotações, trêmulo. Algumas fotos com o celular também. Me veio à cabeça o clichê: *“Se está com medo, vai com medo mesmo”*. Comecei a folhear e ler os depoimentos de testemunhas presentes, dos envolvidos, dos sobreviventes, laudos cadavéricos, fotos retiradas pelo Instituto Técnico-Científico de Perícia (ITEP) na cena do acidente, laudos técnicos, movimentações processuais e etc. Era tudo muito forte, impactante, cru.

No total, foram três visitas em que peguei ônibus lotados e apertados, viajando em pé, e caminhei por dentro da Ceasa e ao seu redor na hora de voltar para casa, andando sob um sol escaldante, dando volta por todo o seu quarteirão pois o portão da central já estava fechado. Me lembro da movimentação de caminhões e feirantes, da bagunça, das frutas podres no chão, do barulho e também do cheiro forte de algo estragado mesclado com o odor adocicado das frutas frescas. Li o processo de páginas amareladas e com bactérias que devem ter no mínimo lá os seus 36 anos, com cheiro de mofo, esfaceladas, com poeira, datilografadas. Parecia que as páginas iriam se desmanchar se eu passasse elas com muita pressa. Isso me fez descobrir o descaso com processos que são considerados históricos e que deveriam estar naquela estante restaurados. O último caderno do processo continha apenas mandados de prisões expedidos e não cumpridos até hoje. Ao ser condenado à revelia em 2009, por não comparecer ao seu julgamento, o motorista Aluizio Farias Batista recebeu uma punição simbólica e as investigações sobre o seu paradeiro estavam sob segredo de justiça, mas me parecia que paradas. Me perguntava como a Polícia Civil não conseguia encontrá-lo com tantas informações e todo um aparato de inteligência.

A cada vez que eu lia e relia, encontrava mais informações. Na primeira vez, devido ao nervosismo, apenas passei rapidamente os olhos percorrendo as suas páginas. Nas outras duas, li com mais cuidado e atenção. Descobri detalhes até então não tão evidentes e em letras garranchudas, escritas à mão e caneta azul. Os depoimentos eram muito fortes e a sensação de horror me fazia tragar o ar de maneira mais profunda, um suspiro e uma reflexão, a cada depoimento lido. Lembro que uma advogada chegou na sala e brincou comigo. Me perguntou:

— Quantos anos tem esse bebê?

Respondi 35 anos aos risos. Ela me disse que já estava acostumada a lidar com processos antigos pois muitas de suas causas eram de usucapião, a posse e ocupação de terras antigas pertencentes a terceiros, invadidas. Brincou ao dizer que já tinha encontrado até baratas e escorpiões no interior deles. Eu não duvidei, pois o meu além de inteiramente remendado, estava repleto de traças. Depois de três manhãs em que estudei os processos tinha reunidas as informações suficientes para a pré-produção e também para montar uma lista de possíveis entrevistados. Voltava para casa olhando as paisagens da cidade e pensando, refletindo sobre o que acabara de ler e reverberava na minha mente. Como eu encontraria todos os parentes de pessoas mortas ou até mesmo os do motorista?

Me veio a ideia de pesquisar sobre o assunto nas redes sociais, por curiosidade. Eu gostaria de saber o que a opinião pública pensava, apesar de ler comentários não ser algo muito recomendado. Para a minha surpresa, nas postagens de notícias sobre a tragédia, encontrei aos poucos pessoas que afirmavam ter algum parentesco com as vítimas falecidas. Enviei mensagens, entrei em contato com elas e as agulhas perdidas no palheiro foram sendo achadas. Eu não inventei a metodologia de encontrar fontes em potencial através das redes sociais ou de fazer varreduras em comentários para saber quais eram as principais demandas e curiosidades dos leitores, mas agradei por elas, que nunca foram do meu agrado, existirem. Sem um grande veículo por trás e de maneira independente, eu enquanto estudante, fui encontrando parente por parente. Algumas vezes até coincidentemente. A minha professora do ensino primário era amiga da filha de uma das vítimas. Apesar de estar de férias, não pensei duas vezes em procurá-la, mas ela estava viajando. Fui recebido pela sua mãe. Ela me repassou o contato do genro, que tocava na banda da Polícia, e assim encontrei mais dois contatos que me foram repassados por ele. Os endereços que eu tinha anotado eram antigos. Provavelmente, os parentes já não moravam mais nas mesmas residências e locais de mais de 35 anos atrás.

Obviamente, me viram em um primeiro momento com desconfiança pois eu era um simples aluno, um desconhecido, estranho e com interesse em histórias tão pessoais e desagradáveis, fazendo todo o trabalho de levantamento de fontes e informações à base do “Bloco do eu sozinho”, além de produtor, entrando em contato com elas e conversando sobre o assunto. Um neto, um sobrinho, uma filha, um amigo e etc. Todas as histórias, trágicas, tristes e que me renderam algumas lágrimas e muito sofrimento mental por sua carga negativa e as responsabilidades que eu teria a partir dali. A vida era milagre ou tragédia? Por que aquelas pessoas partiram tão cedo e de maneira tão brutal? Tinha o motorista realmente culpa ou eu estava a fazer juízos de valor demais? Todos nós somos, em certa medida, a soma das pessoas que passam pela nossa vida, mesmo de

forma meteórica. Às vezes, as bruscas e doloridas subtrações também. Nem sempre o saldo é positivo.

Não me sentia um herói mas vivi uma verdadeira epopeia. Até descobrir que maniqueísmos não cabem na vida real. Enquanto agentes históricos, somos heróis, vilões, construtores dela. O que hoje é um jornal que será usado para embrulhar peixes ou forrar o chão de casinhas de cachorros, amanhã será história. O jornalista é o historiador do hoje, do presente, do emergente e do urgente. O meu papel era contar, não julgar. A empatia foi uma ferramenta que usei para me colocar no lugar de todos e compreender seus pontos de vista. Por que um homem jogaria, sem mais nem menos, um ônibus sobre uma multidão? Isso era uma loucura, um surto. Parei de tentar me questionar e de me perturbar remoendo isso mentalmente. Escolhi apenas ser um contador de histórias.

Mas no meio da viagem, decidi não descer na minha parada. Resolvi me permitir viajar mais um pouco nas palavras, ir mais a fundo na história e na essência humana de minhas fontes. Eu não queria apenas contar uma história por contar. Queria dar uma abordagem crítica, um pouco mais opinativa até, a ela. Pois o jornalista que não é crítico em relação ao que faz e se reduz, se limita, a um robô reproduzidor de notícias, é muito medíocre. Eu não queria inverter a pirâmide (pirâmide invertida é o nome técnico no jornalismo dado aos textos noticiosos que seguem um modelo objetivo e conciso tradicional. Eu queria tombar ela, queria deita-la (nome dado ao modelo utilizado no jornalismo literário). Uma vez um professor me perguntou se eu era fã de Truman Capote. Respondi que amava *A sangue frio*. Ele me deu um conselho bem-humorado:

— Então cuidado para não levar uma capotada...

De certo, a viagem era longa e muitos suspiros de estarcimento seriam dados. Durante todo o processo de pesquisa, entrevistas e escrita desse livro, me senti vazio de sentimentos em relação a mim mesmo, completamente embebecido em uma tragédia, preenchido por ela. Anestesiado de cansaço. Cheguei a desistir várias vezes de seu projeto. E como quem não sabia o que queria, retomava. Seria eu a vigésima vítima do acidente depois de tanto tempo? A ansiedade e a angústia crua me consumiam. Era uma teia tão enredada que eu me confundia e não sabia como desfazer seus mistérios.

Sentia um certo senso de obrigação de resgatar e contar essa história, mesmo que um resgate doloroso, de algo ruim, mas que não podia ser esquecido. Pessoas já não eram mais números. As 19 vítimas tinham histórias. Os 19 rostos e nomes estampados em capas de jornais da época e que deram nomes a ruas da capital potiguar precisavam ter as suas vidas contadas. Eram todos muito jovens,

na faixa etária entre os 16 aos 40 anos. Muitos deixaram filhos pequenos, órfãos de pai. Alguns deles, ainda na barriga das suas mães. Na reta final, resolvi acelerar. Apertei os cintos. Engatei a marcha e dei partida na ignição, mas ao invés de seguir em frente, voltei de ré ao passado. Sem memória não há História.

CAPÍTULO 2: AS ÁGUAS VÃO ROLAR...

*As águas vão rolar,
Garrafa cheia eu não quero ver sobrar,
Eu passo a mão no saca, saca, saca-rolha.
E bebo até me afogar, deixa as águas rolar.*

(Saca-Rolha - Waldir Machado / Zé da Zilda / Zilda do Zé.)

COMISSÃO DE FRENTE

O planejamento do carnaval de 1984 foi marcado por várias reuniões para a discussão dos seus preparativos. Em Natal, com um dos mais tradicionais carnavais de rua do Brasil na época, a folia não poderia se materializar em pouco confete, ou em desnecessárias serpentinas. Os blocos de rua não economizavam na animação, mas alguns detalhes ainda tinham que ser acertados. A organização antecede a euforia. O mesmo valia para o desbunde das escolas de samba e das tribos de índio. No primeiro dia do ano, o secretário geral da prefeitura Giovani Rodrigues se reuniu com representantes de escolas de samba da cidade, após outras já realizadas, para a discussão do local em que o desfile seria realizado. Havia uma possibilidade do carnaval ser deslocado do bairro do Alecrim para a avenida Prudente de Moraes. Chegaram à conclusão de que uma consulta popular seria a melhor solução e criaram uma pesquisa de opinião para que a população decidisse o local mais confortável para a sua realização.

As principais críticas ao Alecrim estavam relacionadas à estrutura urbana do bairro. As avenidas eram muito apertadas para os números das escolas e suas evoluções. Era desconfortável para o público que se abarrotava nas calçadas. O bairro tinha uma população estimada de 200 mil habitantes. Havia também a possibilidade da instalação de arquibancadas nos mesmos moldes da Marquês

de Sapucaí e pela mesma empresa que a montou, a MILLS. Um serviço de bar e restaurante também era cogitado. O prefeito Marcos Formiga desconhecia o projeto até então, mas acreditava que ele traria uma maior comodidade para os espectadores. Outros detalhes foram discutidos durante a reunião, como as diretrizes para o carnaval, a constituição organizadora do evento, a eleição do rei e rainha do carnaval, e outras sugestões.



Montagem das arquibancadas. (Foto: Tribuna do Norte/ Reprodução)

A principal pauta das discussões girava em torno de como seriam dados incentivos para as escolas, bandas e blocos de elite. A eleição do Rei Momo e da Rainha do Carnaval teve a coordenação de Adalberto Rodrigues e ocorreu no dia 17 de fevereiro, no Palácio dos Esportes, em uma noite de quinta-feira, embalados pelo trio elétrico de Dodô e Osmar. Além da apresentação da Banda dos Artistas. Três semanas antes, ainda eram convocados candidatos dispostos a competir no concurso de escolha do Rei Momo e da Rainha do carnaval. Apenas dois candidatos haviam preenchido até então os formulários de inscrição. Foi a abertura oficial do carnaval. Eram exigências do contrato que os dois deveriam comparecer à clubes e assaltos carnavalescos, palanque oficial, além de atenderem a todos os convites de blocos e escolas de samba. Somente maiores de 18 anos, com limite de 60 anos e 100 quilos no mínimo poderiam participar por um cachê de 250 mil cruzeiros para custear as fantasias. Era cansativo e praticamente algo voluntário pelo valor ofertado e o seu propósito. Se destituídos, assumiriam os seus postos o príncipe e a princesa do carnaval. O oito vezes nomeado Rei Momo desde a década de 1940 Severino Galvão com seus

82 quilos e 70 anos de idade, afrontou os padrões impostos para a escolha do rei do carnaval:

— Desafio qualquer um dos candidatos a Rei Momo do carnaval desse ano a disputar comigo dez minutos de frevo, ao som de “*Vassourinha*”, valendo dez mil contos e a coroa.

O argumento usado para a aceitação da sua inscrição pelo prefeito Formiga foi simples e ao mesmo tempo ousado, astuto:

— Escolha de Rei Momo não é matança de boi para açougue, quando se leva em consideração o peso e a idade do animal. É apenas uma manobra dos organizadores do concurso para me tirarem da disputa. Em Santa Catarina e São Paulo, as majestades foram escolhidas com 76 quilos e 76 anos de idade, respectivamente.

Marcos Formiga deu a sua resposta:

— Em Natal jamais haverá um júri de tanta lisura quanto esse que nós vamos realizar.

Satisfeito com a permissão para a sua inscrição, ainda mostrou que estava com um olho na lantejoula e outro no paetê:

— Vou chegar com a fantasia debaixo do braço, e passar uma olhada nos jurados que vão compor a mesa. Se eu notar que há algum esquema armado para me derrubar, vou botar o bocão no mundo. Não vou pisar na quadra para ser desclassificado e servir de palhaço. Se eu for eleito, vou brincar os cinco dias de sol a sol, intercalados com alguns cochilos. Não quero rainha com moleza. Se vier acompanhada pela mãe como a do ano passado, eu rebaixo. Eu imponho respeito.

E continuou:

— A prova disso é que quando fui premiado para ir à São Paulo juntamente com a rainha eleita em um dos carnavais passados para um encontro de momos de todo o Brasil, fiz questão de levar a minha filha para evitar falatórios.

E os trabalhos começaram. O Palácio dos Esportes, construído em 1953, era famoso por receber grandes shows de artistas nacionais como Chico Buarque, Zé Ramalho, Alceu Valença, Cazusa, Pepeu Gomes e Baby do Brasil, Roupas Nova, Luiz Gonzaga, Wando, Roberto Carlos, Guilherme Arantes, Milton Nascimento, Caetano Veloso e Gal Costa, dentre outros. Era o templo potiguar dos grandes espetáculos e de competições esportivas. Muitos gritos e aplausos já

foram dados freneticamente e efervescidos entre as paredes do antigo ginásio localizado na rua Trairi, no bairro de Petrópolis.

O evento começou às 20h00 da noite de uma sexta-feira, para ninguém ter problemas com ressaca e trabalho no dia seguinte pois não se economizavam ao cair na festa. O prêmio para o Rei Momo e a Rainha também incluía uma viagem para Salvador. O júri foi escolhido no momento, sendo composto por sete avaliadores para evitar “*armação em cima do júri*”. Severino, mais uma vez, ganhou e reinou ao lado da rainha Lucineide Laurentino da Silva. Pouco mais de quinhentas pessoas testemunharam a vitória. A entrada, antes paga, foi liberada para o público.



O Rei Momo e a Rainha do Carnaval. (Foto: Jornal A República/ Reprodução)

Ao mesmo tempo, havia um conflito nos bastidores do mundo do samba de Natal. As escolas não aceitavam o rebaixamento para o grupo B. A escola Mangueira do Samba era uma delas. Ameaçaram boicotar o desfile e não participarem caso a comissão julgadora não reavaliasse o resultado da sua votação. Giovanni afirmou que até o primeiro final de semana daquele ano chegaria a uma solução para o descontentamento e o clima de intriga e insatisfação criado depois da recusa do resultado do ano anterior pelas escolas. Após mais uma reunião, foi decidido que a escola não seria rebaixada e continuaria no primeiro grupo. Sem muitas discussões ou resistências, foi decidido que o Alecrim iria emprestar mais uma vez as suas lotadas avenidas, a

contragosto da população e das escolas que preferiam a avenida Deodoro, para o passar das fantasias e alegorias, das rodopiadas das alegres porta-bandeiras, da banda e de toda a emoção que fazia os corações pulsarem como um pandeiro na fervorosa mão de um músico e que ficava cada vez mais frenético ao ver as passistas reboarem em toda a sua graça, donas de seus corpos.

O carnaval também dividiu a opinião dos natalenses. De um lado, alguns defendiam que os recursos públicos deveriam ser investidos no carnaval de rua, para incentivar bandas, blocos e charangas. As escolas de samba lembravam às autoridades que não poderia ser preterida pois era a principal atração do carnaval natalense, com o show que proporcionava na noite da terça-feira de carnaval. Reunidos no meio da tarde de uma terça-feira na Cantina do Jonas, no Areal, Rocas, dirigentes de agremiações discutiam o carnaval no berço do samba natalense e deixavam claro do alto da sua hegemonia que não eram totalmente contrários à revitalização do carnaval de rua e aos blocos. Mas as escolas não podiam ser passadas para trás e ofuscadas na distribuição da verba.

— Agora querem motivar esse segmento e deixar de lado as escolas de samba. Não é justo. É um imenso desrespeito ao público que nos prestigia e principalmente, às escolas, tradição do carnaval natalense há décadas --- disse um deles.

Também havia críticas à avenida Presidente Bandeira, pois os espectadores invadiam boa parte da pista, a deixando mais estreita ainda. Além disso, não havia espaço o suficiente para a concentração das agremiações. Lucarino Roberto, fundador da escola Balanço do Morro, se limitou a argumentar que já tinha ganho dois carnavais na Presidente Bandeira e venceria novamente em qualquer outro lugar, se gabando. Também não concordava com a ideia muito abordada na mídia de que o desfile fosse na Praia da Redinha. A maresia estragava as fantasias e alegorias em seus mínimos componentes. Era briga de bambas do samba. Para Maurício de Souza, o diretor da Crioulos do Samba, a passarela ideal deveria ser plana, larga, bem iluminada e decorada.

Também reagiram aos comentários de que a prefeitura ia “*encher as escolas de grana*”. Na verdade, queriam que o dinheiro cobrado pelos ingressos retornasse aos cofres públicos. Se queixavam da marginalização da qual eram vítimas.

— Para quem não vive o dia a dia de uma escola de samba, acha que 500 mil cruzeiros é uma quantia volumosa. Mas para quem faz carnaval em uma cidade paupérrima, onde a maioria é desempregada, a ajuda é simbólica. Essa meia dúzia de contestadores não sabem que é uma guerra para botar uma escola

na avenida, chegam ao ponto de deixar o filho passar fome. Citam muito a BandaGália, que saiu às ruas sem ajuda oficial, mas esquecem que os organizadores da BandaGália e muitos que a integram constituem uma elite privilegiada economicamente. Ao passo que dirigentes das escolas de sambas são pessoas pobres, não conseguem as coisas com facilidade. Quando termina o carnaval, ficam endividados o ano inteiro, embora realizem promoções como feijoadas, rodas de samba, piquenique e rifas.

O carnaval feito pelas escolas durava de três a quatro horas e era chamado de “*carnaval enlatado*”. O ex-jogador de futebol Benício de Santana, conhecido como Prevê, estava no outro extremo. Ele era responsável pela Bagunça do Prevê, que sem nenhuma ajuda, saía pelas ruas das Rocas.

— Esse carnaval vai ser o melhor, onde o povo não gasta nada, não pede para entrar e muito menos para sair. Brinca os três dias.

Segundo ele, faltava incentivo por parte do poder público que investia demais nas escolas de samba e negligenciava o carnaval de rua, um dia considerado o terceiro maior do país.

— Há 15 anos atrás, a coisa era diferente. Os botequeiros faziam questão de distribuir bebidas, os foliões mesmos compravam confete e serpentina, levavam talco, maizena e outros produtos para se lambuzarem.

Já os blocos de elite também buscavam incentivos, em uma reunião entre organizadores do carnaval e os chefes dos blocos. A sugestão era de que a praça Aristófares Fernandes, em Petrópolis, funcionasse como um polo, um ponto de concentração dos blocos, que prometiam aglutiná-los entre as 17 e as 19 horas. Em contrapartida, receberiam uma ajuda financeira para custear a confecção das alegorias, instalação de cordões de luzes e palanque. Prometiam estampar a traseira dos carros alegóricos com a logomarca da campanha da prefeitura “*Nossa cidade Natal*”. As fantasias seriam pagas pelos próprios foliões.

No final das contas, a prefeitura de Natal direcionou verba para todos os segmentos e suas demandas, pois queriam uma “grande manifestação popular”.

As bandas se reuniram no Centro de Cultura de Natal e frisaram que o carnaval de rua que pretendiam realizar independia de esquema oficial. Não era o carnaval da prefeitura, mas o carnaval do povo. Também não abriam mão de uma orquestra.

— É obrigação da prefeitura proporcionar a infraestrutura necessária, pois se trata de uma festa popular. Sempre às ruas com recursos próprios e arrastamos

uma grande multidão, agora com o incentivo do poder público vai ser uma loucura total! —disseram.



BandaGália arrastando multidões (Foto: Jornal A República/ Acervo)

Segundo eles, a insistência em trazer trios elétricos da Bahia nos últimos anos era um desserviço, pois o carnaval natalense era muito mais afinado com o de Olinda, impulsionado pelos instrumentos de sopro. A cultura potiguar sempre foi muito incentivada e até copiada de Pernambuco, dos sopros aos gritos políticos. A repressão dos anos de chumbo da ditadura militar na década de 1970 inibiu o carnaval de rua com sua vigilância sobre os costumes e a “boa moral”. Acreditavam que futuramente haveria uma maior integração entre escolas e bandas, passando pela passarela ao final do desfile. Mas era inviável porque não pertencia ao roteiro tradicional e não dispunha de boa infraestrutura para receber e servir os componentes das bandas. Esse futuro não existiria. A profecia era falha e não imune às reviravoltas que a vida dá tanto quanto as saias das baianas. Ela não é linha reta, é um rabisco torto, confuso, em círculos sinuosos.

Os veranistas e a população da praia de Pitangui começaram a programar o que seria realizado em dois clubes: o Arrastão e o Veleiro. Segundo a Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo), todos os hotéis da cidade já tinham atingido a sua lotação máxima até o carnaval. O hotel Reis Magos ainda estava de pé e era o principal local de hospedagem de luxo, hotel de primeira classe. Naquele ano, a Cidade da Criança promoveu o primeiro carnaval infantil de Natal, no dia 19 de fevereiro. Era o ápice do carnaval norte-riograndense. Os jornais noticiavam com empolgação aquilo que chamavam de *“ressurgimento do carnaval de rua”*.

Nos classificados dos jornais, muitas casas de praia já eram anunciadas para aluguel por causa da alta temporada de verão, das festas nas belas praias da princesa do sol, como Pirangi e Genipabu. O turismo sempre foi uma forte atividade econômica potiguar por causa de suas belezas naturais e aparente tranquilidade.

A Bandalheira sacudiu as ruas, os becos e as areias da praia da Redinha, com um evento iniciado às 22 horas de um sábado, dia 28 de janeiro. Era a primeira prévia carnavalesca da cidade. A concentração e saída estava prevista para acontecer no bar Pé do Gavião, com destino à praia da Redinha, ao amanhecer embalados por muito frevo. Os organizadores aproveitaram a festa de Nossa Senhora dos Navegantes para divulgar o carnaval de rua, dada a grande concentração que o evento ocasionava. A intenção era fazer a folia se espalhar por todos os quatro cantos de Natal, de forma contagiante e embriagante. A decisão foi tomada pela Banda Gália e Filhos da Pauta, blocos e bandas, na última reunião de discussão do carnaval natalense e seu roteiro. Não recebeu muitos foliões, pelo menos não o esperado com muita expectativa, mas a animação compensou a quantidade. Apenas uma briga ocorreu. Um outro problema foi o fato de os bares da Redinha não terem estocado bebidas o suficiente para o consumo de todos, principalmente cerveja, mesmo sabendo que a prévia passaria por ali apesar do número reduzido de foliões. Um deles, um turista que veraneava, falou à imprensa que não tinha dúvidas de que nos anos seguintes o carnaval de rua voltaria a ser a principal atração do período em Natal, como em outras capitais brasileiras.

Em relação ao apoio financeiro, a prefeitura ficou a cargo de contratar uma orquestra para puxar as bandas durante as prévias carnavalescas e o carnaval. Não podiam nem sequer cogitar o quão trágico seria. O calendário da festividade também foi definido. Não se levar a sério era sério e fundamental no carnaval da capital. A alta no IPTU em 1984 talvez fosse a justificativa para custear o *“carnaval-show”*. Em sua coluna Cena Urbana, no jornal Diário de Natal, o jornalista Vicente Serejo chamou de *“carnaval do IPTU”*. O jornalista Cassiano

Arruda Câmara brincou com a alta do IPTU para financiar a festa na sua famosa coluna Roda Viva no Diário de Natal, ao dizer que um novo bloco estava surgindo: “Avisem ao formigueiro que aí vem o tamanduá”, em sátira ao prefeito Marcos Formiga, segundo ele, o maior sucesso daquele carnaval em Natal.

A decoração deveria ficar pronta até o dia 29 de fevereiro. Os arranjos acompanhariam o tema “Rosa dos ventos”, sendo feita pelo decorador Eugênio Mariano.

Como cantava Tom Jobim em *A felicidade*: “*A felicidade do pobre parece a grande ilusão do carnaval / A gente trabalha o ano inteiro / Por um momento de sonho / Pra fazer a fantasia / De rei ou de pirata ou jardineira / E tudo se acabar na quarta-feira / Tristeza não tem fim / Felicidade sim*”.

ENSAIO GERAL

No dia 4 de fevereiro, o Iate Clube promoveu uma série de bailes. Era uma noite de sábado em que os blocos de elite Ressaka e Bakulejo caíram na farragem momesca. A prefeitura também começou a promover prévias carnavalescas em outros bairros da capital potiguar. No total, seis prévias em bairros periféricos seriam realizados. Instalação de palanque, som, gambiarras na passarela e a presença de policiamento foram providenciados e atendidos. Inclusive ônibus para transportar os foliões que brincariam nessas prévias. As escolas de samba e tribos de índio deram o pontapé inicial com um descontraído desfile na avenida Nosso Senhor do Bonfim, entre os bairros Soledade e Pirangi I. Mas faltava animação e isso fez com que os foliões se dispersassem aos poucos. Tão entediante que fez a foliã Francisca Maria bocejar e buscar o caminho de volta para casa. Nem sequer o samba-enredo foi cantado. Os integrantes passavam pelas ruas como quem passa de visita. O compasso do samba era bem devagar. Enquanto isso, no litoral-norte do estado, em Barra de Maxaranguape, os preparativos estavam a todo vapor. O diretor da Emproturn, órgão da Secretaria de Turismo, João Bosco convidou toda a imprensa para ir até o local e fazer com que todos soubessem das boas novas do que estava planejando para o carnaval. O carnaval de praia já tinha a sua força e a sua devida fama, que mais tarde cresceria bastante. O carnaval, descrito como “quente”, era esperado na praia pois

até as casas de pescadores estavam sendo altamente valorizadas para a hospedagem durante alguns dias.

Em Natal, os blocos mais tradicionais (Bakulejo, Ressaka, Saca-rolha e Puxa-saco) movimentavam prévias carnavalescas sem deixar ninguém perder o compasso dos frevos e das marchinhas. Também era uma maneira de cobrir as despesas do carnaval iminente já que a entrada era paga.

A anual e tradicional folia do baile do clube de futebol América, também estava garantida. Mas foi um fracasso de público.

E era carnaval por todos os lados durante todo o mês de fevereiro. Em clubes, blocos, desfiles de escolas de samba. A atmosfera era de euforia. Todas as agremiações e cidadãos de todas as classes eram convidados. A rua era de todos independente da origem social, porém por um valor simbólico de um cruzeiro que era revertido para pagar os cachês dos músicos das bandas. De certo, os músicos se divertiam mas ganhavam um mísero valor para tocar e divertir as classes mais altas, ao som do suor dos tocadores de trompetes e baterias. Mas era o mais democrático se comparado aos carnavais organizados em clubes fechados nos anos anteriores, para os blocos de elite. Na rua, era que o povão se acabava e só acabava na quarta-feira de cinzas.

O diretor do bloco Puxa-Saco Dickson Medeiros disse que a prévia serviria para impulsionar a saída do bloco no dia 25.

Os blocos disponibilizariam bandas e também estampariam na traseira dos carros alegóricos o slogan da cidade, como o combinado: "*Nossa cidade Natal*", como uma maneira de promover politicamente a gestão do então prefeito Marcos Formiga, se utilizando de uma festa de grande apelo popular. O *slogan* era formado pelo sol e um coqueiro. Todos saíram satisfeitos e cada bloco receberia 100 mil cruzados.

Nos preparativos, inclusive técnicos, para o carnaval, foi iniciada a contagem regressiva. A empresa MILLS foi mesmo confirmada para a montagem das arquibancadas a partir de suas estruturas metálicas no Alecrim e que rapidamente teve início. A capacidade era para dois mil espectadores. A previsão era que até o dia 29 de fevereiro, a montagem estaria concluída. Isso, graças a um contrato assinado pelo Prefeito Marcos Formiga, em seu gabinete no dia 8 de fevereiro. Os ingressos começaram a ser vendidos assim que a arquibancada

começou a ser montada para que o valor cobrado valesse a pena, ou melhor, o lucro. As bancas de pequenos comerciantes começaram a ser retiradas, para a diversão de quem podia pagar. Entravam em ação os operários da folia alheia. A localização das barracas distribuídas pela passarela do samba, no percurso da avenida Tavares de Lima, para a venda de bebidas e comida em virtude do Carnaval da Saudade, a ser realizado na noite do dia 25 daquele mês. Era necessário se cadastrar para ocupar uma das barracas, através de uma taxa. Os vendedores ambulantes, principalmente os que acompanhavam as bandas, seriam isentos de pagar taxas.

Conforme o planejado, as arquibancadas foram montadas seguindo o padrão Marquês de Sapucaí nas avenidas Coronel Estevam e Painazes. Mas os comerciantes estavam apreensivos e inquietos com a retirada das barracas do calçadão do Alecrim para a instalação das arquibancadas. Um grupo de camelôs liderado por Carlos Alberto Matias de Lima procurou a imprensa para manifestar sua preocupação. Eles temiam que o remanejamento temporário para a via de pedestres prejudicasse o faturamento

— Pode tornar mais difícil o sacrifício de ganhar o pão de cada dia — afirmou Carlos.

Ele não se conformava com o fato de o presidente da Associação Profissional do Comércio de Vendedores Ambulantes de Natal, Zaddock Chavante Ribeiro, ter aprovado sem nem ao menos consultar a categoria.

— Não podemos e nem devemos ficar de braços cruzados, assistindo a decadência da Associação, sendo despejados daqui e dali, sem uma sede digna, sem assistência jurídica e médico-odontológica. Uma associação onde não há participação dos demais membros da diretoria nem fiscalização de aplicação das nossas contribuições, com muitos membros suspendendo o pagamento por falta de confiança. Nós queremos reverter a situação de penúria em que se encontra a Associação, sem verba, sem patrimônio, sem conta em banco, sem tesoureiros, motivada pela ganância e incompetência para gerir a coisa pública.

Parece que Zaddock resolveu agir por conta própria. O Secretário Especial da Prefeitura Giovani Rodrigues da Silva disse que Zaddock o procurou e garantiu que tinha se reunido com os associados e decidiram por deslocar parte das barracas para a via de pedestres, no lado esquerdo do calçadão, sentido Detran-Praça do relógio. Zaddock também dispensou a interferência da secretaria. No final das contas, os barraqueiros se conformaram com a ideia. Era a primeira vez em que o desfile contaria com uma arquibancada e que seria cobrado ingresso para os cidadãos assistirem a folia. Estranhamente, a imprensa publicou

entrevistas com camelôs que diziam não se incomodar e que apenas uma meiadúzia queria tumultuar a montagem da estrutura de canos e braçadeiras. Teria algum interesse midiático, e conseqüentemente, político por trás da montagem da matéria? Era o que alguns se perguntavam. A arquibancada tinha 100 metros por 5 de largura, oito bares, quatro escadas e usava a força de trabalho de oito operários. O supervisor que acompanhava de perto os trabalhos era Antônio Costa, da MILLS. Eletricistas também fizeram gambiarras entre o espaço que compreendia a passarela da avenida Presidente Bandeira, desde a esquina da rua dos Caicós até a praça central do relógio.



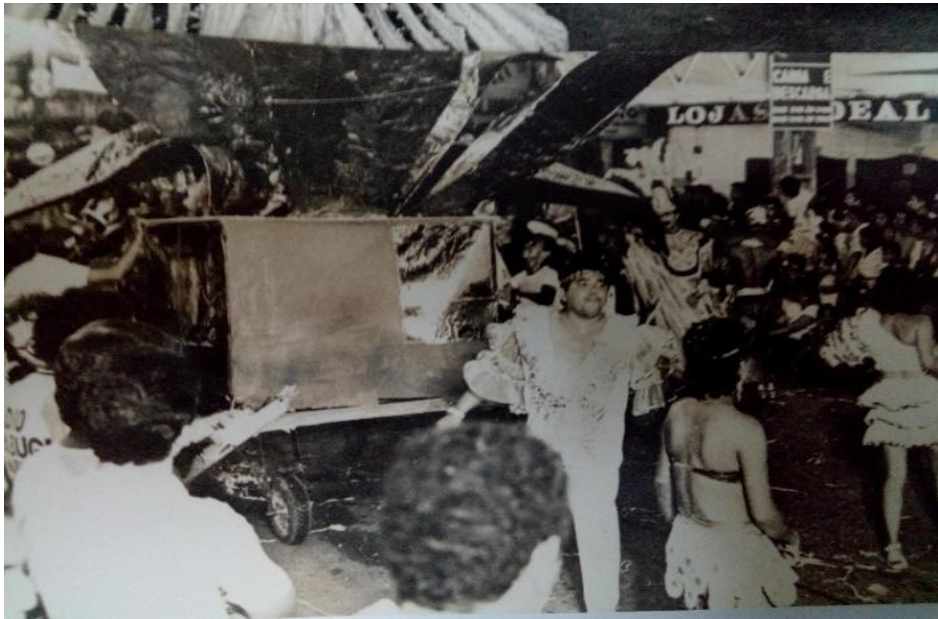














(Fotos: Jornal A república/ Acervo)

Nas vésperas do carnaval, a cidade já fervilhava em mil bailes. Enquanto isso, a animação nas prévias de rua era discreta, modesta. As escolas de samba aproveitavam para tirar a poeira de seus instrumentos e ensaiar. O gingado também deveria estar afiado na ponta dos pés. O jornal Diário de Natal publicou a seguinte frase, que obviamente tem um tom machista e racista: *"Negras e mulatas são elementos indispensáveis em qualquer escola de samba. Aliás, o sexo feminino está tão escasso que parcela ponderável confundiu as agremiações com 'O Clube do Bolinha' ..."*. A impressão era de bagunça por causa da falta de isolamento para o desfile e também de policiamento suficiente.

Na prévia de Cidade da Esperança, um sanfoneiro agradeceu bem mais que as escolas e finalmente despertou a vontade de dançar em quem estava presente. A decoração carnavalesca, que custou 3 milhões de cruzeiros da verba pública, foi a cereja no bolo da montagem do carnaval de 1984, e o que faltava para ele oficialmente começar. Giovani Rodrigues queria passar uma boa impressão, no melhor estilo "para gringo ver". Mas a intenção era não deixar o gringo apenas contemplando os painéis luminosos. Ele tinha que ver e se mover. A bebida era levada a tiracolo pois uma das principais reclamações dos foliões era a falta de estrutura e de bebida no estoque dos bares pelos quais os foliões passavam

frevando e sambando. Era desejado evitar a centralização do comércio e os valores exorbitantes cobrados por bebidas alcoólicas. Também eram realizadas festas carnavalescas com os blocos em boates da época como a Apple. Havia uma certa preocupação com o uso de tóxicos, inclusive com o de lança-perfume, proibido durante a gestão do conservador e desajeitado Presidente da República Jânio Quadros. Os furtos também preocupavam os encarregados pela segurança pública.

Um problema para o monopólio do carnaval por parte dos clubes tradicionais era o valor cobrado por direitos autorais. O diretor social do Clube Atlântico Agacy Gomes da Silva considerava o empecilho um desestímulo.

— Desse jeito, fica difícil fazer carnaval em clube, principalmente numa época em que o folião está fazendo o máximo para gastar o mínimo, e prefere a praia ou o carnaval de rua, que está pintando novamente através das bandas e blocos sujos.

Giovani disse:

— O melhor negócio é deixar as preocupações e os afazeres de lado e cair na folia.

A folia de rua era que não sabia onde cairia, agonizando no chão, e com uma parte de si incompleta. Até vir a óbito. As preocupações viriam nos dias seguintes.

“Natal vai viver uma das maiores prévias carnavalescas dos últimos tempos”, anunciavam os jornais.

CAPÍTULO 3: Ô ABRE ALAS QUE EU QUERO PASSAR

Eu, por mim, queria isso e aquilo

Um quilo mais daquilo, um grilo menos disso

É disso que eu preciso ou não é nada disso

Eu quero é todo mundo nesse carnaval

Eu quero é botar meu bloco na rua

Brincar, botar pra gemer

Eu quero é botar meu bloco na rua

Gingar, pra dar e vender

(Bloco na rua - Sérgio Sampaio)

1984 (COM LICENÇA, GEORGE ORWELL)

Naquele ano da década de 1980, muito se falava na imprensa sobre o movimento das Diretas Já (1983 – 1984); que mobilizou milhares de pessoas em um comício na praça da Sé em São Paulo, no dia 25 de janeiro, pedindo uma nova eleição direta para presidente através da posteriormente rejeitada pela Câmara dos deputados emenda Dante de Oliveira, em um país em que a ditadura militar implantada em 1964 dava os seus últimos suspiros.

Era o início da epidemia de uma estranha doença fatal, que as autoridades e pesquisadores chamavam de AIDS ou SIDA, causada por um vírus que era transmitido sexualmente, que se alastrava de maneira descontrolada, mas que a grande parte da população chamava pejorativamente, num misto de desinformação, preconceito e medo de “*peste*” ou “*câncer gay*” por acometer em maioria homossexuais e bissexuais masculinos, mas já se expandir para outros grupos até não ter mais rótulos. Em 1984, descobre-se o retrovírus considerado agente etiológico da doença, o HIV. No Brasil, o primeiro caso data de 1983, com

notificação no estado de São Paulo. Durante os anos de 1983 e 1985, os casos começaram a ser notados em praticamente todas as capitais. 1984 foi o ano de início da disseminação em larga escala da enfermidade, causando um auge aqui no Brasil na segunda metade da década de 1980. Foi uma fase de ataques, assassinatos, abusos das autoridades, discriminação por parte da população e de alto número de óbitos entre LGBTQIA+.

O mundo vivia sob o constante temor de uma nova guerra mundial em um contexto de Guerra Fria e bipolaridade política, já com o comunismo dando sinais de declínio, causado pela tensão entre os Estados Unidos (governado por Ronald Reagan) e a ex-União Soviética (liderada por Yuri Andropov até 9 de fevereiro de 1984 e posteriormente por Konstantin Chernenko).

Uma cantora loira chamada Madonna, muito comparada à Marilyn Monroe, uma versão punk-pop dela, era a febre do momento e revolucionária a música e os costumes dos jovens pelas próximas décadas com seu jeito provocante, cheio de atitude, rebeldia e polêmico de ser em uma sociedade ainda conservadora em relação à liberdade sexual feminina e à comunidade LGBTQIA+.

Outros artistas, emplacaram hits atrás de hits no topo das paradas graças ao fenômeno MTV, um canal de televisão norte-americano especializado em música e que transmitia videoclipes na maior parte da sua programação, na era da *New Wave*, da androginia, do *Synthpop*, do *Trash Metal*, do *Hard Rock*, da *breakdance* e dos *New Romantics*. Dentre eles, *Michael Jackson* — como esquecer o sucesso do álbum *Thriller* e do clipe assustador da faixa-título, que levou a linguagem do cinema para os clipes musicais e fazia muitos jovens reproduzirem a coreografia dele nas boates da época — *Lionel Richie*, *Phil Collins*, *Culture Club*, *Queen*, *Chicago*, *Stevie Wonder*, *Tina Turner*, *Cyndi Lauper*, *The Police*, *Bonnie Tyler*, *Eurythmics*, *Paul McCartney*, *David Bowie*, *Billy Idol*, *Queen*, *Men At Work*, *Taers For Fears*, *Talking Heads*, *Billy Joel*, *The Police*, *Elton John*, *Pat Benatar*, *Blondie*, *Bruce Springsteen*, *Air Supply*, *Huey Lewis and The News*, *Diana Ross*, *Rod Stewart*, dentre outros artistas. Além dos muitos hits produzidos e compostos pelo produtor compatriota do Pierrô, o italiano *Giorgio Moroder* como *Take My Breath Away* do Berlin, tema do filme *Top Gun*.

No Brasil, as rádios eram invadidas pelos hits do Lulu Santos, Marina Lima, Biafra, o potiguar Gilliard, Roberto Carlos, Gal Costa, Sandra de Sá, Ney Matogrosso, Joana, Amelinha, Ritchie, Elba Ramalho, Zizi Possi, Ivan Lins, Gonzaguinha, Agepê, Djavan, Roupas Nova, Fafá de Belém, Julie Iglesias, Simone, Erasmo Carlos, Djavan, Toquinho, Fagner, Chico Buarque, Tim Maia, Guilherme Arantes, Maria Bethania, Milton Nascimento, Dalto, Raul Seixas, Alceu Valença,

Chitãozinho e Xorroró, dentre outros. As novidades musicais nacionais (Titãs, Blitz, Kid Abelha, Lobão, Os Paralamas do Sucesso, Ultraje a Rigor, Magazine, Barão Vermelho, 14-Bis, Léo Jaime, Eduardo Dusek, Beto Guedes, Kleiton e Kledir, Noite do Prazer da Banda Brylho, Vinicius Cantuária) e internacionais como *U2, Bon Jovi, Eddy Grant e Van Halen* chegavam na cidade através das vozes de Tim Kawasaki, Cid Lôbo e outros nas rádios Poti, Trairi, Nordeste, Cabugi e Reis Magos. Também através do badalados DJ's Solon Silvestre e Junior Natal. Bandas como Legião Urbana, Ira! Engenheiros do Hawaii, RPM, Capital Inicial no ano seguinte fariam rock explodiu as paradas.

Essas músicas e artistas podiam ser ouvidos na boate, antes discoteca, Apple. Localizada em Ponta Negra, a “boite” marcou época em Natal com a *disco music* entre as décadas de 1970 e 1980, principalmente dos jovens de classes mais altas, a geração Coca-Cola potiguar, que podiam frequentá-la e dançar *Safety Dance* do *Man Without Hats*, e *Tainted Love* do *Soft Cell* freneticamente. Mas de vez em quando, o que rolava mesmo por lá era o ritmo predileto do povão, o samba. Também havia boate badalada pela elite local Royal Salute, localizada no luxuoso e hoje em ruínas hotel Reis Magos. Outro point da *High Society* era o Clube Sett.

No início dos anos 80 se fazia na cidade o resgate do Teatro de Revista, gênero que fez sucesso no Café Teatro Frenesi. O teatro ficava na rua Dr. Barata, na Ribeira, no prédio histórico onde originalmente funcionou a loja A Samaritana. A fachada do prédio ainda está lá, com risco de cair. Muitas transformistas de Natal passavam por lá. Na Broadway, que antes se chamava Equus, a cena GLS da cidade se reunião sem ainda sentir medo da epidemia de AIDS que aos poucos se alastrava pelas grandes metrópoles do país. Aqui em Natal, só chegaria com maior força na segunda metade da década de 1980, enchendo as salas de emergência do hospital Giselda Trigueiro. Naquele mesmo ano de 1984, o produtor cultural Lula Belmont, criador do Baile das Kengas em 1983, abriu a Vice-Versa, Nos domingos aconteciam shows de rock, onde muitas bandas alternativas da cidade foram lançadas. Ainda tinham um karaokê e promoviam exposições de obras de arte.

Uma opção mais barata e roqueira era o bar Chernobyl, na praia do meio, onde se apresentavam bandas de rock. Também era point para os amantes do metal, gênero musical que despontava naquele momento. A radiação de Chernobyl também exalava pop e música eletrônica. No fim do beco do Chernobyl eram as pedras e o mar, onde muitos ficavam nas redondezas para namorar ou ficar no famoso F1. A Ribeira era reduto de boêmios, artistas e intelectuais locais. Os tradicionais clubes com atrações locais como bandas de forró e brega, artista como Carlos Alexandre e Terezinha de Jesus, embalavam a

sempre mais humilde geração suco de caju. A Ponta do Morcego era, na década de 80, o foco da noite de Natal. Tinha a praia de dia, frequentada pelo o pessoal que descia de Petrópolis, a galera mais adolescente que ia surfar, e à noite, tinha aquele movimento.

O bosque dos namorados era o principal ponto de encontro e namoro entre os jovens que levavam os seus parceiros de carro para o local. *Owner of a Lonely Heart*, da banda *Yes*, era a mais tocada das paradas no dia da tragédia. Nas rádios nacionais, era *Sonífera Ilha*, dos Titãs, a mais tocada nas rádios. Rita Lee tinha um dos discos mais vendidos da história da indústria fonográfica brasileira. O rap começava a sair dos guetos norte-americanos e a ganhar as ruas do mundo inteiro com grupos como o *Run-D.M.C.* A grande sensação dos vídeo games era o console Atari.

ATENÇÃO: Apesar de esse livro ser sobre carnaval e falar sobre samba e marchinhas de carnaval, é recomendado lê-lo daqui para frente ao som de uma *playlist* com: *Don't You Want Me* do *Human League*, *Africa* do *Toto*, *Come On Eileen* do *Dexys Midnight Runners*, *I Feel For You* da *Chaka Khan*, *Drive* do *The Cars*, *True* do *Spandau Ballet*, *Maniac* do *Michael Sembello*, *Maneater* de *Daryl Hall & John Oates*, *Self Control* da *Laura Branigan*, *Steppin' Out* do *Joe Jackson*, *Situatiion* do *Yazoo*, *She Works Hard For The Money* da *Donna Summer*, *Knife* do *Rockwell*, *It's My Life* do *Talk Talk*, *Forever Young* do *Alphaville*, *Vouyer* da *Kim Carnes* e *Careless Whisper* do *George Michael/Wham!*. Além dos artistas já citados anteriormente. Conselho para uma melhor imersão sensorial auditiva nostálgica, sentimental e cultural da época. Quase imersiva. Mas para quem sentiu falta de algo nacional, é recomendado ouvir *Eva*, do Rádio Táxi, versão brasileira da música de Umberto Tozzi também conterrâneo do Pierrô, que fala sobre a finitude da vida na terra.

As pessoas corriam para os cinemas para assistirem os clássicos *Purple Rain*, estrelado pelo cantor *Prince*, *Footlose*, *Os Caça-fantasmas*, *Os Eleitos*, *Cristine: O carro assassino*, *Ruas de Fogo*, *Férias Frustradas*, *Amadeus*, *Gremilins*, *Karate Kid*, *Um Tira da Pesada*, *A Hora do Pesadelo*, *O Exterminador do Futuro*, *Impacto Fulminante*, *Flashdance*, *Sexta-Feira 13: O capítulo final*, *A Dama de Vermelho*, *Indiana Jones e o Templo da Perdição*, *Conan*, *Scarface*, *Caçadores da Arca Perdida*, *Gatinhas e Gatões*, *Colheita Maldita*, *Caravana da Coragem*, *Paixões Violentas*, *Era Uma Vez na América*, *Loucademia de Polícia*, *Férias Frustradas*, *Furyo*, *Star Wars: O Retorno de Jedi*, *História Sem Fim*, *O Rei da Comédia*, dentre outros. A primeira versão de *Dune*,

com *Sting* e dirigida por *David Lynch* foi um fracasso. Em Natal, especialmente no Cinema Nordeste (também especializado em filmes pornôds), Cine Rio Grande e no Cinema Rio Branco. No cinema do Brasil se destacaram: Memórias do Cárcere e o documentário *Cabra Marcado para Morrer* (Eduardo Coutinho).

Também foi lançado naquele ano *Bete Balanço*, estrelado por Débora Bloch, com música-tema escrita por Cazuzza. Mas o forte das programações dos cinemas natalenses eram as pornochanchadas, clássico gênero da época que misturava comédia com pornografia. O grande destaque daquele ano era o filme *Oh!Rebuceteio*, dirigido por Cláudio Cunha, com trilha sonora de Zé Rodrix. Era o pouco que se encontrava e já um indicativo do declínio de grandes cinemas que não viviam mais a sua era de ouro como o Cine Rex. Era um refúgio principalmente para quem não gostava de carnaval e queria fugir dele. Antes que a onda de folia invadisse as ruas e todos fossem tragados por ela, era possível encontrar locais mais afastados como em praias do interior para descansar.

Nos aparelhos de VHS, *Stars Wars VI: O retorno de Jedi*, *Scarface*, *Fome de Viver*, *Superman 3*, *Os Trapalhões*, *Impacto Fulminante*, *Tubarão 3*, *Rambo*, *Rocky*, *Blade Runner*, *O Iluminado*, *Pixote: A lei do mais fraco*, *Gabriela Cravo e Canela*, *Mad Max* e outros.

Chegavam às prateleiras da livrarias, com o frescor do cheiro de papel novo, livros como *A Insustentável Leveza do Ser* (Milan Kundera), *Tocaia Grande* (Jorge Amado), *Operação Aquitânia* (Robert Ludlum), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (José Saramago), *A Droga da Obediência* (Pedro Bandeira), *A Velhinha de Taubaté* (Luis Fernando Veríssimo). Bem como as obras da Coleção Vagalume como *Um Cadáver Ouve Rádio* (Marcos Rey). A literatura infanto-juvenil estava em alta. Também se destacaram as obras de suspense e terror de *Stephen King* como *Pat Sematery*. *Feliz Ano Velho* (Marcelo Rubens Paiva) ainda era um dos livros mais vendidos. Nas livrarias, ainda compravam *A Garota do Tambor* (John Le Carré) e *Morangos Mofados* (Caio Fernando Abreu)

A *Apple Inc.* lançou o computador de mesa *Macintosh*, que viria a revolucionar a história da computação. Os sandinistas da FSLN venceram as primeiras eleições gerais pluralistas da Nicarágua, com 66% dos votos e Daniel Ortega foi eleito presidente. O Republicano Ronald Reagan foi reeleito Presidente dos Estados Unidos, com 58% dos votos, derrotando o Democrata Walter

Mondale. Militantes do Hezbollah desviaram um avião da *Kuwait Airways* e mataram 4 passageiros. Aconteceram os jogos olímpicos de Los Angeles. A fome abateu a Etiópia e matou 7 milhões de pessoas. *Laços de Ternura* arrebatou o Oscar de Melhor Filme e Eduardo Coutinho lançou o seu aclamado e premiado internacionalmente documentário *Cabra Marcado Para Morrer*. O arcebispo da Igreja Anglicana Desmond Mpilo Tutu foi consagrado com o Prêmio Nobel da Paz por sua luta e pioneirismo contra o regime do Apartheid na África do Sul. Na Índia, 2.500 pessoas morreram por inalar um gás venenoso na fábrica de pesticidas Union Carbide após um vazamento em *Bhopal, Madhya Pradesh, Índia*. É considerado o pior desastre industrial da história. Mais de 500.000 pessoas foram expostas ao gás isocianato de metila. Jaime Lusinchi assumiu a presidência da Venezuela.

Os chilenos se revoltaram contra o regime tirânico de Pinochet após o assassinato de um padre. Uruguai e Argentina voltaram a ser nações democráticas. Margaret Thatcher escapou por pouco de um atentado em que quatro pessoas morreram. Indira Gandhi foi assassinada pelos próprios guardacostas. Foi um ano atribulado para a Índia. Ocorreu a maior caçada da história a mafiosos na Itália e nos Estados Unidos, após integrantes de famílias rivais matarem uns aos outros quando Tommaso Buscetta foi extraditado do Brasil e resolveu confessar todos os segredos do tráfico de drogas na América Latina. Foi criado o *Compact Disc (CD)*, que sucederia o vinil anos depois. Michael Jackson sofreu um acidente durante as gravações de um comercial da Pepsi e um incêndio o fez perder parte do couro cabeludo e causou desfigurações em seu rosto. Brunei se tornou um país independente.

O astronauta Brus Makandles voou livre no espaço e a façanha foi transmitida ao vivo para todo o mundo. Na Missão Salyut 7, a cosmonauta Svetlana Savitskaya tornou-se a primeira mulher a fazer um passeio no espaço. Continuava em curso a guerra no Líbano, assim como a guerra entre o Irã e o Iraque: crianças foram para o front. O elemento químico Hássio foi sintetizado. O jogo Bomberman tinha acabado de ser criado. No horóscopo chinês foi o ano do rato. Animal bem apropriado para a política brasileira e potiguar naquele ano. A natureza também mostrou a sua cólera: aconteceu a Jaime Lusinchi assume a presidência da Venezuela.

O Ataque bioterrorista de Rajneeshee causou um surto de intoxicação alimentar que atingiu mais de 750 pessoas em The Dalles, Estados Unidos, através da contaminação proposital com salmonela de bufês de salada de dez restaurantes locais. Uma bomba relógio de longa duração foi plantada pelo IRA no hotel *Grand Brighton*, na Inglaterra, com o objetivo de matar a primeira-

ministra Margaret Thatcher e seus ministros, que estavam na cidade para uma conferência do Partido Conservador. Embora Thatcher tenha escapado ilesa, cinco pessoas foram mortas, incluindo um parlamentar, e outras 31 ficaram feridas

Se despediram da vida: *Marvin Gaye (assassinado pelo próprio pai), Mano Décio, Copinha, Alberta Hunter, Michel Foucault, Julio Kortáza, Truman Capote, José Mauro de Vasconcelos, Pedro Nava, François Truffaut, Richard Burton, Enrico Berlinguer, Iúri Andropov, Ronaldo Resedá, Johnny Weissmuller (intérprete do personagem Tarzan nos cinemas).*

No Brasil, nascia Ana Paula, o primeiro bebê de proveta do país. A explosão de um duto da Petrobras matou 508 pessoas na favela Vila Socó, em Cubatão, São Paulo. O Sambódromo foi inaugurado na cidade do Rio de Janeiro com o desfile do Grupo 3 das escolas de samba. João Figueiredo era o presidente da já decadente ditadura militar, o último militar a ocupar o cargo. O Fluminense venceu o Campeonato Brasileiro. Amir Klink atravessou o Oceano Atlântico à remo durante cem dias e cem noites. A inflação gritava em alto volume: 220%. O cartão eletrônico facilitou a rotina do brasileiro e a informática era vista com bastante empolgação: a cada cinco minutos, um brasileiro comprava um microcomputador. No Xingu, índios fizeram prisioneiros funcionários da Funai e o cacique Raoni deu voz a seu povo marginalizado pelos interesses do capital: nem um palmo de terra a menos. Os baianos não quiseram devolver as terras aos Pataxós. Os boias-frias fizeram greve em Guarabira, São Paulo.

De tanto agrotóxico nas plantações, agricultores morreram envenenados. Surgia nas pistas de fórmula 1 o sucesso do lendário Ayrton Senna. O país era o segundo mais violento do mundo. As discotecas deram lugar às danceterias. Serra Pelada, no Pará, ainda era um formigueiro tomado pela cobiça de garimpeiros na corrida pelo ouro. Outro que conseguiu ouro com muito sacrifício foi Joaquim Cruz, que venceu no atletismo nas olimpíadas de Los Angeles e trouxe uma medalha para casa.

Foi inaugurada a hidrelétrica de Itaipu. Depois de uma briga interna, e que ganhou articulações em todo o país, foi decidido que Paulo Maluf disputaria a eleição indireta contra Tancredo Neves. O Monza foi o carro mais vendido no país, superando o Fusca, o Gol e o Chevette. A Fiat lançou o Uno. A Seleção Brasileira de Futebol treinada por Telê Santana, e posteriormente Edu Nunes, tinha jogadores como Zico, Sócrates, Roberto Dinamite, Oscar, Luizinho, Falcão, Éder, Leão, Paulo Isidoro, Renato Gaúcho, Júnior e Jandir. A moeda oficial era o cruzeiro e o valor do salário mínimo era de aproximadamente 91. 176,00.

A moda era marcada por cores fortes e vibrantes, quase fosforescentes, que se mesclavam sem a menor preocupação de combinação de tons, acessórios chamativos em excesso e misturados, maquiagem exagerada, cabelos bagunçados, cacheados e volumosos, barbas e bigodes, calças de cintura alta, jeans surrado, Roupas *sport*, camisas polo, regatas e de tecido sintético, todas ensacadas, calças xadrez, *All Star*, suspensórios, óculos escuros aviador, muitas pulseiras e colares, roupas de couro ou emborrachado, biquínis cavados e maiôs, pochetes e ombreiras, calções masculinos curtos, corte *Mullet*, começava a popularização dos brincos masculinos. Ou ainda cabelos bem penteados e com gel, como os usados pelos integrantes do grupo *Duran Duran*, em uma espécie de estilo neoclássico pop e terninhos. Cores e mais cores, sem espaço para o preto do luto que seria dominante nos quatro cantos de Natal dias após a madrugada do fatídico dia 25.

Na televisão; O SBT (TVS na época) exibia o primeiro episódio da série mexicana "Chaves", que se tornaria um grande sucesso na televisão brasileira entre adultos e crianças e que seria exaustivamente reprisado nas décadas seguintes; As novelas da Rede Globo dominavam a audiência no horário nobre e o gênero estava no seu ápice com novelas como *Vereda Tropical*, *Partido Alto*, *Champagne*, *Coração Alado*, *Livre para Voar*, *Guerra dos Sexos*, *Amor com Amor se Paga*, *Corpo a Corpo* e *Transas e Caretas*. O programa infantil Balão Mágico alegrava as crianças com os desenhos animados clássicos *He-man*, *Caverna do Dragão*, *Smurfs* na sua programação e um elenco formado pelos personagens Fofão e Castrinho, além do famoso elenco composto por Simony, Tob, Mike e Jairzinho. A TV Universitária era a única emissora de TV local em Natal. Xuxa despontava como a "rainha dos baixinhos". Os baixinhos e adolescentes se divertiam tentando montar o colorido e complexo cubo mágico, um brinquedo que teve o seu apogeu na década de 1980 e virou um ícone da época. Também faziam sucesso os programas: *TV Mulher*, *Sítio do Pica-pau Amarelo*, *Chico Anysio Show*, *Som Brasil*, *Os Trapalhões*, *Programa Silvio Santos*, *Cassino do Chacrinha*, *Bozo*, *Globo de Ouro*, *Programa da Hebe* e *Perdidos na Noite*. A Globo omitiu os comícios das Diretas, Já! o quanto pôde. No carnaval, a hoje extinta TV Manchete transmitia os desfiles das escolas de samba e o frenesi dos bailes de clubes e boates da alta sociedade paulista e carioca, com um desfile de celebridades como a cantora Gretchen em seus camarotes. Nos bailes de Natal, o movimento ficava por conta da presença da alta sociedade natalense. A nata da política, do empresariado, de famílias tradicionais e famosas.

No Rio Grande do Norte; Zenaide Salústino Costa era eleita a Miss do Estado. O Centro de Convenções foi inaugurado. A tradicional e movimentada feira do bairro do Alecrim era uma das atrações turísticas de Natal. As praias de Ponta Negra, dos Artistas e do Meio eram as mais frequentadas por turistas e moradores. Marcos César Formiga Ramos era o prefeito da cidade. Uma manchete anunciava que o petróleo poderia ser uma nova fonte de riqueza para o Estado. A mamona era vista como uma fonte limpa para combustíveis. Foi um ano de muitas articulações políticas por causa da campanha das Direta e também da eleição indireta que se aproximava. Para os amantes de futebol, os clássicos reis, jogos entre ABC e América, coloriam e recheavam de devotos torcedores aos berros, e com berros de narradores falando tão rápido e com tanta desenvoltura e malemolência em suas línguas quanto as pernas se entrelaçam e se movem ao frevar, em rádios de pilha aos seus ouvidos, o concreto armado do Estádio Humberto de Alencar Castelo Branco, mais conhecido como Castelão, durante o Campeonato Potiguar. Outro time local de semelhante prestígio era o Alecrim. A Companhia de Habitação Popular (Cohab) multiplicava os conjuntos residenciais pelos bairros do subúrbio, fazendo com que eles crescessem a exemplo do bairro Pajuçara.

No carnaval se destacavam os blocos de elite em que pessoas de classes abastadas se divertiam se fantasiando com trajes infantis (Saca-rolha, Ressaca, Chefões, Psyu, Jardim de Infância, Meninões, Kuxixo, Bakulejo), festas em clubes, blocos de sujos, Papangus, troças (grupo carnavalesco com orquestra carnavalesca que toca prioritariamente Frevo, Marchinha de Carnaval e outras músicas típicas), Os Cão da Redinha cobertos de lama do mangue e desfiles de escolas de samba e Tribos Indígenas marcavam as festividades regadas a muito confete e serpentina. A adesão popular era consideravelmente grande. Em relação aos blocos de elite, dizem as más línguas que mulheres não pagavam, mas as feias não entravam.

O jornalista Eliakim Araujo falou no início da apresentação da *Retrospectiva 1984*, da Globo, que foi *“Um ano marcado por profecias nada animadoras...”*

O principal fato histórico do Rio Grande do Norte foi o que será narrado ao decorrer deste livro. Uma história que nunca fica velha o suficiente, tantas vezes esquecida, lembrada e conhecida por muitos através do espanto, do horror, da dor, da tristeza, da solidariedade, do oportunismo. Quase quatro décadas não separam o pasmo e a dor da perda, da presença no local, do que viram, ouviram, sentiram. É um fato que desconhece no tempo o longínquo.







De cima para baixo: Palácio Felipe Camarão; Feira do Alecrim; Estádio Castelão, hoje Arena das Dunas; Rio Potengi; Praia de Ponta Negra; Praia do Meio (Fotos: IBGE/Acervo. João Marias Alves)

ALEGORIAS E ADEREÇOS

A palavra “baldo” significa represa. A região da Cidade Alta ganhou esse nome por causa do rio do Baldo, local onde a população ia para se abastecer de água e para o qual as lavadeiras levavam as suas trouxas de roupas. Primeiro, as escravas que iam lavar as roupas de seus amos; depois da abolição da escravatura mulheres livres, mas pobres, que realizavam esse trabalho em troca de alguns tostões de refinada clientela. Mudou o regime de trabalho mas não a cor, a classe, o suor, a dor, o gênero. Lata d’água na cabeça, lá ia Maria. O Baldo também era um local de realização de rituais de religiões de matriz africana. O historiador potiguar Rostand Medeiros cita histórias escabrosas contadas pelo escritor Henrique Castriciano, e que talvez expliquem a fama de amaldiçoado do local.

Marcellina tinha o hábito de lavar a sua roupa nas noites enluradas. No dia 13 de fevereiro de 1845 (sim, fevereiro), quando seguia para o Baldo, o soldado Alexandre José Barbosa, natural do Assú, assassinou Marcellina com cacetadas e asfixiada, empurrando seu rosto na areia. A intenção do soldado era roubar um certo “tesouro” que a Hamburguesa possuía e que não foi encontrado pelo assassino. Pelo crime o soldado Alexandre foi enforcado em Natal.

Em 1902, durante o carnaval (sim, o carnaval), vários grupos de foliões brincavam no Baldo em meio a uma grande chuva. A animação era total, quando por volta das 21h30 da noite da terça-feira gorda aconteceu uma briga entre os organizadores de um “Maracatu”. Não fosse a intervenção do oficial de polícia Francisco Cascudo e sua tropa, um dos desordeiros teria sido furado com um punhal.

Era chamado pela população de rio de beber água, rio da cruz, rio da bica, rio da fonte e simplesmente rio. Com o tempo uma parte dessa área também ficou conhecida como Oitizeiro

O viaduto mais famoso do Rio Grande do norte, localizado na região chamada de Baldo, no meio do encontro entre as avenidas Coronel Estevam, Deodoro da Fonseca e a rua Olinto Meira, formando uma bifurcação logo após com a Avenida Rio Branco, foi inaugurado anos antes, em 1978, quando Natal estava sob a gestão do prefeito Vauban Bezerra de Farias. A obra foi pensada para interligar os bairros da zona oeste e da zona sul da capital com o centro da cidade. Mesmo com sua utilidade questionada, a obra projetada pelo engenheiro Hugo Mota colaborou para a fluência do trânsito natalense e se tornou ponto de

referência para as diversas movimentações sociais realizadas nas áreas próximas à sua localização. Viadutos eram símbolos urbanos de grandes cidades e Natal era a única capital brasileira até então não ter um. O viaduto foi o primeiro da cidade. Era comum que blocos carnavalescos passassem por ela em direção à subida da ladeira da Rio Branco, indo para a Cidade Alta. Os assaltos na localidade da passarela erguida de concreto eram recorrentes, e isso ainda não mudou nos dias atuais. A Prefeitura de Natal interditou o viaduto em outubro de 2012, devido a danos em sua estrutura. Em 2016, foi entregue revitalizado pelo prefeito Carlos Eduardo.



Praça Almirante Tamandaré, na região do Baldo, antes da construção do viaduto (Foto: Jaeci Emerenciano Galvão)

Hoje, o canal do Baldo está poluído pelo esgoto e transborda com as fortes e torrenciais chuvas de verão e dos períodos de inverno. A tragédia que ocorre embaixo dele atualmente é social. E o descaso das autoridades arrasta suas vítimas causando a morte de direitos básicos e da dignidade de muitos sem pensar em pisar no freio ou desacelerar. Essa, por ter vítimas miseráveis e não militares ou pessoas de classe média, é menos famosa. As marquises do viaduto servem de abrigo tanto para dependentes químicos como para pessoas em situação de rua, sem teto para se abrigarem. Além de ser uma região da cidade com grande ocorrência de assaltos.

Em novembro de 2021, 16 famílias sem-teto que moravam embaixo do viaduto; em barracos de lona, taipa, restos de toldos e madeira, e papelão

improvisados; foram expulsas do local por equipes da Prefeitura de Natal. Apesar de receberem aluguel social, um benefício previsto em lei municipal, no mísero valor de 600 reais. A Prefeitura se comprometeu a fornecer alimentação, colchões, dentre outros itens básicos para a sobrevivência. Alegaram, justificando a desocupação, que havia muito material inflamável nos barracos, que poderiam comprometer a estrutura do viaduto, como se houvesse uma grande preocupação com a sua manutenção, e que foi observada um acúmulo de material na área pública junto ao córrego, *“sacos plásticos, tecidos, restos de móveis, utensílios, entre outros objetos estavam no local, dando o alerta aos técnicos do Município, no intuito de evitar o que ocorreu há cerca de um ano, quando uma grande sacola de transporte de recicláveis foi carregada durante uma chuva para a passagem subterrânea do córrego, entupindo a passagem abaixo das avenidas Marechal Deodoro e Rio Branco. O entupimento causou um transbordamento que resultou na destruição do muro da Companhia Energética do Rio Grande do Norte (Cosern), com grande prejuízo para particulares e para o poder público no processo de desobstrução do riacho”*, citou a Prefeitura Municipal em nota à imprensa.

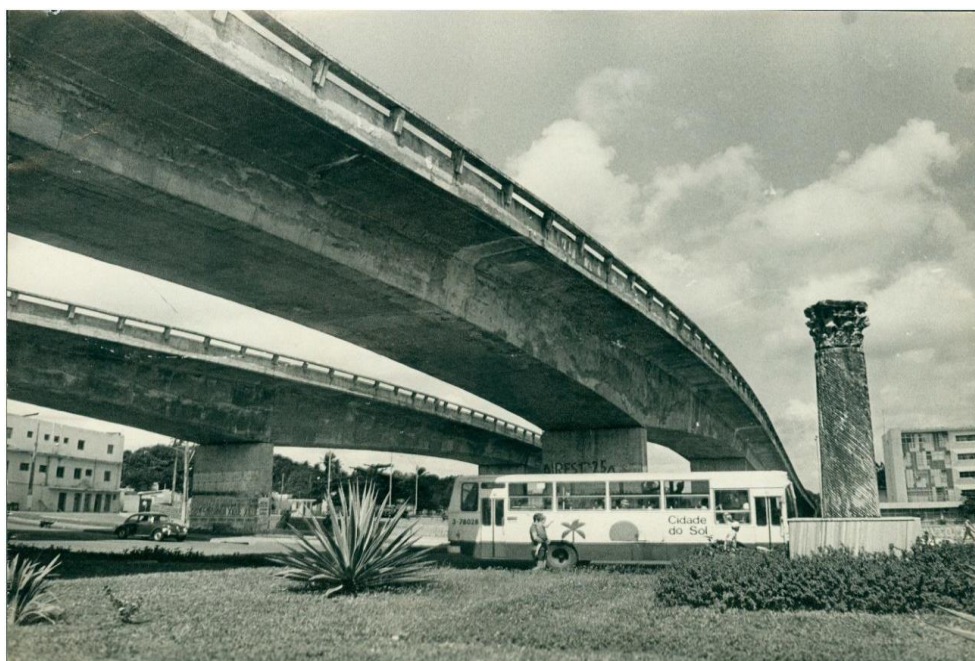
A equipe de fiscalização da Serviço Especializado em Abordagem Social e do Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua fez um levantamento para conhecer melhor as necessidades da população até então negligenciada e vista com preconceito pelos que de carros do ano passam por cima do viaduto. São invisíveis para essas pessoas. E se depender delas, não deveriam estar lá *“poluindo”* a paisagem urbana da cidade paradisíaca. Há pessoas que realmente vivem ou sobrevivem? Eu me pergunto isso todos os dias em relação às nossas vidas.

Eu sempre vi o viaduto do Baldo, com suas marquises pichadas, como uma espécie de portal mágico para um mundo de rica cultura, memória, boemia, poesia. Um portal que abre a cidade alta, o centro da cidade, vai dar no Beco da Lama, no bar do Zé Reeira no espaço Ruy pereira, em prédios históricos, onde um dia foi o antigo movimentado grande ponto (nome do estabelecimento comercial da esquina da avenida Visconde do Rio Branco com a rua João Pessoa: Café Grande Ponto.), desaguando no rio Potengi. O portal foi aberto em 1984 para outra dimensão. E 19 pessoas foram parar nela. Nunca mais voltaram. Onde começa a magia, teve sangria. Dizem os espíritos que o portal na verdade é

amaldiçoado e está carregado de energias negativas. Se passo lá de madrugada, algum grito ou som de instrumento, eu ouviria? Me benzo, e saio correndo.

Durante muito tempo, a praça Carlos Gomes abrigou a Coluna Capitolina. O monumento foi um presente do ditador italiano Benito Mussolini à cidade, no ano de 1928, retirada do Monte Capitolino, em Roma, e enviada de navio, sendo inaugurada em 8 de janeiro de 1931. Foi uma forma que o líder fascista encontrou de agradecer a recepção e acolhida que os natalenses deram aos pilotos italianos do avião Savóia Marchetti, Carlo del Prete e Arturo Ferrarin que fizeram o primeiro voo direto entre Europa e América do Sul. Em 1935, durante a intentona comunista no Brasil, a coluna chegou a ser derrubada por representar um símbolo fascista. Atualmente, a coluna romana original encontra-se no pátio do Instituto Histórico Geográfico, no centro da cidade.

Na época, os jornalistas já comentavam que o sinal da avenida Cel. Estevam, próximo ao Baldo, estava completamente desmoralizado. Nenhum motorista o respeitava.



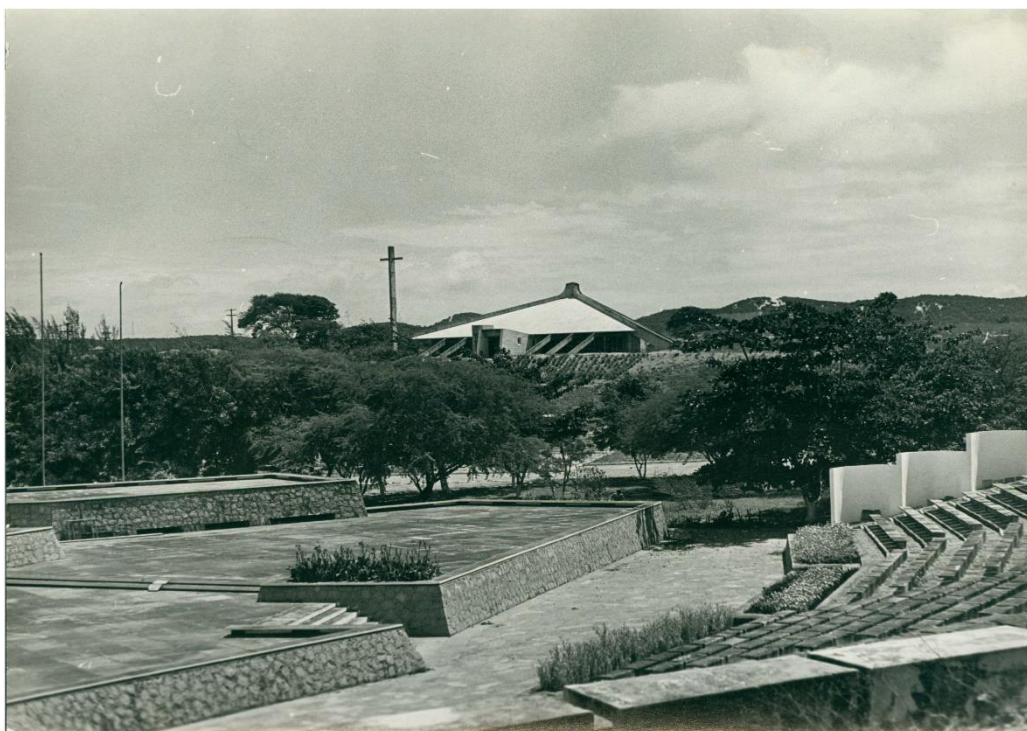
A região do viaduto em tempos antigos, com a coluna capitolina na praça Carlos Gomes. (Foto: Acervo IBGE/ João Maria Alves)

“Cidade do sol”, “Noiva do sol”, “Capital espacial do Brasil”, “Capital mundial do Buggy”, “Terra do camarão”, “Londres nordestina”. Dona de uma base aérea que foi fundamental para a vitória norte-americana durante a 2ª Guerra Mundial. E a primeira a experimentar a sua cultura de consumo, artificial, capitalista no Brasil. Onde primeiro se bebeu a Coca-Cola e se mascarou o chiclete. O *American Way of Life*. Terra tomada por xananas em seus canteiros. Terra de Djalma Maranhão, Café Filho, Viúva machado, Luíz Ignácio Maranhão Filho, Virna, Zé Dantas, Tadeu Schmidt, Jesiel Figueiredo, Clara Camarão, Berilo Wanderley, Ademilde Fonseca, Marina Elali, Dorian Gray Caldas, Newton Navarro, Marinho Chagas, Soldado Luiz Gonzaga, Câmara Cascudo. Que viu grandes mulheres como Dona Militana, Nísia Floresta e Auta de Souza. Onde Maria Boa fez fama com seu prostíbulo. Onde as dunas fizeram a sua fama, na esquina da América do Sul. Fundada em 1599, às margens do Rio Potengi já com status de cidade no dia 25 de dezembro daquele ano. Por isso o nome da data que marca o nascimento do menino Jesus.

Em uma Natal de ar provinciano, pacata, paradisíaca, turística e praiana, onde pessoas sentavam em suas calçadas e podiam conversar e rir tranquilamente até altas horas da noite, sem grande risco de sofrerem um assalto e muito menos de terem suas vidas tiradas por criminosos. Em que a segurança pública ainda não tinha se tornado um caos e os índices de criminalidade eram irrisórios, apesar do clima de insegurança ter aumentado muito naqueles últimos tempos, a sensação de calma aparente foi abalada pelo que viria a acontecer naquela noite. Natal era aparentemente calma. Apenas aparentemente para quem lia os jornais, porque a editoria policial não só era a mais rentável como a que, já naquela época, atraía a curiosidade do público, que se via de certa forma estampado nas páginas dos jornais. O jornalismo marrom da época transformava bandidos em celebridades dos noticiários e em um personagem, com direito até a apelido e crime contado em tom de narrativa ficcional, que era construída pela mídia apenas para aumentar as vendas de jornais. Foi a década mais movimentada das crônicas policiais do estado.

CONTOS DE AREIA

Em dezembro do ano anterior, 1983, depois de uma cobertura sensacionalista e cheia de reviravoltas dignas de uma novela mexicana, Paulo Queixada e a sua gangue (os “Cavaleiros do Apocalipse”, Edilson Gavião, Coquinho, João Maria e Waldetário, para não citar outros companheiros seus como Naldinho do Mereto e Demir, que formariam juntamente com Queixada o Trio Ternura futuramente) foram identificados, descobertos e pegos após assassinarem com requintes de frieza o médico Chiquinho e a sua namorada, a enfermeira Susana, estuprada por eles. Depois, queimaram seus cadáveres logo após um assalto em Potilândia onde o casal namorava discretamente dentro de um carro. Eles foram levados para trás da capela do campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e após desentendimentos da turma e de perceberem a presença de um dos guardas da universidade, rumaram com eles em alta velocidade para um sítio nas proximidades de Neópolis, em um local conhecido como Pororoca, lugar preferido para a desova de corpos na época, e que deu ao crime a sua alcunha. Um latrocínio que chocou a todos na época. No começo, a ex-esposa do anestesista, Maria da Salete Guimaraes Menezes, foi acusada de encomendar o crime por motivos passionais. Ela foi chamada de “viúva alegre” e ganhou o apelido de “A pantera do Edifício Trairi” pelos jornais, que insinuavam a sua culpa. Depois, os participantes da gangue de Paulo confessaram que foi apenas um assalto que saiu de controle. A população apavorada respirava aliviada após os mais perversos bandidos da história das crônicas policiais serem presos e levados para a penitenciária Dr. João Chaves, o “Caldeirão do diabo”, em que o caldo apenas engrossava e a omissão do Estado era o tacho, levando a grandes rebeliões e muita violência, temperando a feijoada não com água para render nos jornais, mas com sangue. E no lugar do toucinho, órgãos decepados. Hoje, o Caldeirão dá lugar a um também fervoroso centro cultural. A arte floresceu entre as ervas daninhas.



Praça Cívica do Campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. (Foto: Acervo IBGE/ João Maria Alves)

O caso do assassinato do Dr. Ovídio ainda se arrastava naquele ano. O renomado médico cardiologista Ovídio Fernandes, de 38 anos, pela sua esposa, a professora Rosa Maria. Era um casal bem abastado financeiramente para os padrões de classe da época em Natal. Estavam em processo de divórcio e Rosa não conseguiu se desquitar. Rosa iniciou um caso com um de seus alunos, Isaias Junior. Já não mais amava o marido e Ovídio, inclusive, permitiu que Isaias frequentasse a casa dos dois. Rosa e seu amante ainda colegial teriam tramado o assassinato de Ovídio durante uma campanha eleitoral para tomarem posse dos bens do médico que fazia muitos corações baterem saudáveis. Só não foi capaz de salvar o seu. No meio de toda a trama, acabaram desistindo. Três linhas de investigação foram levantadas: Rosa tramou com Isaias, Rosa foi extorquida e obrigada a participar, e Rosa de nada sabia, a despeito das intenções de Isaias. Eudes Teixeira foi o mentor intelectual, o Tamborete, que agiu acompanhado de três comparsas. Dois foram alvejados pelo médico durante o atentado no dia 30 de maio de 1983, quando invadiram a casa do médico. O que foi provado é que Rosa não sabia de nada e foi apontada somente porque Ovídio desconfiava de que ela queria matá-lo. O médico foi rendido juntamente com seu casal de filhos. Disse que iria pegar alguns bens no interior do imóvel. Conseguiu pôr as mãos em sua arma e trocou tiros com os bandidos. Porém, também foi baleado,

hospitalizado e entrou em coma profundo. O temido Xerife Maurilio Pinto deu início às investigações. Um anos depois, Ovídio faleceu, em 1984. A comoção pública em torno do caso aumentou. Todos os integrantes da quadrilha foram condenados, menos a viúva negra natalense, que estava acometida por um grave quadro de depressão durante o seu julgamento. A Rosa, por onde anda, ninguém sabe. Não teve vida cor de rosa. A população estava dividida: para alguns Rosa era injustiçada, para outros bandida. O Diário de Natal publicou a seguinte observação em 02/12/1987 sobre a problemática social que envolvia o caso:

“Rosa era pobre e casou-se com um homem rico. Traiu um médico com um rapaz de 18 anos que era seu aluno, sendo ela uma ‘coroa’ ...Rosa passou a viver em um cubículo no interior do quartel da PM. Falaram que a mesma tivera relacionamentos com todos os PM’s. (...)”. Era o velho machismo mostrando a cara da sociedade natalense da época. Rosa era julgada muito mais pelo adultério do que pelo crime em si.

Um outro personagem que parecia espalhar terror dentre a população alarmada pela cobertura “espreme que sai sangue” dos jornais era o conhecido e famoso pelo apelido “Brinquedo do Cão”. Edimilson Lucas da Silva estava vendo os seus dias nascerem gradeados por seus assaltos à mão armada e por suas constantes fugas. Certa vez, ele se travestiu de mulher e fugiu da penitenciária, sendo capturado após denúncias com seu figurino nada convencional para a época.

No começo daquela década, o grupo potiguar Mão Branca resolvia fazer justiça com as próprias mãos sem deixar as digitais da branquidão delas, o seu giz, a pálida morte. Era inspirado no Esquadrão da Morte, milícia carioca, e no Mão Branca da baixada fluminense, adotando o seu nome. Logo, também surgiu uma versão paraibana. A exemplo do que o assessor do grupo do Rio fazia, Mão Branca escrevia cartas anunciando quais seriam as suas potenciais próximas vítimas aos jornais. Dizia nos bilhetes que eram encontrados com os mortos que quem praticasse o mesmo crime do assassinado, teria um final de vida semelhante. O símbolo desenhado neles era o de uma balança sendo segurada por um punho fechado. No dia seguinte, estava lá o corpo estendido no chão. Se identificavam como defensores de crianças, viúvas e inocentes. No final das contas, tudo ficou em branco e os inquéritos não foram concluídos. A milícia era tão sofisticada que até roubou laudos cadavéricos do Instituto Médico Legal, ameaçando quem ousasse denunciá-los. Porém, mortes ainda eram atribuídas a eles. Suspeitavam que outros grupos criminosos se apoderaram do nome do grupo justiceiro.

No Alto Oeste do estado, os irmãos Mardônio e Telmo Diógenes formavam junto com outros capangas o Sindicato do Crime. Tradicionais

políticos donos de grandes latifúndios do interior, encomendavam a morte de inimigos políticos seus e de amigos. Entre os pistoleiros do seu bando estava o seu protegido, Idelfonso Maia Cunha, o Mainha. Mainha ganhou a fama de maior pistoleiro do Nordeste ao praticar por volta de 100 assassinatos no Ceará e no Rio Grande do Norte. Era destaque nos jornais pois em julho de 1983, a residência de Mardônio, na Fazenda Campos, foi invadida por policiais civis do Rio Grande do Norte, que estavam em buscas de pistas para indiciá-lo por crimes de pistolagem.

Para fazer uma analogia sobre como era a juventude da época, vou fazer uma analogia com a letra da música Tigresa de Caetano Veloso. Os jovens *"de unhas negras e íris cor de mel"*, *"gostava de política em mil novecentos e sessenta e seis"*, mas *"hoje dança no Frenetic Dancing Days"*. Mas naquele ano, com as Diretas Já! a letra ganharia uma nova roupagem e a juventude iria às ruas pedir para que o já deteriorado regime militar caísse de podre e eleições diretas acontecessem. Que a democracia fizesse o seu retorno triunfal. O povo, compositor de destinos.

O tratamento cheio de finesse dispensado a elite natalense contrastava com os pobres páginas policiais. Com ar de aristocracia e certa prepotência, a classe média natalense posava nas colunas sociais em casamentos, reuniões familiares, restaurantes, clubes. O colunismo social também era forte entre o público jovem, com direito a cobertura de toda a movimentação deles nas praias e baladas. Todas as fofoquinhas, quem azarava quem, os *"gatinhos"* e as *"gatinhas"*, o que todos faziam em suas vidas privadas ou quando saíam para badalar nas boates, clubes e praias.

Por alguns jovens, o carnaval era visto como tranquilo, um programa familiar. A juventude aproveitava bastante os fins de semana, principalmente se reunindo para ir para barzinhos, sem o medo que os jovens de hoje enfrentam com os elevados índices de criminalidade. Aos domingos, era muito comum irem à para a praia, encontrar com os amigos, beber alguma coisa. A classe média estudava nos bons colégios da época como o Salesiano e o colégio Marista, além do Nossa Senhora das Neves. Era muito comum, principalmente no final do ensino médio, estudarem juntos, irem à noite para a casa de um ou outro, estudar com vistas ao vestibular. E isso era um momento não só de contentamento, de estar com os amigos, e se apoiar conjuntamente. E depois ainda tinha a possibilidade de irem para um barzinho comer alguma coisa ou até mesmo filar a boia na rua. O famoso podrão.

Se para alguns a vida era estudo, companheirismo com os amigos, bom mocismo, outros gostavam de tocar a banda do jeito que o diabo gostava. Entre o final da década de 1970 e a de 1980, antes da chegada dos motéis, existia o Barrodromo. O nome dado era Transamazônica, uma mistura de transa com referência ao nome da rodovia federal prometida para cortar toda a Amazônia, mas que apenas cortou árvores da vegetação nativa, de espécies inclusive em extinção, também devastou aldeias indígenas no seu caminho, foi a maior fonte de esquemas de corrupção do regime militar, que eram abafados com receitas de bolos nos jornais, quando as notícias eram censuradas, e muitos “cala a boca” para os que tinham medo de ir parar na cadeira do dragão ou no pau-de-arara. Ter a cabeça afogada em tanques em sessões de tortura ou nem ver o sol nascer nos escuros porões com agulhas enfiadas debaixo das unhas. No Barrodromo, no vai-e-vem dos amantes, os carros atolavam no lamaçal localizado no areal por trás do clube militar, na Praia do Forte. Fortes não eram os casamentos. A quantidade de matrimônios acabados não estava no gibi. Na Avenida Roberto Freire ficava o bar Piripiri. Em frente, tinha uma área de barro enorme, filhos de governador, deputados e tais figurinhas carimbadas nos jornais, nos clichês do clichê da política demagógica, iam com seus carrões para fazer pegadas, explodir seus escapes, tocar fogo em Mavericks. Jovens como Roberto Galvão, Cortez Junior, e outros. Sexo, comprimidos e rock’n roll. Drogas pesadas não eram consumidas com muita frequência em Natal até 1984. Depois daquele ano, parece que tudo ficou mais pesado. Hoje em dia, encaretaram e viraram defensores dos valores da família, da moral e dos bons costumes. Será a sina de toda jovem rebelde virar conservador reacionário? Ou o reacionarismo defende as suas conta bancárias e protege o seu hedonismo?

A sociedade natalense era atrasada, retrograda, de um ar aristocrático tosco. Enquanto seus filhos se esbaldavam no carnaval, nos bares, nas boates, fazendo farra, mandando ver na sacanagem às escondidas, naquele ano de 1984, o estudante do curso de jornalismo da UFRN Cláudio José de Lima foi expulso pelo reitor e pelos seus colegas de prédio da Residência Universitária somente por ser assumidamente gay. Claudio alegou que era uma hipocrisia tremenda pois muitos levavam namoradas também, fora os enrustidos que se relacionavam entre si. Mas tudo muito discretamente. Menção honrosa: Em 1965 o Bar Arapuca, que também era uma estalagem administrada pelo ator Jesiel Figueiredo, point de intelectuais e “entendidos”, ficava instalado no Alecrim, por trás do Mercado Público do bairro, na rua Severino Alves Bila. Ele era frequentado pela elite da cidade. Os artistas e intelectuais da cidade encontravam-se no bar para tomar cervejas geladas e beber coquetéis de cachaça com frutas. O Arapuca foi um sucesso instantâneo e chamou atenção demais.

Logo um imenso escândalo, envolvendo um dos filhos das elites da cidade, que fez o garoto ser deportado da cidade, fez com que o bar fosse fechado. Armaram, com a ajuda da imprensa, uma operação policial que teria encontrado drogas dentro do bar. Jesiel negou que vendesse bebidas ambrosíacas, misturadas com remédios controlados, para menores de idade. Os frequentadores foram presos.

O que esperar de uma cidade em que a população passou um mês trancada em casa no final dos anos 1960 depois de o cronista Sanderson Negreiros ter inventado a existência de um vampiro que morava na praia de Areia Preta e saía à noite para assombrar a cidade para aumentar as vendas do Diário de Natal; e em que um bandido *serial killer* noturno de taxistas chamado Baracho virou santo pois morreu pedido um copo de água por estar muito cansado, e que lhe foi negado, durante uma perseguição policial?

Pessoas negras, pobres, periféricas, alcoólatras, marginalizadas, caídas em desgraça, apenas estampavam o noticiário policiaisco com suas fotos. O filho que matava o pai para proteger a mãe que era agredida fisicamente, a empregada doméstica que roubava a patroa para se alimentar, o adolescente usuário de drogas que praticava um pequeno furto, e por aí o bloco seguia.

Nas periferias era que o sangue escorria. Ia para as margens na margem da sociedade, marginalizado. Dela é que saiam os bandidos que faziam os jornais criarem e venderam a falsa sensação de insegurança que caracteriza o sensacionalismo. Mas era fato que o pobre nunca teve muita segurança. Enquanto alguns buscavam o barato nas praias, barzinhos e estudos, pois os adolescentes da classe média viviam para o vestibular já que seus pais faziam questão que fossem profissionais de sucesso, outros encontravam em um baseado.

Os traficantes, as prostitutas, os travestis, os doentes mentais que eram chamados de “*doidos*”, faziam parte de toda uma realidade que a população de classe média não conhecia, torcia o nariz e via como escória. Mas a escória da riqueza subia em palanques, e se vendiam como heróis dos privilégios dessa parcela da sociedade. Dava um aceno para a população mais pobre. Mas se um pouco mais o rei se abaixava para fazer reverência, quase pelado ficava, e mostrava a sua verdadeira cara. Entre os paladinos da esperança, do verde que não era tom de ditadura e os coveiros dela, que tanto odiavam o vermelhão mas tinham as mãos cheias de sangue, o Rio Grande do Norte virou especialista em exportar charlatões pra Brasília. Se gritar pega ladrão, não fica um meu irmão... Pau que dá em Chico, dá em Francisco. No jornalismo deveria sempre ser assim.

Como diz a Marchinha: “*Sassassaricando/ Todo mundo leva a vida no arame, /Sassassaricando, O brotinho, a viúva e a madame*”.

VAI, COM JEITO VAI. SENÃO UM DIA, A CASA CAI!

Eu já conhecia a história mas não sabia da sua profundidade. Ao fazer um trabalho de faculdade, descobri que o buraco era muito mais embaixo do que eu poderia supor ou imaginar. Foram meses de sola de sapato gastos e de pesquisas ao ponto de incharem. A cara fritada no sol a pino das manhãs potiguares. Eu perguntava a parentes ou pessoas mais velhas sobre o ocorrido e a resposta que eu recebia era um *“eu lembro um pouco mas já faz muito tempo”*. Ou um *“Eu vi no Linha Direta”*, programa policiaisco sensacionalista da Globo que ia ao ar nas noites de quinta-feira e que marcou toda uma geração com o medo proveniente de suas histórias e dramatizações. O programa era dedicado a contar histórias de crimes brutais, cujos responsáveis ainda estavam foragidos como uma maneira de divulgar o seu retrato de *“procura-se”* ao público, que ao ter qualquer informação, poderia colaborar com a polícia e identificar o seu paradeiro. O programa em seu início era apresentado pelo já falecido jornalista Marcelo Rezende, depois foi substituído por Domingos Meirelles. Em uma noite de dezembro de 2005, o caso da tragédia do Baldo foi ao ar. O motorista que estava no volante do ônibus que fez uma viagem sem volta, Aluizio Farias Batista, era o foragido.

Eu fiquei chocado com o fato de a maior parte da população da cidade não conhecer uma das suas histórias mais infelizes e manchadas de sangue inocente. Como algo daquela dimensão ocorreu em uma capital de pequeno porte e as gerações mais jovens não sabiam? O episódio deixou fortes marcas físicas e mentais em uma geração de foliões jovens. Um trauma generalizado que marcaria o início abrupto da decadência do carnaval de rua que mal havia sido erguido. Fui até o local exato onde tudo aconteceu. Subi a Avenida Rio Branco, sentido Centro e olhei para o asfalto e para cada recanto do local, reconstituindo a cena na minha cabeça.

Já não há mais casas de moradores mas estabelecimentos comerciais. Quando eu parava em algum em busca de informações ou pedindo que me indicassem um morador de longa data do local, contava o meu objetivo e agiam com espanto. Iam e vinham todos os dias subindo e descendo a ladeira, olhando para ela, vivenciando ela, e não sabiam da tragédia. Depois de uma dezena de *“nãos”*, de um sobe e desce que deixou as minhas pernas doloridas e em trapos, apenas uma senhora lembrava do ocorrido, quando bati em uma das poucas casas que restam. Tocava *West end girls* dos *Pet Shop Boys* em um carro parado.

—O meu marido sempre me contava essa história. Ele saiu para ajudar a socorrer muitos feridos. Um filho dele estava no meio da multidão do bloco e ele temia que o filho também tivesse morrido.

— Eu poderia conversar com o seu esposo? — perguntei

— Ele já está morto e eu não tenho muito contato com o filho dele

— Ah, sinto muito! Poderia me dar um copo de água? Estou em farelos.

—Allah-la-ôoooo! Mas que calooooor! — cantava eu, mentalmente.

Me senti desanimado. Estava cansado. Me sentia a própria cadelinha Baleia de Vidas Secas sonhando com preás, a Macabea desiludida e esquisita da Clarice Lispector. Porém, artiloso como um dos capitães da areia do Jorge Amado. Me chamaram uma vez de Sherlock Holmes, mas estava mais para o Tintim. Durante o trabalho de pesquisa, apuração e entrevistas ouvi o som de muitas portas batidas na minha cara de estudante universitário aventureiro. De amador que narra o seu trabalho em um livro, esquecendo que o jornalista não pode aparecer mais que a notícia.

—Já faz tantos anos. Qual é o seu propósito? Quando? Nossa, faz tanto tempo que lembro de muito pouco. Mas foi um acidente horrível. Ouvi falar muito na época. Eu morava perto.

— Por muito pouco não fui pois a minha mãe não deixou. Hoje, agradeço a ela — falou outra.

Ao me deparar com comentários de surpresa, tristeza como direito a emojis e espanto na internet em postagens sobre o acidente, me parecia que a história tinha muito mais status de lenda urbana do que de um acontecimento real. Eu contava aos meus colegas de faculdade e todos reagiam com uma expressão de susto. E realmente existem lendas urbanas em torno do acontecido. Uma é de que o motorista seria um morador de rua que perambula entre o Centro da cidade e o bairro Alecrim, com cabelos longos e agredindo qualquer um que se aproxime e o chame de Aluízio, além de sofrer de problemas mentais. Por coincidência, um dia, ao vir da Primeira Vara Criminal, o sinal fechou no bairro do Alecrim e quando olhei para o lado, ele estava pedindo comida aos motoristas. Várias coincidências começaram a me levar cada vez mais longe em relação a esse caso. O meu vizinho era irmão do cobrador que deveria estar trabalhando no dia da tragédia, se não fosse o fato de o ônibus estar delegado para fazer o transporte das escolas de samba. Ele também era amigo do motorista Aluízio. Me disse que se conheceram na casa do irmão e que adoravam tocar violão e cantar. Perguntei a cor da pele, sem querer soar racista. Mas os jornais apenas publicavam fotos em

preto e branco e ele tinha um aspecto bastante moreno pelas fotos que encontrei. Me respondeu:

— Ele era branco. Ainda é. A não ser que tenha mudado de cor ou morrido.

Mais uma lenda caiu por terra. O morador em situação de rua era negro, pensei eu. Apenas pensei...ainda teria que identificá-lo para averiguar a história, sem apelar para métodos vexatórios.

Havia uma outra que dizia que ele tentou se suicidar enforcado em um cajueiro de um sítio pertencente ao seu chefe na Guanabara, empresa do ônibus envolvida. Outra dizia que ele foi ameaçado por alguém armado que determinou que ele saísse da cidade. A criatividade do imaginário popular é tão grande que alguém chegou a comentar em um post sobre o acidente nas redes sociais que o atropelamento foi encomendado pela rede hoteleira de Natal para atrair mais turistas que viriam para a cidade nos dias do carnaval com o objetivo de descansar. A folia sempre foi mais lucrativa para o turismo e para os governos. Um outro comentou que soube que o ônibus tinha caído de cima do viaduto. Muitas versões distorcidas, inverídicas eram relatadas e muito pouco se sabia em detalhes. Escrever, e melhor, contar era uma necessidade, por mais que eu tenha hesitado e desistido várias vezes.

Em 1984, Em uma Natal de ar provinciano, pacata, paradisíaca, turística e praiana, onde pessoas sentavam em suas calçadas e podiam conversar e rir tranquilamente até altas horas da noite, sem um grande risco de sofrerem um assalto e muito menos de terem suas vidas tiradas por criminosos, em que a segurança pública ainda não tinha se tornado um caos e os índices de criminalidade eram irrisórios, apesar do clima de insegurança ter aumentado muito naqueles últimos tempos, a sensação de calma aparente foi abalada pelo que viria a acontecer naquela noite. O Rio Grande do Norte teria um dos capítulos mais tristes e trágicos de sua história, escrito com o fervilhante e pululante sangue de duas dezenas de pessoas alegres, que brincavam de maneira tão descontraída.

O esquecimento, às vezes, é o melhor remédio para alguns.

CAPÍTULO 4: A BANDA

Estava à toa na vida

O meu amor me chamou

Pra ver a banda passar

Cantando coisas de amor

(A banda - Chico Buarque)

OS GAULESES

A banda que tinha como adjetivo para os seus componentes o nome dos povos nórdicos Celtas. Arrastavam verdadeiras multidões como uma tsunami voltando pro mar, afinal era na praia, ao raiar do sol que a farrá da fanfarra sempre acabava. Ao pé ou de carro, na chuva, no sol, com ou sem bebida, lá iam eles espalhando alegria e colorindo a cidade. Aliás, uma das poucas fotos coloridas desse livro é da banda, exatamente pelo conceito estético e visual da felicidade que criavam. De bar em bar, de mesa em mesa, agitavam o carnaval da espevitada colombina com lábios sabor de camarão, perfume de ginga frita no azeite com tapioca. Refestelada em lama de mangue para hidratar a cútis.



BandaGália na Praia do Meio. (Foto: Acervo BandaGália)

Quando Natal vivia a mesmice dos blocos tradicionais de elite, eles vieram para quebrar tradições e padrões de como se festejar. O carnaval era na rua, era popular, era para quem quisesse chegar, sem frescuras e sem segregar. Uma anarquia na folia. Provocativos que nem o Pierrô e sua trupe. Passavam pela Praia dos Artistas, Ribeira e Petrópolis. Entre ruas, becos e vielas. A Rua do Motor fazia a cidade ferver em velocidade máxima.

O bloco surgiu em 1981, após um blecaute que fez Natal inteira ficar na escuridão, às cegas, durante uma semana inteira. A chama de uma vela incendiária foi acesa. No bar Kazarão, Eugênio Cunha e sua trupe fizeram jus à *commedia dell'arte* e Pierrô ficou orgulhoso. Colombina, lisonjeada. Mas o prefeito, de cara amarga com sua piteira na mão. Eles precisavam fazer um frevo que representasse bem aquele momento. Fizeram uma música inspirada no blecaute e cheia de críticas ao prefeito José Agripino Maia. Eugênio compôs a letra. Carlos Penha musicou. Imprimiram a letra em um mimeógrafo para que o povão pudesse cantar. E saíram no sábado de aleluia.

O bloco foi formado quando se divertiam em festas nas casas de Diva Cunha e seu irmão Eugênio Cunha, Márcio Capriglione, Jácio Fiuza, Valéria Queiroz e Alex Nascimento. A BandaGália quando saía com o bloco Tamanduá era insuperável. O Tamanduá era uma espécie de bloco coberto por uma estrutura de pano com o desenho do tamanduá, numa sátira ao prefeito Marcos Formiga.

No *Réveillon* daquele ano, eles foram para as ruas de novo, sem cordas. Dando corda à euforia alheia. E virou tradição em toda virada de ano a BandaGália animar a passagem de ano, levando todos à praia. Em 1984, realizaria o seu primeiro carnaval, pois o poder público já não podia mais ignorar a força da natureza humana que era e os incluíram na programação da festa de momo. A estreia foi trágica. E a alegria silenciada.

A BandaGália era composta por intelectuais, artistas, profissionais liberais, filhinhos de papai, contestavam a ditadura, e muito mais. Mas gostava mesmo era de arrastar as massas em um formato de carnaval que já era hegemônico em Salvador, Bahia. Com música bastante alta e sem economizar na folia, sem poupar os calcanhares dos foliões e o fôlego de seus pulmão que cantavam frevos com fervor. Em Janeiro de 1985, o candidato dos militares Paulo Maluf perdeu a eleição colegiada, e Tancredo Neves foi eleito. Houve uma comoção nacional. Os cassetetes pararam de cantar, dando voz ao povo

silenciado. A turma das Diretas Já daqui de Natal preparou uma grande festa e chamou a BandaGália. A imprensa estimou 30 mil pessoas na época.

Mas os gauleses eram um povo guerreiro. Se reergueram e continuaram a animar muitos carnavais, até o final daquela década.

Infelizmente, um outro atropelamento causou o seu fim. Que sina, morrer no asfalto, estirado. Cair não de bêbado mas de assassinado. O carnaval de Natal, por mais que tentasse se reerguer, sempre era atropelado. E em sua sina repetitiva, uma integrante morreu atropelada enquanto brincava no bloco da banda em 1989. Mas foi no ano novo que veio o golpe fatal. Na virada para o ano de 1990, na já tradicional folia de *Réveillon*, o assassinato de um folião, o arquiteto Chicão Marques, no meio do percurso da Banda pôs fim a ela. O Chicão viu um cara tentando roubar a corrente de alguém e interviu. O ladrão deu dois tiros nele, à queima roupa. O levaram num Buggy para o hospital. Mas Chicão não resistiu, a BandaGália também. Foi a última pá de cal para o carnaval de rua.

As tradicionais bandas dos blocos de elite uniram as suas forças e todo o seu desejo por diversão momesca, para caírem na farra em um único bloco. Assim nasceu a formação da banda-bloco. Acreditavam que o carnaval de rua poderia ser fortalecido com essa junção. Em 1984, a prévia era um aquecimento para o que já fervia cada vez mais. No calor do momento, que desconhecia termômetros e até os dispensava, a banda saiu pelas ruas ensaiando o que planejou criar para o carnaval. Planos frustrados.

Cinquenta e dois músicos foram contratados para tocarem no bloco Puxa-saco durante a prévia carnavalesca. O contrato foi celebrado entre o mestre da banda, Mainha, e a Prefeitura de Natal no valor de 14 milhões de cruzeiros. Os músicos eram da BandaGália, que contratou também a banda da Polícia Militar. Foram comunicados na terça-feira anterior à tragédia e não queriam tocar para o bloco Puxa-saco pois tinham maior afinidade com a BandaGália e foram desviados para a banda do bloco de maneira irregular. Os músicos preferiam tocar no Carnaval da Saudade, na avenida Presidente Quaresma. Eugênio Cunha, um dos fundadores da banda, não tinha bola de cristal e não pôde adivinhar no tarô o que se sucederia. Mas os músicos já pareciam ter uma certa sensação premonitória de que algo ruim estava para acontecer. Não era apenas a insatisfação que causava esse sentimento.

Enquanto 42 músicos incendiavam as ruas arrastando quem pudesse levar em um verdadeiro maremoto de folia até chegarem no viaduto do Baldo, dez, por decisão da prefeitura esperavam pela chegada do bloco no Tob's Bar, fazendo o esquentar para os foliões que esperavam pela sua passagem lá. O bloco não

passou, e nem poderia passar. Ele já nem mais existia naquela altura dos acontecimentos.

TURMA DO FUNIL: TODO MUNDO BEBE MAS NINGUÉM DORME NO PONTO

O carnaval de Natal estava entrando em sua era de ouro e o produtor cultural Dickson Medeiros, também conhecido como “Memeia” tinha a grande responsabilidade de sustentar e conduzir essa tradição. Os preparativos eram animadores e Dickson estava relaxado e disposto a trabalhar com dedicação ao bloco depois de um período de bom descanso em Fortaleza. Calculava-se que milhares de pessoas pulariam no bloco noite adentro. A estimativa na época foi que 5.000 foliões brincavam nele na noite do fatídico acidente. Dickson teria que manter um olho na banda e outro no copo de bebida que levava. Era um fardo prazeroso. Na época, Memeia era presidente do maior bloco de carnaval de rua da cidade, o Cordão do Puxa-Saco e era o responsável por coordenar desde a banda até a parte burocrática da organização do evento. Também era responsável por planejar o trajeto do bloco que tomaria as ruas de Natal naquela noite e só pararia ao amanhecer do dia seguinte. O bloco passaria por alguns bares da cidade, no total seriam cinco: Bar da Nenzinha (Rua Cel. Estevam), O Terraço (Felipe Camarão) Botikim 609 (Rua Floriano Peixoto), Bar d’o Vovô (Rua Manoel Dantas) e Bar Tob’s (CCAB – Norte).

Naquela noite, passou por um e se aproximava do segundo antes de ser interrompido e não chegar ao seu destino final. A ideia original era que o bloco se dispersasse na Praia do Meio, no Boliche. Naquele ano, alguns membros do bloco concorrente Saca-rolha iriam se unir ao Puxa-saco.

O Bloco do Puxa-saco foi criado em 1975 por Dickson, Aluizio Dutra, Múcio Ribeiro Dantas, José Marcio, Gleice Virgínia, Marcelo Bolshaw, Hermano Moraes, Marcelo Navarro, dentre outros. O nome do bloco nada tem a ver com “bajulador”. O nome foi inspirado no mesmo heterônimo de Salvador, depois que o seu xará não saiu mais pelas ladeiras do Pelourinho. Reunia em sua maioria jovens estudantes de classe média da cidade. Era algo muito exclusivista e elitista, como o próprio nome dizia. Muitos dos seus atuais integrantes, são profissionais

de sucesso da classe média pertencente à sociedade natalense. Era puxado por dois tratores. Quando cresceu, chegou a ser puxado por três

— Nós éramos descendentes de donos de engenhos. Então quando não estavam na safra da cana, nós pegávamos os tratores emprestados. O filho do dono de engenho quando passava no vestibular e ia sair para estudar fora, ficava nele até o carnaval. Pegava os tratores, montavam uma cabana e chamavam uma banda. A coisa se modernizou até chegar na capital — Afirmou Dickson.

Dickson tinha 15 anos quando chegou para o seu pai e falou que queria montar um bloco de carnaval. O pai dele foi contra, achou um despautério do filho. Mesmo assim, Dickson juntou a garotada da rua em que morava e o bloco começou com uma média de 25 a 30 componentes que saíam nas ruas jogando maisena uns nos outros. Eram dez garotos e 15 garotas. Até 1974, as mulheres não brincavam nos blocos, apenas acompanhavam os trenzinhos. O Puxa-Saco fez elas entrarem para dentro deles, para o desespero dos pais. O bloco foi um fiasco e o pai acabou pagando o prejuízo. Foi quando tiveram a ideia de abrir o bloco para todos que quisessem entrar, e pôr abaixo as regras que o restringiam a um clubinho. Filho de político, menina assanhada (desde que não fosse feia), podia entrar todo mundo. Foi quando o bloco começou a crescer, Dickson se profissionalizou no negócio, começou a ir para Pernambuco comprar material para ele, e o Puxa-Saco se tornou o que se tornou. Nunca mais deu prejuízo à conta bancária do pai de Dickson.

De dia, saíam pelas ruas com alegorias e trenzinhos puxados por tratores enfeitados e roupinhas infantis. À noite, terminavam a festa no Clube do América, o mais prestigiado clube da alta classe média. Não era qualquer um que conseguia um convite para entrar nas suas dependências e desfrutar da companhia da alta sociedade e seus salamaleques. Os camarotes eram reservados às autoridades, vulgo políticos das tradicionais oligarquias potiguares. Outros clubes eram o Atlântico, Camana, Boate Saravá e Cobana. O Puxa-Saco era o segundo mais antigo da cidade, ficando atrás apenas do irmão mais velho Saca-Rolha. Outros blocos eram o Psyu, Chefões, Simbora, Xafurdo, Lunik, magnatas, Bolinha, Apaches, Hippies, Samba-ky, Bacurinhas, Jardineiros, Nego Gato, Jardim de Infância, Ynra, Baculejo, Ressaca. Até artistas famosos vinham para brincar nos blocos. Cada um tinha o seu point, o seu ponto de concentração. Brincavam no Puxa-saco Marcos Dias Leão, Múcio Navarro, Eridson Medeiros, Alexandre Macedo, Jener Tinoco e outros. Eram blocos dos bairros nobres Tirol-Petrópolis. Os blocos brigavam entre si por mulheres e por lança-perfume. De vez em quando, a porrada corria solta que nem serpentina. O bloco chegou a ter 350 componentes.

Os trajes femininos eram formados por batinhas, jardineiras, shortinhos, macacões, mais diminutos que as palmas das mãos. A ousadia chegou nas areias da badalada praia dos filhinhos de papai, a dos artistas. Não podia ter outro nome. De artista, só Pierrô, Arlequim e Colombina não podiam pisar lá. Eram empregados Quem frequentava eram os filhos dos patrões, segundo a *commedia dell'arte* Isabella e Orácio. Colombina era criada de Isabella. Natal servia aos deleites dos filhos da classe média. As meninas deixavam à amostra uma pontinha do cofrinho no biquíni. Em um dos tratores do bloco, que passava por cima da tristeza e colocava ela abaixo, ficava a orquestra, a bandinha. Para o outro, os garotos levavam as meninas no clima de paquera. Dizem as más línguas que lá as línguas se entrelaçavam e passavam por todas as partes que se possa imaginar. Mas este é um livro jornalístico, não de colunismo social e fofoca.

O bloco tinha as suas regras para funcionar e a sua administração era levada a sério para quem saíssem do sério e caíssem na brincadeira no carnaval. O planejamento começava em outubro. Cada integrante pagava uma quantia chamada de “joia”. Se faltasse um determinado valor, rifas eram distribuídas proporcionalmente entre os componentes. Os integrantes da direção eram poupados por já tê-las em suas coroas. Para entrar no bloco que tinha mais de 100 pessoas, o candidato tinha que ser convidado por algum componente do bloco e aprovado pela diretoria com a maioria dos votos. Não era um carnaval de rua, em que os foliões se jogavam nelas e eram abraçados pelo asfalto. Era algo excludente e elitista. O principal critério de escolha era a amizade, ser próximo dos dirigentes, ser popular entre eles. Além de também não ser problemático e gostar de arranjar brigas. Quem não era escolhido, dava “bola preta”.

Também eram promovidos eventos e festas, rifas e sorteios através de carnês, durante todo o ano para a arrecadação do dinheiro destinado à montagem do bloco.

Antes, as festas estavam privadas aos bailes de máscaras dos clubes, como o da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), e também aos chamados “assaltos”, que eram festas programadas para ocorrer em casas de amigos ou familiares. Os “assaltantes” invadiam as casas e roubavam todo o estoque de comidas e bebidas já preparado previamente e se esbaldavam. Eram cinco assaltos por dia em que se comia e bebia à vontade, de sábado à terça-feira. Os custos eram pagos com o dinheiro arrecadado pelo bloco. No último dia, acontecia um grande almoço na casa do presidente do bloco, rua Afonso Pena.

Os assaltos do Puxa-Saco sempre aconteciam na casa de Dickson, Manoel Medeiros e Geralda.

Memeia também me conta que chegou a ser detido pelas garras da censura federal no mínimo cinco vezes. Implicavam com os triângulos, com as fantasias, com as alegorias, com os tecidos vermelhos. Tinham pavor a vermelho. Muitos PM's morreram banhados nele.

— Não pode!

Também foi processado por uma garota que estudava para concursos por causa do barulho que o bloco fazia enquanto passava por ela, sentou mais de 20 vezes nas cadeiras do Ministério Público, enfrentou os poderosos que se incomodavam com suas farras e queriam impedi-las, como por exemplo policiais que não queriam o bloco passando na frente da igreja no dia dos seus casamentos. Trouxe Pepeu Gomes, Margareth Menezes, Moraes Moreira, mas dançou. Foi barrado em seu próprio baile.

Notívago, seus livros são companhia para a sua insônia. É na noite que se realiza. Trade para ele não existe. Está acostumado a virá-las desde as noites nos anos 70 e 80 nas boates *Liberté e La Prison*. De diretor de bloco, virou promoter. No *Liberté*, promovia as festas mais agitadas que Natal via e ouvia dentro de uma outra boate que funcionava nela chamada *Studio 744*. Era a *Studio 54* potiguar. Mas alguns ouviam demais e não gostavam. A boate foi fechada pela polícia a mando do Comandante Graco Magalhães, na época em que militares mandavam e desmandavam.

Segundo ele, o glamour dos blocos de elite não era essa coisa toda que hoje fazem parecer.

Irreverente, Dickson me disse que virou Memeia em 1986 pelas mãos de Mário de Xangô. É filho de Iansã. Tem poder para parar um ônibus. Pena que não pode fazer isso na noite que estava para cair e junto com ela outros tantos ao chão sem vida. Irreverente, se diz “um bruxo com vassoura da Mercedes”.

— Você é um aluno, um professor ou uma mentira virtual? Não sei. Detesto falar com aparelhos...

O seguinte texto foi entregue em panfletos pela cidade nas mãos de centenas e centenas de pessoas, em abundância, juntamente com o roteiro que faria:

*“A mocidade do bloco Puxa-saco comemora em 1984 Como uma metamorfose natural, transformou-se de uma pequena turma num grande bloco de alegoria. Agora, compreendendo o sentimento que salta da alma do povo, coloca nas ruas, pela primeira vez, no dia 24 de fevereiro o Cordão do Puxa-saco, doando a sua alegria, os seus foliões, e sua vida. P.S: A banda de 50 músicos tocará até o dia amanhecer.”*¹ Seria o primeiro ano em que sairia no formato de bloco de rua.

Parecia profético. O bloco realmente doou alegria, foliões e vidas. Talvez “doação” não seja a palavra mais adequada mas sacrifício. E a que preço!

Ninguém poderia prever que o tradicional bloco de carnaval natalense que integrava os chamados “blocos da elite” por ser frequentado por pessoas da elite potiguar como políticos, jovens das classes mais abastadas, pessoas influentes e seus parentes, e que desfilaria a pé e não mais restrito a um clube em uma baile de máscaras e fantasias pela primeira vez, protagonizaria tamanha atrocidade. Naquele ano, o bloco também estava aberto para qualquer pessoa humilde que quisesse participar. A folia desconhecia a classe social e todos estariam juntos cantando as marchinhas tocadas em um único coro e dançando até os pés dizerem que era hora de parar.

Um ano antes da formação da agremiação do Puxa-saco, o bloco Pakera viveu momentos tristes e dolorosos. A morte da componente Geisa Bitencourt, atropelada na avenida Hermes da Fonseca durante o carnaval foi um verdadeiro balde de água fria, de confete incolor. Dez anos depois, já não saíam mais às ruas. O bloco de Dickson teria um futuro semelhante, por mais que quisesse colocar o bloco para frevar no seguinte ano. Somente 30 anos depois o bloco voltaria à ativa e rememoraría os grandes carnavais natalenses de outrora.

Era hora de jogar o bloco infante de 10 anos na rua pela primeira vez como um cordão para brincar, correr, pular pelas ruas natalenses. Pois como canta o poeta popular Chico Buarque de Holanda em uma música lançada naquela década chamada *Vai passar*, era chegada a hora de *“Uma ofegante epidemia que se chamava carnaval/ O carnaval, o carnaval...”*.



PARTE II

Terça-Feira Gorda

CAPÍTULO 5: TODO CARNAVAL TEM SEU FIM

*Toda banda tem um tarol, quem sabe eu não toco
Todo samba tem um refrão pra levantar o bloco
Toda escolha é feita por quem acorda já deitado
Toda folha elege um alguém que mora logo ao lado
E pinta o estandarte de azul
E põe suas estrelas no azul
Pra que mudar?*

*Deixa eu brincar de ser feliz
Deixa eu pintar o meu nariz*

(Todo carnaval tem seu fim- Marcelo Camelo)

PRENÚNCIO

Gedalva estava inquieta naquela madrugada do dia 24 de fevereiro de 1984, véspera de uma prévia carnavalesca que aqueceria a cidade de Natal para o carnaval, que aconteceria no dia 6 de março daquele ano. Revirando-se de um lado ao outro da cama, acordou de sobressalto, assustada segundos depois da agonia que pôs fim ao atormentador pesadelo que teve. Sentiu um aperto no peito, o coração acelerado e que batia tão intensamente quanto a bateria de uma escola de samba. Uma sensação de que não era apenas mais um sonho ruim, mas o pressentimento de que algo terrível estava para acontecer.

Chegou a comentar com o filho Abimael Florêncio Bernardo, um estudante secundarista:

— Eu sonhei com dois homens tentando arrombar a porta e botar ela à dentro para matar o seu pai e o Beto, seu irmão. Tinha muitas viaturas de polícia. Eram tantos policiais na frente da casa...e o seu pai estava tentando segurar a porta com dois pedaços grossos de madeira encostados nela para não deixar esses

homens entrarem. E eu te procurava, mas não via você. E foi o sonho inteiro assim, nessa preocupação.

O caçula da família não cabia dentro de si de tão feliz que se sentia e estava ansioso por aquela noite. O jovem de 18 anos era um excelente tocador de tarol e naquele dia, mais tarde, teria a oportunidade de realizar o seu sonho tocando em uma banda de carnaval profissional ao lado do pai, o sargento Geraldo Bernardo da Silva, chefe da banda da Polícia Militar.

Quando chegou no pátio do hospital, sabendo que o filho já estava morto, de madrugada, nervosa e aflita, aos soluços, Gedalva disse ao seu esposo:

— O seu sonho foi um aviso.

Infelizmente, Bima não resistiu aos ferimentos e imediatamente o tarol que o mantinha vivo foi tocando cada vez mais devagar, até parar completamente, se calar, e pôr um fim à vida do jovem músico.

Como diz o samba-enredo da União da Ilha do Governador: *“Como será o amanhã! Responda quem puder! O que irá me acontecer!, O meu destino será como Deus quiser”*.

Também foi um dia de muita expectativa e de grande euforia para o estudante de Direito de 21 anos Murilo Barros Junior e seus amigos. Teriam motivos em dobro para isso e não escondiam a alegria que sentiam. Era aniversário de Ana Claudia e dia de caírem na folia com a companheira do bloco do Cordão do Puxa-Saco. O plano era de que logo após a festa de aniversário de Ana Claudia, se deslocassem para o bloco, se juntassem a ele e só parassem com a festa de momo quando o sol nascesse irradiando os seus primeiros raios de luz, e o bloco se dispersasse.

Essa programação já estava marcada há dias, planejada durante toda a semana e era esperada por eles e tantos outros natalenses, principalmente os mais jovens, com uma contagiante alegria. Tão contagiante que Simone Banhos Teixeira, uma estudante de Psicologia de 20 anos, considerada uma das mais belas jovens da cidade, estava decidida a não ir festejar o carnaval no bloco, mas foi convencida por seus amigos entusiasmados. Se animou e resolveu ir. Era o seu último carnaval no bloco, a sua despedida. Energia eles tinham de sobra. A juventude os contemplava com ela. Naquela noite, descobriram que aquela fase

tão pulsante e de sentimentos intensos e à flor da pele poderia ser mais breve do que imaginavam. Um sorriso interrompido por um grito de pavor. Depois dos gritos que ouviria, tudo seria silêncio para Simone.

A rádio Trairi também estava a mil nos preparativos para a cobertura do carnaval daquele ano, que patrocinaria e divulgaria com o nome de Carnaval Tropical. Nome que a rádio ganharia ao ser rebatizada em setembro daquele mesmo 1984: Tropical. Pelo menos, teria a oportunidade de renascer após a cobertura traumatizante da tragédia que seus repórteres presenciariam, ao contrário de tantos outros naquela noite que se foram para nunca mais. Era a primeira vez em que uma rádio fazia a cobertura massiva de uma prévia carnavalesca na cidade, dedicando toda a sua programação à ela. Após a concentração, a multidão sairia em desfile com paradas em diversos bares para assaltos e “abastecimentos”, porque ninguém era de ferro.

Enquanto a folia se espalhasse pela cidade, a rádio informaria sobre todos os detalhes, prestando serviços de utilidade pública de uma forma dita por eles inovadora. Colocariam no ar de maneira propagandista de carnaval realizado pela prefeitura diversos responsáveis por órgãos públicos para falar sobre o setor que lhes competiam. Figuras populares da cidade seriam entrevistadas também para falarem sobre a festa momesca.

Segundo o chefe do departamento de jornalismo da rádio Ricardo Rosado, cada segundo da emissora seria preenchido com informações de fatos históricos do carnaval.

— Figuras conhecidas do mundo esportivo, artístico, literário, político, econômico do Estado e de outros darão sua opinião sobre a festa que reúne o maior número de brasileiros e atrai a atenção do turista internacional.

O planejamento da cobertura já vinho sendo desenvolvido há mais de um mês.

Pena que ninguém consultou durante a programação a opinião das autoridades sobre a tragédia que ocorreria após os sinos badalarem a meia-noite na cidade. Por onde andavam? Mistérios da meia-noite...

Ricardo ainda afirmou:

— A ressurreição do carnaval de rua, que ao passar do tempo está perdendo o pique dos carnavais passados, passa pela cobertura da Trairi.

A programação seria bruscamente alterada e um fato histórico seria inserido na cobertura. Mas seria um inédito, que ainda entraria para os nossos livros e lembranças nada agradáveis.

CONCENTRAÇÃO DA BATERIA

O bairro das Rocas é o berço de ouro do samba natalense. Foi lá que o samba nasceu, floresceu, polinizou Natal com o frenético ritmo que surgiu das batucadas nas senzalas brasileiras, fazendo a casa grande tremer. Mas não era de animação, era de medo. Subiu os morros com ex-escravos completamente jogados à própria sorte e à miséria, fundando as favelas, e descendo ele pouco tempo depois de os brancos se apropriarem dele em festas momescas. No começo, sofreu o mesmo preconceito que o funk sofre hoje, assim como sofreu o maxixe (que no estado teve como grande expoente o *Strauss* Papa-Jerimum Tonheca Dantas), o xote, e manifestações culturais que nasceram em contextos sociais marginalizados, de periferia, de grupos sociais excluídos, que contrariavam a lógica conservadora e dos chamados bons costumes das classes altas brasileiras, que as rotulavam de vulgares. Qualquer coisa que exalasse cor e pobreza, que parecem não combinar na mesma frase mas que é da fome e da violência que muitas vezes se gera resistência através da poesia e da beleza. Hoje, as baterias contagiam sambódromos pelos quais passam, inundando ele de percussão e beleza, na cadência da diversão e do prazer que os corpos quentes e sensuais brasileiros exalam.

A Balanço do Morro surgiu em 1966 na Ribeira, depois de um desentendimento entre membros da Malandros do samba, com Mestre Lucarino, e logo colocou a princesinha do sol pra balançar e jogar as pernas e os cabelos como uma Colombina desvairada trajada em um vestido verde e rosa rodado, que adora dançar para seduzir o seu Arlequim malandro. Foi a partir dos sambas de Mestre Lucarino que uma das escolas de samba mais tradicionais de Natal deu seus primeiros passos na avenida.

A Malandros do Samba, eterna rival na passarela da Balanço, mas irmã mais velha na sustentação da tradição dos desfiles de carnaval na cidade, e que

sem muita verba, grandes incentivos empresariais e celebridades e influenciadores fazendo presença *vip*, aos trancos e barrancos vai levando e deixando a vida levar, como canta Zeca Pagodinho, surgiu em 1958 na porta da Igreja Matriz Sagrada Família nas Rocas por Aluizio Pereira, Toinho Costureiro, João Bem-Te-Vi e Manoel Farrapo. Fruto da junção dos blocos Sainhas, Endiabrados no Samba e Pinto Pelado, a escola tem como destaque Antônio Melé.

A primeira escola de samba que surgiu em Natal, segundo pesquisas e relatos, foi a Batuque do Morro, em 1930. O samba chegou na terra dos reis magos tarde, como tudo, de costume. Depois veio a Asa Branca. Ninguém sabe explicar ao certo como o samba chegou nas Rocas, mas chegou com jeitinho, sambando de ladinho e por lá ficou, se consolidou, se eternizou.

Outras que se destacam são Imperatriz Alecrinense, Asas de Ouro, Acadêmicos do Morro e Águia Dourada. Todas desfilaram no Carnaval da Alegria, a prévia carnavalesca organizada pela Prefeitura de Natal. Mas era entre a Malandros e a Balanço que a rivalidade fervia na avenida.

A época áurea do carnaval natalense foi a dos assaltos, dos corsos, dos grandes bailes do América e Aero Clube em que a nata natalense se reunia com máscaras e fantasias; celebravam e cantava marchinhas como “*É dos carecas que elas gostam mais*”, dos lança-perfumes Rodouro, da folia inebriante. O lança perfume foi proibido em 1961 por seu uma substância nociva à saúde, que causava embriaguez e que estava cada vez mais popular por esse fim pelo moralista, conservador e tosco presidente Jânio Quadros. O mesmo que com o seu varre-varre vassourinha, varreu os biquínis das praias e os proibiu. Assim como também as rinhas de galinha, desfiles de concursos de beleza com maiôs pequenos. Mas também condecorou Ernesto Che Guevara para afrontar os Estados Unidos. Sua espalhafatosa renúncia causaria uma crise política que desembocaria no golpe militar de 1964.

O início das comemorações carnavalescas em Natal remontam à segunda metade do século passado, tendo seu nascedouro na Ribeira. Entre as décadas de 40 e 50, a capital potiguar viveu o auge de seus tradicionais bailes de carnaval. Os chamados baile de máscaras eram sediados em espaços como o teatro Alberto

Maranhão; o antigo Natal Clube, onde hoje fica o CCAB-Norte; além do Clube de Radioamadores e do Aeroclube. Nos anos 1960, a princesinha do sol recebeu muita influência do carnaval pernambucano, do frevo e das marchinhas de carnaval. Abrindo um adendo para explicar que Colombina não era princesa, mas criada. Criada que servia à alegria. Mas cuja beleza, a dá status de princesa. O carnaval de Natal disputava com os de Caicó e Macau.

Uma das figuras mais emblemáticas e gaiatas do carnaval natalense era exatamente um macauense. Antonio Tota Zerôncio. Irreverente e inteligente, era a animação em pessoa. Além de um grande pândego, pós graduado em molecagem. Na sua garganta, a cana descia mas a água que passarinho não bebe não ardia. Formado em Direito, era promotor e chegou até a disputar uma cadeira na Câmara Municipal de Natal pelo PMDB nas eleições de 1982, ficando com 193 votos. Era defensor das eleições diretas. Ah, e adorava um jogo do bicho e uma loteria. Perdia um amigo e não perdia a piada. *“Ficou latindo no jardim para economizar o cachorro”, “Pobre é como papel higiênico: quando não está enrolado, está na merda”, “quem faz carreira no mato é boi”,* por exemplo, eram algumas de suas sacadas.

Amante do carnaval, era um folião incurável. Na festança natalense, já foi Nero, voltou para as fraldas como um bebê e até noiva de Zé Areia. Em 1979, o Ministro da Justiça planejava sequestrar o Rei Momo Severino Galvão a ponto de a Secretaria de Turismo ter que intensificar a sua segurança. Também queria destronar a rainha Maria Dalvillene Varela e a substituir no ato golpista pela candidata da dissidência Maria Saco Cheio, porta-estandarte do bloco Coréia do Nilo. O jogo virou e Tota foi preso pelo Momo que o fez ficar dentro de uma cela em Ceará-Mirim, pelo crime de conspiração. Não é uma invenção minha, era o carnaval que era coisa de outro mundo, fruto de muita criatividade. E pelo visto, de outros mundos, outros astros, Tota entendia.

Tota era um exímio compositor de marchinhas de carnaval. É dele uma das mais famosas da história do carnaval potiguar, *Mulher da Lua: Meninos, eu vim da Lua/ Que lugar bom pra morar/ Não tem doença, não tem carestia/ E a ordem geral é amar, é amar!*

Antônio Vitorino Cavalcanti era estivador aposentado de 48 anos. Natural de Touros, no interior do estado, não cabia em si de tanta animação. Contava os minutos para ir para a quadra da Malandros do samba, se jogar no ziriguidum. Às 18h30, saiu de sua casa no bairro de Brasília Teimosa em direção ao barracão da escola nas Rocas. Seria mais um componente a desfilar na sua agremiação. A Malandros já esquentava os pandeiros para o carnaval de 1984, e aquela prévia seria o aquecimento de que precisavam, para entrarem no clima e colocarem o povo na mesma sensação térmica escaldante.

Albona Brasil, pintor de 28 anos, também compareceu na sede da Malandros às 18h30, como o combinado com todos. Um sobrenome bem apropriado, já que não havia nada mais brasileiro do que uma batucada de samba. Albona fazia parte da direção da escola.

Um ônibus freou na porta da escola, os integrantes começaram a subir munidos de fantasias, alegorias e muita alegria. Paetês, lantejoulas, estandartes e bandeiras, instrumentos. Deram um jeitinho para tudo caber. E começaram já a aquecer as cordas vocais entoando um samba. O ônibus deu partida e seguiu seu destino para o Alecrim às 21h00.

Por volta das 23h30, a malandragem da malandros na avenida acabou. Mas outras escolas ainda viriam em seguida. Foram liberados para irem embora para casa, exaustos, mas ainda eletrizados e contagiados, sem quererem parar de tocar. Só queriam chegar logo nas Rocas, mas esticar um pouco mais a cantoria e os batuques poderia ajudar a fazer o trajeto passar mais depressa. Os dirigentes foram responsáveis pelas negociações para o fornecimento de transporte para a escola juntamente à prefeitura. No momento do embarque, à 00h30, se espremessem um pouco mais, a alma de algum cristão daqueles sairia do corpo. Na lata de sardinha da Guanabara não cabia nem mais um fio de cabelo sequer. No empurra-empurra para saber quem ia e quem ficava, coube apenas metade da escola de samba. Vitorino foi um dos últimos a subir no coletivo dirigido por Aluízio.

O tumulto na porta de embarque traseira continuava. Aluízio vendo aquela bagunça, cansado, cada vez mais se estressava. Muitos que não eram da escola, mas que também eram malandros, tentavam embarcar a qualquer custo para pegar uma carona. Vitorino vendo a situação se agravar, pediu que Aluízio de imediato fechasse a porta para que maiores problemas fossem evitados. Uma moça chegou toda pimpona e Vitorino logo fez questão de impedir a subida dela.

— Esse ônibus é somente para quem é da Malandros, minha querida. Vá pegar uma boca-livre em outra freguesia. Ou espere ele voltar para pegar o restante do pessoal. Quem sabe não sobra uma vaguinha.

— Vá se catar seu velho filho da mãe.

— Vai pro inferno, folgada! Daqui ninguém passa.

Imaginem a cara de Aluízio. Haja paciência.

A matança poderia ter começado ali, mas entre os passageiros que brigavam por um centímetro dentro do ônibus. Aluízio atendeu.

UMA NOITE DE FOLIA E FÚRIA

O motorista Aluízio Farias Batista, natural da cidade do agreste potiguar de Riachuelo, nascido em 11 de setembro de 1957, chegou fardado para cumprir com mais um dia de itinerários na Aviação Guanabara, a maior empresa de transportes públicos de Natal na manhã do dia 24 de fevereiro para fazer o transporte de funcionários da fábrica Alpargatas, na zona sul da cidade, segundo o que consta no processo. Porém, isso foi desmentido por alguém que tinha conhecimento de causa por estar no itinerário daquele dia. O rapaz de 26 anos que se declarava católico não muito praticante era arrimo de uma família com doze pessoas e a ajudava a sustentar com um salário de 180 mil cruzeiros. Casado, tinha um filho de dois anos de idade e um bebê de 10 meses, do sexo feminino, mais dois irmãos com menos de 15 anos. Estudou somente até a sétima série do ginásial. Não era para estar naquele ônibus. Mas quis um infortúnio do destino que estivesse.

Aluízio chegou na garagem da empresa às 04h00 horas da madrugada, segundo relatou o seu fiel escudeiro Pedro para encontrar o seu amigo e dupla de labuta nas ruas quentes, em que o mormaço subia tanto quanto o fervor frenesi da folia iria naquela noite, Pedro Marcelo, o cobrador que fazia com ele a dupla dinâmica que conduzia e arrecada as passagens dos viajantes, os passes dos sempre efusivos, atarantados pela demanda de estudos e apressados estudantes. Era o papel de Pedro checar os equipamentos do ônibus como freio, volante,

catraca, cigarra. Tudo ok. Era hora de partir. O esquema de trabalho era o seguinte: os horários eram alternados de trimestralmente. Trabalhavam três meses durante o horário matutino e três meses durante o vespertino.

O fiel escudeiro de Aluízio desmente o itinerário que consta no processo. Segundo a versão de Pedro, os dois trabalhavam para a empresa Pirangi, na linha 72, a responsável por fazer o transporte dos passageiros entre o bairro da Rocas e Pirangi. Durante toda a manhã, o ônibus da linha Pirangi não apresentou falhas no freio. Foi apenas mais um típico dia de vai e vem que acabou à 01h00 da tarde. Porém, era um ônibus da Guanabara que Aluízio dirigia no acaso do acidente, ou seja, um outro ônibus, um outro freio em que o seu pé pisou, ou pelo menos tentou.

Ao chegarem na garagem da empresa, que abrigava debaixo de seu teto os ônibus tanto da Pirangi quanto da Guanabara, logo o despachante da frota de funcionários, Arimateia, foi ao encontro deles para apurar o arrecadado no dia. Arimateia estava passando por um verdadeiro sufoco. Assoberbado de trabalho, resolveu pedir ajuda ao rapaz sempre solícito.

— Estou num aperto danado aqui na garagem, muito imprensado. Será que não teria como você dobrar o seu expediente e fazer mais algumas viagens extras, Aluízio?

Aluízio concordou, sem muito pestanejar ou duas vezes pensar:

— Tá bom, eu aceito. Mas deixa eu dar um pulo em casa antes para almoçar e tomar um banho? Tirar essa inhaca do corpo e matar o que está me matando. Estou um pouco cansado.

Era apenas mais uma viagem entre 01h30 e 02h00 da tarde. Aluízio condenou a sua própria sorte. A vida tem maneiras estranhas de nos sentenciar eternamente a pagar por escolhas erradas na roleta da roda viva da existência, da cegueira que precede as escolhas enganosas, equivocadas, venenosas. Nesse jogo de azar em que a nossa carne habita, a alma respira, sufoca, engasga, o ar volta. Mas no final da partida, as escolhas são nossas. A vida apenas nos dá o que é de direito de acordo com o caminho que apontamos para seguir com o dedo abanado ao vento. E motorista experiente, Aluízio não soube se conduzir, escolheu o caminho errado. E naquela madrugada, onde foi parar? Não parou, estava errado. A extra lhe daria um dinheiro a mais, mas perderia tudo que tinha.

Pedro não concordou. Segundo ele, a empresa não obrigava ninguém a trabalhar além do seu expediente. Foi para a sala prestar contas do que recebeu, e seguiu para casa.

Vários foliões já estavam concentrados na rua Luís Dutra, bairro do Alecrim, ao lado da extinta rádio Trairi, às 21h00. A turma estava ansiosa, preparada para atravessar a cidade. Pelo caminho, outros entraram na brincadeira e integraram o bloco na medida em que passava pelas ruas. Algumas, vazias e tomadas pela escuridão que a iluminação pública precária da cidade causava. Apenas do Alecrim, saíam por volta de 200 foliões.

Aluizio continuava o seu expediente enquanto o clima de carnaval esquentava e se espalhava por toda a cidade. Depois da meia-noite, o motorista chegou ao ponto final. Estava exausto e não via a hora de encerrar o turno. Desceu do ônibus de numeração 80037.

Um fiscal o avisou que teria de trabalhar durante mais quatro horas e fazer mais duas viagens para cumprir com um acordo feito entre a empresa de ônibus e a Prefeitura de Natal, que tinha contratado os serviços dela para transportar integrantes da escola de samba Malandros do Samba, que acabara de desfilar na avenida Presidente Bandeira. Teria que atravessar o centro da cidade novamente e levá-los até o bairro das Rocas, onde se localizava o barracão da escola. Era por volta de 70 a 100 membros.

— Você vai ter que ir. É ordem do chefe — Disse o fiscal daquele turno, Henrique Eduardo Alcântara Alcoforado a ele.

O combinado era que Aluizio faria duas viagens, uma para o bairro das Quintas e outra para o bairro Cidade da Esperança e cumpriu. Aluizio não esperava pela ordem lhe dada para fazer uma nova viagem, além do combinado com a empresa, para levar componentes de uma escola de samba para o bairro das Rocas e protestou revoltado salientando que aquilo não foi o combinado e que após terminar a segunda viagem, seria dispensado.

Furioso por estar esgotado e ter que trabalhar além do acordado, Aluizio agiu com revolta ao pedido, se sentiu explorado. Hesitou em ir, não concordou e discutiu com o encarregado mas acabou aceitando fazer uma nova viagem contra a sua vontade. Aluizio seguiu para o local onde os integrantes da escola de samba Malandros do Samba o esperavam. O bloco acabara de desfilar às 23h30 na prévia organizada pela prefeitura e chamada de “Corredor da alegria”.

Ao chegar na avenida Interventor Mário Câmara, próximo ao mercado público do bairro do Alecrim e à antiga Casa Mortuária São Francisco, que é famoso por ser um dos mais movimentados da cidade, estacionou o ônibus e os

foliões da escola começaram a subir. Aluízio não conseguia esconder a sua irritação e passava a mão no rosto cansado o tempo inteiro, com impaciência. Possesso. Amailda Maria da Silva percebeu que Aluízio aparentava estar embebecido em ira com alguma coisa.

Mas ou era aquilo ou o seu emprego e o sustento de uma numerosa família vinda do interior. A bagunça e o barulho aumentaram e Aluízio não se conformava com o fato de ter que trabalhar além da sua jornada. Além daqueles, ainda teria que voltar novamente ao Alecrim para transportar os integrantes restantes. O veículo ainda se encontrava estacionado quando os passageiros passaram a fazer uso da cigarra. Ele gritou:

— Não puxa aí, porra! E se apressem que eu quero voltar logo.

Ainda xingou os passageiros com palavras obscenas. Houve um tumulto na saída. Pessoas que não faziam parte da escola queriam pegar carona a qualquer custo. A partir da Legião Brasileira de Assistência (LBA) na avenida Alexandrino de Alencar, começou a acelerar.

Também iam pessoas desconhecidas e sem nenhuma ligação com a escola pegando carona. Até uma mulher gestante. Saiu irritado, pegando no volante com agressividade enquanto resmungava. Deu a partida na ignição e acelerou de encontro a uma das maiores tragédias da história do Estado e da pior coisa que não só aconteceu em sua vida mas em tantas outras. Era uma viagem sem volta, com destino à morte de alguns.

“SE TIVER QUE MORRER, MORRE TODO MUNDO”

O bloco passou euforicamente pela passarela do samba, convidando quem estava nas arquibancadas a acompanhá-los na folia. E muitos foram. Também passaram por bares realizando os “assaltos” simulados, em que o dono do bar era obrigado a fornecer bebida para os criminosos da alegria. A alegria parecia um crime, penalizado com morte.

Ricardo estava nesse bar, na avenida Alexandrino de Alencar, quando o bloco passou por lá e uma bela moça lhe pediu para que ele acendesse o seu

cigarro. E seguiram em direção à avenida Rio Branco. Ricardo ficou. Ao saber da notícia que se espalhara com muita agilidade, com o soprar dos ventos, foi até a ladeira do Baldo. Ao chegar no local, viu a menina cuja beleza estonteante nunca esqueceu, jogada no chão, dentre vários outros corpos. A sua beleza, em suas lembranças, deu lugar ao feio logo depois. Diz não saber o nome dela até hoje. Mas sabe que vestia um macacão de cor escura. O semblante belo desfaleceu e o seu rosto já não brilhava mais. Estava opaco.

O cordão dos puxa-sacos passou por esse bar antes de seguir para a região do Baldo. O jovem Bima ia ao lado do pai, o sargento Geraldo, marcando o ritmo com o seu tarol. Seu Geraldo parecia perceber que algo estava fora da ordem e pressentia que aquilo poderia ter uma causa negativa. Pedia a todo momento para que a banda caminhasse pelas calçadas e deixassem as ruas mais livres. De repente, sentiu um pesado veículo rasgar o vento ao seu lado. Era um monstro de ferro, para o seu desespero e o de tantos outros.

Uma parada não anunciada às autoridades debaixo do viaduto foi dada para que cada folião pudesse revigorar as suas energias comendo e bebendo o que compravam de vendedores ambulantes que seguiam no meio da multidão, nutrindo a prévia. Alguns, até usaram a parada para ir a algum banheiro, pois não havia muito tempo para pausar a contagiante folia a qual se entregaram de corpo e espírito no frenético ritmo em que estava seguindo o seu roteiro desviado. O hoje advogado Murilo Barros Junior alega que a avenida Rio Branco fazia parte do trajeto. Nada foi avisado pois toda a cidade tinha ciência de que o bloco iria varar a madrugada como Momo gosta. Apenas isolavam as casas em que os assaltos aconteciam.

Era arriscado pôr a região do Baldo no roteiro sem notificar aos órgãos competentes com antecedência, dado o tráfego intenso de carros na região. Mas era tradição os blocos subirem a avenida Rio Branco a caminho do centro de Natal. Era um bloco denso, lotado com mais de 500 pessoas. Todos nas proximidades notariam a sua presença. Pararam no viaduto do Baldo por volta da 00h30. Os dirigentes pediam o tempo inteiro para que saíssem da rua. Mas embriagados pela folia, quem daria atenção? O barulho ensurdecedor da banda fazia o Cordão do Puxa-Saco marcar o seu território passageiro. Iam cidade adentro, como forasteiros desbravando as ruas da obscura madrugada com folia.

O desfile parece não ter sido suficiente para satisfazer a folia dos integrantes e alguns entraram bêbados, outros pulavam, festejavam, cantavam em voz alta, faziam brincadeiras com Aluízio.

Extremamente estafado, irritado e com os reflexos já falhos, Aluízio seguia em frente. Enquanto isso, o bloco Puxa-Saco parou na praça Tamandaré para uma breve pausa, mas já se preparava para subir a avenida Rio Branco. A Secretaria Municipal de Mobilidade Urbana (STTU) e o Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN) não foram avisados sobre a parada improvisada e por esse motivo não providenciaram nenhum tipo de esquema ou planejamento para o deslocamento do trânsito ou isolamento na área segundo as suas declarações. O bloco carnavalesco não tomou nenhuma providência para pedir o patrulhamento da polícia. Mas que toda a cidade já sabia pois foi informado amplamente pela imprensa. Um emaranhado de negligências. Uma típica bagunça de carnaval, onde ninguém leva nada a sério. Nenhum motorista recebeu a tempo a informação de que havia um bloco parado exatamente embaixo da escuridão do viaduto mal iluminado. Aluízio já se encaminhava para lá, fazendo manobras, jogando o ônibus de um lado para o outro em uma furiosa velocidade.

Era aproximadamente 00h50, início da madrugada, quando Aluízio continuava a dirigir de maneira imprudente cada vez mais próximo ao Baldo. O Alecrim já ficara para trás no seu retrovisor ao passar pelo cemitério do bairro. Antônio Vitorino percebeu que o motorista, na altura da igreja de São Pedro, demonstrava um comportamento estranho, demonstrando ter perdido o controle do ônibus, além do seu próprio. Fazia um monte de manobras malucas, jogando o ônibus de um lado para o outro. Os integrantes da escola gritavam. Um chegou a pedir:

— Faz favor, diminui essa marcha, motorista!

Não deu ouvidos e continuo dirigindo na mesma marcha. Uma garota que vinha na janela, quase foi arremessada através dela devido à alta velocidade.

O ônibus de placa AB-75227/RN já seguia a sua viagem, quando Aluízio claramente irritado não suportou mais o tumulto, se virou e começou a discutir

com os integrantes da escola de maneira rude e violenta. Alterava o tom da voz, gesticulava, pedia para pararem e começou a se desentender com os dirigentes da escola de samba, entre eles Tatá, e mesmo assim, a folia não parava. Aluizio acelerou mais ainda. O velocímetro se moveu cada vez mais, na mesma proporção em que ele se sentia irritado. O motorista não parava de acelerar. De dentro do ônibus, as janelas das casas eram impossíveis de serem vistas e as placas passavam como navalhas.

A raiva aumentou e Aluizio já não respeitava mais a sinalização e seus semáforos. Os ultrapassou sem nem olhar para eles. Também não fazia mais as curvas de maneira cuidadosa. O desejo dele era entregar o mais rápido possível os integrantes ao seu destino final. O barulho e a algazarra não paravam de lhe irritar. Os passageiros também tinham pressa e continuaram a puxar constantemente a corda da cigarra do ônibus. Foi a gota d'água para o motorista. A paciência do funcionário da Aviação Guanabara chegou ao fim. Ele ficou transtornado. A assistente Francisca Miranda ia ao seu lado e percebeu um detalhe curioso. Aluizio parecia estar alcoolizado, o que seria desmentido depois.

Amailda fazia a sua viagem sentada em uma cadeira bem atrás da do motorista Aluizio. O ônibus estava dirigindo e manobrando em uma velocidade “desabalada” quando passou pelas avenidas Coronel Estevam e Coronel José Bernardo, como disse uma das testemunhas mais tarde, entre os 60-70 km/h ou mais. Os passageiros reclamaram:

— Pô, motorista, vai mais devagar. Assim nós vamos sofrer um acidente.

Logo depois, uma senhora que vinha atrás de Amailda também fez um apelo:

— Motorista, reduz a velocidade pelo amor de Deus! Tem mulheres gestantes e crianças aqui dentro.

Aluizio respondeu enfurecido:

— Se tiver que morrer, morre todo mundo.

O estudante de 25 anos Ricardo Antonio Silveira de Araújo, hoje aposentado da Marinha, saiu em direção ao Alecrim por volta das 23h00

acompanhado pelos amigos Walmir Pereira Nunes, Fernando José Tavares Galvão, Henrique Afonso de Homem Siqueira, José Luiz Galvão e pela namorada Silvana Kátia Tavares Galvão. Ao chegarem no local, souberam que estavam com os ponteiros do relógio atrasados para a folia e foram deixados para trás por ela. Como estavam de carro, não perderam tempo, se juntaram logo e alcançaram. Passaram na sua frente na verdade. Essa foi a única corrida apostada por eles, que logo seriam acusados de travar um racha com Aluizio. Chegaram na altura da igreja de São Pedro, pararam o carro e resolveram esperar o bloco chegar até lá, mais precisamente em frente ao colégio Nossa Senhora das Neves. A banda do Puxa-Saco logo deu as caras dentro de uns cinco minutos.

Walmir, na época um estudante de odontologia de 23 anos, ia em um fusca verde, placa DN-0346/RN levando a outra parte dos amigos. Entre eles, Heráclis Lucas Pereira.

Quando foram alcançados por ela, resolveram ir um pouco mais a frente e estacionar o fusca azul debaixo do viaduto do Baldo, na mão direita da Rio Branco. O fusca era de propriedade de Fernando, de 24 anos, mas Ricardo o dirigia já que os amigos bebiam. Os amigos de Ricardo eram primos de Fernando, e a sua namorada era irmã de Fernando também. Henrique tinha 26 anos e era arquiteto. Ia caminhando a pé ao lado do carro que Ricardo dirigia lentamente até o Baldo. Não esperavam que logo, logo um ônibus em disparada apareceria no horizonte e deixaria muitos sem ele dali pra frente. A banda ultrapassou o fusquinha de Ricardo e parou no viaduto. Ricardo estava alegre, Em pé na calçada da praça Carlos Gomes, em frente à praça Tamandaré, observando o movimento do bloco e conversando com Fernando. Na folia de praças, muitos se foram nelas. Walmir comentou tão empolgado que não se aguentava quando o bloco começou a passar:

— Olha, vai começar!

E começou. Lá vinha aquilo desgovernado, bamboleando, em alta velocidade, quase tombando, mas conseguindo ficar de pé. Parecia o Pierrô depois de encher a cara pela Colombina. Mas era Arlequim no seu volante. Sujeito que entra no palco já dançando e fazendo acrobacias. Walter entrou no carro já se preparando para dar partida e começar a acompanhar o bloco. Pôs a chave na ignição e sentiu uma forte pancada na traseira do carro que o jogou para a frente bruscamente.

De repente...bráaaaaaaa! Foi tudo tão rápido que mal deu tempo de piscar.

Quando entrevistei Ricardo, ainda com o mesmo nariz saliente, o queixo partido da juventude, o cabelo liso e escorrido, formando uma franja, platinado, ainda estava se recuperando de um aneurisma e sofria de problemas cardíacos e de hipertensão. Me pediu para encerrar a entrevista por al por recomendação da esposa pois tinha passado a noite inteira muito perturbado, sem conseguir dormir, relembrando o que viveu. Me falou que o que estava no processo, em seu depoimento, era confiável. Por causa do aneurisma, a memória foi afetada. Um pouco do horror que presenciou pôde esquecer. Era sal na ferida que eu tinha jogado. Tive que ter o dever humano e profissional de assoprar. Ricardo é a prova ainda viva de que o jornalista precisa de prudência, delicadeza e gentileza e empatia no trato com as fontes.

O jornalista nunca sabe o que vai encontrar pela frente. Mas pisa no freio para não atropelar quem está na sua frente, e não causar mortes, muitas vezes, literalmente. Me disponibilizei para ajudar e até perguntei se ele tinha aferido a pressão, se estava tudo bem. No final, me despedi pedindo para que me avisasse depois se estava se sentindo bem. Estava. Falei que se precisasse de mim para qualquer coisa, estava a postos para auxiliar. O aconselhei a esquecer o que tinha sido conversado. Aprendi a como aplicar um frágil toque nos mutilados.

Fernando já faleceu por causa de problemas na circulação sanguínea. A sua irmã e ex-namorada de Ricardo também, mas de uma súbita queda de pressão. Parece que estava no sangue da família. Morrer precocemente também. Eram provas de que nessa viagem chamada vida, todos nós já viemos com a passagem de volta garantida. Apenas a data é indefinida. Conseguiram adiar ela naquele instante, mas não anos depois. Cedo ou tarde, a morte faceira sempre chega. Fez uma visita, mas resolveu que aquele não era o dia.

Como cantava Gonzaguinha em *O que é, o que é*: *“Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo/ É uma gota, é um tempo que nem dá um segundo...”*.

O Bloco já estava começando a subir a avenida, com os músicos na retaguarda, empurrando a folia, após virem do Alecrim pela Avenida 9, fazer o seu primeiro assalto no bar da Nenzinha e fazer uma pausa na praça Carlos Gomes, debaixo do viaduto. Pouco antes, o comerciante de 28 anos Juarez Lima de Paiva se juntou ao bloco para se entregar de mãos pra cima à folia. Ao chegar na praça Almirante Tamandaré, resolveu passar na frente do bloco e espera-lo

um pouco mais à frente, um pouco mais acima. Estava motorizado. Ao chegar na frente da casa do deputado Álvaro Mota, estacionou o seu carro. Álvaro Mota era advogado e filiado ao ARENA, partido de apoio à ditadura militar. Juarez esperou com alguns amigos pela passagem do bloco, jogando papo descontraído ao ar que nem confete, enquanto outros aproveitavam para acender a um cigarro. Como sobrevivemos a uma geração tão fumante? A nicotina era exalada na noite do evento fulminante. Cinco minutos depois, lá vem o ônibus da Guanabara em velocidade disparada. Juarez viu um por um cair atropelado pela sanha do ônibus desgovernado. Como canta Ivan Lins em *Cartomante*: “*Cai o rei de espadas, cai o rei de ouro, cai o rei de paus, cai não fica nada...*”. Juarez saiu em socorro das vítimas depois que o ônibus desceu de ré e foi parado, mas a cada pulso que pegava, já não sentia mais sinais vitais. Os faróis acesos do ônibus eram como olhos que engoliam com sua luz, todos pela frente, envolvidos na escuridão.

Murilo seguia brincando e se divertindo alegremente com os amigos, entre eles Adailson. A folia desmedida resolveu dar uma pausa. Murilo olhou para cima em êxtase enquanto dançava com a amiga Verônica, já subindo a ladeira. Saíram do centro da banda e foram dançar uns dois metros longe dela. Bailava próximo de onde Juarez e seus companheiros estavam. Foi advertido para sair do meio da rua, mas não deu ouvidos. Lembrou de quando a farra era política e dançava ao som dos *jingles*, de quando participou ativamente da campanha de José Agripino Maia para o cargo de governador do Estado. Olhou para ela e comentou:

— Olha, tem tanta gente, tantos carros em cima do viaduto que parece até com uma carreata política.

Silêncio. Depois, não ouviu e nem falou mais nada. Foi atingido pelo ônibus. Ele foi jogado para um lado, Verônica para o outro. Murilo bateu com a cabeça em uma tampa de bueiro, ainda existente no local. Começou a sangrar. Os amigos correram para socorrer ele. Foi levado ao hospital. Quando foi atingido, o ônibus já tinha perdido muito da sua velocidade e o impacto foi bem menor do que no pé da ladeira. Dançou com a morte, olhou em seus olhos, mas conseguiu sair de seus braços insistentes e apertados. Conseguiu sobreviver. Acordou somente no hospital, com o braço esquerdo quebrado e cheio de lesões.

Em alta velocidade, o ônibus fez a curva de maneira muito fechada, ficando em cima de duas rodas traseiras do lado direito. Quase se chocou com a pilastra esquerda do viaduto no sentido Alecrim-Centro, e tombou para a direita batendo com a parte traseira do veículo, perto da porta de desembarque, na lateral de um fusca azul de placa DN-9799/RN, estacionado em um canteiro da Praça Carlos Gomes, quase virou mas o choque o aprumou. Era o fusca de

Ricardo. Por muito pouco, o ônibus não virou, o que causaria uma tragédia pior ainda, por muito menos ainda não colidiu em uma mercearia, à esquerda. Ao bater no fusca do estudante, Com a colisão, o fusca ficou danificado e com a parte atingida completamente amassada. O fusca teve o pneu estourado, o para-lama amassado e a caixa de mudança quebrada. O mesmo aconteceu com o ônibus, que teve as vidraças das janelas quebradas, bem como o para-brisa. Com a quebra do para-brisa, Vitorino foi ferido levemente no braço pelos estilhaços. O fusca andou para frente e bateu no de Walmir. Em meio a tantos quase, Aluizio não conseguiu livrar o bloco.

A colisão foi suficiente, juntamente com a velocidade acelerada e o peso do ônibus por causa da elevada quantidade de passageiros, para mudar o curso do ônibus e o jogar de maneira desgovernada e desenfreada para cima do bloco carnavalesco que estava passando do outro lado da avenida, logo após passar por debaixo do escuro viaduto: o Cordão do Puxa-Saco. Alguns passageiros viram que o bloco estava passando e tentaram o alertar, mas Aluizio estava tão fora de si que não conseguiu enxergar ou ouvir devido ao tumulto dentro do ônibus. Não diminuiu a marcha quando os integrantes da Malandros do Samba pediram durante a acalorada discussão. O motorista nem sequer buzinou. Antes, um outro ônibus bastante lotado já tinha passado pelo local, buzinou muito e nada houve.

O impacto jogou violentamente os integrantes da escola de samba de um lado para o outro, chacoalhando. O samba que cantavam deu lugar a gritos. A tragédia teve seu início decretado no pé da ladeira da avenida Rio Branco, ponto em que começou a atingir as primeiras vítimas. A matança também. Amailda desmaiou e nem bem pode se segurar quando na cadeira, nas cadeiras que até pouco tempo sambavam, quando o ônibus começou a passar por cima dos componentes do bloco Puxa-Saco. Maria Alves de Almeida notou que ele parecia passar por cima de alguma coisa.

Quando deu por si, já estava de cara com o bloco. Subiu a avenida Rio Branco a 80km/h atropelando todos que estavam na sua frente, no seu trajeto brutal. Os faróis estavam acesos iluminando a escuridão do que viria. O motorista pisou forte no freio enquanto o ônibus passava no meio do bloco, em uma íngreme ladeira. O freio do veículo da empresa Guanabara só respondeu aos seus comandos quando já era tarde demais. Era tarde da noite, era tarde para Aluizio, era tarde para qualquer comunicação que o bloco tentasse com as autoridades. Só conseguiram alguns minutos depois, com os socorristas e policiais. E a imprensa, claro, que foi mais eficiente do que os salvadores da ocasião por estar lá cobrindo o Carnaval Tropical para a rádio Trairi. Na verdade,

parecia que nada mais podiam salvar, a não ser os feridos, com leves lesões ou em estado grave.

Muitos observavam de cima do viaduto, completamente engarrafado. Saíram de seus carros e foram ver com seus próprios olhos o horror que tinha acabado de acontecer e se desenrolava lá embaixo. Muitos já estavam lá. Eram aqueles para os quais Murilo tinha apontado enquanto dançava com Verônica. O pânico se instalou no local.

Ricardo percebeu que Aluizio engatava outra marcha e continuou em alta velocidade subindo a ladeira e jogando todos como bonecos para o ar. Soldadinhos de chumbo, talvez. Mas que não eram de chumbo o suficiente para sobreviverem às fraturas que sofreram. Foram esmagados. Segundo Ricardo, ele cada vez mais acelerava. Parou há uns 100 metros de onde estava. De repente, começou a descer de ré. Foi e voltou como um pêndulo maldito, exterminador de destinos. De repente, foi freado, ele não sabia por quem.

Ricardo ficou imediatamente traumatizado com a cena dantesca que acabara de ver, não podendo ter condições de prestar socorro aos feridos. Percebeu que o pneu do seu carro estava estourado. Salvaria os acidentados, a si mesmo ou ao automóvel? Na batida, o fusca produziu ferimentos nos colegas que estavam próximos a ele. Henrique estava em frente ao carro de Walmir e em uma atitude reflexa, deu um pulo para o lado quando viu o ônibus. Caiu no solo quando foi acertado pelo fusca verde na perna direita, ficando totalmente desorientado. Se levantou com a ajuda de José. Lançou o olhar para frente e viu um monte de pessoas estendidas no chão, outras gritando.

— Não estou me sentindo bem. Olha a minha perna, está ferida! Fernando, me leva ao hospital!

— Não posso! Olha o estado do meu carro.

— Droga! Merda! Cadê o Walmir?

Naquele momento, após sentir o choque da colisão, Walter olhou para trás mas o ônibus já passava tão veloz ao lado de seu carro, de maneira que seus olhos nem puderam acompanhar. Há banda estava a pouco menos de cinco metros do seu carro. De início, Walter viu o ônibus atropelar três pessoas. Diferente de Ricardo, Walter percebeu que Aluizio diminuiu a velocidade. Fernando também. Estavam tão desnorteados que na verdade não percebiam nada. Mais nada se processava com exatidão em suas massas cinzentas cerebrais. Uma vítima, inclusive, estava com ela saltada para fora. Fernando deu alguns passos e se deparou com um rapaz com a cabeça estourada. Entrou em choque.

Henrique tentou caminhar com a perna machucada. Andou alguns metros, se sentiu mal e resolveu sentar no meio-fio. Respirou fundo durante alguns segundos, se levantou e caminhou em direção à avenida Deodoro da Fonseca, que passa do outro lado da praça. De repente, um carro que mais parecia enviado por providências divinas parou ao seu lado. Ao verem que estava ferido, seus ocupantes o socorreram. Foi levado ao Pronto Socorro, atendido e voltou para casa. Olhando para longe, em direção ao ônibus, não sabia o que acontecia. Se as pessoas que estavam no bloco tentavam quebrar as vidraças ou se os passageiros tentavam sair dele. Eram as duas coisas. Não viu quando o ônibus bateu no fusca de Fernando, de tão distraído que estava.

Assim que o ônibus parou na metade da ladeira, Walmir correu para se juntar aos demais na farra dos justiceiros que queriam linchar Aluizio e malhá-lo que nem boneco de Judas no sábado de aleluia. Walmir era um dos revoltados. Quando alcançou o ônibus, Aluizio já tinha dado no pé. Nem sua sombra deixou. Foi quando o ônibus começou a descer de ré. Ao voltar para o local onde estavam os seus colegas, se deparou com Murilo jogado ao chão, bastante ferido. Pegou o seu carro danificado, o colocou em seu carro e o levou para o hospital Walfredo Gurgel. A vida de Murilo tinha pressa.

Ao chegar no hospital, Walter que lá trabalhava como de odontologista, dando plantão, resolveu arregaçar as mangas e ajudar a equipe que socorria as vítimas que não paravam de chegar a todo momento. Para Walter, se Aluizio estivesse dirigindo em uma velocidade menor, as mortes não teriam acontecido. Apesar de não poder ter evitado o acidente. Também tinha como opção ter manobrado para a via esquerda, menos lotada de foliões.

Enquanto isso no Baldo, mesmo nervoso também, Ricardo procurava acalmar os feridos e as pessoas que segundo ele estavam em verdadeiro estado de loucura. Os ocupantes do carro à frente passaram a socorrer a vítimas. Após o socorro, permaneceram ali esperando a perícia. Começaram a surgir pessoas como formigas saem de um formigueiro, Vinham de todos os cantos das proximidades. Não demorou muito e chegou a polícia, que também passou a socorrer as vítimas. Os seus amigos estavam tão nervosos que foi necessário que Ricardo os mandasse para casa.

— Saiam daqui. Vão pra casa. Eu aguardo a perícia chegar para checar o carro.

Fernando pegou a irmã Silvana e seguiram para a casa de Ricardo. Ao chegarem lá, contaram a seus pais o sinistro acontecimento. Ficaram preocupados porque o filho ainda estava lá, mas aliviados porque estava vivo.

Chamaram um médico para Fernando, que passava mal com crises nervosas. Foi medicado pela doutora Elza e em seguida adormeceu.

Todos que acompanhavam a banda ficaram possuídos de ódio. Tanto quanto Aluízio minutos atrás. O algoz involuntário virou vítima da própria ira. Quem gera dor, tem dor de volta. Várias pessoas passaram a quebrar os vidros do ônibus com pedras, paus, garrafas, com o que tivessem na mão e até mesmo com elas e seus punhos. Os componentes da Malandros do Samba, que nada tinham a ver, ficaram assustados e do outro lado tentavam quebrar os vidros também para sair de dentro do coletivo. A algazarra era geral. Queriam poder pegar as pedras e construir uma fortaleza.

Às 04h00 da madrugada, retornou ao Baldo que já estava com uma movimentação mais calma. Apenas os bombeiros estavam por lá lavando o sangue das vítimas do asfalto. Foi até a casa de Ricardo onde encontrou o pai de Fernando. Voltaram ao Baldo para verificar o estado do carro dele e com a intenção de rebocá-lo.

A primeira lágrima do sempre deprimido Pierrô, correu por sua face maquiada em branco e preto, borrada como o sangue das vítimas. Figurino apropriado para a ocasião. A colombina nem bem cedeu aos seus encantos e o deixou. O carnaval de rua mal começou a crescer em Natal, e logo foi reduzido a lamentos e abandonado. Ao ver a trágica cena, o Pierrô chorou por sua colombina reluzente, a cidade do sol.

Como canta Chico Buarque em *Quem te viu, quem te vê*: “Era a mais bonita das cabrochas dessa ala/ Você era a favorita onde eu era mestre-sala/ Hoje a gente nem se fala, mas a festa continua/ Suas noites são de gala, nosso samba ainda é na rua.”

O motorista atravessou a multidão em histeria coletiva do coletivo que dirigia após finalmente ter conseguido frear o ônibus, que havia chegado ao cume da subida. Com passageiros aos gritos e se derramando em choro, superlotado até o teto, povoado com instrumentos, adereços de carnavais, crianças, mulheres, homens, pessoas embriagadas de bebida e de folia, a Malandros do Samba se encontrava, se perdia. Aluízio saiu do volante o mais rápido que pôde, espremido, aos empurrões, transtornado por não saber muito bem o que se passou ali, mesmo que o óbvio revelasse que se tratou de um atropelamento de uma manada de foliões. Mais especificamente de uma fanfarra de frevo. O ônibus

só conseguiu ser completamente freado nas imediações da Rua Apodi, em frente à casa de número 874, o casarão da família Mota. Aluizio abriu a porta dianteira do ônibus para ver a dimensão da tragédia que causou. Segundo uma outra testemunha, pulou a janela. Colocou as mãos na cabeça completamente desesperado. Estava com alguns poucos ferimentos. Sentiu algumas mãos no mesmo instante lhe agarrando por trás e pegando pelo colarinho da sua camisa.

O sobrinho de Albona quebrou o pé ao tentar pular a janela para sair do ônibus destroçado. Havia um forte cheiro de sangue e suor com borracha gasta freada no asfalto e gasolina vazada pairando no ar da subida da ladeira da Rio Branco. Ele foi levado ao Walfredo Gurgel, onde foi submetido a uma cirurgia.

Amailda, desfalecida, tornou a si. Mas não teve tempo para se recuperar. Já começou a passar por outra emoção forte, na medida em que o ônibus passava de ré pelas vítimas que agonizavam, as terminando de matar. Foi empurrada pela porta e bateu com o braço nas ferragens dela, fraturando-o como se fosse um graveto. Um amigo tentou tirá-la de dentro do ônibus. A garota de 20 anos estava tonta, atordoada. Ao descer do ônibus, outra cena assustadora. Um senhor forte efetuava disparos com uma arma de fogo, sem direção definida, sem saber ao certo em quem disparava. Tentava atingir o motorista, que há muito já tinha disparado dali mais rápido do que a bala engatilhada. Era um acompanhante da banda, armado. O porte de armas no Brasil só foi proibido em 2003, pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva. Então era muito comum que naquela época os homens valentões andassem por aí de armas na cintura. Amailda ouviu uma voz dizer:

— Papai, não atira! Dentro do ônibus não tem mais ninguém.

Maria também ouviu os tiros. Entrou nas dependências de uma casa na avenida Rio Branco para se proteger dos tiros com alguns amigos e integrantes do bloco. Nervosismo armado. Coração disparado.

— Se abaixem! — gritou alguém aflito.

Após cessarem os disparos, Maria chamou a colega xará Maria Lucia Martiniano para ir embora dali. Quando voltavam para as Rocas, um amigo garçon também componente da escola chamado Álvaro de Melo, o Alvinho, e que lhes ofereceu carona de táxi. Iam conversando agitados, meio sem crer no que tinha acontecido.

— Quando subi no ônibus, vi uma ligeira discussão do motorista com uma outra pessoa que parecia ser da empresa. Ele estava irritado por ter que fazer mais uma viagem assim de surpresa pois não teria como levar toda a escola. O

moço estava cuspidando fogo. Não queria de jeito nenhum fazer a viagem. O cara disse a ele: “É sua obrigação fazer”. Ele foi e rebateu, com dois dentes e um fervendo: “É assim? Então eu volto para pegar o restante”. Saiu fumaçando.

— Eu vinha perto da roleta. Quem estava perto dele era Toinho estivador, Antônio Vitorino, sabe? E Tatá, o figurinista. — Falou Maria.

Vitorino pulou fora do ônibus assim que a porta foi aberta. Como tinha sido um dos últimos a entrar, estava próximo dela. Três pessoas da escola estavam gravemente feridas. A sua maior preocupação era com os filhos, que também eram passageiros do trem dos horrores. Assim que começaram a quebrar os vidros do ônibus, Vitorino se opôs:

— Parem com isso. Ele já foi embora! Nós não temos culpa. Tem gente passando mal e ferida aqui dentro. Nos ajudem!

Organizou um grupo de pessoas que conseguiram sair com ele, enquanto outros lutavam desesperadamente para sair pelas janelas, desceu a ladeira e foi ver os mortos. Estava aliviado pois nenhum amigo seu estava entre os acidentados. Mas que cena estarrecidora. Coitados daqueles que agonizavam. De outros esfaqueados que visivelmente já não tinham mais vida.

A situação parecia não poder piorar, mas Aluízio abandonou o ônibus na subida da ladeira logo após perceber o estrago que provocou por causa de sua falta de cautela e bom senso ao volante. Se é que se podia ter tanto bom senso exaurido e de mau humor, a personificação do proletariado explorado pelo grande empresariado. Populares começaram a agarrá-lo por trás, um agarrou o seu colarinho com ânsias de esganá-lo, e até chegaram a rasgar a sua camisa. Flávio, um integrante da escola de samba, conseguiu segurá-lo mas Aluízio revidou com uma cotovelada em seu estômago e assim pôde fugir. Assustado e com medo das consequências e do alto preço que teria que pagar, Aluízio correu pelas ruas para não ser linchado pela população que estava revoltada e tão furiosa quanto ele há alguns minutos atrás. Aluízio se somou à multidão que corria. Ninguém sabia que ele era o causador da tragédia, não podia ser reconhecido. Se misturou à baderna e fugiu, se perdendo no breu daquelas ruas pela madrugada, ofegante, em lágrimas, usando a sua fantasia de cidadão informal. Embora vestisse a farda já suada, com a qual colocava o pão na mesa diariamente.

O carnaval começaria de fato apenas uma semana depois, mas parecia que a Malandros do Samba já tinha se dispersado na avenida antes mesmo de o seu desfile começar.

Como Canta Benito Di Paula em *Retalhos de cetim*: “*Mas chegou o carnaval e ela não desfilou/ Eu chorei na avenida, eu chorei/ Não pensei que mentia A cabrocha que eu tanto amei*”.

A tragédia poderia ter sido pior se não fosse o jovem Adailson Pereira de Oliveira, conhecido também como Myko. Myko era datilógrafo e vice-presidente do bloco. Na tentativa de fugir desesperadamente e não sofrer retaliações por parte dos populares, Aluizio abandonou o veículo com a marcha em ponto morto. De repente, o ônibus começou a descer a ladeira da avenida Rio Branco, sem condutor, tão desgovernado como quando subiu, fazendo novas vítimas entre os que ficaram no local de imediato, prestando socorro aos atropelados. Aluizio esqueceu, no meio da agonia que sentia e que gerou, de puxar o freio de mão, desesperado para se evadir logo do local. O jogador de futsal e folião Myko entrou no ônibus. Quase foi linchado pelos populares, quando foi confundido com o motorista que naquele momento já não podia frear mais as suas pernas também ou olhar muito para trás. Com certeza, teria morrido esfolado se lá ficasse para tentar ao menos dialogar para prestar algum socorro às vítimas. Mas logo apontaram para Myko como um conhecido bem intencionado, uma figura heroica. E assim ele pode se salvar e salvar mais alguns. Estava feliz pelo seu ato de bravura que poupou mais vidas. Por dentro, estava tão destruído quanto o ônibus sucateado pelos choques e pedradas pelo que acabara de viver, apesar de se sentir feliz por ter amenizado a situação.

Quando acordou, no dia seguinte, já em casa, Murilo estranhou a movimentação de pessoas em sua casa e a quantidade delas que vinham até o seu quarto. Aquilo não era algo muito comum. Ele tinha consciência de que algo tinha acontecido a ele enquanto festejava no bloco pois estava com ferimentos e o braço fraturado. Mas não sabia exatamente o quê. Soube que foi socorrido por João Henrique Lins Bahia, pela prima de Simone Banhos Claudia Banhos Sanches,

Walmir e Charles. Revendo os seus pertences, sentia a falta de oito mil cruzeiros, pois até nessas horas alguém está pensando em se dar bem e se aproveitar da situação. Viu que seu tênis estava totalmente comido de um lado. Logo percebeu que foi arrastado.

Chamou um amigo de lado e fez um pedido:

— Vai até a banca de revistas e compra um jornal para mim.

— Mas Murilo...

— Vai!

Quando Murilo se deparou com a capa do jornal, ficou estarrecido. Quando leu que tinha perdido dois de seus queridos amigos, Simone e Dinarte, ficou desolado. Alguns pinos colocaram os seus ossos no lugar, mas não conseguiu consertar a parte de si que foi quebrada ao saber da tragédia. Foi veranear para pôr, além de pinos alguns dias depois, a cabeça no lugar. Era o primeiro dia do resto de sua vida.

Murilo é consciente de que do chão não passou. Mas sabe que poderia estar enterrado a sete palmos abaixo. Quanto à sua vida, a ama como ama festejar e se divertir. É uma maneira de agradecer a Deus a segunda chance que ganhou e tantos outros não tiveram, inclusive seus amigos de outrora. Como canta Geraldo Azevedo: *“Dona da minha cabeça, ela vem como um carnaval/ E toda paixão recomeça/ Ela é bonita, é demais”*.

O carnaval de Natal também foi uma das vítimas, atropelado, e em coma induzido. O saldo foi de 14 mortes imediatas e outros tantos feridos com escoriações leves ou graves traumas nos ossos. Traumas psicológicos.

CAPÍTULO 6: FOI UM RIO QUE PASSOU EM MINHA VIDA

Quanto riso, oh, quanta alegria!

Mais de mil palhaços no salão

Arlequim está chorando

Pelo amor da Colombina

No meio da multidão

(Máscara negra – Zé Kétil Pereira Mattos)

O BLOCO DOS “QUASE”

Quem presenciou não esquece, mesmo que a memória falhe após quatro décadas. Principalmente quando se safou e por muito pouco, poderia ter o seu nome na lista de vítimas, como foi o caso de Josemar Alves, salvo pela prudência de não cair imediatamente na folia. Ele frequentava o bloco Puxa-Saco e quis acompanhá-lo na sua primeira grande festa nas ruas, fora dos limites dos clubes de elite. Soube da sua passagem quando se encontrava em um barzinho, se divertindo na companhia dos amigos. Se empolgou ao ver o bloco nas proximidades da sua casa e decidiu o seguir a partir do Baldo. Foi para a traseira da banda. O lapso de consciência o fez ter a ideia de primeiramente ir em casa para usar o banheiro, trocar de roupa, se preparar devidamente para seguir o seu roteiro pois a noite parecia prometer. Subiu a ladeira da avenida Rio Branco e planejava se somar a ele novamente na altura de sua subida. Ao subir a ladeira, próximo à rua Apodi, ouviu gritos e olhou para trás, assustado. Ninguém sabia ao certo o que realmente tinha acontecido.

O massacre de frequentadores do bloco, mais precisamente a banda, já havia acontecido no pé da ladeira. Voltou correndo para compreender melhor o que realmente aconteceu. Correu em direção contrária há muitos que fugiam do local em completa sangria desatada. Ele desceu a Rio Branco. Eles corriam em direção ao centro, subiam a Rio Branco em sua direção, no sentido oposto. Antes

de chegar lá, esbarrou, trombou em muitos que corriam sem nem querer olhar para trás. No contrafluxo, vinham os curiosos que moravam nas proximidades e até quem morava em locais mais afastados para serem testemunhas oculares da desgraça histórica. Josemar e tantos outros, deram de cara com os mortos e feridos espalhados pelo chão desde lá de cima. Ele não quis se aproximar muito para ver os corpos. E mesmo que tenha tentado dar uma espiada, o bando que veio em sua direção não permitia.

A seguir, o ônibus voltou, descendo de ré a ladeira e ferindo mais ainda os acidentados, provocando a morte de alguns que ainda respiravam vivos ou tentavam socorrer os amigos, companheiros e quem mais pudessem salvar a partir da solidariedade de quem reagiu agindo. Ele acredita que muitos dos atingidos receberam o seu golpe pesado de misericórdia nesse momento e vieram a óbito, em questão de menos de cinco minutos. Vitimou mais pessoas de ré do que na colisão frontal com a multidão. Se for levado em consideração o seu peso. Eram quase cem integrantes da Malandros do Samba.

Josemar acompanhou o tumulto que se formou. Continuou lá para ver o trabalho dos bombeiros lavando o asfalto da avenida tomada pelo sangue. Todos dão ênfase a grande quantidade de sangue que descia da ladeira juntamente com a água das mangueiras. O sangue que escorria se misturava, independente do fator, classe, credo, cor da pele; se vertendo em um sangue só: o das vítimas mortas e feridas. Muitos gritos eram dados ao mesmo tempo e se confundiam, fossem de horror ou de dor. Uníssonos, divergentes. Polifonia do desespero. Berreiro tom de rebu, como o sangue. Cacofonia do escarcéu aberto ao céu. Era como na parábola bíblica da torre de Babel em que muitos falavam de maneira eloquente, balbuciavam algo, mas ninguém se entendia, gerando uma grande confusão de línguas. E quem achar que estou sendo com as palavras prolixo, é para tentar expressar o inexpressível.

Todos gritavam. Ele estima que mais de cem pessoas faziam coro para a gritaria. Uma sinfonia em notas agudas, regida pelo medo e pelo susto. E os que não conseguiram expor o seu terror, ficaram atônitas em estado de choque, sem ainda acreditar no que havia ocorrido. O motorista já tinha tomado o seu chá de sumiço. Os meses se passaram e Josemar não conseguia tirar da mente o que viu. Como tantos outros, uma vasta maioria.

Um dos diretores e principal organizador do bloco, Dickson dançava como se não houvesse amanhã. Pare ele haveria amanhã. De repente, uma mulher que aparentava em média uns 25 anos e que estranhamente vestia uma fantasia que não era típica da cidade saiu o arrastando pela avenida Rio Branco acima. Poderia estar fantasiada de anjo-da-guarda. Do nada, a banda desafinou, se calou, Dickson começou a ouvir o barulho dos instrumentos se desmantelarem e dos corpos serem atropelados. Assim que virou a cabeça para trás, alertado pelo ex-colega da boate *La Prision* Ângelo Burrão, que dançava com uma outra menina, para conferir o que tinha acontecido. Viu o ônibus terminar o seu trajeto por dentre o bloco. Viu Simone no chão. O corpo dela caiu próximo a ele. Ele a pegou no colo, tomou o primeiro táxi que viu e saíram pela direita da rua Major Milton Leite, pois pelo Baldo, devido ao que tinha acabado de acontecer, não havia como passar. A histeria obstruía a via. E o ônibus parado em diagonal também. Ao chegarem no hospital, que até então estava tranquilo naquele dia, Dickson a colocou em cima da primeira maca que os seus olhos enxergaram. O médico de plantão perguntou o que tinha ocorrido. Imaginou o que estaria por vir naquela madrugada. Verificou o pulso de Simone. Deu a notícia que Dickson não queria ouvir:

— A sua amiga está morta

Dickson caiu em choro e desespero. Procurou um orelhão e ligou para a sua mãe:

— Mamãe, se prepare, pois é disso para pior.

O tocador de surdo de percussão Abel Rodrigues dos Santos era inspetor da Escola Floriano Cavalcanti e atribui à bebida o fato de ter escapado da morte. Nem ele, nem o seu irmão mais velho Passinho, tocador de sax alto e também o seu primo Joel, tocador de tarol compareceram para tocar na farra do bloco Puxa-saco. Trabalhou durante toda a noite no colégio e decidiu dormir por lá mesmo para de manhã passar no quartel e assinar o contrato para ser um dos músicos que tocariam na prévia carnavalesca, juntamente com o irmão. Logo após a assinatura, revirou o bolso e percebeu que ainda tinha alguns trocados e seguiu para a praça Augusto Leite. Tomou um dos seus costumeiros porres, chegou em

casa na noite da sexta-feira, aos tropeços, mais para aqui do que para lá. Se jogou debaixo do chuveiro e tomou um banho. Jantou, ligou o rádio e jogou o seu corpo na cama, caindo de encontro ao sono. Desmaiou alcoolizado e não foi para a tocata.

— Foi um milagre de Deus — diz ele.

O seu primo Joel estava na Praça das Flores, em Petrópolis, quando ouviu o burburinho e soube do que se tratava. Correu para a casa do primo Abel. Já era madrugada, passava da meia-noite. Ao chegar, chamou pelo seu nome mas Abel estava completamente apagado. Chamou então a sua esposa e pediu ajuda para acordá-lo. Estava nervoso. Abel acordou com a trágica notícia e por curiosidade, saiu com o primo para irem ver a chegada dos corpos ao ITEP, no bairro da Ribeira, depois de uma passada pelo local do acidente. Mas Abel bebeu todo o dinheiro que lhe restava na carteira e não tinha sequer uma moeda no bolso. O primo pagou um táxi, pego em frente ao hospital Ruy Pereira. Ao chegarem em frente ao ITEP, o Instituto Técnico-Científico de Perícia, também estava de chegada um rabeção da funerária São Francisco das Chagas trazendo um dos cadáveres. Segundo ele, o de Jethe Nunes de Oliveira, que substituiu o seu irmão. Era para Passinho estar no seu lugar, dentro do carro da mortuária. Ele e o primo carregaram o corpo.

Neném, o motorista da mortuária o fez um pedido:

— Eu queria que você fosse comigo agora por trás do mercado da Avenida 4 (bairro Alecrim) para pegarmos a minha esposa. Ela é enfermeira e vai entrar de plantão agora, e vamos para o Walfredo Gurgel para ver se você consegue reconhecer alguém. Me ajuda?

Os operários da saúde potiguar tinham pressa. Os mortos e feridos já tinham começado a dar entrada nos hospitais da cidade. Cada segundo era uma gota de sangue.

Abel aceitou o convite para o ajudar na missão de identificar corpos. Ao chegarem no maior hospital de Natal e na época o maior do Rio Grande do Norte, subiram a rampa que dava acesso ao hospital. Viu o sargento Campos sentado em uma cadeira de rodas. Por causa da superlotação, faltava espaço para os feridos serem acomodados. Gemia tanto quanto uma cuíca.

— Campos, tenha fé em Deus e você vai ficar bom. Ele vai manter a sua vida — falou Abel ao tenente que não podia nem ao menos falar.

Deu de cara com o diretor do hospital Luiz Gonzaga Bulhões ao descer para o necrotério do hospital para o reconhecimento extraoficial, de um curioso

ajudante de um funcionário funerário. Não esconde o horror que sentiu ainda hoje.

— Ai, meu filho! Lá foi de cortar o coração. Era uns por cima dos outros. Não tinha quem contasse.

De lá, entrou em uma Kombi da Universidade Federal que estava estacionada no hospital e ainda partiu para as casas dos parentes de uma das vítimas. O motorista parou distante da porta da casa para não criar pânico. Ao chegar na residência, chamou por Seu Pedro para saber se o seu genro Murilo também tinha ido tocar. O grande baterista natalense também faleceu. Não queria ter que fazer aquilo às 03h00 da manhã para avisar a sua esposa em sua casa, na rua Teófilo Brandão, ao lado do Mercado de Petrópolis. Então achou mais prudente ir para a casa do sogro dele, na rua Tuiuti, nas proximidades.

— Seu Pedro, Seu Pedro!

— Quem é?

— É Abel, Seu Pedro. Filho do sargento Agrício.

Ele saiu e chegou na porta. Abriu a sua janela apenas de calção. Abel perguntou:

— Seu Pedro, me diga uma coisa. Murilo foi tocar nessa noite?

— Sim.

— O Murilo está morto — falou ele depois segundo Abel, como se tivesse recebido um sinal do além, uma entidade. Abel jura que não estava mais de porre e que apesar da sua memória falha por causa dos neurônios perdidos com o vício, foi exatamente isso que aconteceu. O jornalista dá a cada fonte a oportunidade e o direito de contar a sua versão dos fatos.

O sogro de Murilo veio ao chão misteriosamente após falar isso, assim como a sua esposa, que veio correndo do quarto para saber o que tinha acontecido. Parecia que ele já tinha recebido um pressentimento, uma anunciação como diz Abel. A cunhada de Murilo entrou na Kombi. Foram buscar na rua Atalaia, em Mãe Luíza, a irmã de Tiago, porteiro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, um tocador de pandeiro, que também foi vitimado e faleceu. Voltaram ao hospital para que ela fizesse o reconhecimento do corpo. O plantão funerário de Abel continuava. Um portador de más notícias, um corvo que anunciava mortes. Se tratando do Nordeste, uma rasga mortalha.

De tanto mal estar, passou de 15 a 20 dias sem pôr os pés na escola para trabalhar. Eram todos seus amigos.

Hoje, se orgulha por ter deixado a bebida e estar sóbrio há 30 anos. Por ser membro do AA, o Alcoólicos Anônimos. A sua saudosa mãe lhe pedia para largar o vício na malvada. O alcoolismo salvou a sua vida naquele dia, por ironia do destino. O Alcoólicos Anônimos o salvou do seu vício. Com mais de 70 anos, consegue se manter de pé. Não sabe como conseguiu naquela madrugada.

No carnaval de 1984, Caio era frentista de um posto de gasolina localizado na avenida Alexandrino de Alencar. Na madrugada do dia 24 de fevereiro, estava em uma festa e só chegou em casa ao amanhecer do dia. Mesmo se sentindo cansado de toda a farra, Carlos planejava virar mais uma noite em claro no Bloco do Puxa-Saco. Ao chegar em casa, não teve tempo para descansar ou fazer algo a mais. Se vestiu apressadamente, comeu algo quase que engolindo o alimento, sem mastigar e movido pelo medo de chegar atrasado ao trabalho e perder o seu emprego. Trabalhou muito durante todo o dia 24 enchendo tanques de gasolina. Ao chegar em casa à noite, tirou o seu macacão que estava sujo de graxa e fedia a combustível, tomou um banho e estava prestes a se arrumar para partir rumo ao bloco. Mas foi vencido pelo cansaço. O seu corpo exaurido não aguentaria mais uma noite de folia depois de um dia tão desgastante. Pegou no sono, e quando acordou recebeu uma notícia que o deixou espantado. O primeiro pensamento que lhe veio à cabeça um pouco chocado ainda com o que acabara de saber foi: *“Poderia ter sido eu. Fui salvo pelo cansaço”*. O acaso do destino lhe proporcionou um grande alívio.

Marcos Antônio Rodrigues Alves era um estudante de 22 anos de idade. Saía do teatro Jesiel Figueiredo, por volta da meia-noite, quando ouviu o barulho sedutor da orquestra de frevo. Uma sereia que cantava, levando alguns para se afundar no seu mar de sangue. Resolveu ir ver de mais perto, e viu que era o bloco Puxa-Saco. Além de pessoas dançando de pés no chão, vários carros iam formando uma verdadeira carreata atrás dele. Estava acompanhado pelo amigo Cosme Capistrano. E mais outros de carro, que logo se misturou à carreata na folia. Ao chegarem próximo ao viaduto do Baldo, Marcos e Cosme resolveram descer do carro e ficaram no meio do bloco, misturados no meio do povo. O

amigo que dirigia, seguiu e se adiantou um pouco mais a frente. Cosme convidou Marcos para ir até o seu carro pegar um cigarro. Marcos resistiu e quis ficar no local. Mas Cosme insistiu tanto que ele resolveu ceder. E foi aí que o livramento aconteceu. Cosme, sem saber, salvaria a vida do amigo.

Quando se aproximaram do carro, notaram que a banda do nada parou de tocar. Assustados, olharam para trás e já se depararam com o ônibus em descontrole chegando perto de onde se encontravam. Parecia com o espetáculo que acabara de ver no teatro. Teatro dos horrores. Não conseguia acreditar no que via. Incrédulo, juntamente com os colegas, foram até o local para verem mais de perto o que tinha acontecido. Um quadro desolador. Marcos não teve condições psicológicas de olhar para os cadáveres. Após o ocorrido, um outro ônibus também da Guanabara passou, buzinou e nada aconteceu. Marcos ficou ainda mais assustado ao ouvir os disparos de arma de fogo.

Como canta Noel Rosa em *Minha viola*: “Aonde eu moro tem o Bloco dos Filantes/ Que quase que a todo instante/ Um cigarro vem filá/ E os danado vem bancando inteligente/ Diz que tão com dor de dente/ Que o cigarro faz passar”.

Oscarnobio Dias Fernanandes, autônomo de 35 anos, acompanhava o bloco por voltas das 00h50. O seguia como um grande devoto da folia naquela procissão profana desde o Bar da Nenzinha. E de passo em passo de frevo, ao chegar no início da subida da avenida Rio Branco, decidiu subir na calçada ao lado direito a pedido de uma garota sem sapatos com quem dançava.

— Esse asfalto está maltratando os meus pés, sobe aqui comigo!

Ouviu uns ruídos surdos de coisas caindo como se fossem sacos de cereais. Ao virar a nuca para ver o que acontecia, viu perfeitamente pessoas sendo atropeladas pelo ônibus que Aluízio dirigia. Alguns jogadas para a frente dele e depois esmagadas por suas rodas; outras lateralmente sob o forte impacto que o veículo causava. Sem reação, Oscarnobio não soube o que fazer por alguns segundos. Ficou petrificado pela Medusa do horror. Quis não ter olhado em seus olhos. Foi quando deu por si, e resolveu começar a ajudar como era possível as pessoas que estavam prostradas ali no solo. Ao perceber que algumas pessoas tomavam a iniciativa de apedrejar o ônibus parado na subida, correu até lá para pedir ajuda aos gritos:

— Deixem disso! Se ocupem em ajudar quem realmente precisa. Tem um monte de pessoas feridas lá embaixo.

Em poucos minutos, o socorro policial chegou e completou o atendimento. Oscarnobio tomou um táxi e voltou para a sua residência. Eles agora estavam em boas mãos. Ao passar no carro, viu um homem correr insanamente pela avenida, em direção ao Centro da cidade.

José Jurandir Pereira, de 44 anos, era militar ativo da reserva. Um dos músicos da banda, fazia a trilha sonora do bloco que se esbaldava na folia. Nos dias de folga, costumava fazer biscates como músico. Era percussionista de surdo. Mas não o estava quando ouviu o barulho do ônibus atropelar seus colegas, apesar de não ter visto o ônibus vir em direção a eles. A orquestra se encontrava exatamente debaixo do viaduto. Foi pego de surpresa e apenas notou o surdo ser arrancado das suas mãos e arremessado ao chão. José também foi ao chão como o seu instrumento, ficou atordoado por um instante e quando se levantou logo tratou de ir socorrer os colegas que estavam caídos no chão, sem conseguir ter a mesma sorte de levantar. Alguns, só se levantariam dali para o além, pois percebeu que era inútil prestar qualquer ajuda: já estavam sem vida. Permaneceu no local durante uns quinze minutos, ajudando os colegas. Passou mal e também teve que ser levado ao hospital. Ao chegar no Walfredo Gurgel, já um caos, lotado e com funcionários correndo para todos os lados, foi medicado. Sem traumas, mas traumatizado. Assim que recebeu alta, minutos depois do atendimento, voltou para casa. Não queria que seus familiares ficassem preocupados.

Quando você sai de casa, volta mais tarde, ou já é tarde? Nunca se sabe.

Francisco de Lima também fazia parte da banda contratada pela Emproturn por quatorze mil cruzeiros, que mesclava os seus com os da BandaGália. O 1º Sargento da Polícia Militar de 39 anos. Ao iniciar a subida na Rio Branco, que logo viraria rio vermelho, ouviu uma “estaladeira”, e logo foi jogado pelo ônibus para cima da calçada, do lado direito, acertado pelo corpo de

alguém que foi atropelado. Aturdido pelo impacto, voltou-se para o local onde estava e presenciou um quadro tétrico, medonho. Uns colegas agonizando, outros sem vida, e muitos componentes do bloco feridos. Quando prestava os socorros e colhia alguns corpos para tirá-los do meio da avenida, notou que o ônibus vinha em sua direção, de ré. Uma pessoa entrou nele e o brecou.

Após socorrer os amigos, começou desolado a recolher os instrumentos completamente despedaçados como ele estava ao ver amigos morrendo. Voltou para casa para tranquilizar a família, antes que a má notícia chegasse por lá. Notícia ruim corre rápido como corria Aluízio.

Joana D'arc de Sales era uma atendente de 24 anos. Na noite em que o Pierrô chorou em Natal, se juntou ao irmão João Batista de Sales e se dirigiram para o bairro do Alecrim. Acontecia um desfile de escolas de samba. Ao chegar próximo à Rádio Trairi, se juntou ao bloco Puxa-saco.

Depois de passar pelo Bar da Nenzinha e realizar a sua fantasia de ser uma assaltante, seguiu para o Viaduto do Baldo com ele. Joana dançava como se as suas pernas não tivessem freio. De repente, notou que não era apenas ela que estava desenfreada. Olhou para trás e viu um ônibus em alta velocidade vir em sua direção, ainda na altura do sindicato dos motoristas. Estava no meio da subida. Em um ato instintivo para salvar a sua vida, começou a empurrar as pessoas que estavam perto dela para sair da rua. Dois segundos depois, o ônibus passou exatamente onde estava, e alguns empurrados que não tiveram a mesma sorte foram vítimas de uma verdadeira chacina pelo ônibus *serial killer*.

Joana ficou desesperada começou a procurar pelo irmão. Correu para um lado e para o outro, e deu de cara com o irmão desmaiado no chão. De imediato, completamente abalada, tratou de socorrê-lo e o levou para o pronto-socorro do hospital. João foi atingido na face e na perna direita. Após João passar por uma pequena cirurgia na perna, foi transferido para o Santa Luzia (Itorn), um hospital privado especializado em traumas. Queria tirá-lo daquelas péssimas condições de atendimento. Foi medicado e atendido, tendo a perna sido engessada. Apenas acordou quando já estava sendo atendido no hospital. Lá também estavam João Sales, de 15 anos; e Ana Fernandes, que continuaram internados por dias com escoriações e fraturas generalizadas por todo o corpo.

Raimundo Nonato de Oliveira tinha 35 anos e era marceneiro. Nos primeiros dias do mês de fevereiro, recebeu um convite para tocar na banda de Francisco Nobrega Maia, o maestro Mainha. O componente da Banda Gália saiu de casa por volta das 19h00 daquela sexta-feira. Além de projetar móveis com madeira bruta, também projetava notas musicais a partir dos seus sopros em seu saxofone alto da marca Mi Bemol, instrumento que dominava a música dos anos 1980 nas paradas de sucesso. Mãos calejadas e caixa torácica também. Caixa torácica que foi machucada quando o ônibus o acertou em cheio. Caiu no chão.

Não percebeu o ônibus se aproximar porque estava de costas para ele e não notou a luz dos faróis devido à grande quantidade de pessoas aos seu redor. Fez todo o esforço que pôde para se levantar. Conseguiu se mover e viu vários colegas caídos ao chão quando sua visão turva retornou a ver com mais nitidez. Pareciam que estavam já mortos. Foi levado ao hospital por uma guarnição da polícia mas não sabia identificar o seu comandante nem tampouco quem dirigia a viatura de maneira veloz.

Enquanto isso, Miguel Arcangelo de Sousa, trombonista de 32 anos, foi acertado na nuca e caiu no chão sem sentidos. Ao recobrar a consciência, achou que algum pedaço do viaduto tinha desabado sobre si. Foi visto por um colega da Polícia Militar que o levou para o hospital também. Sofreu ferimentos nos braços, pernas e na cabeça.

Ao chegar no Walfredo Gurgel, o deixaram à míngua, praticamente abandonado. Os médicos estavam dando prioridade aos casos de maior gravidade. Sofreu todo o impacto sobre o braço direito e tendo uma costela quebrada, assim como a escápula. Se isso não era um quadro de gravidade, imagine os que estavam mais gravemente feridos. Foi submetido a exames. Como o seu quadro não inspirava maiores cuidados, foi liberado para se recuperar em casa por volta das 03h00 da madrugada. Uma outra viatura o levou até ela. Miguel pegou pontos em algumas parte do corpo.

Um integrante do bloco também tinha dado entrada lá. O bombeiro hidráulico de 29 anos que não sabia ler e apenas assinava o seu nome Pedro Bento rodrigues, passou quatorze dias internado. Bateu com a cabeça no chão e sofreu fraturas no braço esquerdo e na perna direita, além de vários cortes nas costas. Ainda se encontrava em tratamento médico quando depôs.

Como diz a marchinha do Silvio Santos *Marcha do cachorro*: “*Socorro, Socorro/ Ai, ai, eu morro/ Chegou a vez do osso morder o cachorro...*”

Verônica Guedes de Paiva, de 21 anos, era estudante de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Logo após o término das aulas, por volta das 22h00, pegou um ônibus para sair do campus universitário e voltava para casa quando viu o bloco animado na rua em frente à agência do Banco do Brasil no Alecrim. Pretendia brincar nele durante toda a temporada de carnaval de 1984. Já ia na intenção de ir pegar o irmão Claudio Roberto de Paiva, na casa da sua avó, na avenida Deodoro da Fonseca, pois tinha combinado de pular nele até o sol raiar. Ao chegar na casa da matriarca, encontrou a amiga Ana Maria Guerra. Convidou a amiga que não pensou muito e logo se prontificou para acompanhá-la também. A juventude estava com fogo no rabo, como dizem no popular. Foram para o local onde o bloco estava, no Alecrim. Ana logo desanimou e resolveu voltar pra casa.

Quando Verônica e o irmão chegaram debaixo do Viaduto do Baldo, fizeram uma parada juntamente com o bloco. Quando olhou para trás, o ônibus já estava em cima dela e não deu tempo para mais nada. Verônica que estudava para ensinar o “b-a, ba” teve que aprender em uma fração de segundos a safar a sua pele literalmente. Não conseguiu aprender a lição. Foi atropelada e nocauteada ao chão. Quebrou a clavícula esquerda e sofreu escoriações por todo o seu corpo de menina-mulher. Ainda estava deitada no chão quando ouviu disparos de revólver e viu um rapaz em pé, de braços cruzados. Ela se levantou com muito esforço e pediu socorro. O rapaz negro. O grosseiro e insensível a jogou para um casal, que a levou para sua casa a seu pedido o que tinha acontecido aos seus pais. De lá, a levaram ao hospital. Foi operada e passou o domingo seguinte hospitalizada.

E o Pierrô entristecido continuava cantando para a Colombina reluzente dos trópicos, sentada em frente ao seu espelho refletindo a beleza de seu vestido azul cor de oceano, silhueta saliente formada por dunas, e penteando o seu cabelo de cor verde Rio Potengi, maquiagem cor de pôr do sol em Ponta Negra, onde a América católica, a do Sul, faz a curva: *Táí, eu fiz tudo pra você gostar de mim/ Oh! meu bem, não faz assim comigo não! / Você tem, você tem que me dar seu coração!*

Carlos Neto trabalhava como assistente no departamento comercial da Rádio Trairi. Mas fazia um *freela* de vez em quando como repórter em coberturas extras, de eventos excepcionais como o carnaval e as eleições.

A primeira parada para cumprir com o seu papel designado naquela noite foi no Restaurante da Nenzinha, atrás da escola Instituto Padre Miguelinho, Coronel Estevam, onde o bloco Puxa-saco ia realizar o seu primeiro assalto. Na Avenida 9, já que todas as avenidas do Alecrim têm números como nomes. Carlos ia fazer uma entrada ao vivo através do telefone do bar na Trairi. Se encaminhou depois junto com ele para a região do Baldo.

Carlos pulava no meio da folia desmedida ao lado de Dinarte Neto e da banda, embaixo do viaduto, quando o seu amigo Roberto Alves, filho do famoso e poderoso jornalista João Maria Alves, o convidou para subir a ladeira e ir até o bar que ficava na próxima esquina, pegar uma loira gelada para matar a sede. Carlos também ia aproveitar para ligar para a rádio Trairi e fazer o próximo *flash* ao vivo de lá. Decidiram passar à frente do bloco e esperá-lo no bar localizado no cruzamento da avenida Rio Branco com a rua Apodi. Seria o ponto para o próximo assalto do bloco. Ao chegarem no estabelecimento para o reabastecimento de suas energias, Carlos pediu a cerveja. Esperou o garçom pegá-la, já na expectativa de voltar para o bloco. Com a garrafa em mãos, ouviu um barulho estrondoso de algo se chocando. Saiu do bar e deu de cara com um cenário de horror e catástrofe. Pessoas caídas, sangue para todos os lados e gritos incontroláveis que tomavam conta de toda a subida da avenida. “Salvo por uma cerveja”, pensou Carlos. A folia, não só para ele como para tantos outros milhares de pessoas, acabou ali. A cerveja ficou quente. Carlos já não sentia mais vontade de beber. Na verdade, nada mais passava na sua garganta depois da cena dramática que presenciou.

Passou a mão no telefone do bar e ligou para a rádio, que já esperava a sua participação. O que não esperavam é que ao invés de mais um informe cheio de alegria, a voz de Carlos que denotava agonia, faria com que uma outra notícia fosse dada. A desgraça estava armada. Ligou também para a equipe do Diário de Natal, jornal dirigido pelo pai do amigo. O porta-voz de notícias trágicas falou ao telefone:

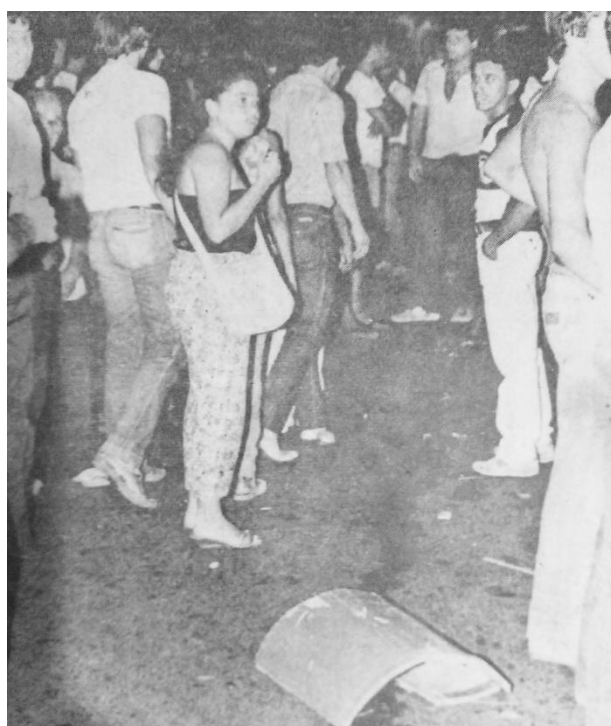
— Pessoal, acabou o carnaval. Todo mundo venha para o Baldo. Aconteceu um desastre horrível.

A equipe que estava na Presidente Bandeira cobrindo o desfile das escolas de samba, que ainda acontecia naquele momento, se deslocou para lá. Carlos desceu a ladeira correndo tanto quanto os pés podiam se mover, aquecidos pelos passos de antes. No sentido contrário do ônibus que já tinha freado. Viu o irmão Jânio Vidal mexendo entre os corpos, entre o povo, procurando o cadáver do irmão. Ele e Ricardo Rosado tinham a convicção que Carlos tinha sido acertado em cheio pelo ônibus dirigido por Aluizio. Quando ele chegou até Jânio, o irmão não se conteve e o abraçou com força e alívio. Primeiro os músculos do braço tensionaram, depois relaxaram. Choraram juntos.

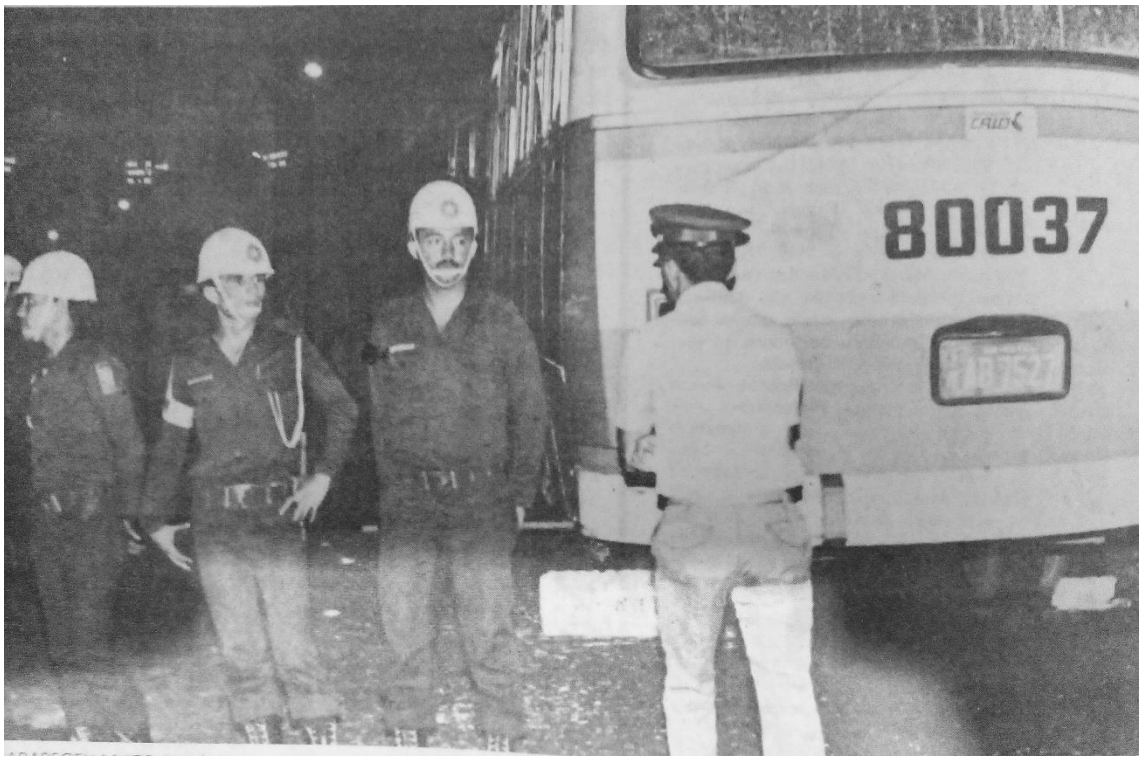
Jânio se preocupou em tirar o irmão daquele cenário de terror. Ao chegarem no cruzamento das avenidas Alexandrino de Alencar e Hermes da Fonseca, se depararam com uma Kombi de rodas pro ar, um corpo jogado no asfalto enrolado por um lençol branco, e um fusca acidentado. Saíram de uma cena de terror e entraram em outra. Que pupilas azaradas.

Ao chegar em casa, Carlos conversou um pouco com o irmão para tentar se acalmar, ainda repercutindo o que acabara de acontecer, sem acreditar. Foi deitar e tentar ser levado pelos braços de Morfeu. Fechar os olhos para pelo menos ter o privilégio de acordar depois do livramento que recebeu. Rolou para um lado, para o outro. A boa notícia dentre tantas ruins é que não era de machucado. Mas estava atordoado como se também tivesse sido acertado. Não conseguiu dormir. Aquelas imagens rodopiavam na sua cabeça, os gritos ecoavam, os nervos ainda afloravam.

Como cantava Vinicius de Moraes em *Canto de Ossanha*: “Amigo sinhô Saravá/ Xangô me mandou lhe dizer/ Se é canto de Ossanha não vá / Que muito vai se arrepender.









Imagens do local após o trágico acidente da madrugada de 25 de fevereiro de 1984 (Fotos: Jornal A República/ Reprodução; Arquivo do Estado do Rio Grande do Norte/ Emerson Amaral)

A CHARANGA DO RIO ESCALARTE

Blen, blen, bleeeeeeeeeeeeeennnnn...Soou desesperado o gongo no pátio do quartel do Corpo de Bombeiros, digno de um grito de socorro por volta de 01h00 da madrugada. O barulho se espalhou por todas as dependências do local e logo a correria dos bombeiros se instalou. A central de atendimento recebeu pelo 193 uma denúncia de uma pessoa aflita e que mal conseguia descrever o que tinha acabado de presenciar. Os populares tinham ligado para a corporação de plantão pedindo ajuda. Um acidente acabara de acontecer para as bandas do viaduto do Baldo. Um ônibus tinha atropelado um bloco de carnaval. O Coronel Gervásio deu ordem para que tocassem o alarme sonoro no interior do quartel. Logo em seguida, as guarnições começaram a se equipar e embarcaram na viatura.

O trem do Corpo de Bombeiros rasgava a brisa da noite velozmente, rumo ao local da tragédia. A intensidade da sirene chegava a 120 decibéis, o que é mais alto que um show de rock. Seria um show de uma banda de frevo mais alto, a ponto de ser tão bruscamente silenciado? Os gritos estridentes deram lugar ao espetáculo da fanfarra e um show de metal começou. Os metais da banda já tinham cessado a sua apresentação. Alguns, nunca mais voltariam a ser tocados. O vil ônibus como uma serra cortou o metal.

Na verdade, estavam a caminho de um show de horrores cujo o ingresso era de graça, e a corporação já ensaiava para entrar no palco como a atração de encerramento. A princípio, não tinham a menor ideia do que iam encontrar. A única informação que tinham era que o ônibus tinha passado por cima de várias pessoas do Puxa-saco. Começaram durante o percurso a traçar com destreza o planejamento de emergência para decidir o que seria feito no local. Mas bombeiros estão acostumados a chegar na cena em que vão entrar em ação e encontrar surpresas para além do que imaginam. Estão preparados para imprevistos. São os socorristas do que vem ao acaso. Seja chama, seja lama, seja um cachorro em apuros, seja um desabamento de muros.

Ao chegarem ao Baldo, Gervásio e sua equipe começaram a se inteirar do ocorrido. De cara se depararam com várias pessoas caídas ao longo da subida da avenida Rio Branco. O sofrimento era em ordem crescente, de baixo para cima. Estiradas ao longo da via, umas estavam feridas pedindo por socorro, e outras já sem suspiros de vida. Dentre as falecidas, Gervásio conseguiu identificar de pronto seis sargentos da Polícia Militar. O ônibus já estava estacionado, e alguns

pulsos verificados. Foi feito o isolamento da área, e as pessoas que necessitavam de socorro foram levadas tanto por bombeiros quanto pela Polícia Militar ao Walfredo Gurgel. Não existiam ambulâncias do serviço móvel de urgência naquela época. Levavam da maneira que dava. Alguns em carros de amigos e pessoas presentes no local que se solidarizavam, outras de táxi, outras nas viaturas e kombis que chegavam a todo instante no local. Alguns em estado muito grave foram levadas ao hospital mas não resistiram devido às múltiplas fraturas sofridas. Alguns bombeiros chegaram a doar sangue no local às vítimas.

O ônibus da Guanabara foi rebocado totalmente depredado e aos frangalhos para o pátio do quartel, onde ficou por vários dias seguidos sendo periciado, até ser entregue à empresa proprietária. Após algumas vítimas serem resgatadas e levadas ao hospital, juntamente com alguns corpos que foram para lá, e outros que foram diretamente para o ITEP, o trabalho duro começou para amolecer o sangue que coagulou e se entranhou na pista. Além de muito sangue, havia óleo solto pelo ônibus, o que poderia ter dado uma dimensão maior à tragédia se houvesse algum incêndio, de repente causado por um descuido que fumava compulsivamente para aliviar o nervosismo deixasse cair o seu cigarro, ou até mesmo causando uma explosão no veículo por causa do vazamento. Cacos de vidro, calçados, os mais variados pertences deixados para trás na tentativa de saírem da rota de colisão do ônibus desgovernado.

Ligaram a mangueira, e logo a água começou a jorrar, a descer a avenida, e um rio escarlate a brotar de seu nascedouro, poças vermelho carmim a se formar. Logo a água que descia formou uma correnteza vermelha. Lavava e levava consigo a vida daqueles que viram o seu frevo fogão se apagar. Um trabalho penoso e muito triste. Dos olhos dos bombeiros também rolavam as águas salgadas dos prantos. Levavam o suor e o cansaço e se misturava à água que ia serpenteando para não voltar, até secar, evaporar. Até hoje, para alguns, as águas de seus olhos não secaram, e precisam sempre ser enxutas ao falar de seus entes queridos. No asfalto da vida, apenas as pegadas sofridas de quem segue em frente ficam. Quem cai, fica para trás. Estende a mão gritando por socorro como aquelas pobres vítimas vendo a sua vida ladeira a baixo descer, mas nem sempre contam com alguém por perto para socorrer.

Logo, receberam um novo chamado. Uma Kombi que transportava uma das vítimas para o Walfredo Gurgel tinha capotado entre Alexandrino de Alencar e Hermes da Fonseca, na frente do antigo hotel Tirol.

O trabalho se estendeu até quase o amanhecer do dia, quando naquele horário já deveria estar quase se dispersando na praia, à luz do sol nascente, o bloco e sua alegria.

— Foi uma verdadeira noite de terror. O clamor era geral dos familiares querendo saber notícias das pessoas que estavam ali — comentou Gervásio.

Perguntei a Gervásio se o bloco tinha permissão legal para sair pelas ruas:

— O bloco participou da prévia. Ao término resolveu sair desfilando pelas ruas, não tinha alvará como nenhum outro tinha, pois não existia legislação que regulasse isso. O acidente seria evitado se houvesse a dispersão no local do evento.

Perguntei também sobre o estado em que o ônibus se encontrava e a opinião dele sobre o dolo do motorista. A sua intenção de praticar ou não um assassinato em massa:

— Quanto ao ônibus, aparentemente estava em bom estado de conservação, acredito que foi uma fatalidade que não foi culpa isoladamente do motorista, mas um somatório de negligências.

Agradei pela entrevista. Ele respondeu:

— Você me fez recordar dos bons tempos em que frequentei o curso de Jornalismo.

Como canta Gal Costa na marchinha *Pegando fogo*: “Mande chamar o bombeiro/ Pra esse fogo, apagar/ Se ele não vem ligeiro/ Nem cinzas, vai encontrar”.

Parte de ocorrência do oficial chefe de posto, 2º Ten. Juvêncio do dia 24 para 25 Fev. 1984, ao Sr. major cont. do R. - Baur.

I - OCORRÊNCIA ORDINÁRIA

- 1- Parada sem alterações
- 2- Revista " "
- 3- Ronda " "
- 4- Roubos " "
- 5- Ojeira " "
- 6- Sítio " "
- 7- Baixina " "

II - MOVIMENTO DE VEÍCULOS

PLAT	DEST	HORARIO	HODOMETRO	DESTINO
ABZ	Edmundo	10:55 12:00	x	x prevenção
AT-1	Laurênio	10:55 12:00	x	x " "
"	"	18:15 19:10	x	x Fogo no moto
ABZ	Edmundo	00:10 02:25	x	x acidente
AT-1	Laurênio	" "	x	x " "
"	"	06:07 08:09	x	x abast. CFAP
A E	Cosmo	10:55 12:00	x	x prevenção
"	"	00:50 02:25	x	x acidente

III - APRESENTAÇÃO DE PREGÃO
sem alterações

IV - OCORRÊNCIA NORMAL

a) - SERVIÇO DE PREVENÇÃO

Participo que, às 10:55 hrs do dia 24 Fev. 84, atendi uma deste corpo com o teor de combater a incêndio, até a av. Juruqueia às 5/4

para fulminar ao referido acidente.

Após o trabalho, a Gu regressou ao CBM, às 22:30 Hs. sem alterações.

e) prestação de socorro a vítimas

Participo Gu, às 00:50 Hs. do dia 26 Fev. 84, desloquei-me do CB, com o trem de combate a incêndio, até as proximidades do acidente, no Rio Branco no Sudo, a fim de atender a uma solicitação feita através do Copom.

Chegando ao local, deparei-me com um grande acidente de trânsito em que o ônibus nº: 80037 placa nº: AB 7527 - RN Natal, da Empresa Guarna Loma havia atropelado a um bloco carnavalesco e acidentado fatalmente vários componentes. De imediato fizemos o isolamento do local com cordões amarelos e o ISEP retirava os cadáveres ainda existentes; E aplicamos uma lavagem do sangue das vítimas no local.

Em seguida desloquei-me até ao cruzamento da Av. Alex. de Alencar e/Av. Hermes da Fonseca, a fim de prestar os serviços de prevenção contra incêndio, dado o acidente ocorrido com a combi da pmc placa OF. 091, que capotou e provocou um derramamento de combustíveis.

Adiante que comparecer ao local, o sr. Cel. Cust. Gal. da pmc RN.

“SAÍAM DAQUI, SEUS URUBUS!”

Ao chegar ao local, juntamente com o repórter Givaldo Batista, ambos do jornal A República, João Maria Alves se deparou a poucos metros do viaduto com o sangue que escorria pela ladeira. Um verdadeiro lamaçal de hemoglobina que fedia e já estava se tornando empapada. Foi a primeira equipe jornalística a chegar na cena do acidente logo após o ocorrido. Se depararam com um rio de sangue, cor de lava que tudo arrasta com destruição, viu o amontoado de corpos após a praça Carlos Gomes, antiga Tamandaré. Alguns se debatendo, outros agonizando. Nas proximidades da rua Mermoz já era possível encontrar os primeiros corpos. Fotografou eles jogados pelo chão escorregadio de sangue e as reações dos que acompanhavam o bloco, ainda atordoados e transtornados com o que acabara de passar e de voltar de ré. Não foi uma experiência agradável para ele. Pessoas apenas choravam de nervosismo, chegando até mesmo a terem crises nervosas e serem contidas no clima de histeria que ainda tomava conta do local.

Os curiosos cercavam o ônibus e o fusca enquanto observavam os estragos causados. As pessoas estavam abaladas demais para reagirem e irem para as suas casas. Queriam acompanhar de perto o trabalho de enfermeiros, socorristas, jornalistas, bombeiros e policiais. Pessoas dos quatro cantos de Natal foram até o local para saciar a sua curiosidade mórbida ou prestar ajuda. Nada do que pudessem imaginar era condizente com o que viam. Indescritível.

O adjetivo “desolação” era insuficiente para descrever os olhares perdidos dos que viram o fim fatal da folia. Era um misto de dor com lamento. O carnaval nem tinha começado e aquelas centenas já decretavam o seu fim. Quanta tristeza. Em uma das fotos, um folião com o rosto pintado de Pierrô olhava com uma terrível feição de incredulidade para um corpo estirado na avenida. Era a metáfora para o personagem que estrela o subtítulo desse livro. Poderia ser uma tragédia grega ou italiana, mas era tupiniquim.

O fotógrafo Richardson Sant’Anna trabalhava para a Tribuna do Norte e foi convidado para fazer algumas fotos na prévia daquela noite. A semana tinha sido pesada em demasia, o que o fez optar por trocar o dia de labuta com um

amigo e ir descansar. Quando soube do trágico através do seu amigo que foi e lhe contou tudo em detalhes, ficou abismado. O seu colega escapou por pouco.

O jornalista é sempre o que corre para ver ou registrar aquilo do qual muitos fogem. Uma figura incômoda até. Os urubus precisavam manter a sua frieza, mesmo que balançados por dentro. Eles não se alimentavam da carniça, mas ela era o seu ganha pão. Gostassem do sabor ou não. Que engolissem o amargo com a garganta seca.

Naquela noite, Emerson Amaral voltava da casa da namorada na zona sul de ônibus, como fazia habitualmente. Foi encontrar sua colombina, enquanto os solteiros caíam na folia e a paquera rolava solta no bloco Puxa-Saco, que viu da janela do transporte em que vinha. Ao chegar em casa, na rua Coronel Lins Caldas, onde está localizada a Casa do Estudante, se deparou com o pai tomando um ar fresco no portão, pois ele ia começar a pesar em segundos. Existente hoje no Largo da Junqueira, a Casa do Estudante foi construída em 1856 como o Hospital da Caridade para uma epidemia de cólera. Cólera era um termo bastante apropriado para o que estava para acontecer naquela soturna colorida pela alegria do bloco Puxa-Saco, e que logo se tornaria soturna. Sem fortuna.

Emerson parou para conversar um pouco com o pai. De repente, ouviu o som da pancada calar os instrumentos. De repente a música e a cantoria deram lugar a uma desarmonia de gritos. O fotojornalista da Tribuna do Norte ficou extremamente assustado. Viu pessoas correrem pela sua rua, principalmente estudantes da Casa, em direção à região do Baldo.

— O que houve? — Perguntou Emerson ainda assustado.

— Rapaz, uma verdadeira tragédia. Desgraça das grandes. Um ônibus acabou de atropelar um bloco de carnaval quase inteiro.

Emerson imediatamente entrou em casa, passou a mão na câmera e correu para o viaduto acompanhado a multidão que corria desesperada. O seu instinto de jornalista falou mais alto. Corria, fervia nas veias que nem uma escola de samba na apoteose. O jornalista é aquele que quando todos correm para fugir, ele corre para presenciar e registrar. Ele precisava documentar o fato. Era o seu papel. Segundo Emerson, na época, os jornais valorizavam em alta conta as tragédias. Os jornais vendiam como água mineral no meio de um bloco.

— Nós como jornalistas, tínhamos que atender as pautas e a linha editorial do jornal. Quando é desgraça, as pessoas gostam de ver, e quando é algo bom, muitas vezes, fecha os olhos.

Emerson saiu correndo pela Misericórdia, não pelo sentimento, mas pela Rua de mesmo nome. Pegou a Mermoz, ao lado da Cosern, e saiu bem na sua praça, na entrada da ladeira. O ônibus já tinha descido de ré e estava parado. As ambulâncias e viaturas da Polícia Militar já tinham chegado ao local. Agindo por impulso, Emerson registrou tudo o que podia. A prestação de socorro, pessoas saindo nas ambulâncias, outras ainda gritando. Foi quando lhe disseram que o hospital Walfredo Gurgel estava em polvorosa, lotado de feridos. Muitas vítimas já estavam mortas. E mais pessoas chegavam, mais pessoas morriam a todo instante.

Emerson sabia, com seu faro jornalístico, que o atendimento no hospital Walfredo Gurgel era muito precário, e que não só renderia boas fotos como o atendimento deficiente precisava ser registrado. Quanta agrura e correria. Emerson viu que estava sem filmes para as fotografias. As condições nos jornais também eram precários e os fotógrafos trabalhavam com o filme reduzido. O jornal entregava ao fotógrafo um rolo de um filme por vinte e quatro poses. Emerson tinha que fazer um verdadeiro milagre da multiplicação dos peixes com isso. Era insuficiente. Emerson correu para o jornal na garupa de um motociclista, filho do locutor e comentarista esportivo da rádio Cabugi Adeodato José dos Reis, o já falecido Fábio. Se deparou com o prédio fechado. Pediu permissão ao vigilante para forçar o portão para abrir a redação. Conseguiu entrar. Rebobinou dois filmes. Já rebobinara tudo o aquilo que tinha visto na sua cabeça. Correu para o Walfredo.

O hospital estava uma loucura. Ninguém via ninguém. Os médicos, enfermeiros, policiais, maqueiros, todos estavam envolvidos de alguma maneira no atendimento às vítimas feridas. Era raro um jornalista conseguir entrar no hospital. Pelo visto, a tradição vem de longe e ainda se mantém, já que jornalistas são sempre barrados no seu portão. Emerson tinha entrado de fininho. Ninguém da segurança o viu. Emerson apontava a câmera para todos os lados e fotografava, mas pensando na limitação dos filmes planejava o que precisava registrar. Alguém o disse que o necrotério estava cheio de corpos. Emerson respirou fundo, sentiu um calafrio, mas já estava tão acostumado a fotografar cadáveres que não se sentiu tão impactado. Ele passava pelos corredores apertados de pessoas gemendo e inconscientes, e foi até lá.

— Por mais que a gente se sinta mal, é o nosso papel, o nosso dever. A gente tem que fazer — argumenta Emerson.

Emerson fotografou vários corpos empilhados uns em cima dos outros, jogados para todos os lados, em todas as posições, destroçados tanto quanto o ônibus. Parecia um abatedouro de carne quentinha e fresca, pronta para ir para a perícia e receber generosas pinceladas de formol. Os microrganismos decompositores comemoravam debaixo da terra. Os parentes e amigos choravam acima dela. Da terra viemos, para ela voltaremos.

Ao sair de lá, resolveu circular pelo hospital. Estavam todos tão distraídos na sua tarefa corrida de salvar o maior número possível de vítimas que ninguém se importava com a sua presença. Mas do lado de fora, pediam para os “urubus” baterem as asas em retirada. Os enfermeiros gritavam:

— Está faltando mercúrio! Está faltando ataduras!

Emerson foi até a farmácia e documentou o desabastecimento causado pelo colapso da situação. A precariedade era notória, segundo ele. Emerson não estava acompanhado de nenhum repórter. Pegou um táxi já tarde da madrugada e foi para casa tentar descansar. Alguns, já descansavam em paz. Ele, talvez não conseguisse naquela noite.

Chegou tarde na redação da Tribuna do Norte no dia seguinte. Não falou com ninguém. Passou direto para o laboratório de revelação na sua, calado. Os editores estavam arrancando os cabelos, querendo comprar fotos para estampar na sua edição sobre a tragédia. Lamentaram economizar no filme, que foi queimado. Ninguém tinha as cobiçadas fotos. O concorrente Diário de Natal, obviamente, não ia ceder um negativo sequer.

Emerson revelou os quatro filmes. Banhou os papéis na solução alcalina. Manoel Barbosa, o secretário do jornal e que editava o Caderno de Domingo, estranhou o comportamento de Emerson. Sacou que ele tinha algumas cartas na manga. Ou melhor, fotos. Bateu na porta e entrou. A sala estava tomada por uma forte luz vermelha quando ele chegou na porta e perguntou:

— Emerson, você tem o material de ontem, não é? Eu tenho certeza. Você com esse senso jornalístico, não ia deixar isso passar.

— Eu tenho. O material já está sendo revelado. Daqui a pouco eu mostro ao senhor — respondeu Emerson.

Emanoel bateu no seu ombro com ar de comemoração e saiu.

— O diretor do jornal está louco pelas fotos!

O material foi entregue à redação. Se jogaram em cima e o trabalho começou a todo vapor. Os dedos trabalharam astutos nas máquinas de

datilografar. Carregaram as máquinas de impressão de tinta e o jornal foi publicado com uma capa de embrulhar o estômago. Uma foto imensa dos cadáveres no necrotério tomavam conta da maior parte do espaço.

Jornais, emissoras de TV, todos queriam as fotos no país inteiro. Emerson publicou suas fotos na capa do Jornal do Brasil. Foi algo que sensibilizou todo o país.

— Foi muito difícil para mim fotografar aquilo pelo lado humano mas pelo lado profissional, de eu poder documentar, não poderia deixar de fazer. Era a História sendo feita. A prova é que o fato é marcante até hoje. Eu dei a minha visão da coisa e sei que virão outros para falar sobre também. O jornalismo de hoje é muito diferente do da época em que fazíamos. Mas eu creio que ele vai sempre existir. Profissionais visionários vão sempre estar por aí.

Hoje, Emerson se aposentou das redações, mas não da fotografia. Trabalha como barbeiro em seu salão. Trocou as chapas pelas lâminas. Mas ainda é preciso no corte.

— Isso faz parte das nossas vidas, vai fazer parte da sua e de outras gerações — me disse ele.

Que essa tradição fique apenas no passado, vire apenas história para contar, não mágoas para nos afogar, e não se repita. O que o mar leva, as ondas tragam e despejam em outro lugar. Outros ouvidos. Que Iemanjá não se acostume a receber desgraças como oferendas, na mesma medida em que recebe lixo descartado nas areias. Porém, desde que a humanidade continue a existir, elas vão continuar a acontecer. E algum boca maldita do inferno como o Gregório de Matos, um repórter maldito da noite vai ter que conta-las. Até mesmo incomodar. Pois quando a notícia incomoda, é sinal de que o jornalista fez um bom trabalho.

O fotojornalista Hércules Dantas, não pensou duas vezes ao receber a notícia por telefone. Pegou a sua câmera imediatamente e correu para o local da tragédia, a mando do seu chefe, o diretor do Diário de Natal Luiz Maria Alves, após pegar um táxi. Tinha carta branca para fazer isso a qualquer hora do dia e muitas vezes os próprios taxistas o procuravam quando sabiam da morte de alguém para avisá-lo e lucrarem com as corridas.

O Fotógrafo já tinha uma certa experiência em cobrir tragédias e matérias para a editoria policial. Assim que foi contratado pelo jornal Diário de Natal, Luiz Maria Alves, o seu diretor, impôs que ele prestasse os seus serviços para as sangrentas pautas policiais. Argumentou que Héracles tinha dom para aquilo. O “destinado” fotógrafo já havia clicado vários cadáveres de pessoas que tiveram as suas vidas ceifadas de maneira trágica e violenta na cidade e no interior do Estado. Era comum para os jornais daquela época estamparem fotos de cadáveres, que tomavam toda a página da capa. Eram os que vendiam as maiores tiragens, pois a curiosidade do público pelo que lhe causava horror parecia fazer parte do instinto humano lhe era inerente. Segundo o jornalista e ex-professor de jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Albimar Furtado, o sensacionalismo acontecia devido à falta de emissoras de televisão no Estado. Era preciso dar uma dimensão do que aconteceu aos leitores. Tinha muito mais de mercadológico do que de ético no embrulho de peixes da feira do Carrasco. Até hoje, programas policiais exibem tais cenas ou elas circulam livremente e de maneira irresponsável, por aplicativos mensageiros e redes sociais.

— A festa estava muito boa e o bloco estava muito animado no começo da noite. E o que aconteceu foi muito rápido, de repente e horrível — Afirmou Héracles em entrevista.

Heracles reclama o título de primeiro fotógrafo a chegar por lá. Ao chegar no local, se deparou com um cenário horrível quando viu o bloco que vinha do bairro Alecrim em pânico e saiu fotografando tudo o que encontrou pela frente. O acidente tinha acabado de acontecer. Segundo ele, havia mais ou menos 500 pessoas espalhadas pela avenida e a banda foi atingida em maior proporção pois vinha atrás do bloco. O serviço de socorro foi imediato e eficiente. Apesar de apenas as viaturas da Tupi 04 da Delegacia de Furtos e Roubos (DFR) e a da Delegacia de Plantão puderam atender as solicitações. O policial Kerginaldo Ferreira de Almeida foi um dos primeiros policiais a chegar no local. Os peritos do ITEP logo identificaram nas imediações da rua Mermoz, onde começa a ladeira, dois corpos masculino sem vida que foram encaminhados para o ITEP para posterior identificação, como os demais dos que já estavam falecidos.

Com quatro fuscas e dois camburões, a avenida logo foi evacuada até o tumulto causado pelas vítimas do bloco ser dispersado e o local foi isolado com uma fita de contenção. Logo após, a polícia chamou o corpo de bombeiros para que lavassem o sangue que estava tomando toda a superfície do chão da avenida.

No estúdio, Ciro Pedroza transmitia toda a animação ao vivo. As outras estações de rádio tinham acabado de sair do ar. Quando o devastador acidente aconteceu, o tom de descontração de Ciro deu lugar ao de aflição. A madrugada da programação da rádio seria tomada pelas informações do acidente que chegavam a todo momento. Ao receber o telefonema de Carlos Neto, Ciro logo deu a notícia que ninguém queria ouvir. A frequência mudou. A pauta virou, como é dito no jornalismo. O estéreo histórico. O mono humano. O agudo foi ficando cada vez mais grave, devido ao quão grave era a situação. Ciro não podia semitonar.

Ciro trabalhava como repórter e locutor no estúdio da rádio Trairi naquela noite, na cobertura Carnaval Tropical. Fazia a cobertura dos desfiles das escolas de samba. De repente, entre uma e outra, passou o bloco puxa-saco espalhando folia que nem confete e serpentina, animada pela banda que mesclava a Bandagália e a da Polícia Militar. Passaram pela presidente bandeira de pé no chão, sem ainda saber que cairia de joelhos e agonizaria horas depois. E era pernas para que te quero, frevando sem parar. A orquestra garantia o frevo fogofo, animado, gostoso.

Instantes depois, já se viam às voltas na rádio, em uma reunião de pauta improvisada. Um ia para o hospital, o outro se deslocaria para o local do viaduto, e sobrou para Ciro a responsabilidade de ficar no estúdio repassando o que chegava. Fazendo o que no radiojornalismo é chamado de ancoragem. Convocou os médicos em um forte apelo para que fossem para o hospital. De pijama, poderia ser uma fantasia, mas na verdade tinham saltado da cama. E cada minuto era pouco, uma troca de roupa, um jaleco jogado por cima dela, e mais um corpo poderia ser jogado no necrotério.

Conclamou os ouvintes a doarem sangue para as vítimas feridas, de maneira emocionada e estremeçada. Ciro entrou a madrugada naquela difícil missão. O trabalho menos doloroso e cruel. Mas que segundo ele não era tão difícil quanto a dos colegas que presenciaram de perto o horror da tragédia.

— Não houve um planejamento porque nem poderia haver. As decisões foram tomadas na hora, como o fato exigia. — Me respondeu ele.

— Você vinha naquela descida da igreja de São Pedro, e os ônibus iam literalmente embalados porque a subida da Rio Branco naquela época era muito alta. Eu não sei se as camadas de asfalto foram diminuindo isso, eu não sei bem. Hoje a gente olha e é uma subida mais tranquila. Não sei se os carros eram menos potentes. Mas lembro que quando eu andava de ônibus, aquela subida ali, era

uma em que o ônibus precisavam sempre pegar um embalo para poder subir. As pessoas sempre procuram um responsável por isso e com certeza o responsável não foi o motorista. Uma hora daquela, só poderia dar em acidente. Dia de prévia de carnaval, a cidade vazia, ninguém esperava que ali fosse subindo um bloco. Ele estava correndo porque tinha que deixar o pessoal da escola e escola de samba é barulhenta. Não era uma responsabilidade só dele — Opina Ciro.

Quando Ciro saiu da rádio e voltou para casa, já era dia. Ele faz a sua análise sobre a cobertura jornalística do caso:

— Há outro aspecto que conferiu tintas mais dramáticas a esse acontecimento, é o fato de que nesse bloco, iam jovens da classe média, média alta da cidade. Então isso sempre repercute mais. Se fosse de pessoas pobres, claro que teria uma repercussão mas essa outra repercutiu muito mais porque eram pessoas conhecidas da sociedade.

Almeida e Silva, um codinome que Ciro dá ao azar, tinha feito a sua parte.

UM MONSTRO DE FERRO

Mal deu tempo para correrem atrás do motorista e continuarem com a linchação. O ônibus começou a descer, recuando de 15 a 20 metros, e eles precisaram correr para contê-lo, salvar os passageiros da Malandros do Samba que saíam pelas janelas quebradas por eles, pelo impacto dos atropelamentos ou pelas pedras e garrafas arremessadas em sua direção no trajeto e freio. Os passageiros gritavam, completamente assustados, desesperados para saírem de dentro do monstro de ferro pertencente à frota da Guanabara. Prestar socorro às vítimas era mais importante do que executar sumariamente o motorista que também estava assustado e abalado, com as mãos na cabeça e o juízo no bolso, sem conseguir compreender bem o que causara naquele momento ainda. A sua mente só processaria algo ao correr, para fugir da sanha dos justiceiros transtornados. No momento, apenas pensou em fugir, preocupado em deixar seus filhos órfãos e em livrar literalmente a própria pele. O Instinto foi o sentimento exalado predominantemente durante todo o episódio. Ninguém parecia conseguir pensar, apenas agir e reagir.

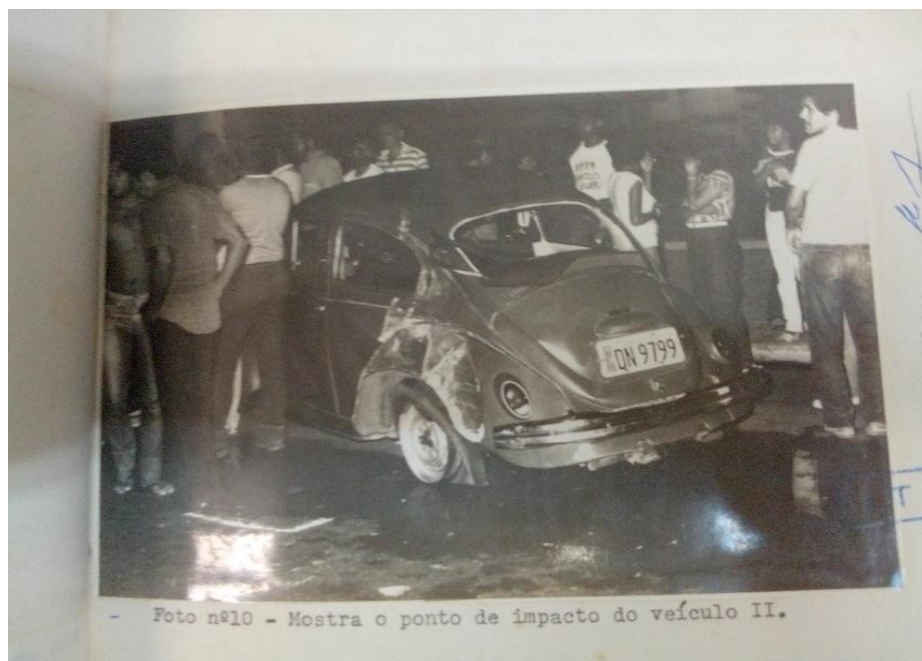
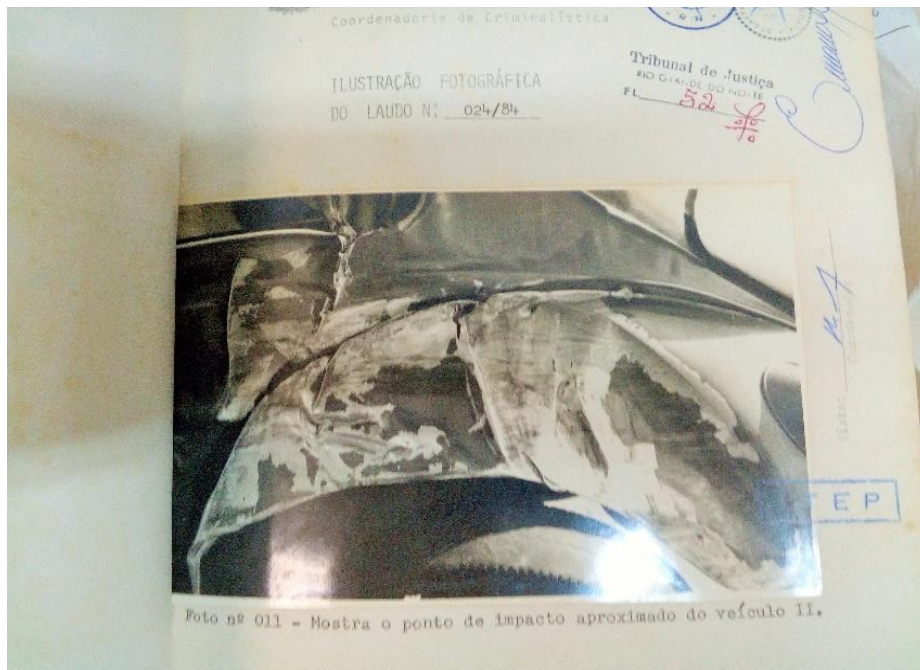
Era possível ouvir de longe o som dos ossos se quebrando, se partindo, sendo amassados enquanto o ônibus fazia o seu trajeto de mortes e destruição. Não houve cálcio ou ossos de platina ou titânio suficientes para todos os foliões e músicos que o ônibus acertou em frações de segundos, fazendo com que as vítimas ou fossem arremessadas para o ar, ou jogadas para os lados feridas e desmaiadas depois.

Também era possível ver e o ouvir o barulho dos instrumentos dos músicos quebrando, retorcidos como folhas de papel, partidos ao meio. Todos observavam com o instrumento que lhes era possibilitado. Muitos atrás da corda de contenção após as primeiras medidas de emergência, olhavam para os instrumentos com o coração tão partido quanto. Nas cabeças de alguns, ecoavam as últimas notas do frevo.

O Mercedes Benz, placa AB-7527 era um monstro de ferro em ruínas quando o motorista o abandonou. A polícia, ao chegar, o estacionou em um lugar mais apropriado e logo isolou a cena do acidente.

1981, 1982, 1983...1970. Os ônibus da empresa Guanabara passam e eu olho atento para a sua parte traseira, na esperança de ver o número 1984.





O fusca de Ricardo após a colisão com o ônibus (Fotos: 1ª Vara Criminal de Natal)







Fotos do local da tragédia atualmente (Fotos: Google Street)

No ano seguinte, 1985, a tragédia quase teve uma reprise. No ensaio geral para os desfiles de escolas de samba e tribos de índios, e que atraiu uma multidão de foliões, um ônibus da empresa Transflor, cruzou a passarela do samba, pela avenida Coronel Estevam, atropelando vários integrantes das agremiações, inclusive da Imperadores do Samba.

Outra testemunha, o mestre-sala da escola Malandros do Samba Aurino Batista disse que não faltou freio e o motorista não estava alcoolizado.

— Depois que bateu no fusca, o ônibus ficou desgovernado e pegou em cheio o pessoal que andava do lado direito da avenida Rio Branco. O que houve foi muita velocidade e excesso de passageiros. Só da nossa escola de samba, o ônibus levava 100 pessoas, além de estranhos. Aí surgiu a grande zebra. O ônibus descia com mais de mil a Coronel Estevam e a rua José Bernardo. Ao chegar nas proximidades da praça Tamandaré, bateu num fusquinha. Eu estava na frente, perto do motorista e só deu para ouvir o pipoco. Não existia nenhuma sinalização atrás ou ao lado dos foliões. O motorista ficou perturbado e fugiu. Nesse momento, iniciou-se uma chuva de garrafas e pedras contra o ônibus e os passageiros. Quando o ônibus parou, todo mundo procurou sair pelas janelas e fugir. Fui o último a sair do ônibus depois que peguei as minhas duas filhas e a minha esposa. Como o motorista conseguiu escapular eu não tenho a menor ideia.

Todos os passageiros do ônibus tiveram que seguir a pé para as Rocas aos choros e ainda muito desestruturados e pesarosos com o trauma pelo qual acabaram de passar.

Uma outra versão também foi levantada. Enquanto alguns foliões alegaram que o ônibus vinha sozinho na avenida, funcionários da Delegacia de Acidentes disseram que Aluízio estava apostando corrida com o fusca que era dirigido por Ricardo. Outro boato também amplamente disseminado pelos jornais era de que Ricardo teria puxado o gatilho de uma arma contra Aluízio. Quem abriu a boca para dizer tais despautérios, como se diz no popular quando a arma falha “bateu catolé”.

O dono do fusca Fernando soube da versão e foi até a redação do jornal Diário de Natal na noite da segunda-feira, juntamente com Ricardo e Walmir, para desmentir o boato que corria e evitar transtornos envolvendo o seu nome, esclarecendo a situação. Afinal, boato não é notícia e nem deveria aquilo estar publicado sem a devida apuração.

— Eu e vários amigos estávamos acompanhando o bloco desde o Alecrim e fizemos uma parada debaixo do viaduto quando estacionei o carro ao lado da praça Tamandaré. No momento em que saímos do fusca, o ônibus surgiu desgovernado. O meu colega Walmir Nunes escapou milagrosamente de morrer atropelado pelo coletivo, sofrendo contusões e escoriações.

“SÓ UM LOUCO PODERIA FAZER AQUILO”

— Só um louco poderia fazer o que o motorista do ônibus fez, jogando o veículo literalmente contra a multidão que acompanhava o Cordão do Puxa-Saco — declarou abalado o presidente do bloco Dickson Medeiros após presenciar a tragédia e ter levado Simone ao hospital já sem vida.

Segundo o seu depoimento, o ônibus da Guanabara vinha acompanhando a multidão de foliões desde o bairro do Alecrim sem conseguir ultrapassá-la, pois as ruas estavam totalmente tomadas por eles. Segundo ele, atrás dos músicos, vinham os carros de vendedores de bebidas e alimentos que eram vendidos aos integrantes do bloco. Dickson disse que percebeu uma grande gritaria dentro do ônibus, que logo após passar pelo viaduto tentou entrar em uma brecha deixada por um fusca com o qual colidiu. O motorista manobrou o veículo para a esquerda e quando parecia tombar, deu uma forte guinada para a direita, onde o bloco subia a avenida Rio Branco o acertando em cheio todos, matando e ferindo os componentes do Puxa-saco. Ele também disse que logo após conseguir frear o coletivo, Aluizio pulou pela janela, correu em direção a outro ônibus que passava pela avenida no momento, sacou um revólver e atirou contra a multidão revoltada de dentro dele. Populares que estavam no local disseram que os tiros foram disparados contra o motorista.

Era céu estrelado e aberto na boca da madrugada. O astros cintilavam e a via láctea se esparramava em estrelas mortas há anos luz. Mais estrelas mortas iluminariam o céu a partir de então. Morreram felizes em uma noite nebulosa. Na subida da avenida Rio Branco, meio caminho andado até as estrelas, meio caminho andado até o céu. Constelação de notas musicais que foram silenciadas. Cometas na terra. Estrelas cadentes. Quando se olha para o céu, se olha para o passado. E aquela estrela que vemos, por uma questão de velocidade da luz, já está morta lá também.

Deixando o lirismo e as metáforas de lado, voltando ao concreto banhado em sangue da dura realidade que o jornalismo nos impõe, no meio da avenida, no meio do povo. O local logo virou cenário de um horrível filme de guerra, poderia ser de terror também. Muitos, na pressa de escaparem do local, ainda meio confusos e atordoados, deixaram para trás muitos calçados espalhados, além de vários outros pertences como bolsas e carteiras, bebidas, roupas. Pessoas caíram e foram pisadas na maratona contra a tragédia. O boca a boca era grande, um telefone sem fio. Vizinhos e pessoas que moravam em ruas próximas ainda saíam de suas casas naquela hora da madrugada e corriam para presenciar o que tinha acontecido. Atraídos pela curiosidade, quiseram nunca tentar saber o que revirava a cidade depois da passagem do ônibus tresloucado por ali, pelo bloco aglomerado. Deram de cara com algo que ia além das piores de suas imaginações.

Alguns amigos e colegas só puderam prestar alguma ajuda após o acidente, indo reconhecer os corpos no ITEP. Apesar de formalmente, isso ter ficado a cargo das famílias que não aguentaram ver seus amores e parentes naquele estado lamentável.

O inferno astral daquela madrugada parecia não ter fim. Em um outro local da cidade, um outro acidente, uma outra tragédia e mais mortes. Na via costeira, um veículo em alta velocidade se chocou contra um poste e o dono do carro Antônio José Alves Filho faleceu, assim como o seu amigo João Evangelista de Oliveira Silva. Em uma curva fechada, o Passat que tinha como destino a praia de Ponta Negra ficou completamente destroçado e seus passageiros entre as ferragens. Dois outros passageiros que viajavam no banco traseiro e que não tinham sido identificados escaparam com vida e levemente feridos foram levados para o hospital Santa Isabel.

Como já dizia Chico Buarque em *A banda*: “E cada qual no seu canto, em cada canto uma dor/ Depois da banda passar/ Cantando coisas de amor”.

Falando no acidente com o Passat, o delegado de plantão na noite da tragédia Bento Balbino da Costa, da 6ª Delegacia de Polícia, na Praia da Redinha, acomodou-se diante da situação. Não tomou nenhuma iniciativa para identificar e prender Aluizio. Deixou tudo a cargo de seu colega José Nunes de Souza, que se encontrava na ocasião como supervisor na Secretaria de Segurança. Na manhã seguinte de sábado, o delegado esteve na secretaria e levou um puxão de orelha do delegado Pedro Avelino, subcoordenador da polícia, que o pediu em seguida para o ITEP para colher dados sobre todas as vítimas do desastre. Como tantos outros, Pedro só soube do trágico pelo rádio.

O delegado omissor explicou que após a tragédia fez um acordo com o colega José Nunes para que ele se responsabilizasse pela tragédia, enquanto ele iria identificar as vítimas mortas no acidente com o Passat na Via Costeira. Muito famosa, aliás, até hoje pela grande quantidade de acidentes resultantes em mortes. Outra grande mancada foi que na madrugada do sábado, quando aconteceu o atropelamento, o livro de ocorrência não estava na 7ª Delegacia de Plantão, que ficava no bairro das Quintas. Sobrou para José Nunes identificar as vítimas do Baldo.

Procurando corrigir as graves falhas de Balbino, o Coordenador Geral da Polícia Civil Maurílio Pinto de Medeiros, telefonou de seu gabinete para várias delegacias espalhadas por Natal para que ficassem espertos. Fossem para as ruas pôr a cara no sol em diligências e prendessem Aluizio.

— José Leonardo, da Roubos e Furtos me disse que tem um auxiliar trabalhando na sua delegacia que conhece o tal motorista. Vamos cair em campo para pegá-lo em flagrante!

Nem mesmo o nome do motorista fujão Maurílio tinha completo. Quanta incompetência de seus colegas. Apenas sabia que se chamava Aluizio. No escritório central da empresa Guanabara, ninguém atendia. Por estranho que pareça, ninguém na portaria soube informar nada sobre ele.

Algumas pessoas se disponibilizaram a testemunhar o que viram com os seus próprios olhos. Outras, internadas ainda, também seriam convocadas. Mais uma porção seria arrolada ao processo no decorrer dele.

Como diz a famosa marchinha: *“Se você fosse sincera, Ô, ô, ô, ô, Aurora/ Veja só que bom que era/ Ô, ô, ô, ô, Aurora...”*

A CANOA VIROU!

Kerginaldo Tavares de Almeida era soldado da Polícia Militar, na flor dos seus 26 anos estava de extra naquela noite, para fazer o isolamento da área que iria receber os desfiles carnavalescos na Avenida Presidente Bandeira, próximo à Praça do Relógio, juntamente com outros companheiros de farda. Por volta de 00:55 recebeu ordens do 2º Tenente da Polícia Militar chamado Laerson para se deslocar acompanhado do colega soldado da PM Francisco Vital dos Santos para o Baldo pois tinha acontecido um acidente de grandes proporções por lá. Pegaram a Kombi com a finalidade de socorrer as sofridas vítimas do atropelamento. Ele e Vital colocaram um companheiro ferido no lastro do veículo e seguiram para o hospital.

O sargento do exército Rizomar Correia dos Santos foi socorrido pelo veículo Volkswagen. Mas faleceu entre o cruzamento das avenidas Alexandrino de Alencar e Hermes da Fonseca por volta de 01h10 da madrugada. A Kombi do 2º Comando da Polícia Militar de prefixo PM-091, dirigida por Vital, avançou o sinal fechado na pressa de tentar chegar ao hospital Walfredo Gurgel com o sargento ainda vivo, mas colidiu com um fusca dirigido por José Tarcísio Rodrigues Júnior, um Volkswagen DV- 00036, que vinha no sentido do Alecrim, recebendo uma pancada na lateral esquerda. A Kombi capotou e o corpo de Rizomar ficou jogado no chão da pista, em uma faixa de pedestres. A sua frágil vida estava por um finíssimo fio, que foi cortado naquele instante. Vital sofreu um corte na nádega direita e uma forte pancada no tórax e nas costas. Kerginaldo, que segurava o corpo de Rizomar quase já sem vida, sofreu ruptura no menisco e foi internado no Hospital da Polícia Militar.

Tanto Kerginaldo quanto Vital foram levados para o Hospital da Polícia Militar em uma viatura da Radiopatrulha dirigida pelo PM Neto em estado de choque. O motorista infrator do fusca foi liberado logo após a ocorrência ser registrada.

A versão de José Tarcísio, de 19 anos, foi de que regressava de uma brincadeira juntamente com os amigos na lanchonete O Madrugão, quando resolveram por volta das 00h50 voltar para casa, e vinha seguindo pela avenida Salgado Filho no sentido da Cidade Alta. Ao chegar na avenida Alexandrino de Alencar, o sinal estava aberto na sua direção, e que entrou à direita com destino ao Bosque dos Namorados. Mais à frente, fez o retorno e voltou para a Alexandrino de Alencar em direção ao Alecrim. Quando chegou no cruzamento da Alexandrino com a Salgado Filho, o sinal estava fechado para ele Parou o

veículo e esperou o vermelho virar verde. De repente, a Kombi bateu com a lateral traseira na frente do seu veículo. Não foi ele quem atropelou, mas foi atropelado. A Kombi capotou e foi parar no canteiro da avenida.

A parte frontal do veículo de José ficou completamente amassada e ninguém pagou o prejuízo. Porém, o fusquinha nem sequer pertencia a ele. Era de uma migo chamado Ricardo, que também participava com ele da brincadeira. Quantos Ricardos em uma única história. Por favor, não confundi-los. Esse Ricardo tinha como sobrenome Alves Viana e 18 anos de idade. Mal tinha acabado de entrar na vida adulta e já era casado.

Logo chegaram os bombeiros, a imprensa, a equipe de perícia da Delegacia de Acidentes e José foi obrigado a entregar a eles os seus documentos. Como canta Caetano em *Alegria, alegria*, que poderia ter ganho uma paródia mais adequada ao momento como *Tristeza, tristeza*, saiu “*Caminhando contra o vento/ Sem lenço, sem documento*”. A diferença é que era luar de fevereiro e não sol de quase dezembro.

— O senhor ingeriu bebida alcóolica?

— Não.

— O senhor tem habilitação?

— Sim, há mais de um ano.

— A Kombi buzinou?

— Não ouvi.

— Você sabia que ela transportava uma pessoa acidentada?

— Também não.

— Moleques...pra casa!

“A canoa virou, Deixa virar, Por causa da menina, Que não soube remar”.



(Foto: Jornal A República/Reprodução)

UNIDOS DO JALECO

Em 1984, ainda não existia o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, o SAMU. As ambulâncias que chegavam às pressas para prestar o devido socorro eram Kombis.

Meia-hora após a chegada de Simone já morta, a primeira vítima a chegar nele, o hospital Walfredo Gurgel já estava superlotado pelas vítimas que chegavam aos montes no já precário maior hospital do estado desde aquela época. A maior parte das vítimas já chegaram sem vida. Médicos de todos os lugares da cidade saíam de suas casas de pijama em sinal de solidariedade para socorrerem as vítimas. O salário dos médicos e funcionários do hospital estavam atrasados. Mas a solidariedade e a vontade de ajudar eram maiores que o horror e a perplexidade deles diante do ocorrido. Queriam fazer o juramento de Hipócrates valer. Cerca de 40 médicos foram mobilizados para atender as vítimas. Entre graves e leves, que não foram internadas, se contabilizava pelo menos 70. Alguns outros poucos foram para o Hospital dos Pescadores.

O hospital Monsenhor Walfredo Gurgel foi a primeira unidade de saúde pública do Rio Grande do Norte, especializada em atendimentos de pessoas vítimas de traumas, criado em 1971. O seu anexo Pronto Socorro Clóvis Sarinho só foi inaugurado em fevereiro 2001, em outros carnavais mais recentes. Hoje, o hospital sofre com a superlotação em seus corredores e as péssimas condições de

atendimento e infraestrutura. Algo herdada daquela época e que sempre se arrastou, como em outras instituições do Estado. Entra carnaval, sai carnaval, e o samba-enredo é o mesmo por lá.



Hospital Walfredo Gurgel na década de 1980, ainda sem o pronto-socorro Clóvis Sarinho (Imagem: ASCOM/HWMG)

O cenário de caos nos corredores do hospital era inevitável. A Marinha ordenou que um pelotão se dirigisse ao hospital para doar sangue no hospital Walfredo Gurgel. O chão sujo do hospital estava repleto de pessoas feridas deitadas e espalhadas para todos os lados nos corredores apertados dele, pois não havia macas o suficiente. Uma maca fria, contaminada por micróbios e onde repousavam os feridos clamando por atendimento médico e perigando terem uma infecção, fosse um curativo ou uma cirurgia. Murilo garante que não faltou nada em seu atendimento. Desde insumos médicos até as condições do hospital, o socorro prestado foi completo e determinante para salvar sua vida. Mas Murilo era filho de um médico respeitado e de classe média. O atendimento era o mesmo, até em um hospital público, para todos?

A sirene tocou e todos pularam da cama vestindo as primeiras roupas que encontravam, de qualquer maneira. O alarme deixou os recrutas da marinha em polvorosa. O hoje servidor público federal há 34 anos Francisco Ferreira Junior estava recluso na escolinha de base Ary Parreiras em fevereiro de 1984. Foi pego

de surpresa pelo comandante da Base Naval, o Capitão de Mar e Guerra, que o convocou para ir doar sangue no hospital Walfredo Gurgel no meio da madrugada. Com apenas 18 anos, recém-saído de uma pequena e erma localidade do interior, Francisco ainda estava assustado com o ritmo de vida e a dimensão da capital, que nem era das maiores, mas para ele tinha ares de cidade grande, por onde se aventurava. Nunca tinha saído do seu lar. Pensou que a convocação era algo normal, de praxe. Quando se deparou com a tragédia acontecida no Baldo algum tempo antes, ficou boquiaberto, espantado, nervoso. Nas palavras dele, atormentado.

Os homens aquartelados se depararam com um grande aparato para dar suporte ao pedido feito e de pronto atendido: cinco ônibus, Kombis e alguns veículos de pequeno porte saíram lotados do Comando do 3^a Distrito Naval no bairro Santos Reis. Uma verdadeira operação emergencial de guerra. Foram deslocados para os hospitais da cidade, em uma ação voluntária de doação de sangue, mas que era sua obrigação. Francisco diz não lembrar mas acha que foi para o Hospital Naval de Natal. É uma experiência pela qual não quer passar novamente. Uma tragédia inesquecível, que poderia ter sido evitada. Deu seu sangue em combate por ela.

Era 03h00 da madrugada quando Selma se viu preocupada em seus lençóis sem Wallace na cama. Mais uma vez, tinha saído para tocar com a banda. Enquanto isso, Vanessa não parava de chorar aos berros no berço. Tomava a filha nos braços, embalava, mais uma cantiga de ninar. Entretanto, o bebê não se acalmava. Na manhã seguinte, Wallace não voltou para casa. Ao saber do motivo, foi a vez de Selma chorar. Compreendeu porque a filha estava aos prantos.

Mesmo quando Wallace adoeceu de tuberculose, não deixou de dormir em seus braços um dia sequer. O mesmo sangue escarrado, foi o naquela noite derramado. Apesar da não aceitação do relacionamento por parte da família, o amor afrontava, e como sempre, vencia, persistia. Mas naquela noite, era o amor intenso de sua vida que ela perdia. Mas o amor, em si, não perdeu. Foi vivido. Wallace que não resistiu tanto quanto ele e apenas transcendeu.

Como cantava Noel Rosa em *Faixa amarela*: “Quando eu morrer/ Não quero choro, nem vela/ Quero uma fita amarela/ Gravada com o nome dela”.

O engenheiro mecânico, ex-vereador de Natal e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) Hugo Manso Junior, hoje com 61 anos, era estudante universitário à época, já na fase de conclusão de sua graduação fazia parte do movimento de militância que naquele momento pulsava de norte a sul no Brasil e pedia uma única coisa: “Diretas, Já!”. As primeiras eleições democráticas e diretas para presidente após 20 anos de uma ditadura sanguinária e cruel como aquela noite e o monstro de ferro recheado de samba que adentrou a sua madrugada trazendo dor, literalmente, a muitos.

Trabalhava ao lado de Venâncio Pinheiro na Oficina Viva na confecção de camisetas e faixas para o grande comício que aconteceria no bairro do Alecrim no final de semana que sucederia a prévia carnavalesca promovida naquela noite quando de repente chegou aos seus ouvidos a notícia da oficina de mortes promovida pelo acidente, em que muitas camisas e adereços se desconfeccionaram em rasgões. Na oficina situada na rua 2 de Novembro, Alto do Juruá, nas proximidades da Ladeira do Sol. O operário gráfico, poeta e artista plástico trabalhava a todo vapor ao lado de Hugo, ouviram a voz de Ciro Pedroza aos prantos entrar em um *flash* ao vivo, anunciando o que acabara de acontecer. Era hábito deles trabalhar até tarde, juntamente com outros companheiros, enquanto ouviam rádio e a programação repleta de música e noticiários, já que a televisão não era um eletrodoméstico muito acessível ainda.

As ondas de rádio que conduziam o choroso anúncio em tom apocalíptico de Ciro faziam chegar aos ouvidos de Hugo e de outros pela cidade um pedido encarecido de doação de sangue aos feridos na tragédia durante a sua cobertura. Ciro chorava, mas não faltava forças nas pregas vocais para continuar com o apelo. Hugo ficou emocionado e parte de si desmoronou. Sem pensar duas vezes, o estudante já habituado a doar seu sangue por ser um doador, partiu para o hospital em um ato de coragem e solidariedade, que muitos repetiram.

Uma caravana de foliões do bloco acompanhou os acidentados em uma procissão desesperada, curiosa, afobada. Botaram o bloco na rua em direção ao hospital Walfredo Gurgel. O grande problema é que em sua imensa maioria, os foliões haviam ingerido álcool. Para que a doação de sangue pudesse ser feita, não poderia haver uma gota sequer de álcool em suas veias. Teor zero, como ainda é. Hugo se sensibilizou mais ainda ao ver a cena dura, dolorosa, que lá se passava. Ao chegar, presenciou muitas pessoas do lado de fora do maior hospital querendo entrar a qualquer custo, chorando. Eram irmãos, irmãs, pais, filhos, namorados, pessoas do convívio próximo das vítimas que buscavam informações

no meio do tumulto sobre os que estavam do outro lado das paredes dele. Queriam notícias e não havia estrutura de informação. Os guardas estavam a postos na porta da área de pronto-atendimento pedindo repetidamente para as pessoas manterem a calma, a pouca que tinham, ou se acalmarem se já a tinham perdido. Hugo levantou os braços em um gesto para ser identificado e foi driblando a multidão, entrando aos poucos, dizendo ser doador, explicando não ter bebido.

A situação dentro do Walfredo Gurgel era semelhante a de um campo de guerra. Os médicos sambavam miudinho para conseguir prestar assistência a todos os feridos com poucos recursos. Hugo viu muitos cortados, lesionados, com ossos quebrados, esperando por atendimento e derramando lágrimas de dor. Ninguém sabia onde estava ninguém. Não sabiam onde estavam seus amigos e parentes. Enquanto eles do lado de fora não sabiam a real situação deles. Aflição insuportável. Ambiente confuso. Hugo se encaminhou para a sala de doação, deu seu sangue por aquelas vidas sem nem saber também quem era quem os necessitados. Ambiente ainda confuso. Saiu do hospital, continuou na sua frente fazendo companhia aos curiosos. Hoje, ao lembrar daquela noite, fala ainda com emoção:

—Foi uma noite muito triste para todos nós que amamos a cidade, em particular que brincamos carnaval. É o registro desse trágico momento que eu ainda tenho em minha memória que a cidade viveu.

O carnaval é a antítese da mansidão. Sujeira, cores exorbitantes, barulho, batuque. Ninguém é de ninguém. Mas cada um é proprietário do seu corpo. Naquele carnaval, a mansidão era a folia tranquila que se esparramada pelas ruas, ladeira abaixo e acima. A mansidão não era possível para Hugo, que lutava por um país democrático em meio a um contexto autoritário. A mansidão o deixou ao ouvir aquela notícia no rádio. A mansidão da noite se transformou em cataclismo humano e histeria. A mansidão foi suja de sangue, mas aos poucos restabelecida também por ele. O sangue saiu das veias das vítimas. A vida saiu e se foi para além. O sangue voltou para as veias, a vida voltou, seguiu em frente, além.

O carnaval de Natal ainda teria que receber muito sangue doado para voltar a senti-lo ferver décadas depois em suas veias. O carnaval natalense respirava por aparelhos.

A tensão apenas aumentava e pessoas subiam literalmente pelas paredes para acompanharem a situação das vítimas penduradas em seus cobogós para espiar alguma coisa mínima que pudessem ver. Mais de trinta pessoas feridas gravemente estavam internadas.

O governador do Estado na época, José Agripino Maia, soube de madrugada ainda sobre a tragédia que se abateu. Após viagens que fez à Brasília e ao Rio de Janeiro, voltou para Natal na noite de sexta-feira cancelando uma entrevista que daria, para visitar as famílias e acompanhar os velórios. Ao chegar no hospital declarou:

— Desde a madrugada, quando chegaram os primeiros acidentados, todos foram atendidos com eficiência.

Durante a sua visita ao hospital Walfredo Gurgel, enquanto passava por um dos corredores lotados, um dos feridos em observação escutava o noticiário da rádio Cabugi. No ar, o locutor responsabilizava o Governo do Estado pelo clima de insegurança que a cidade estava enfrentando e também criticava as precárias condições em que as vítimas da tragédia estavam sendo tratadas. Agripino parou por um instante ao ouvir as acusações e perguntou ao paciente:

— O que estão dizendo?

O paciente retrucou:

— Que aqui nesse hospital a assistência é péssima

Agripino respondeu:

— Em uma hora de dor, quando todos nós estamos procurando minimizar o sofrimento das famílias, é pena que a política partidária seja usada — lamentou.

O governador parecia ter esquecido um detalhe. Se reclamou do fato de a rádio de propriedade da família Alves, rival da sua na política potiguar dominada pelo dualismo das duas famílias tradicionais, a rádio Trairi, de propriedade do seu próprio pai Tarcísio Maia, dirigida por sua irmã Ana Silva Maia que estava responsável pela cobertura jornalística de toda a folia chamada de Carnaval Tropical, já tinha denunciado antes o clima de insegurança na cidade gerado pelo acidente, e culpava o Governo do Estado pela falta de apoio ao hospital Walfredo Gurgel. A emissora ainda noticiou que ele não tinha as mínimas condições básicas para atender as vítimas com a falta de material médico-hospitalar suficiente.

Após a visita, Agripino declarou para os jornalistas que desde a chegada dos primeiros acidentados a equipe do hospital estava pronta para atendê-los, que não faltou material de nenhuma espécie:

— Desde o raio-x até o sangue para transfusão, todos foram socorridos a tempo e as vidas que podiam ser salvas estão fora de perigo. Agradeceu a ajuda espontânea dos médicos “em nome do Governo do Estado”.

Jornais denunciaram que faltavam materiais para o raio-x mesmo dias depois.

Enquanto fazia os agradecimentos, os comentários que circulavam entre os médicos era de que em horas como aquela, por uma questão ética, tinham a obrigação de se fazerem presentes e atenderem os pacientes.

Um jornalista perguntou:

— Governador, houve alguma garantia por parte do patrulhamento de trânsito ao bloco Puxa-saco?

— Este é um fato lamentável — respondeu — eu estive hoje pela manhã com o secretário de segurança pedindo-lhe as informações que necessitava. E o coronel-delegado disse que houve uma concentração em torno da rádio Trairi, para a qual foi solicitado policiamento e isso foi cumprido. Não havia nenhuma previsão de chegada do bloco lamentavelmente vítima do acidente e, portanto, não havia solicitação de policiamento. O fato, pelo que me foi informado, foi resultado da imprevidência de um motorista de ônibus. Fato que vai ser apurado exaustivamente e já foi dada a minha ordem pessoal para que fosse dado todo o rigor na apuração.

Agripino rechaçou que o episódio tivesse relação com a insegurança crescente no Estado.

— Não foi informado que o bloco se deslocaria para aquele ponto, e como tal não havia necessidade de solicitação desse policiamento.



Ex-governador José Agripino acompanhado um dos atendimentos (Foto: Jornal A República/ Reprodução)

Em uma cena teatral, com direito até a exame médico em José Agripino, o diretor-geral do Walfredo e médico Luiz Gonzaga Bulhões afirmou aos jornalistas na presença do governador:

— A assistência foi completa. Posso assegurar que não faltou nada. Houve, assim, um movimento muito bom por parte dos médicos que, espontaneamente compareceram ao hospital, fora a nossa equipe que tinha dez médicos de plantão. Todo o pessoal foi e está sendo bem-assistido. É o que posso assegurar.

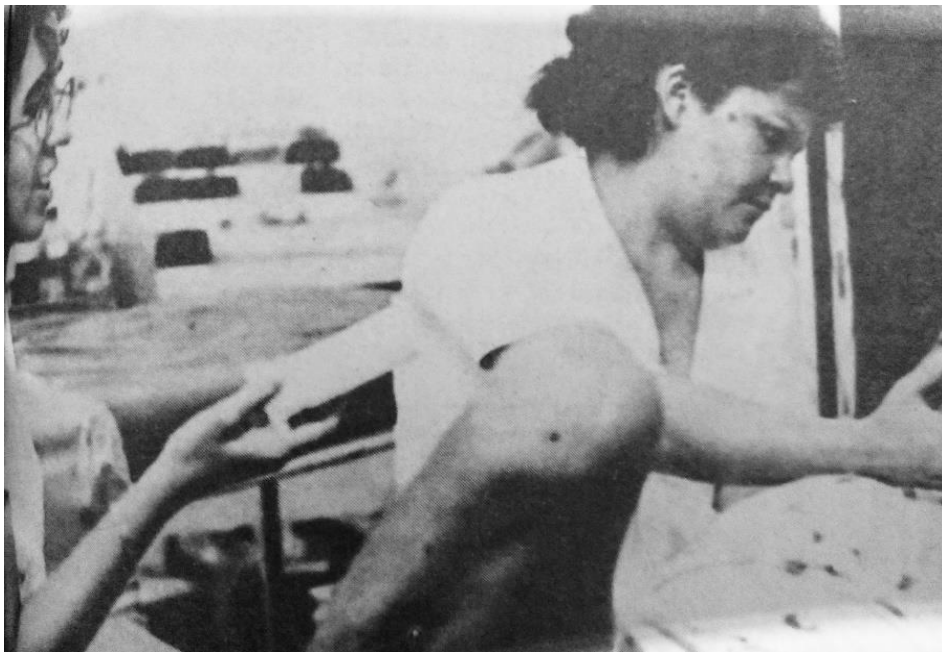
Complementou, o médico de estatura alta:

— Algumas vítimas foram transferidas para as suas residências e para outros hospitais por falta de vagas.

Embora a intenção fosse passar para a população, juntamente com o governador, que tudo estava sendo maravilhosamente executado, não pôde negar que a rede estadual estava superlotada, faltavam filmes para as radiografias de urgência e o banco de sangue estava zerado, sendo necessário que o reitor da UFRN pessoalmente liberasse a doação de material do hospital Onofre Lopes.



ESFORÇO DOS MÉDICOS E ENFERMEIRAS





Atendimento médico caótico no Walfredo Gurgel (Fotos: Jornal A República/ Reprodução; Arquivo do Estado do Rio Grande do Norte/Emerson Amaral)

No clima de estresse que circulava pelos corredores e subia pelas paredes brancas feito vítimas pálidas sem um pingo de sangue circulando em suas veias, houve desentendimentos entre a imprensa e os médicos. Uns queriam denunciar, outros defender o seu ofício e a imagem do decaído hospital. Arnóbio Abreu, ex-

diretor do hospital e o repórter policial da rádio Cabugi Ubiratan Camilo bateram boca. Ubiratan não poupou críticas ao hospital. Era impressionante como os jornais usavam o episódio trágico para brigar entre si por motivações políticas, em nome dos políticos que estavam por trás deles. O que todos consideravam um desrespeito, era cometido por eles mesmos, de forma hipócrita. Segundo o jornal A República, órgão de imprensa do Estado, que na época era governado por José Agripino, um leitor chamado João Maria Nogueira ligou para a redação e tentou reconstituir a briga da seguinte forma:

— Olha, Ubiratan. Não sou diretor do hospital e nem tenho procuração para defender o Governo. Mas vocês estão cometendo uma injustiça muito grande. Estão prestando um desserviço à comunidade. Aqui hora nenhuma faltou material ou médico. Apesar das minhas divergências políticas com o Governo. Estamos realizando um trabalho humano e sério de salvar vidas. E esse tipo de noticiário nada constrói.



Médico Arnóbio Abreu (Foto: Jornal A República/ Reprodução)

A pandemia de Coronavirus não foi o primeiro episódio da história a politizarem uma calamidade médica enquanto pessoas morriam.

Vítimas eram colocadas até no chão por falta de macas e os corpos dos mortos foram empilhados no necrotério do hospital por falta de espaço para acomodar todos. Estavam lá jogados, de maneira indigna, à espera dos familiares.

Ao recorrerem ao banco de sangue da UFRN, para suprir a demanda que faltava e era bastante grande, Linete de Medeiros Rocha, diretora do banco de sangue da universidade falou aos jornalistas:

— No momento em que fomos informados do acidente, colocamos o nosso estoque, pessoal e material à disposição do Walfredo Gurgel. Não houve qualquer interferência, visto que o estoque funciona durante as vinte e quatro horas do dia.

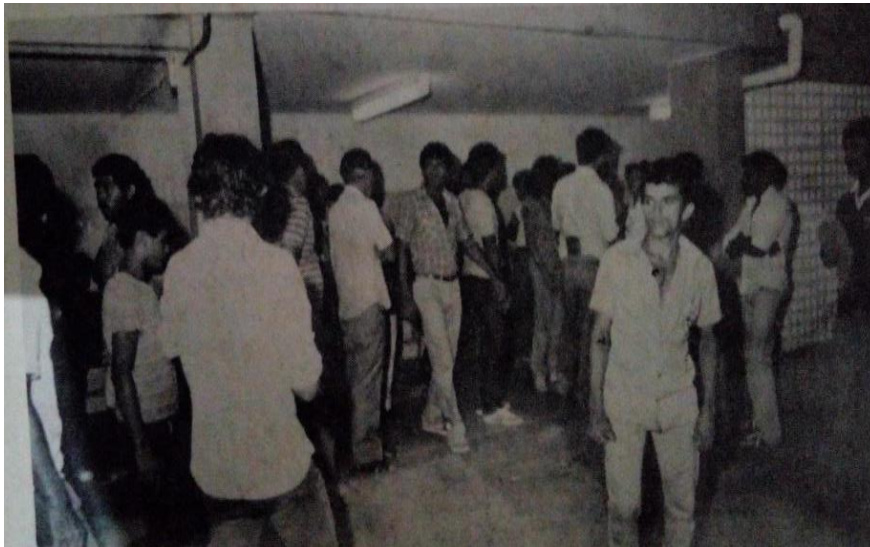
Lúcia Fátima da Costa, responsável pelo posto de coleta, disse que o material até acabou sobrando.

— Não chegamos a usar tudo que trouxemos do banco de sangue.

Segundo ela, isso se deveu a grande maioria das vítimas terem apenas ferimentos leves e não fatais, havendo poucas operações de transfusão sanguínea.

O governador decretou luto oficial no Estado por três dias. De todo o estado, o governo recebia mensagens de pesar, e até de outros estados do Brasil.





Populares curiosos esperam em frente e do lado de dentro do hospital Walfredo Gurgel, ávidos por informações que não vinham. (Fotos: Jornal A República/Acervo)

Alguns ainda se encontravam em estado grave no hospital Walfredo Gurgel e poderiam aumentar a conta do número de vítimas mortas. Dentre elas, Murilo Barros Filho, sendo um dos cinco feridos ainda internados mas que se recuperavam bem. Canindé da Silva era cozinheiro e apresentava um grande edema no olho esquerdo e escoriações e ferimentos por todo o corpo, assim como o integrante da Malandros do Morro Walter Soares do Nascimento, que estava com cortes e ferimentos na cabeça e em todo o seu corpo. Francisco Antônio Batista era um dos integrantes da Malandros que eram passageiros do ônibus dirigido por Aluizio e ainda era o único que estava em estado grave dentre as vítimas na terça-feira após a melhora significativa dos demais. Alguns corpos não

conseguiram ser identificados pois estavam totalmente desfigurados e mutilados. Alguns eram de origem humilde, outros de patente: comandantes e sargentos.

O sargento e músico José Ribeiro Campos sofreu contusões e escoriações. O estudante João Batista Sales, um adolescente de 15 anos, continuava internado no hospital do Itorn, especializado em traumas. Assim como os músicos da Polícia Militar, o sargento José Ribeiro dos Campos e o civil Raimundo Nonato.

Os falecidos: Abiamel Florêncio Bernardo, Acelusio Borges Gomes, Astor dos Santos Dantas, Benedito Alves da Silva, Dinarte de Medeiros Mariz Neto, Esdras César da Silva (Lelé), Francisco Alves da Silva, Jaecy Cabral de Oliveira, Jethe Nunes de Oliveira, José Félix de Lima, José Luiz da Silva, José dos Santos Xavier, Luiz Inácio da Silva, Milton Servita de Brito, Murilo Alberto Viana da Silva, Simone Banhos Teixeira, Rizomar Correia dos Santos.

...as um verdadeiro...
 te. Tinha minhoca, caviar...
 file mignon, espagueti e...
 jeitoso, ainda chamava os...
 pelo nome.

Aureliano também não...
 muito bem na sua pescaria...
 era prá menos: jogava o...
 sem isca. Não oferecia nada...
 peixinhos. Se eles quisessem...
 assim... num determinado...
 momento, porém, Aureliano...
 levantou o caníço que veio...
 18 peixes, Maciel e Andreaza...
 assustaram. Maluf sorriu...
 quilo.

— Ora, só há dois peixes...
 convencionais. O resto não...
 valor nutritivo.

Na praia a multidão...
 esgoelava. As condições do...
 eram cada vez piores: fazia...
 caia aos pedaços. Maluf...
 se comportava como se estivesse...
 num cruzeiro pelas Bahamas.

Se a canoa não virar/role...
 o lá/eu chego lá-a". De repente...
 Aureliano avistou, vindo do...
 transatlântico o que parecia...
 um quinto naufrago.

— Vejam... vem mais um...
 Acho que é o consenso...

— Este barco...
 Andreazza — é pequeno demais...
 para nós cinco. Se ele quiser...
 a bordo eu vou tascar...

— Proponho que deixemos...
 barco para ele — disse Aureliano.

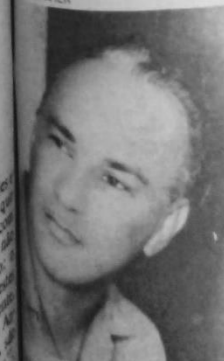
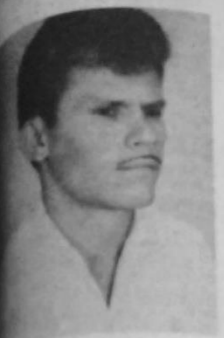
— Vamos nos atirar n'água...
 nadar para a praia...

Maluf quase teve um ataque...
 — O queeee? Depois de todo...
 esse esforço? Nunca. Eu não...
 nadar prá morrer na praia.

Na praia, a multidão perdeu...
 a paciência, parou de gritar e...
 jogou dentro d'água nadando...
 direção do bote. Finge que não...
 estão vendo... gritou Maluf. Ao...
 fundo do Brasil continuava...
 afundando. Isso porém, ficou...
 para depois. Agora os naufragos...
 estavam mais preocupados na sua...
 sobrevivência pessoal. Mais preo-
 cupados em fisgar seus peixinhos.

diretas e ordeste

sões, neste quadro de decepções...
 de desilusões daqueles que...
 acenaram para o povo com...
 soluções mágicas, que afinal...
 aconteceram. Pelo contrário...
 sem se exigindo...
 principalmente...
 do...
 do...
 sup...
 cid...



A tragédia...
 ros minutos da...
 pensado no Viad...
 do o Ônibus...
 de placas AB-7...
 componentes...
 Malandros do...
 motorista Aluísio...
 se encontrava o...
 do, estivo 19...
 sendo ainda no...
 pital Walfrado...

Embriaguez...
 Farias, perdeu...
 do Ônibus, p...
 o Fusca de pla...
 atingir uma...
 mento de 50...
 adalto ao som...
 após particip...
 lenca realizad...
 última, na fe...
 como uma pr...
 cipal de Na...
 te carnaval...

Após o...
 Farias, casou...
 do Mar, no...
 contrabando...
 feridos da t...
 na cabeça...
 devem ser...
 formada no...

As 1...
 do Viad...
 por seus...
 do Exército...
 tos, 26 a...
 Brigadete...
 Gomes; e...
 Felix de...
 de 36 an...
 nida Ale...
 Vila São...
 a profun...
 tocava n...
 turn pa...
 gento 4...
 Dantas...
 resident...
 na Vila...

O...
 conheci...
 residen...
 2296...
 cista e...
 da Sib...
 te na...
 bairro...
 Início...
 reside...
 Quint...
 Xavie...
 na A...
 ro de...

ros...
 de...
 Med...
 Betz...
 Nun...
 Eng...
 jove...
 do...
 sup...
 cid...



Vítimas mortas na Tragédia do Baldo. (Foto: Tribuna do Norte/ Reprodução)

Como canta Joger Bem Jor em *Amor de carnaval*: “Eu chorei quando acabou o carnaval/ Chorei, Pois eu sou muito sentimental/ Amor de carnaval é fantasia /Dura pouco, só três dias...”



PARTE III

Quarta-feira de Cinzas

CAPÍTULO 7: CARNAVAL FOI TRISTE PRA MIM

Depois da jardineira que chorando sumiu

Nos dias de um outro carnaval

Depois da tirolesa que cantando fugiu

Deixando todo mundo mal...

(Iaiá boneca - Ary Barroso,)

EXTRA, EXTRA!

“A tragédia do carnaval sangrento: Ônibus louco mata 22 pessoas e Natal é sacudida na madrugada por um clima de pânico e pavor” ², anunciava o jornal O Poti, nome dado ao periódico do jornal Diário de Natal quando ia para as bancas aos domingos, em tom sensacionalista e estampando fotos grotescas e chocantes resultantes da tragédia causada pelo ônibus desgovernado da Guanabara. Em uma delas, vários cadáveres estavam amontoados e desfigurados no chão do necrotério do hospital Walfredo Gurgel que recebeu mais pessoas mortas do que vivas, segundo o jornal. Além da falta de leitos ou espaço para armazenar os corpos, os corredores estavam lotados, fossem de feridos que chegavam aos montes ou de médicos e enfermeiras que corriam para lá e para cá em um plantão de agonia e desespero, nunca antes presenciado. Essa foi a foto que correu os jornais de todo o Brasil e que não será mostrada por questões éticas e em respeito aos leitores e às famílias das finadas vítimas.

“Madrugada Sangrenta”, “Tragédia na abertura do carnaval de Natal”, “Ônibus atropela bloco: 19 MORTOS”, estampava na capa o jornal dos Alves em letras vermelho sangue garrafais. O jornal Tribuna do Norte, veículo da família do tradicional político Aluizio Alves, publicou de maneira errônea e equivocada o que apurou no calor do momento, no fervor das emoções confusas e nos conflitos de informações e interpretações de quem por lá estava e presenciou. Disse que

Aluizio passou a noite se embriagando nos cabarés do Alecrim, quando na verdade estava trabalhando. Ninguém tinha serenidade para dar entrevistas com exatidão de detalhes, embora ainda fosse possível pegar o clima que pairava fresco no ar. A informação foi dada ao delegado José Reinaldo Cavalcanti e publicada pelo periódico dirigido pelo ex-prefeito de Parnamirim e jornalista Agnelo Alves e Woden Madruga. Outra informação errada era de que José Félix de Lima foi o azarado que tombou no meio-fio enquanto uma Kombi da PM o socorria até o hospital e colidiu com um fusca. Na verdade, como já visto antes, foi Rizomar. As “barrigadas”, termo do jargão jornalístico para se referir a um furo de notícia falso e precipitado, foi desmentida um dia depois pelo jornal O Poti, que provavelmente, por não circular aos sábados, teve um tempo maior para a cobertura e apuração dos fatos. O jornal que tinha na chefia de editores Vicente Serejo, com direção do lendário jornalista potiguar Luiz Maria Alves, e editoria geral de João Felismino da Silva, não chegaria no dia seguinte às bancas. Na contramão do rival, que precisava informar à população o terrível incidente já na manhã de sábado. Foi uma correria nas redações. Já imaginaram se o praticante do crime resolve processar os jornais por praticarem outro crime contra ele, os de calúnia e difamação? Ou se as famílias processassem os jornais pela maneira como seus entes foram exibidos, desrespeitosa, fria, e indignamente?

— A humanidade gosta do trágico e do grotesco. Não dispenso nos meus jornais — Dizia João Maria Alves.

Vicente publicou na sua coluna Cena Urbana um texto sobre a tragédia e que tinha por título “*A Derrota de Todos Nós*”, na edição de 28 de fevereiro de 1984 do Diário de Natal:

“Não participo da ideia dos que buscam uma culpa ou culpado para a tragédia que se abateu sobre todos nós, os natalenses. Até porque, se houve risco em incluir-se o Baldo no roteiro, só a fatalidade pode explicar, aos menos parcialmente, as cenas de horror que cobriram nossos olhos e mancharam as nossas vidas”.

Todos os colonistas pediam por justiça e punição ao motorista e à empresa Guanabara.

No meio da madrugada, toda a cidade foi acordada por aquela notícia perturbadora. O impacto da tragédia foi tamanho que chocou não só o Estado mas todo o Brasil. Os maiores e mais importantes jornais do país noticiaram o trágico acidente do Baldo. A população, indignada, pedia por justiça e medidas rápidas.

Procurada pela imprensa, a Guanabara disse não saber o nome do motorista. Um motorista amigo de Aluízio percebeu se tratar da Tribuna do Norte e falou com a intenção de protegê-lo:

— Isso, ninguém aqui vai dar, não.

Disse que era um bom companheiro e ele fazia piadas com a fama que tinha.

— Rapaz, que azar o Aluízio deu, né? — Comentavam os funcionários da Guanabara entre si.

Em Natal, uma capital monótona e de pequeno porte, em que nada de interessante ou relevante acontecia. Em uma região invisível para as autoridades da época, a nível nacional, e que ainda tentam riscar do mapa.

As imagens que logo ganharam todos os jornais com destaque máximo era uma atrocidade. Mas desgraça vende bem. Para alguns, pouca é até bobagem.

A revista eletrônica dominical Fantástico e o Jornal Nacional, da Globo, estiveram em Natal cobrindo o acidente. Porém, tais imagens desapareceram sem deixar rastros dos arquivos dela. Sem uma filial local, a cobertura ficou a cargo da Globo Nordeste, situada em Recife. Os diversos jornais impressos e o rádio eram os principais meios de comunicação em uma cidade ainda sem uma emissora de TV local, uma afiliada da rede.

Na madrugada do dia anterior, outra tragédia também abalou o país inteiro e gerou grande comoção em uma das maiores catástrofes já presenciadas na nossa história. Na cidade de Cubatão, em São Paulo, por causa de um incêndio na Vila Socó (atual Vila São José) outras famílias igualmente sofreriam a dor das perdas irreparáveis de parentes e de tudo que tinham construído durante toda uma vida de trabalho e pobreza. Por volta das 22hh30 da noite, moradores perceberam que havia algo errado com os oleodutos da Petrobras que faziam ligação entre a refinaria Presidente Bernardes e o terminal de Alemoa. A tubulação passava em uma área de mangue na qual existiam casas construídas em cima de palafitas. 700 mil litros de gasolina vazaram de um dos dutos da refinaria, dando início a um incêndio que se alastrou com grande velocidade e deixou toda a vila de barracos de madeira destruída após várias explosões. 93

moradores perderam as suas vidas e outras centenas perderam as 600 casas nas quais moravam. 3 mil pessoas desabrigadas. Até hoje não se sabe ao certo se foi causado por uma faísca de um fósforo ou um curto-circuito. Mulheres, crianças, bebês, idosos, todos em situação de extrema pobreza e carbonizados. Isso ofuscou completamente o terrível incidente do Baldo nos noticiários país afora. Ocupou uma pequena nota espremida no canto superior direito do Jornal do Brasil. A ênfase foi dada ao fato do neto de um senador ter falecido.

A opinião de Albimar Furtado de que as fotos sangrentas serviam para dar uma dimensão do ocorrido por falta de emissoras de TV para exibir o acontecido não me convenceu. Então resolvi procurar outros jornalistas da época para tentar compreender porque tais infrações éticas eram tão aceitas pelos leitores e tão praticadas pelos jornalistas. Sendo algumas até criminosas. O Ministério Público da época não era tão atuante em relação ao trabalho da imprensa.

O jornalista Carlos Peixoto me explicou o seguinte:

— Naquela época não havia quase nenhuma discussão sobre os limites de exposição na imprensa. Cada veículo adotava regras que julgava conveniente à linha editorial que seguia.

Perguntei:

— O senhor acha que era uma estratégia para chamar a atenção dos leitores, tinha alguma relação com o aumento de vendas?

A resposta foi a seguinte:

— Alguns eram mais "sangrentos" que outros. Aqui, a linha do "espremeu, sai sangue" era mais forte no Diário de Natal. A Tribuna do Norte era mais comedida nesse aspecto, mas dependia muito também do editor. E para concorrer nas bancas e nas mãos dos gazeteiros com o Diário, muitas vezes o limite de exposição de cadáveres e chamadas sangrentas era ultrapassado também na Tribuna. Mas era também era cultural, um jeito de fazer jornalismo diferente. Um outro aspecto dessa questão você poderá notar na exposição de fotos de presos. Às vezes, o cara era só "suspeito" e tinha foto, nome e até endereço estampado nas páginas. Havia entre os profissionais uma consciência muito baixa sobre o papel social e educador, em relação à formação cidadã da

sociedade e aos direitos humanos, como conjunto de regras para o ordenamento humanístico das relações políticas/sociais. Por exemplo, a palavra “gay” ou “homossexual” era usada para agravar o crime cometido ou reforçar a falta de caráter de uma pessoa.

O professor de ética jornalística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Daniel Dantas Lemos explanou sobre a ética jornalística em entrevista da forma como vou reproduzir integralmente a seguir:

“Acredito que toda uma consciência acerca da diversidade na sociedade, sexualidade, direitos humanos, e outros elementos nesse sentido, foram sendo construídos muito aos poucos, especialmente nos últimos 30 anos. O que houve em 1968, por exemplo, no mundo, produziu efeitos mas que foram se disseminando aos poucos.

Não sei ao certo, mas posso imaginar como hipótese que essa geração de jornalistas dos anos 70 e 80 não tinham ainda consciência sobre tais questões porque elas não eram discutidas, ensinadas, pensadas, propostas. Talvez, no caso brasileiro, interferisse também a própria falta de democracia associada a um poder muito grande de forças conservadoras do campo, da cidade e nas religiões. Percebo que uma nova consciência social acerca desse tema vai surgir só depois da redemocratização e da Constituição de 1988. Aí aqueles grupos sociais que até então eram invisíveis e, por isso, silenciados, começam a aparecer e falar.

É quando nos deparamos com a alteridade que podemos ser alterados. Aí os movimentos em defesa da diversidade sexual, a luta contra a AIDS, os trabalhadores do campo, passaram a ter mais voz e ser mais vistos. Destaque-se a luta contra o racismo.

O que a emergência desses atores sociais promove, inclusive nos jornalistas, é a percepção cada vez maior de sua humanidade. Tais pessoas não são rótulos, termos ou coisas. São pessoas que têm direitos, adoecem, passam fome, sangram, morrem, votam, são votados.

Acho que é aí que os jornalistas passam a entender a importância desse cuidado com os direitos humanos e a forma de tratar como gente as pessoas de suas notícias.

Aí tem episódios como o Aqui Agora nos anos 90.

Em Natal, um dia o Diário de Natal publicou na primeira página as fotos de Paulo Queixada, esquartejado, sendo retirado das paredes da Colônia Penal João Chaves. Esgotou a edição, mas a repercussão posterior não foi positiva e, com o tempo, os jornais da cidade acabaram com a editoria de polícia, jogando tudo em cidades.

Se o que relata Carlos Peixoto se desse hoje, se houvesse espaço para isso em um jornal considerável, iriam sofrer sanções jornal e jornalistas. Hoje as próprias normas de conduta das empresas regulamentam isso.

E tem mais um detalhe. Os grupos vítimas preferenciais dos ataques preconceituosos (negros, indígenas, comunidade LGBTQIAP+, etc) estão mais presentes hoje nas redações, inclusive em lugares de mando, o que torna a cobertura jornalística necessariamente mais diversa e atenta a essas questões.

A legislação também ajudou a mudar essa consciência, uma vez que a partir da Constituição uma série de leis foram estabelecidas no que se refere a direitos humanos, como o ECA. Então, depois do ECA se tornou crime identificar uma criança ou adolescente em posição de vulnerabilidade ou conflito com a lei. Não é uma questão de ideologia pessoal - é uma questão de cumprir ou não uma lei.

E aí, com a falta dessa consciência entre os veículos e os profissionais, com um código de ética que não poder de sanção, você via então todo tipo de desrespeito, desde a identificação de crianças e adolescentes, vilipêndio de cadáveres, desrespeito à presunção de inocência (que sempre levava a ainda maiores injustiças, como prisões, torturas, linchamentos). Algumas dessas coisas são passíveis de repercussão no âmbito criminal ou civil. Podem levar a condenações criminais ou a pagamento de indenizações”.

Provavelmente, na era em que as imagens têm um apelo maior e que a circulação da informação se dá dentro das dinâmicas das redes sociais, alguns blogueiros sensacionalistas e carniceiros, sem ética alguma, iriam fazer circular no Instagram, Facebook, Twitter e aplicativos mensageiros vídeos e imagens dos corpos caídos no local, do pânico instalado na Rio Branco, do atendimento hospitalar, e dos velórios. De acordo com o linchamento virtual, a vilanização e incitação de ódio e violência contra Aluízo seria muito maior. Basta observar os comentários em postagens sobre a tragédia em redes sociais em que não só julgam e pedem justiça os de toga do senso comum, vestidos de falta de empatia, como desejam a morte dele.

O jornalista é como um farmacêutico, um boticário que manipula as informações. Porque ela é remédio, inclusive para a ignorância e o preconceito. Mas também pode ser veneno.

A análise que poderia se fazer dos principais jornais da época era a seguinte. Enquanto o Diário de Natal seguia uma linha mais conservadora e reacionária, a Tribuna do Norte pendia para uma política editorial mais liberal e progressista. O A República, ligado ao Governo do Estado, era basicamente um instrumento de divulgação das ações do governador José Agripino. Era um

jornal, como se diz, aparelhado e que servia aos seus aliados e interesses como a defesa da ditadura militar. Chegaram a publicar, por exemplo, matérias em que o presidente ditador João Figueiredo dizia que o Brasil nunca tinha vivido em um contexto de tanta liberdade. Um detalhe é que esse foi o mesmo que em 1983 ordenou que o general Newton Cruz mandasse um repórter calar a boca, dando um empurrão no jornalista e exigindo um pedido de desculpas. Qualquer semelhança com 2021 e a postura do Presidente Jair Bolsonaro, não é mera coincidência. Inclusive, Bolsonaro contou com amplo apoio de jovens envelhecidos da classe média natalense que se acabavam na esbórnica carnavalesca dos blocos de elite e hoje se dizem conservadores. Os jornais eram meios voltados para pessoas mais intelectualizadas, com um maior poder aquisitivo. O rádio era um meio mais popular e que alcançava toda a população de forma mais ampla e democrática. Todo mundo tinha um radinho de pilha. Televisão ainda era artigo de luxo. A cores então, nem se fala. Mas muito do comportamento e da moda da época, do que era consumido, vinha das novelas.

Em editorial, a Tribuna do Norte culpava o contexto de autoritarismo, intolerância, incompetência, e do elenco de servilismo que levava o jornal oficial do Governo a cultivar um nefando e indisfarçável nojo às eleições diretas. Não adiantava criticar uma autoridade e apontar uma deficiência, se fosse um jornal calado pela pressão econômica ou pessoa física que fosse enquadrada na Lei de Segurança.

Omitiam nele completamente a campanha das Diretas Já! Sem falar que a cobertura da tragédia foi mais na intenção de tapar o sol escaldante de Natal com a peneira, pôr panos quentes na situação de colapso e nas vergonhosas condições do Walfredo Gurgel. Esse tipo de política seria adotada anos mais tarde na TV Tropical, de propriedade de José Agripino, em que os seus pronunciamentos no senado eram exibidos na íntegra nos noticiários como forma de propaganda política, e as jornalistas que o acompanhavam eram chamadas pejorativamente no meio jornalístico do estado de *"agripinetes"*. Mudou o meio e o formato, mas a prática populista descarada continuou a mesma. Mas o A República corria por fora. A competição comercial pegava fogo mesmo entre o Diário de Natal e a Tribuna do Norte, inclusive também no seu uso político/partidário e ideológico. A Tribuna fazia campanha, uma verdadeira panfletagem para as Diretas. O Diário cobria as Diretas para tentar passar uma imagem de imparcial mas não empolgava quem lia o jornal com elas.

Enquanto a Tribuna chamava as mulheres mais jovens de *"serejinhas"* e *"serejões"*, de maneira sexista e objetificadora dos corpos femininos, chamando a atenção para a pose das *"ninfetas"* de biquínis em poses sensuais, e estampados

anúncios de motéis com o slogan “*mamãe que quero mamar*”, o Diário e o seu dominical O Poti publicavam colunas de opinião com teor preconceituoso e intolerante, dando voz a padres moralistas e intelectuais conservadores que diziam que a “*juventude pagava pelos seus excessos*”, que a AIDS era um castigo divino para os gays e etc. Na capa, publicavam até versículos bíblicos. O que agradava a classe média religiosa da cidade e os pobres carolas. Enquanto isso, a Tribuna publicava em seus suplementos uma série educativa e politizadora chamada de Universidade Aberta, em que abordava as ideias e obras de grandes pensadores, sociólogos, filósofos e teóricos como Mirabeau.

A linguagem chula era amplamente usada. Bem como termos sensacionalistas e piadas com as fontes nas páginas policiais. Destaque nos dois jornais para colunas como Pinga-fogo, na Tribuna, para as charges às vezes homofóbicas do Cartão Amarelo no O Poti.

Woden Madruga escreveu o seguinte na sua coluna, o Jornal de WM, em tom de crítica acertada, mas usando termos homofóbicos sobre o carnaval em Recife. E sim, o insulto homofóbico está no jornal em negrito, em destaque no jornal:

*“Duas dúzias de burgueses decadentes e uma classe média idiota se reúnem em um dos clubes ditos aristocráticos de Recife para um carnaval de luxo. A televisão mostrou um punhado de alienados vestidos à rigor, mesmo que a temperatura estivesse acima de 30 graus e uma meia dúzia de **bichas** desfilando numa passarela para um concurso de fantasias de luxo”.*

Tribuna do Norte, 28 de fevereiro de 1984

Não tive a oportunidade de conversar com ele para saber se a sua mentalidade mudou. Mas era a padrão da época. Fosse de esquerda, direita ou da coluna do meio.

Como cantava Milton em *Notícia de Jornal*: “*Tentou contra a existência/ Num humilde barracão, Joana de tal/ Por causa de um tal João/ Depois de medicada/ Retirou-se pro seu lar Aí/ A notícia carece de exatidão... Ninguém notou/ Ninguém morou na dor que era o seu mal, A dor da gente não sai no jornal*”.

SAMBA-ENREDO DO DESALENTO: COM CHORO E COM VELA

Após a trágica madrugada de horror e lamentos, os parentes e amigos das vítimas derramariam mais lágrimas ao enterrarem os seus mortos. Um clima fúnebre tomaria conta da cidade sempre ensolarada. Havia muita comoção e inconformismo pela barbaridade que tirou as vidas de tantas pessoas queridas tanto por parte dos entes como também pela população ainda abalada com o ocorrido. Não se falava em nenhum outro assunto na cidade naquele triste final de semana. No ano seguinte, através de um decreto assinado pelo então prefeito da cidade Marcos Formiga, várias ruas da cidade ganharam os nomes dos mortos.

Durante o velório, o comandante da Polícia Militar Waldomiro Fernandes em um misto de lamento e revolta pelas mortes dos companheiros e o esfacelamento da banda da instituição desabafou:

— As bandas carnavalescas não costumam pedir solicitação para desfilar pelas ruas da cidade. Muito embora, durante as aglomerações, sempre se registre a presença de pelotões de trânsito.

A preocupação do coronel ainda naquela manhã foi prestar assistências às famílias dos sargentos mortos para providenciar as devidas medidas de assistência e os sepultamentos, que aconteceram à tarde.

— O desprendimento dos policiais foi decorrente também da solidariedade dos populares, que ajudaram de todas as maneiras que puderam.

A Guanabara emitiu a seguinte nota nos jornais, tentando minimizar o escândalo no qual a empresa estava no centro:

*“A Transportes Guanabara Ltda., constrangida com o trágico acidente ocorrido na madrugada de ontem, vem de público, solidarizar-se com a dor das famílias enlutadas e de toda a sociedade natalense, que sempre prestigiou esta empresa, a qual por sua vez só tem a lamentar o funesto acidente haja envolvido veículo de sua propriedade, embora obviamente por motivos totalmente alheios à sua autoridade.”*³

O constrangimento e a solidariedade da empresa que colocou um funcionário psicologicamente abalado e cansado em um dos seus volantes parecia não serem suficientes.

A diretoria do Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros do Rio Grande do Norte também emitiu uma nota:

“Lamentando o pesaroso acidente de ontem, envolvendo um ônibus de nossa filiada, dirige-se por esta nota a toda a comunidade natalense compartilhando a tristeza e o luto que cobrem os familiares e amigos das pessoas vitimadas.”⁴

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte também veiculou uma nota em todos os jornais, lamentando a perda de dois de seus alunos e de um dos seus funcionários. Se solidarizando com suas famílias.

Enquanto isso, pela cidade, corpos eram velados e enterrados. A família de Dinarte anunciou o seu afastamento das festividades carnavalescas devido ao luto enorme que sentiam pelo jovem e promissor futuro engenheiro.

O corpo dele foi velado na capela da escola Marista. Chegou por lá por volta das 08h00 da manhã. Uma grande movimentação de pessoas aconteceu, dentre amigos da família e de Dinarte e também desconhecidos que passavam curiosos e pesarosos rapidamente pelo local sem falar muitas palavras. Centenas queriam dar adeus ao neto do tradicional político potiguar. Pessoas públicas e autoridades também apareceram como o secretário municipal de educação Lúcio Teixeira e o ex-governador Lavoisier Maia. Outros familiares como a irmã de Dinarte, Terezinha, recebiam os cumprimentos. Choravam desconsolados, debruçados em cima do corpo velado.

Os pais, Dinarte Junior (Diretor estadual do antigo INSS, chamado na época de Inamps), Célia e avós só chegariam no final da tarde, a tempo de verem pela última vez o rosto de Dinarte dentro de um caixão. Estavam em viagem à Santa Catarina resolvendo assuntos ligados ao instituto de previdência quando receberam uma ligação da filha Elizabeth aos prantos e em estado de choque. Só chegaram a tempo pois o seu aliado político Paulo Maluf emprestou o seu jatinho particular. Logo após, os sonhos seriam enterrados no cemitério Parque. Dinarte estava próximo da banda assim como Simone e o assunto ainda era bastante discutido em tom de indignação na capela. Dez dias depois, o senador Dinarte Mariz passou mal e foi levado até o Hospital de Base em Brasília, onde ficou internado na UTI com uma grave hemorragia intestinal. A perda do neto de

maneira tão bruta foi um golpe muito duro para o avô que tanto o amava. Dinarte Mariz faleceu meses depois, em julho daquele ano. Duas grandes e dolorosas baixas para a família em menos de um ano. Mas isso será abordado mais detalhadamente à frente.

As cenas de choro e desespero também dominavam o velório dos militares que integravam a banda. Cinco corpos foram velados na capela da corporação. Desde a hora em que chegaram ao local durante a manhã do sábado e até a hora dos seus enterros no final da tarde, várias pessoas precisaram ser levadas até o hospital Walfredo Gurgel após fortes crises nervosas, desmaiadas. A maioria, esposas, irmãs e mães. Às 15h00, foi realizada a missa de corpo presente. Bima estava entre eles, era o filho do chefe da banda. O cortejo fúnebre com os seis caixões enfileirados (incluindo o de Bima) seguiu para diferentes cemitérios da cidade. Quanto mais a hora marcada para o enterro se aproximava, mais pessoas superlotavam a capela da Polícia Militar. Os caixões estavam abertos para visitação pública e os populares se imprensaram uns entre os outros para ver os rostos dos mortos.

O chefe da banda e pai de Bima, lamentou a morte de seu filho e também dos cinco integrantes de sua banda.

— Não tenho condições de dizer nada. Sinto-me completamente arrasado.

Depois, já mais calmo, Geraldo Bernardo da Silva falou para os repórteres que na hora do acidente não teve a menor noção do que acontecia. A primeira ideia que se passou por sua cabeça foi a de que um fio elétrico de alta tensão caiu sobre ele e somente depois viu a lamentável cena: o corpo do seu filho morto ao lado, além dos seus companheiros de banda e demais pessoas.

— Desde o começo do trajeto eu tive uma espécie de pressentimento, e pedi por diversas vezes ao meu filho e aos demais que procurassem caminhar pelas calçadas. Eu não vinha à frente da banda, e sim atrás. Mas não foi por isso que eu escapei porque companheiros e o meu filho vinham ao meu lado e estão mortos.

Durante o velório dos cinco sargentos, o comandante da polícia militar e coronel Waldomiro Fernandes afirmou que intensificaria as blitz e a fiscalização do trânsito. Consternado, lamentava o ocorrido pela imprudência de motoristas. Cogitou que o motivo do acidente seria embriaguez ou alta velocidade. Ele também chegou a afirmar que os blocos e bandas carnavalescas não pediam auxílio militar ou solicitação para desfilar, por mais que nos locais de maior aglomeração houvessem guardas de trânsito. Waldomiro ainda agradeceu à população e elogiou a atuação da polícia “dinâmica e ágil”.

— O desprendimento dos policiais foi decorrente também da solidariedade dos populares, que ajudaram de todas as maneiras que puderam — Complementou ele.

O Vice-Governador do Estado Radir Pereira também compareceu ao ato fúnebre por volta das 10h00 da manhã. Caminhou até a fileira de caixões alinhados uns aos lados dos outros e disse em tom de discurso político fora de campanha, fora de hora.

— O Estado está de luto. O Rio Grande do Norte traumatizado, principalmente o natalense, na hora em que uma festa de alegria se transforma em luto total. Estamos todos abalados — disse Radir em público.

Joaquim Borges de Albuquerque Maranhão, que velava o corpo de Acelúcio Borges estava convicto de que a tragédia do baldo, como todos já a chamavam, caiu como um balde de água fria no carnaval natalense. Sentada no banco da capela, a viúva grávida de quatro meses que era casada com Jethe Nunes de Oliveira estava inconsolável e pensava em como criaria aquela criança que já nasceria sabendo da tragédia que a tirou de seu pai quando estava ainda na barriga da sua mãe. Giovana Botelho de Oliveira disse que recebeu a notícia por volta de oito horas da manhã e imediatamente entrou em estado de choque.

O policial Francisco Geraldo Fernandes não quis se pronunciar. Estava com curativos nos dedos das mãos. As feridas ainda estavam muito vivas. Se limitou a dizer em tom desabonado:

— Caí no tumulto e não vi mais nada. Ainda estou desorientado e em choque com a perda dos meus companheiros.



Sete dias depois, os militares que tocavam na banda e faleceram, foram homenageados com uma missa celebrada pelo padre Hudson Brandão na Catedral Metropolitana. As forças Armadas e o Governador José Agripino compareceram. O coral da Universidade Federal do Rio Grande do Norte participou entoando cânticos melancólicos. Um clima de comoção estava espalhado por toda a igreja. Pessoas choravam enquanto juntavam as suas mãos em oração e suas lágrimas escorriam pelos rostos tristonhos e desconsolados.

De pé junto aos pilares, os comovidos cabisbaixos, ouviam o sermão do padre:

— Lembro de alguns dos músicos mortos tocando nas festas da padroeira da cidade. E tenho certeza que eles estão gozando no céu as delícias da sinfonia do paraíso. A dor que nos une é a dor da amizade: pelo fato de sermos todos músicos, devemos conhecer as possibilidades de utilizar a nossa arte para educar o povo, para regenerar a violência que é fruto da irresponsabilidade. Pelo exercício da nossa arte podemos descobrir a beleza da vida. Estamos vivendo num mundo capitalista, que transforma a emoção em mercadoria facilmente comercializada. E nós, que temos o dom de criar emoções, devemos assumir o compromisso para criarmos sentimentos positivos.

No final, todos se abraçaram e se acolheram. Uma senhora não conteve a emoção e desatou a chorar, pois nada lhe era consolo.

O diretor da Banda Gália Eugênio Cunha atribuiu a falta de segurança e de organização na cidade à prefeitura. Disse que nunca saía com o seu bloco, que tocava desde 1981, até as ruas mais movimentadas da cidade.

— Se numa promoção feita pelo próprio poder público ele descuida da segurança, imagine nas demais. Estamos chocados, revoltados e consternados com a perda dos nossos amigos. Eles eram tão entrosados que eram praticamente irmãos.

Também criticou o desestímulo às bandas e que até a imprensa as discriminava pois preferia concentrar a sua cobertura no carnaval de Barra de Maxaranguape. A tristeza do ocorrido se somava à frustração da não concretização de um sonho antigo: a vitalização do carnaval de rua, que considerava a mais autêntica manifestação popular.

— Esse momento era ideal para motivar as pessoas a fazerem o carnaval nas ruas, mas precisamos ter segurança para nos divertirmos. O que aconteceu, aconteceria a qualquer momento, em qualquer ocasião porque a insegurança da cidade é permanente. O carnaval é uma festa que deve ser feita pelo povo, da forma mais simples e descontraída possível. E não de uma forma imposta por órgãos oficiais como foi. A gente precisa fazer um carnaval popular, na rua, junto com o povo. Não nesses clubes de bacana.

Eugênio ainda falou que para exercerem a sua paixão pela música e tocarem, não mediam distâncias.

— Se tivessem com dinheiro nas mãos, a gente tocava. Se não tivessem, tocávamos também. E mesmo quando o dinheiro que a gente arrecada com a venda de camisetas, decalques e outras coisas não é suficiente para comprar a bebida, não tem problema. O que a gente quer é compartilhar alegria e descontração. Só isso.

Falou que por um motivo não explicado, houve uma troca e eles saíram com o bloco Puxa-saco.

— Eles não queriam. Parece que pressentiam. Não queriam tocar para esse bloco. Queriam voltar ao esquema antigo, tocar no Carnaval da Saudade, mas não conseguiram e hoje seis deles estão mortos. Mortos! Os da Polícia Militar e do Exército tocavam na banda para ganhar um trocado extra, aumentar o salário minguado que ganham. Ironicamente, na busca pela sobrevivência, acabaram mortos.

Para ele, a culpa não era do motorista, que diz ser um coitado que foi explorado cruelmente pela Guanabara, mas da falta de estrutura para a realização do carnaval e que as autoridades não tomavam as medidas necessárias para conter a insegurança na cidade. Pela falta de apoio, a banda do bloco Puxa-saco não havia recebido as instruções adequadas e tomado precauções e que o ônibus não havia recebido a informação de que haveria um cortejo de carnaval debaixo do viaduto. Falhas de comunicação. Tudo poderia ter sido evitado pois 10 mil panfletos do bloco foram distribuídos, além dos anúncios nas rádios, e a prefeitura estava ciente de que aquilo poderia acontecer durante o carnaval, segundo Dickson, o diretor do bloco.

O maestro e saxofonista Tenente Francisco Nogueira Maia, conhecido pelo apelido Mainha, acostumado a agitar as maiores festas carnavalescas de Natal nos últimos anos antes daquele derradeiro com a banda de frevo que regia, estava estarecido e acometido de uma profunda tristeza. Perdera 15 companheiros com os quais convivia e mantinha estreitos laços de amizade há trinta anos. Ele vinha marcando a música em frente à banda, como era de costume. Mainha conseguiu escapar quase ileso porque por coincidência do destino, uma dessas que não dá para se explicar e só basta a sorte para justificar, deu dois passos para a esquerda e mesmo assim, sofreu o impacto do corpo de Milton Servita Brito. Ao ser atingido, sofreu escoriações leves e uma forte pancada na perna esquerda. Quando olhou para os seus pés, deu de cara com o corpo de Milton. Manquejava mesmo depois do atendimento médico que lhe foi prestado. Dois passos o salvaram!

Tentou ajudar três companheiros, os levando para as ambulâncias. Infelizmente, vieram a óbito: o próprio Milton que estava caído aos seus pés, Wallace e Acelúcio.

Uma desoladora sensação de esforço sacrificado e impotência tomou conta da sua face enrugada pelos seus 66 anos de idade. Completamente desnortado, foi levado contra a sua vontade para o hospital, onde foi medicado com sedativos, de tão abalado emocionalmente que estava. A maior parte dos companheiros de Mainha eram casados e de origem pobre, humilde. Ainda lamentou a perda dos instrumentos. Não sairia mais naquele carnaval.

Tudo virou cinzas antes mesmo de a quarta-feira ingrata chegar.

Como canta Erasmo Carlos em *Cachaça mecânica*: “Gastou seu bolso, mas sambou desesperado/ Comeu confete, serpentina, e a fantasia...”

“NÓS NÃO MANDAMDO ELE MATAR NINGUÉM”

Pantaleão era o patrão do trio da *commedia dell'arte* Pierrô, Arlequim e Colombina. É um homem avarento, arrogante, vaidoso, mesquinho, arrogante,

explorador e que representa todos os vícios dos poderosos. A personificação do empresariado de transportes públicos de Natal.

Na empresa Guanabara, o clima era de tensão e preocupação pelo fato de o acidente também ter manchado o nome da empresa de sangue e não haveria bombeiros capazes de retirar. A Ordem dos Músicos foi firme ao avisar, através do presidente Antônio Ribeiro da Cruz que lutaria até o fim para que todas as famílias dos integrantes da banda fossem indenizadas. Pretendiam acionar juridicamente e processar tanto a Guanabara como também a Prefeitura, apesar de a Secretária para assuntos do Governo Maria de Lourdes Guerra ter dado auxílio financeiro para o enterro dos músicos, pois as famílias não tinham condições e enfrentavam problemas financeiros. Na manhã anterior à madrugada da tragédia, Antônio estava reunido com Mainha, tomando as primeiras decisões para auxiliar as famílias dos mortos. Alguns eram do Exército, outros da Polícia Militar e os demais civis que tocavam na Banda Gália.

A resposta veio através do superintendente de transportes urbanos Carlos Batinga que afirmou que de acordo com o laudo pericial, tomaria as medidas cabíveis em relação a empresa e ao motorista Aluizio. A tendência era de que a culpa seria do motorista, o que foi concluído posteriormente. A Prefeitura tinha que demonstrar estar à serviço da população. Convenções inconvenientes e de caráter político. Ameaçou processar a empresa Guanabara e caçar a sua concessão.

A empresa foi poupada criminalmente e toda a culpa jogada nas costas do motorista. O apurado pelo superintendente foi que não houve excesso de trabalho para o motorista e no dia do acidente ele trabalhou apenas as oito horas combinadas. Mesmo que isso fosse um ato de tapinha nas costas e não correspondesse à realidade. Havia muito dinheiro envolvido nas negociações. A perícia só se completaria com a presença do motorista ainda foragido. Mesmo com a culpabilidade da empresa já descartada, a punição poderia ser a cassação dela, uma multa ou a cassação da carteira de habilitação do motorista, em um primeiro momento. Foi fácil descobrir para qual lado a corda rompeu.

O decidido em uma reunião marcada por muita confusão e discussões na cúpula da Guanabara foi que a companhia de seguros Sul América pagaria 28 milhões e 600 mil cruzeiros para as famílias dos 19 mortos. O processo de pagamento foi agilizado por pedido da própria empresa. Os parentes esperavam ansiosamente por algum tipo de compensação, mas o dinheiro não pôde tapar o buraco nas almas dos familiares que seriam marcados pela ausência dos seus parentes, e que nenhuma quantia substituiria. Mães chorariam até o fim dos seus dias.

— Apesar de dinheiro algum pagar uma vida humana, a empresa está procurando ajudar as famílias enlutadas. A Guanabara não tem nenhuma responsabilidade criminal já que não mandou o motorista matar ninguém. O motorista é quem vai responder criminalmente pela prática do acidente — afirmou o advogado da concessionária José Rocha.

Segundo ele, Aluízio tinha uma boa ficha e nada constava que o prejudicasse profissionalmente, apesar de isso não ser verdade. Alegou que a Guanabara disponibilizava médicos, psicólogos e assistentes sociais que entrevistavam e treinavam os candidatos a uma vaga de emprego que passavam por um estágio de 15 a 20 dias recebendo aulas de relações pessoais, boas maneiras e etc. Além disso, faziam um levantamento preliminar da vida dos seus motoristas antes de contratá-los. Só não disseram que contrataram um motorista incriminado por matar uma mulher atropelada, que foi condenado e cumpria pena durante o período de sua contratação. Como isso não constava em sua ficha?

— Não temos nenhuma responsabilidade criminal pois nós não mandamos ele matar ninguém — disse o diretor da empresa após aumentar a carga de trabalho de um funcionário de maneira abusiva, pondo no volante um homem já exausto psicologicamente, segundo a opinião dos que até hoje acusam a empresa de ter dado a sua contribuição ao evento. Era como pôr munição em uma arma. O gatilho foi apertado. A empresa até hoje nega com veemência ter aumentado o expediente do motorista, alegando que não houve sobrecarga de trabalho no dia. Segundo o próprio motorista, *“nenhuma contrariedade”* ocorreu em mais aquele dia de serviço, embora os depoimentos apontem o contrário e a versão oficial seja a das viagens extras e o da sua irritação, que o fez acelerar e causar o atropelamento.

CAPÍTULO 8: ATRÁS DO TRIO SÓ NÃO VAI QUEM JÁ MORREU

Você merece

Você merece

Tudo vai bem, tudo legal

Cerveja, samba e amanhã, seu Zé

Se acabarem com teu carnaval

(Comportamento geral - Gonzaguinha)

VOCÊ PENSA QUE CACHAÇA É ÁGUA?

Dickson disse que vários foliões do Puxa-Saco se divertiriam em outros blocos e que apesar do que aconteceu, a vida continuava. Não havia clima algum para que o bloco continuasse a participar do carnaval. Mais de dois milhões de cruzeiros da verba destinada pela prefeitura já havia sido investidos em materiais para alegorias e fantasias. As perdas humanas eram irreparáveis.

Sair em um bloco de rua, depois do ocorrido era censurável pela população enlutada. Um ato de ousadia, resiliência, mas interpretado como desrespeito. Os realizadores do carnaval estavam divididos. Uns achavam que os preparativos para a folia não deveriam ser interrompidos. Outros achavam que já não haviam mais ambiente e clima para a sua realização. Algumas bandas diziam que mesmo com as mortes dos músicos, algumas asas sairiam como forma de homenageá-los fazendo o que mais amavam.

A prefeitura da cidade também suspendeu toda a programação já organizada para o carnaval. Eles estavam empenhados em oferecer ajuda para as famílias dos mortos e também para todas as outras famílias do fatídico incidente. Não havia mais clima de folia na cidade e o sentimento de pesar tomou conta de

toda a atmosfera colorida do carnaval, que se converteu no preto do luto. Quanto ao desfile das escolas de samba e ao baile carnavalesco do Palácio dos Esportes, cabia à comunidade decidir se colocaria ou não seus blocos na rua e seguiriam em frente, passando por cima das manchas de sangue deixadas na história da cidade e tentando escondê-lo com confetes e serpentinas, fantasias e adereços reluzentes. Até o comércio de adereços carnavalescos foi afetado com baixas vendas por causa da tragédia.

Repartições públicas anunciavam que não funcionariam durante os dias do reinado de momo. A prefeitura também deu a sua canetada e cancelou todos os eventos previstos para o carnaval de 1984 em Natal. Incluindo o famoso ensaio geral para pôr os foliões no clima. A sensação térmica caiu de vez e não haveria clima para grandes farras de rua.

Marcos Formiga estava na sua residência, de madrugada, quando a terrível notícia do acidente lhe chegou aos ouvidos. Seis das vítimas acidentadas era parentes do prefeito, mas nenhum corria perigo e se recuperavam bem, sem maiores cuidados.

Francisco Alves da Silva, organizador da Banda dos Artistas, achava que a tragédia não era balde de água fria suficiente para cancelarem o carnaval:

— Tudo que aconteceu foi muito triste. Mas o carnaval não deve parar por causa disso nem tampouco as bandas deixarem de sair às ruas. O que aconteceu foi uma fatalidade que poderia ter acontecido em qualquer local, durante qualquer manifestação popular. Claro que isso vai deixar muita gente desanimada e mesmo apreensiva.

O colunista social Toinho Silveira, que organizava um baile, achava que o carnaval devia sim ser suspenso.

Maria de Fátima, da Malandros do samba concordava:

— A realização do carnaval de rua, desfiles de escolas de samba e saídas de bandas é um desrespeito aos mortos.

Outro integrante, José de Arimateia, também opinou:

— Tudo que aconteceu foi muito chocante e vai tirar o brilho das escolas.

Em nota, a Banda Gália e a Banda dos Artistas afirmaram conjuntamente o seguinte:

“(...) As bandas que se propõem a revitalizar o carnaval da cidade, num clima de divertimento sadio e descontraído, vêm cumprindo todas as exigências e formalidades legais e, em resposta, não são adotadas pelo poder público medidas preventivas necessárias

*de manifestações populares dessa natureza. Esclarecemos que a Banda Gália, organizadora do Carnaval da Saudade, que seria realizado na noite do dia 25, não comparecerá ao citado evento. Ao mesmo tempo em que desautoriza a veiculação de sua participação. Por fim, informamos que a nossa consternação não nos permite desconhecer a importância do ato cívico-patriótico pelas eleições livres e diretas.”*⁵

A decisão das bandas foi que o carnaval iria continuar e que sairiam às ruas, apesar de isso poder ter gerado um certo constrangimento pelo que aconteceu com o Bloco Puxa-saco, que não sairia mais naquele ano. Algumas medidas para a continuidade do carnaval foram tomadas como o início de uma campanha educativa promovida pelo Detran para que qualquer tipo de acidente fosse evitado e o que ocorreu no baldo não voltasse a se repetir.

Apesar disso, foi convocada uma reunião na sede do Juizado de Menores para estabelecer diálogo com os chefes de blocos, dirigentes de clubes e escolas de samba. Em relação a eles, na festa do “tudo pode”, nem tudo estava permitido. O secretário especial da Prefeitura, Giovani Rodrigues, manteve o diálogo com escolas de samba e blocos. Dependia da decisão deles, porém os blocos nas ruas novamente e brincar o carnaval. Um relatório seria enviado ao prefeito Marcos Formiga para que também se posicionasse e tomasse a polêmica decisão. O veredito final seria dado em uma reunião com a prefeitura e os organizadores na noite do dia 27 de fevereiro, na Fundação José Augusto.

— Se resolverem sair, novos músicos serão contratados para completar a orquestra, desfalcada com a morte de 15 músicos. A decoração da praia também depende da decisão, uma vez que foi projetada para o carnaval de rua, que tem o seu ponto culminante na orla marítima.

O presidente do Conselho Regional dos Músicos do Brasil, Antônio Ribeiro da Cruz, garantiu que as famílias dos músicos mortos ou feridos receberiam os cachês se tocassem durante o carnaval. Soou de maneira sórdida o convite para músicos feridos física e mentalmente, ainda traumatizados, sejam em seus ossos ou em sua psique, pelo que passaram.

Em relação à quantidade reduzida de músicos para integrarem as orquestras, já àquela altura do campeonato, e à contratação de outros componentes, Giovani foi direto e objetivo, fugindo do complexo:

—Da parte do poder público, será feito o possível para que as lacunas sejam preenchidas.



(Foto: Jornal A República/ Acervo)

As bandas decidiram em consenso, após muito falatório e hesitação que os blocos saíam às ruas. O martelo foi batido. O carnaval estava respirando à base de aparelhos, no tranco. A BandaGália voltou a lotar discretamente as avenidas na noite do sábado de carnaval.

Foi decidido também que uma campanha publicitária educativa em parceria com o Detran para a prevenção de acidentes nas ruas durante o período

do “Evoé, Momo!”. Isso diminuiria os riscos. Os policiais que foram destacados para assegurar o desimpedimento das ruas, no momento em que as bandas passassem, deveriam manter a distância de 30 metros do cordão de contenção.

Marcos Formiga disse em entrevista à imprensa que o ultrajante carnaval continuaria:

—Durante três dias, a Secretaria Especial da Prefeitura procurou ouvir os diversos segmentos que compunham o carnaval de Natal e todos foram unânimes em afirmar que desejam realizar o carnaval. Como a infraestrutura já foi proporcionada, só resta o povo realizar o carnaval.

A programação para o carnaval e os roteiros dos blocos foram montados. O bloco Puxa-Saco decidiu que só sairia no próximo ano.

O carnaval agonizava em praça pública e morria? O fora de hora e de época não. Sempre que acontecia alguma festinha em Natal ou evento, a temática Carnaval era frequente. Como cantava Nelson Sargento: “*O samba agoniza mas não morre*”.

Ô BALANCÊ, BALANCÊ, QUERO DANÇAR COM VOCÊ...

As fantasias mais vendidas eram as de bailarina e super-heróis. Além de biquínis e maiôs. A tragédia impulsionou o carnaval de praia e foi para ela que muitos seguiram.

Também era crescente a participação do chamado pela imprensa de “*Gay power*” no carnaval. Ou seja, a adesão aos desfiles e blocos da comunidade LGBTQIA+ de Natal. Um anos antes foi fundado por Lula Belmont o Bloco das Kengas, que também atraía o público gay, mas o seu foco era na inversão de gêneros, homens travestidos de mulher. Podiam ser elas uma vez ao ano. Durante o restante, demonizam e assassinam transexuais e *drags*. Em sua primeira edição, em 1983, reuniu cerca de 300 pessoas, a partir da boate gay Broadway, e foi notícia na TV Universitária, única emissora local de TV e nos principais jornais impressos. Naquele ano, aconteceu na avenida Vigário Bartolomeu, Centro da cidade. Era um deslumbre de deixar Madame Satã orgulhosa.

Era existente uma certa rivalidade entre clubes que disputavam entre si o título de melhor baile do carnaval. Em 1984, a disputa girou em torno da Associação dos Subtenentes e Sargentos do Exército (Assen) e o Aeroclube. Os foliões preferiram shorts e camisetas ao invés de fantasias. Algo mais simples e discreto, leve em seus salões. Funcionavam até de manhã. Algo que preocupava era o risco de brigas ou até mesmo mortes por desentendimentos como em tempos anteriores. Outra preocupação estava no ar: o forte cheiro de éter. Outros que amanheceram nas ruas foram os garis em seus blocos, limpando a sujeira deixada nas ruas.

Os desfiles de escolas de samba também aconteceram normalmente e a comissão organizadora desclassificou a Malandros do Samba pelo fato da passista Xéu ter saído com os seios à mostra, em *topless*, “transgredindo” o regulamento do carnaval. Além de um atraso no desfile: não compareceram na hora marcada para o desfile. A reabertura política não acompanhava com sinergia a abertura a novos costumes morais. A era de ouro da escola, fundada em 1958, foi entre 1963 e 1970, quando venceu todos os carnavais. Não vencia desde 1979. O enredo da escola era baseado na primavera. Não deu em samba.

— Senti como se o mundo desabasse sobre mim quando soube que a Malandros foi desclassificada em nome do pudor público, porque simplesmente o enfeite que eu trazia colado no peito caiu e ao arrancar o outro, fiquei de *topless* na rua --- afirmou a passista de 20 anos Maria Célia Borges dos Santos, a Nega Xéu, de cabeça raspada e uma longa trança.

— Foi apenas uma florzinha que caiu... — disse aos risos.

Reclamava da hipocrisia de as escolas cariocas usarem *topless* e não serem punidas.

O irmão da cabrocha também opinou:

— Acho que foi uma desculpa para desclassificar a escola.

Mas Xéu fez sucesso, deslumbrante, e encantou as mais de 20 mil pessoas que a viram desfilar

— Quando vi todo aquele povão me aplaudindo, com os olhos grudados em mim, me senti como uma deusa flutuando na avenida. Foi a emoção mais linda que já vivi na minha vida. O suor escorrendo no meu corpo, a bateria segurando firme o samba-enredo. Faz tempo que não via a minha escola com tanta garra, querendo mostrar que é o reduto indevassável do samba, complementada por um elenco de artistas, batalhadores do samba. Pena que o

espetáculo maravilhoso tenha sido desclassificado pelo conservadorismo de um regimento. Mas como já disse Martinho da Vila: *“vamos renascer das cinzas...”*

Porém, a caveira da escola foi muito bem feita. Jairo Lopes de Castro, o Joca, fundador da Unidos de Vila São Jorge, entregou ao Secretário Especial da Prefeitura uma carta do Chefe do Serviço de Diversões Públicas da Polícia Federal João Camilier:

“A Escola Malandros do Samba descumpriu normas determinadas pela Censura Federal nesta localidade que não liberou desfile de topless para nenhum figurante das escolas de samba, desta cidade”. ⁶

A Balanço do Morro foi a grande campeã, se tornando pentacampeã no carnaval natalense com um enredo inspirado no programa infantil Balão Mágico, levando o prêmio de 250 mil cruzeiros. No dia 10 de Março, um sábado, às 20h00 na Avenida Presidente Bandeira, o prefeito Marcos Formiga caiu no samba juntamente com a sua esposa. No final, tudo sempre termina em samba. Dançam no miudinho para driblar as cobranças do povo e simpatizar com ele.

Durante as comemorações, na madrugada, Joca confessou que solicitou o ofício à Censura Federal.

— Na quinta-feira passada, fui acordado por mamãe que com o jornal na mão me perguntou porque eu não tinha colocado topless na Vila. Aí eu respondi que foi porque a Censura não havia liberado. Não satisfeito com a resposta, fui até a Censura Federal e perguntei se o chefe da censura, doutor João Camilier tinha liberado topless para a Malandros. Ele me respondeu que não e aí eu pedi a ele que fizesse um ofício endereçado à Secretaria Especial da Prefeitura dando essa informação.

O chefe da censura o entregou sem assinar e Joca pediu para que carimbasse e firmasse o documento. Passou na Secretaria e disse que era apenas o portador de uma correspondência da Censura Federal.

E quem disse que Xéu iria se intimidar e deixar as pernas de molho em casa? Pôs um sorriso no rosto, mais bem composta, e apesar da Malandros não ter comparecido ao desfile das campeãs, marcou presença, distribuiu risos, sambou e acenou para a imprensa. Vergonha do quê? Apenas de ser desonesto. Foi o grande centro das atrações, mais uma vez. Em 1986, a Malandros vestiu o seu manto de campeã novamente.

A fiscalização do Departamento de Telecomunicações (DENTEL) gravou grande parte da programação das emissoras de TV durante o carnaval. Várias emissoras foram vítimas de ações por terem veiculado cenas impróprias “à moral

e aos bons costumes”. Eram cenas de bailes da alta sociedade ou boates em que celebridades dançavam seminuas e praticavam atos libidinosos e pornográficos com mulheres peladas, despidas do respeito que merecem e fantasiadas de puro machismo, assediadas e tratadas de maneira sexualizada, objetificada. O órgão executivo do Ministério das Comunicações foi extinto com a criação do Superministério da Infraestrutura, em 1990, pelo Governo Collor. Era um órgão que regulava as telecomunicações com base em preceitos penais e morais. Morreu com a censura, para o alívio da sufocada liberdade de expressão. Nada disso justificava a sua intransigência.

Apenas com a Constituição de 1988 a censura seria oficialmente extinta. Foi no texto dessa Carta que ficaram garantidos os principais direitos e os deveres dos cidadãos e das instituições brasileiras. Entre esses direitos está o da liberdade de expressão, cujo texto foi votado em 3 de agosto de 1988. Se abrirmos a Constituição Federal do Brasil em seu Capítulo I, intitulado “*Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos*”, veremos que no título II, que trata “*Dos Direitos e Garantias Fundamentais*”, há a seguinte resolução no inciso IX do Artigo 5º: “É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.”

Um outro ponto polêmico, mas nos dias de hoje, diz respeito à problematização em torno de marchinhas de carnaval que foram escritas na época em que preconceitos eram naturalizados. Hoje em dia marchinhas como “*O teu cabelo não nega mulata*”, “*Cabeleira do Zezé*” e “*Maria Sapatão*” são banidas dos bloquinhos por suas letras literalmente criminosas.

A Malandros do Samba ainda passaria por outro grande abalo naquele ano. O mais renomado dos seus bambas, o sambista Antônio Melé, morreu e deixou o mundo do samba potiguar mais cinzento. Era o mais famoso componente da escola. Faleceu às 05h00 da manhã no hospital Dr. Luiz Antonio, vítima de um câncer na laringe, aos 65 anos de idade. Seu sonho era se sagrar campeão naquele ano, mas para o seu amargor, a escola foi desclassificada. No ano seguinte, a escola ganhou as ruas com um enredo em seu tributo. Homenagem a uma vida dedicada ao carnaval e à sua obra.

O carnaval parecia morrer simbolicamente e humanamente. Outro grande personagem que se foi no ano da morte do carnaval potiguar foi um dos maiores Rei Momos da história do carnaval potiguar: Paulo Maux. Bebia, dançava, discursava e se fazia respeitar na festa do ninguém é levado a sério.

Naquele ano, ainda foi criada a Federação das Agremiações Carnavalescas de Natal. Um pedido de socorro atendido após a Prefeitura finalmente ouvir os

apelos de escolas de samba e blocos sobre as dificuldades financeiras e estruturais para se colocar as agremiações nas ruas. A condição para a criação era a de que as escolas não causassem prejuízos financeiros. Para Lucarino Roberto, Diretor de Promoções da Federação, a instituição iria ser de grande serventia para que grandes carnavais pudessem ser promovidos nos próximos anos. Falou empolgado e esperançoso:

— Vamos fazer com que Natal reconquiste o terceiro lugar de melhor carnaval do Brasil.

Queriam manter vivo o “espírito” do carnaval de Natal. O espírito da finada festa ainda vagava tímido pela cidade. Só reencarnaria décadas depois, em um corpo rejuvenescido pelos interesses financeiros da indústria turística e do entretenimento, em concomitância com os políticos, garantindo o reavivamento, o remoçamento da festa popular. Naquela década, a sensação do carnaval potiguar seria a praia de Barra de Maxaranguape, chamada sem um grama de originalidade de “Olinda potiguar”. A mídia já fazia tímidos acenos ao deslocar a atenção do carnaval de rua para as suas areias. Principalmente após a tragédia. A areia era a venda dos olhos. O chamado “território livre” foi invadido por jovens, barraqueiros e dezenas de veranistas.

O estudante de 20 anos Jansenio Alves se queixava por ter sido iludido com tanta areia jogada nos seus olhos:

—Cadê a área de camping? Bicas? E os banheiros públicos? Não vi nada do que foi divulgado nos jornais e na televisão.

Muitos cogitavam migrar para a praia de Pitangui. O excesso de policiamento deveria garantir a sensação de proteção aos foliões. A quantidade elevada assustava, reprimia.

No domingo de carnaval, as ruas do centro se encontravam vazias, desertas, ermas de vidas e de blocos, de festas. As arquibancadas das passarelas do Alecrim estavam vagas. Os carros também não trafegavam a não ser um ou outro. Residências fechadas. Tudo era silêncio. Nas calçadas e janelas das casas da periferia, os moradores demonstravam um certo ânimo, enquanto esperavam por um bloco que não passou. Todos correram para as zonas seguras das praias. Os papangus não saíram para a alegria da criançada. Apenas alguns se amontoavam nas mesas dos botequins. Um folião solitário puxava um trio elétrico em direção ao bairro da Ribeira no bloco do “O meu carnaval eu mesmo faço”. Nos bares da moda, nos blocos de elite, nada. Nem no bairro Tirol e nem no bairro Petrópolis, zonas que agitavam. Em direção ao litoral, um ou outro

“assalto” em residências isoladas. A Rio Branco que viu o seu carnaval morrer na sua subida, não testemunhou a passagem dele, a não ser dos seus fantasmas.

José Agripino e Marcos Formiga se vangloriavam em anúncios políticos de jornais no ano de 1984 ao dizerem que conjuntamente fizeram o carnaval natalense ganhar um novo impulso:

*“O carnaval 84 ganhou as ruas e mostrou que será uma festa marcante nos próximos três anos.”*⁷ Como se nada demais tivesse acontecido. Assunto superado. Em Outubro, já discutiam sobre o carnaval do ano seguinte, 1985, e qual tamanho deveria ter as arquibancadas montadas. Apesar de todos os esforços, os blocos de frevo com suas irreverentes marchinhas abandonaram aos poucos as ruas natalenses.

Como diz a marchinha *Até quarta-feira*: “Este não ano vai ser igual àquele que passou/ Eu não brinquei/ Você também não brincou/ Aquela fantasia que eu comprei ficou guardada e a sua também/ Ficou pendurada”

CAÍTULO 9: DIRETAS JÁ!

Apesar de você amanhã há de ser outro dia

Você vai ter que ver a manhã renascer

E esbanjar poesia

Como vai se explicar vendo o céu clarear

De repente, impunemente?

Como vai abafar

Nosso coro a cantar na sua frente?

(Apesar de você - Chico Buarque)

“CAÍIA A TARDE FEITO UM VIADUTO...”

O ano de 1984 foi marcado pela campanha das Diretas já! A população foi às ruas em peso para pedir que eleições diretas fossem realizadas democraticamente no período de transição entre o autoritarismo da ditadura militar e a participação popular do regime democrático. Em Natal não foi diferente, mas a tragédia ocorrida no viaduto do Baldo mudou os planos do PMDB. O partido cancelou o comício que realizaria na praça Gentil Ferreira.

O presidente do Diretório Regional Geraldo José de Melo entrou no ar às 10h00 daquele dia para anunciar em uma cadeia estadual de rádios o cancelamento do evento devido ao luto que se estabeleceu em toda a cidade por causa do acidente. A decisão foi tomada por todos os membros do comitê e o presidente do PMDB. O futuro presidente da Assembleia Nacional Constituinte que faria nascer a Constituição Cidadã de 1988 que consolidou de vez a redemocratização do Brasil e a derrota da já falida ditadura militar, Ulysses Guimarães, já estava de saída do seu hotel, a caminho de Natal quando recebeu a trágica notícia. O “Senhor Diretas” sentiu a necessidade de se pronunciar sobre o acidente e o cancelamento como líder do movimento soltou a seguinte declaração na nota que pediu para os jornais publicarem:

“Associo-me às manifestações de profundo pesar pelo trágico acidente que motivou a perda de preciosas e queridas vidas de brasileiros, conforme relato feito ao governador Tancredo Neves e a mim, pelo ex-governador Aluísio Alves. A suspensão do comício pró-diretas, que seria realizado oportunamente, constituiu a nossa demonstração de solidariedade do PMDB e lideranças políticas e sociais às famílias enlutadas”. Ulysses Guimarães, Presidente do PMDB. ⁷

Tancredo Neves telegramou ao presidente do PMDB Geraldo Melo:

“Profundamente consternado com a injusta tragédia que enlutou a sociedade de Natal, trago-lhe e por seu intermédio a todo o povo do Rio Grande do Norte a manifestação do meu mais profundo pesar. Só Deus levará o conforto às famílias enlutadas em face da dolorosa ocorrência” ⁸

O Ministro do Interior Mario Andreazza também cancelou, aconselhado por seu aliado José Agripino, a viagem que faria ao estado em campanha pelas eleições de 1985 e toda a sua programação, que duraria 48 horas e era prevista para a terça e a quarta-feira daquela semana. Meses depois, Andreazza já com uma candidatura desgastada por envolvimento em escândalos de corrupção seria derrotado na convenção do PDS por Paulo Maluf para disputar a presidência com Tancredo. Meses depois, Agripino anunciou apoio a Tancredo.

Também contava com forte oposição do senador Dinarte Mariz, avô de uma das vítimas. Dinarte era coordenador da campanha de Paulo Salim Maluf, conhecido por ser um dos políticos mais corruptos que esse país verde e amarelo já viu. Me diz com quem tu andas... Não é novidade para ninguém que a raposa velha era um caçador de comunistas e oposicionistas. Conservador, reacionário e de ultradireita. Maior representante e expoente da ditadura militar do Rio Grande do Norte, jogava carteadado com os compadres autoritários de um verde oliva que desbotava cada vez mais em suas fardas com o desgaste do regime verde oliva que desbotava cada vez mais. Dinarte, como um bom agropecuarista, sabia cuidar bem de seu curral, agradar seu gado eleitoral.



Dinarte Mariz ao lado de Paulo Maluf e Lavoisier Maia. (Foto: Jornal A República/ Reprodução)

Os elitistas e as oligarquias sempre vão tentar manter seus interesses, seus podres poderes, seja na política, no direito, em instâncias de poder. Mas a História sempre mostra quem tem a razão. Mesmo relativizada e distorcida, apagada, silenciada, não é possível alterar o que aconteceu. O que foi feito, está feito. E quando um processo histórico está em desenvolvimento, não adianta tentar conter ou tentar fazer retroceder. Ele atropela como um ônibus conduzido por um motorista enfurecido.

Pois bem, Dinarte sofreu uma hemorragia intestinal da qual se recuperou. Dinarte sofria de úlcera e estava extremamente abalado com a perda do neto. Mas na verdade, o senador sofria também de problemas cardíacos. Dinarte já tinha perdido um filho em um acidente de carro dois anos antes, Rubens Mariz. Faleceu em Brasília após uma brusca queda de pressão. Depois, passou a respirar artificialmente. Às 14h30 do dia 9 de julho de 1984, faleceu em Brasília e o Estado perdia um dos políticos de maior expressão do século XX em terras potiguares.

O comício contaria com vários integrantes do partido que fazia oposição ao regime militar. Entre eles estariam, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e Gerson Camata. Além dos artistas Bruna Lombardi, Paulinho da Viola e Martinho da Vila e o hoje ex-presidente Lula. A festa seria encerrada com um carnaval promovido por 14 escolas de samba.

Enquanto isso, as vítimas internadas em estado grave no hospital Walfredo Gurgel estavam lentamente melhorando e recebendo alta. O comício pró-diretas, formado pela coligação dos partidos PT, PDT, PMDB e PTB, continuava sem data para ser realizado. Três datas foram propostas: 17, 24 e 31 de março. A data foi marcada para o dia 26 de abril. O comício levou 60 mil pessoas à praça Gentil Ferreira, pedindo a volta das eleições diretas para Presidente da República. Elba Ramalho espalhou o seu “*Banho de cheiro*” pela cidade.

Infelizmente, a democracia agonizava também ferida e presa a uma maca há 20 anos, e não houve eleições diretas naquele ano.

Como cantava Caetano Veloso, em um dos maiores hits daquele ano, *Podres poderes:” Enquanto os homens exercem seus podres poderes/ Índios e padres e bichas/ Negros e mulheres/ E adolescentes/ Fazem o carnaval”*.

CAPÍTULO 10: JUSTIÇA DO CÉU

*“Oh, jardineira por que estas tão triste,
O que foi que te aconteceu?
Foi a Camélia que caiu do galho,
Deu dois suspiros e depois morreu”*

(Jardineira - Benedito Lacerda / Humberto Porto)

ARLEQUIM

“Quando tentava atravessar a rua Manoel Miranda, em frente à sua residência, no bairro do Alecrim, o menor Josenildo Oliveira findou atropelado pelo Opala táxi, placa AB-7434.

Ele foi socorrido pelo motorista do veículo, Aluizio Farias Batista, e medicado no Pronto-socorro do Hospital Walfredo Gurgel, sendo liberado em seguida”

Diário de Natal, 27 de dezembro de 1978

Será que foi ele? —Pensei quando li a matéria durante as pesquisas.

Segundo o folclore italiano, adaptado para os trópicos, o Arlequim é um personagem caracterizado como um malandro brincalhão cujas peripécias e aventuras sempre acabam prejudicando as pessoas que se relacionam com ele e, vez ou outra, resultam em lições de moral. Tentava convencer a todos de sua ingenuidade e estupidez. Deslocava-se pelo palco dançando, e um grande

repertório de passos acrobáticos. Precisava, para fugir tanto. Adorava usar a sua agilidade para escapar das confusões que criava. Aluízio só não era preguiçoso. Senão, não teria aceitado trabalhar tanto.

Arlequim também é um substantivo comum: se alguém é chamado de Arlequim, quer dizer que é uma pessoa irresponsável ou volúvel (muda constantemente de opinião). Além disso, é sinônimo de valentão e briguento.

Após a fuga, Aluízio chegou em casa sem fôlego de tanto correr pelas ruas da cidade. Tinha pensado em ir se refugiar na casa de um primo na cidade vizinha, mas a sua camisa estava tão rasgada e esfarrapada que decidiu passar na casa da sua mãe antes. Ao chegar no portão, chorava de maneira descontrolada, tremia de nervosismo. Ao ver o seu filho naquele estado deplorável, a mãe perguntou o que tinha acontecido com um tom de preocupação e aflição. Ele não teve coragem de entrar em casa para explicar detalhadamente o que tinha acabado de ocorrer. Apenas pegou a camisa que a senhora lhe deu e correu em seguida para a casa de um primo chamado Edivaldo, em Parnamirim, região metropolitana de Natal.

O amigo e cobrador Pedro o descreveu como uma pessoa calma, sem frescuras. A vida para ele estava sempre boa e justa, sem tempo ruim. E se ele fechasse, seu para-brisas estava sempre pronto para combater a água que escorria da chuva torrencial que caísse. Era animado, simpático, tímido, brincalhão, sorridente, querido por todos os colegas de farda da empresa em que trabalhava. Muito devoto e dedicado à família. Morava ao lado da casa de seus pais. O terreno para a construção de seu cantinho foi dado por eles, quando decidiu ter seu próprio lar.

No meio da entrevista, perguntei sobre o itinerário do dia informado por Aluízio em seu depoimento, e que se encontra registrado no processo. As versões não condiziam. Pedro me afirmou que o que estava no processo não procedia, mesmo que eu tenha insistido que não era eu que estava afirmando aquilo, mas era o que o próprio Aluízio contou ao delegado Pedro Avelino. Mesmo assim, resolvi contar a história segundo a narrativa dele, mesmo sabendo que poderia ser equivocada. No jornalismo, apuramos, cruzamos as informações, as entrevistas para corrigir imprecisões e tirar a prova do que está sendo investigado; damos vozes para o maior número possível de lados. O leitor tire as suas próprias conclusões a partir de suas opiniões e de seu pensamento crítico, de sua interpretação.

Aluízio tinha ombros assimétricos, o trapézio das costas era desalinhado. O seu ombro direito era mais elevado do que o ombro esquerdo. Uma

característica física que tornaria para a polícia mais fácil identifica-lo. Era perceptível no seu andar que um lado do corpo era mais inclinado que o outro. Pedro não sabe precisar se ele sofria, na verdade, de escoliose.

Aluizio seria indiciado por homicídio culposo, quando não há a intenção de matar; mas foi pelo doloso, quando se há a intenção de praticar o assassinato. O agravante foi o fato de não ter socorrido as vítimas após escapulir do local. Mas que outra solução tinha? preferiu se livrar do flagrante, apesar de não ser réu primário.

Aluizio já tinha uma mancha vermelha em seu currículo como motorista. Quatro anos antes do dia 25 de fevereiro, atropelou a jovem doméstica de 19 anos Maria Salete, que atravessava a Avenida Bernardo Vieira, atual Nevaldo Rocha, às 16h00 do dia 4 de maio de 1980. Segundo testemunhas, Aluizio vinha dirigindo em alta velocidade, como pelo visto adorava fazer quando lhe dava na telha e bem lhe convinha. Uma delas afirmou que o motorista apostava corrida com um Chevette.

Maria chegou a ser socorrida por Aluizio e levada ao hospital Walfredo Gurgel mas não resistiu e faleceu às 21h00 da noite daquele mesmo dia. Ao matar Maria atropelada, foi indiciado e condenado a dois anos de detenção em maio. Mas não cumpriu a pena em regime fechado. Embora o fato de ter prestado socorro tenha sido algo que lhe favoreceu na hora de a justiça cega pôr os pesos na balança. Foi beneficiado com a suspensão condicional da pena, o Sursis.

Ele funcionava assim: era um instituto de política criminal que tem como objetivo evitar o recolhimento do condenado à prisão, submetendo-o à observância de certos requisitos legais e condições estabelecidas pelo magistrado, durante tempo determinado. Se aplica a delitos com pena mínima igual ou inferior a um ano, demanda cumprimento de requisitos previstos em lei e pode durar de dois a quatro anos.

Aluizio estava proibido de consumir bebidas alcóolicas, frequentar bares, andar armado, e tinha que se apresentar trimestralmente perante o juiz, não se ausentar de Natal, além de pagar os custos do processo. Parecia que Aluizio ia se emendar. Mas Arlequim não se contentou em apenas divertir o público durante os intervalos dos espetáculos. Queria ser o protagonista e conseguiu dividir espaço no triangulo amoroso com Pierrô. Sua roupa feito de retalhos

multicoloridos geralmente em forma de losango. Mas ele tinha a sina de querer mesmo era se vestir de xadrez.

Na terça-feira, dia 28, a polícia ainda não tinha pistas sobre o paradeiro de Aluízio mas continuava a caçá-lo por todo o Estado. Desde a manhã do sábado, o motorista era procurado. No dia anterior, o advogado do Sindicato dos Motoristas do RN José Antônio Duda da Rocha garantiu que apresentaria Aluízio às autoridades competentes naquela segunda-feira, um dia antes, mas o prometido não aconteceu. No final da tarde daquele dia, o “Xerife”, como era conhecido o então Coordenador Geral da Secretaria de Segurança Pública e delegado Maurílio Pinto de Medeiros, confirmou que as diligências estavam ocorrendo na capital e em todo o interior do Estado na tentativa de capturarem Aluízio. A sua cabeça estava à prêmio. As investigações já tinham começado na manhã do sábado, com agentes da Polícia Civil se deslocando até o município de Riachuelo, onde supostamente moravam os pais de Aluízio, que na verdade estavam morando em Natal. A polícia cercou todo o quarteirão da casa de Aluízio, na rua Estrela do Mar, Conjunto Soledade II.

— Pode ser que consigamos prender ele na noite de hoje. Pode ocorrer pois as investigações estão em andamento. Todos os policiais das delegacias especializadas estão trabalhando nas investigações — Afirmou para a imprensa.

Na capital, o delegado designado para o caso Pedro Avelino Neto já havia levantado a ficha completa do acusado de ter provocado o acidente e assassinado 19 pessoas, deixando várias outras feridas (A primeira estimativa era de 22 pessoas). O jornal Diário de Natal na edição de 28 de fevereiro de 1984, levantou as seguintes informações sobre a trajetória profissional dele: Aluízio morava no conjunto Soledade II e como motorista profissional já tinha sido empregado na Companhia Ceará Têxtil, em Fortaleza entre 3 de março e 2 de setembro de 1980. De 5 de fevereiro a 4 de maio de 1981 trabalhou na Transportes Natal Ltda. de onde havia saído para trabalhar na Guanabara até aquele ano de 1984.

Maurílio também tinha como objetivo apurar a veracidade de depoimentos prestados até aquele momento e que eram contraditórios.

— Essa história de que o motorista dirigia embriagado ainda não está provada, pois o que soubemos é que não bebe e nem fuma. — Disse Maurílio.

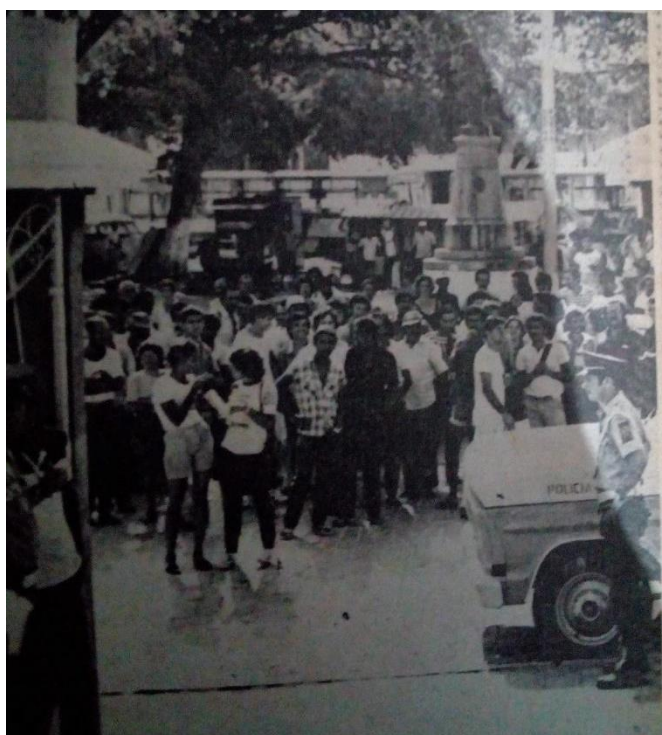
Na delegacia da cidade vizinha de Eduardo Gomes, atual Parnamirim, o telefone tocou insistentemente naquela quarta-feira de manhã, dias após o incidente, e o delegado Arnaud Pinheiro de Araújo recebeu a informação através de uma denúncia que a polícia ansiava receber desde a madrugada do sábado do trágico episódio em que um ônibus atropelou o bloco Puxa-saco: Aluízio foi localizado. Sem perder tempo, a polícia chegou no local acompanhada por três policiais. Era a casa de um primo dele, que o deu abrigo e o livrou do flagrante. Estava lá há dias, em um quarto, e mal comia. A polícia deu voz de prisão ao fugitivo por volta das 11h30. O almoço da polícia seria Aluízio.

Em seguida, foi rapidamente encaminhado para a Secretaria de Segurança Pública em companhia do advogado do Sindicato dos Motoristas onde o delegado Pedro Avelino Neto já estava à sua espera. O interrogatório durou das 12h30 até as 14h00 da tarde. Aluízio estava visivelmente abatido e não dormia há dias. O peso na consciência por ter matado 19 pessoas era perturbador demais. Chegou ao local virando o rosto para a imprensa, acompanhado pelo primo e escoltado por policiais que agiam com muita rapidez. Vestia uma calça, camiseta e chinelos de dedo. Tinha a barba volumosa e um bigode grosso em seu rosto magro e pálido. Parece que não era feita há dias. Cabelos desgrenhados. Olhar de raiva mesclado com tristeza. Como um animal acuado diante das câmeras.

A voz de Aluízio se misturava com o barulho do bater das teclas do escrevã que datilografava o depoimento na máquina de escrever, mas ele resolveu contar tudo. Já não tinha outra saída e a fotografia tirada na delegacia e que consta no processo demonstra um olhar cabisbaixo, o rosto barbado estampando uma expressão de raiva e arrependimento ao mesmo tempo. Sem olhar para a câmera, o investigado parece estar oco e sem vida, como se dissesse para si mesmo: *“acabei com a minha vida e vou passar o resto dos meus dias na cadeia”*. Não tinha como esboçar alegria, tranquilidade ou naturalidade.



(Foto: Primeira Vara Criminal de Natal)



Alguns esperavam com curiosidade em frente à Secretaria de Segurança Pública para verem o rosto do causador da tragédia. (Foto: Jornal A República/ Acervo)

Em seguida, foi rapidamente encaminhado para a Secretaria de Segurança Pública em companhia do advogado do Sindicato dos Motoristas onde o delegado Pedro Avelino Neto já estava à sua espera, no antigo prédio da Escola de Direito, centro da cidade.

— Bem, Aluizio, você não é obrigado a responder a todas as perguntas. Mas já aviso de antemão que o seu silêncio poderá ser interpretado como prejuízo para a sua defesa. Acho que você sabe porque está aqui. Bloco. Atropelamento. 19 mortos. Confere?

Aluizio abaixou a cabeça abatido, e ergueu, acenando positivamente sem muita firmeza e em silêncio para responder o que lhe foi perguntado. Desconfortável, começou a falar:

— Cheguei na empresa por volta das 18h40. Fiquei aguardando as ordens do fiscal do turno. Por volta das 20h00, disseram que eu me deslocasse até a avenida Interventor Mario Câmara, nas proximidades do Mercado Público. Me disseram para fazer o transporte de um bloco até o bairro das Quintas. Quando, voltei, surgiu do nada mais uma viagem não acordada para que eu levasse uma escola de samba até as Rocas. Falei que não estava certo pois a ordem que recebi do fiscal foi de fazer apenas duas viagens. Mas concordei com o senhor que me deu a ordem e fui até lá na Coronel Estevam. Quando cheguei na altura da igreja São Pedro, os semáforos estavam livres para mim. Dirigia a uns quilômetros. Ao passar do sinal da Tamandaré, reduzi para uns 40, 30 quilômetros por hora. Mudei para a faixa da esquerda quando cheguei próximo ao Sindicato dos Motoristas...e assim continuou.

— E o fusca? Perguntou Pedro.

— Que fusca? Não vi fusca nenhum não, meu senhor — respondeu Aluizio.

— O senhor discutiu com algum motorista ou fiscal da empresa por causa da viagem?

— Não cheguei a conversar com nenhuma pessoa ligada à empresa. Conversei rapidamente com outra pessoa que estava no local mas nada relacionado à viagem.

— Houve bagunça por parte da escola de samba? Eles puxaram a cigarra?

— Sim. Realmente houve esse problema. Mas assim que eu entrei dentro do ônibus, desliguei.

— O senhor lembra que alguém o pediu para fechar a porta traseira?

— Sim. Mas não me recordo de terem me explicado que era porque tinha gente que não era da escola do lado de fora gritando.

— Alguém que pediu para diminuir a velocidade?

— Não ouvi nenhum pedido. Inclusive, alguém ia conversando comigo.

— Quando manobrou da esquerda para a direita, ouviu algum grito?

— Sim, mas não lembro do que as pessoas falavam. Apenas notei um pouco de pânico.

— Nervosismo deixa a gente com memória fraca, não é meu jovem? – Aluízio encarou ele com um certo ar de impaciência fúnebre e cansada.

Pela maneira como questionava Aluízio, a toga caía melhor a Pedro do que o distintivo. Sorria como quem via ali uma oportunidade para subir na carreira. Só não contava que teria as suas asas cortadas.

— Continuando, o senhor buzinou antes de colher o pessoal?

— Não.

— O local estava iluminado?

— Não.

— O senhor não viu o bloco desfilando?

— Não deu para ver.

Pedro lambia os beiços, já esperando pela sobremesa.

— E como foi a sua rotina naquele dia?

— Acordei na mesma hora de todos os dias, às 03h40 da manhã e fui para a garagem da empresa Guanabara, que é vinculada ao Transporte Pirangi. São firmas que pertencem ao mesmo grupo. Fui pegar um pessoal da Alpargatas, depois voltei e fui pegar outros da Soriedem. Fui para a garagem da empresa e depois voltei para casa. Onde fiquei das 07h00 até o meio-dia. Almocei, retornei para a empresa, fiz mais transportes de operários, voltei para a garagem. Depois fui para casa, fiquei até às 17h30, peguei o ônibus, transportei peões de novo, e depois voltei para a garagem.

— O senhor já foi processado nessa cidade?

— Sim, não me recordo bem mas parece que foi em 1981.

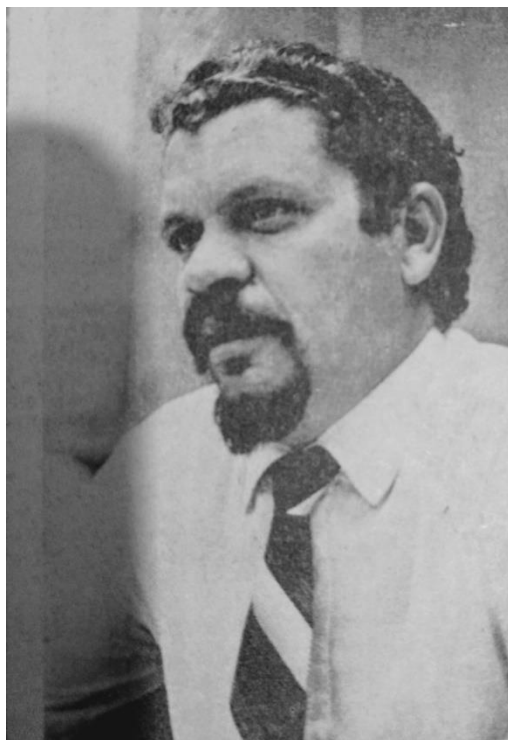
O senhor tem algum vício?

- Não.
- Há quanto tempo trabalha na Guanabara?
- Três anos.
- Ocorreu alguma contrariedade naquele dia?
- Não.
- O senhor tem algo a mais a declarar? Tem advogado?
- Nada mais. O meu advogado está aqui comigo. É do sindicato. José Antonio Duda da Rocha.
- Registre a presença do mesmo aqui, Vicente.

O depoimento foi lido perante as testemunhas: o comerciante Omar Bonazza; Lauriberto Moura Soares, digitador; e o escrivão responsável por escrever o depoimento Vicente Ferreira de Holanda de Neto. De comum acordo, o depoimento foi encerrado.

Pedro foi designado pelo Coordenador Geral da Secretaria de Segurança Maurílio Pinto Medeiros através de uma portaria para atuar como delegado especial no caso em virtude da avançada idade do delegado de Acidentes de Natal José Reinaldo Cavalcanti não o permitir mais presidir inquéritos.

Após ser ouvido por Pedro, Aluizio seguiu para o ITEP, escoltado por um forte esquema de segurança da guarnição da Rádio Patrulha pois era temido que ele sofresse qualquer ataque ou agressão como represália. Do lado de fora, ao sair de cabeça baixa, se deparou com uma pequena aglomeração de pessoas que tinham curiosidade em ver o rosto do causador da tragédia. A sua reação foi de espanto e também de resignação.



Delegado Pedro Avelino. (Foto: Jornal A República/ Reprodução)

O delegado encaminhou para a Primeira Vara Criminal um pedido de decretação de prisão preventiva. Ele considerou que a prisão seria para a segurança do motorista, que seria hostilizado pela população, embora o seu crime pudesse ser enquadrado como homicídio culposo, sem a intenção de matar. O advogado de Aluizio afirmou que o seu cliente não foi pego em flagrante, tinha residência fixa, profissão e cabia a ele o pagamento de fiança.

O advogado de defesa, José Duda protestou na delegacia contra Pedro Avelino:

— O meu cliente não pode ser segregado do convívio social. Recolhido naquela prisão promíscua que é a João Chaves. O senhor está quebrando a moldura do direito. E tem mais. Ele poderia responder a 10 processos por delito de trânsito, mas se o crime que cometeu foi culposo, ele tem direito à fiança e ficar em liberdade.

— A prisão é justamente para garantir a integridade física dele. Ou quer que eu deixe ele solto aí na frente? — Rebateu Pedro.

— Isso é ilegal. É um constrangimento ao meu cliente!

Aluizio foi parar atrás das grades em seguida e ficou detido em uma cela comum da 8ª DP, no bairro Cidade da Esperança. Depois, foi para a 1ª DP, onde ficou retido. O seu advogado prometeu tentar conseguir um *habeas-corpus* para

libertá-lo. Aluizio não quis ser transferido para a penitenciária João Chaves argumentando que vários amigos de policiais militares mortos trabalhavam lá e poderiam atentar contra a sua vida como forma de vingança. Ou até mesmo em nome de outras famílias de figuras poderosas.

Em sua primeira entrevista para a imprensa, escoltado por agentes, um jornalista da rádio Poti ainda na secretaria perguntou:

— Como se sente sendo responsabilizado pela morte de tanta gente?

Não contendo as lágrimas e emocionado, respondeu:

— Foi como se eu tivesse perdido os meus pais, a minha mulher e os meus filhos.

Parecia experimentar a mesma sensação das famílias e amigos das vítimas, só que de maneira figurada.

— Estava na casa do meu primo, esperando alguma notícia do advogado do Sindicato. Hoje de manhã, um menino me disse: “*A polícia veio aqui atrás de você*”. E eu respondi “*deixa ela aparecer*”. Eu não estava me escondendo. Eu não iria me apresentar à polícia sozinho. E estou aqui para dar o depoimento.

Falou de forma pausada e ainda chorando quando se referia à tragédia e por ter provocado as mortes:

— Eu vinha descendo a Coronel Estevam numa marcha de 70 a 80 quilômetros, pela margem esquerda. Quando me aproximei do sinal da Praça Tamandaré, que estava fechado para mim, diminuí a velocidade e engatei uma marcha de redução, uma quarta. Passei o sinal devagar e perto do Sindicato dos Motoristas, saiu um carro pequeno que me encadeou e puxei o ônibus para a direita. Quando o ônibus foi para a direita, tinha um caminhão parado. Quando librei o caminhão, vi o pessoal na frente. Bati no pessoal porque já brequei em cima do pessoal. Aí aconteceu tudo. O Baldo estava calmo e a avenida vazia. Não existe iluminação debaixo do viaduto. Eu só tive certeza depois que dei marcha-ré e abri a porta de trás do ônibus.

Contra-argumentou que o freio do ônibus estava com quebrado, com defeitos e por isso não pôde frear:

— O freio não estava muito bom, acho que atendeu só 70%. E isso pode ser atestado por uma perícia. Eu tenho certeza, pois na hora em que bati no povo, o pedal do freio ficou faltando um dedo para encostar no chão.

Negou que viesse “engolindo corda” dos componentes da escola Malandros do Samba.

Entre todos que depuseram após Aluízio em uma espécie de tira-teima em relação ao que tinha dito, alegaram ou não terem visto o caminhão citado por ele, ou até estranharam o fato de ele não ter batido em outros veículo, dada a grande quantidade que acompanhava o bloco. Disseram que o Baldo estava bem menos iluminado que a avenida Coronel José Bernardo. A iluminação era advinda indiretamente da avenida Rio Branco, da José Bernardo e da praça da Companhia Energética do Rio Grande do Norte, ao lado.

O delegado já estava com o laudo técnico da perícia feita nos freios do ônibus em mãos e ele atestava que tudo estava funcionando normalmente, sem nenhuma falha ou danos. Também estava em posse do delegado, 19 laudos de cadáveres feitos pelo Instituto Técnico de Polícia elaborados pelos médicos José Valério Marinho e César Newman de Andrade. Também ouvia outras testemunhas do caso. Uma delas alegou que Aluízio tinha ultrapassado o sinal vermelho no cruzamento das avenidas Coronel Estevam e Alexandrino de Alencar. Outra informação recebida foi a de que Aluízio não tinha a intenção de se apresentar para a polícia. Ele estava se escondendo na casa do primo apenas aguardando conseguir dinheiro para fugir para o Estado do Mato Grosso.

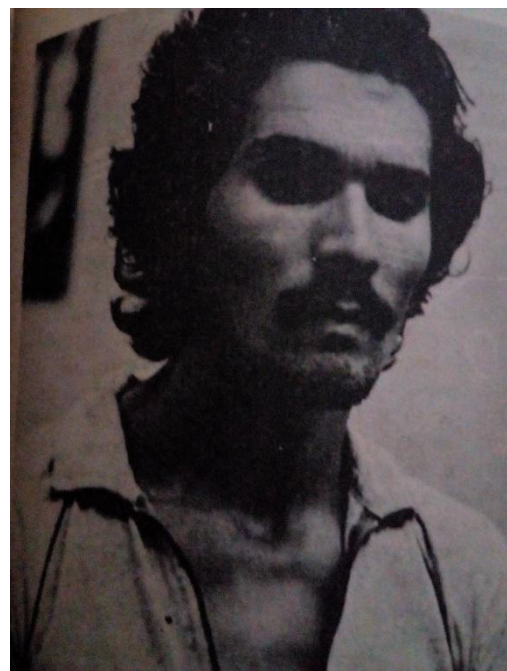
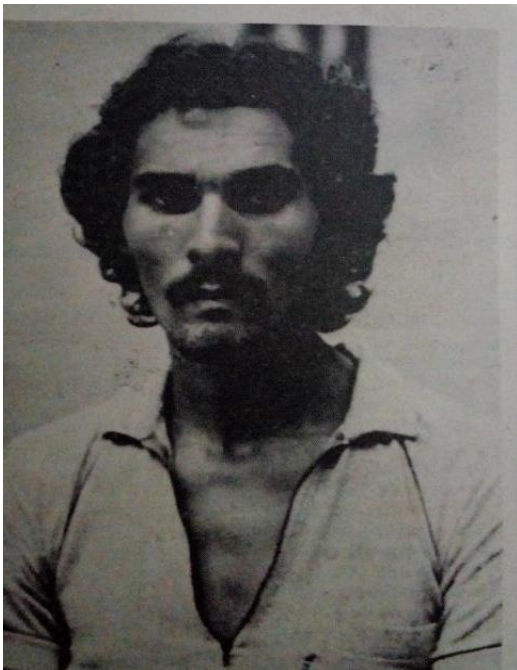
Uma semana após a tragédia, A juíza Gilka de Medeiros Farkatt decidiu não decretar a prisão do motorista alegando que não cabia ao delegado Pedro Avelino julgar se um crime era doloso ou não. Segundo a imprensa, deu aula de legislação criminal a ele. Argumentou que ele não tinha autoridade e competência para isso. O delegado rebateu dizendo:

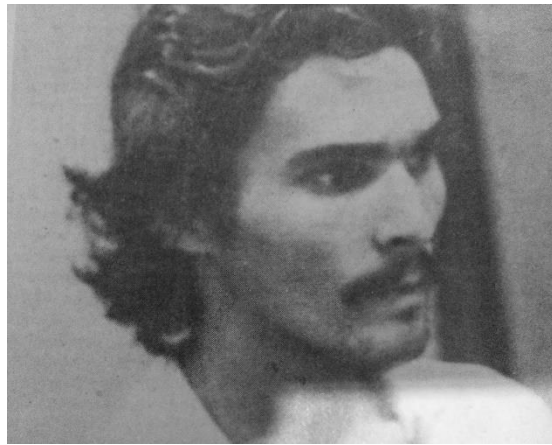
—O motorista tinha certo grau de irresponsabilidade e resquícios de periculosidade.

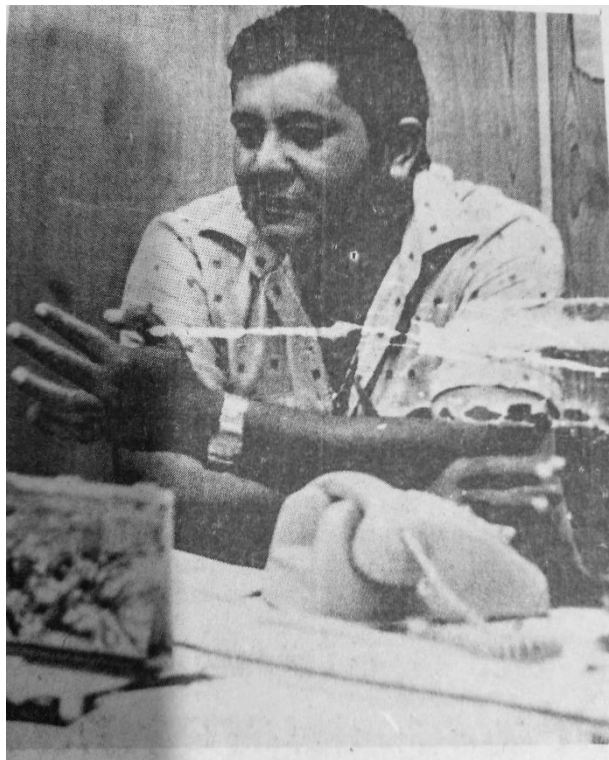


José Duda e o seu cliente, Aluízio. (Foto: Jornal A República/ Reprodução)

A juíza ainda apontou que a conduta do delegado foi um erro primário e que o ocorrido não poder ser considerado homicídio culposo pois os elementos fornecidos não eram capazes o suficiente para determinar isso e que apenas no decorrer do processo poderiam produzir provas e indícios suficientes para prendê-lo preventivamente. Outro erro apontado por ela foi o fato de o delegado ter interrogado o acusado, já que isso é atribuição de um juiz. Ela também isentou a empresa Guanabara de qualquer culpa relacionada ao incidente e, portanto, não responderam criminalmente. Também foram isentados de ressarcir as vítimas por danos. Um absurdo...









Alúzio durante e após o seu depoimento, abatido. (Fotos: Jornal A república/ Reprodução; Arquivo do Estado do Rio Grande do Norte/ Reprodução.)

Dezesseis dias depois, o laudo pericial ainda não tinha sido liberado pela Delegacia Especializada de Acidentes de Veículos pois todas as vítimas ainda não estavam identificadas e ao socorrerem as vítimas, o hospital não registrou informações sobre os atendidos na correria para que as vidas fossem salvas e o feridos devidamente atendidos. Testemunhas ainda estavam sendo ouvidas e isso era essencial para que ações indenizatórias pudessem ser movidas.

Aluízio foi liberado no dia 3 de março após a decisão da juíza Gilka Farkatt por volta das nove horas da manhã. De acordo com ela, não seria necessário nem *habeas-corporis* para isso.



Na imagem, a juíza criminal Gilka Farkatt. (Fotos: Jornal A República/Acervo)

No dia 30 de março, Pedro Avelino Neto discordou do laudo pericial do ITEP e pediu uma revisão. Segundo ele, havia disparidades entre os detalhes dele e de testemunhas envolvidas no inquérito. Enquanto isso, intimou Aluízio a comparecer para um teste psicotécnico.

Os peritos levantaram a hipótese de que tudo se deveu a um episódio de “*percepção retardada*”. Aluízio não respondia tão rápido a estímulos o quanto produzia com sua alta velocidade no volante, devido ao seu esgotamento mental. É requerido da nossa cognição um tempo para que respondamos a um estímulo. No caso de Aluízio, em particular, a uma situação de trânsito. Tempo esse em

que se avalia por um processo psicológico de percepção, intelecção, emoção e volição. Este complexo processo psicológico se chama PTEV, e requer um tempo variado de 0,5 a 4 segundos, conforme um simples ou complexo problema. Muitos fatores podem modificar o tempo de reação como a fadiga, o sono, o uso de álcool e drogas, os hábitos e etc. Esse tempo deve ser somado àquele necessário para que o motorista fizesse a manobra indicada: frear, retirar o pé do acelerador e etc. No laudo, escreveram “dorgas”. Será que o datilógrafo também estava com a percepção retardada? O responsável pela perícia foi o médico Rodolpho Penna Lima, na época Coordenador do Instituto Técnico de e Científico de Polícia (ITEP).

Em 26 de Maio de 1984, um sábado, já estava em poder do Juiz da primeira vara criminal Lycurgo Nunes Terceiro o inquérito policial do acidente que matou 19 pessoas e feriu gravemente outras 14. No relatório de nove laudas, o bacharel Pedro Avelino Neto apontou omissões e falhas técnicas no laudo do ITEP. Segundo os depoimentos de Aluízio e outras testemunhas, concluiu se tratar de um homicídio culposo, sem a intenção de matar. Decretava no final do documento, a sua prisão preventiva. Recomendou também a cassação da carteira de habilitação do motorista de Aluízio Farias Batista. Pelo primeiro acidente, que resultou na morte de Maria e na sua condenação à dois anos em regime fechado, batendo a caneca na grade da cela, porém nenhuma tilintada foi dada já que não cumpriu um dia sequer atrás delas, e os seus antecedentes criminais o apontavam como uma pessoa *“afeita a dirigir de maneira perigosa e irresponsável, se transformando, dessa forma, em um reincidente da prática de provocar a eliminação de vidas humanas”* ⁹. O delegado também afirmou que os passageiros do ônibus cometiam balbúrdia e incentivaram Aluízio a dirigir de maneira imprudente e em velocidade alterada. Estando ele já irritado:

“Na mesma medida em que o mesmo com uma superlotação desenvolvida em plena zona urbana velocidade acima do previsto pela legislação de trânsito, assumiu o risco do que estava fazendo para culminar com o resultado que obteve.” ¹⁰

Porém, havia dissonâncias. O relatado não correspondia ao que já havia sido provado através da “materialidade do delito”, as mortes, como apontavam os laudos cadavéricos e o de Corpo de Delito e Lesão Corporal, Laudo de Exame do Local do Acidente, provas testemunhais (depoimentos) e a própria confissão do motorista, que não confessou mas apenas descreveu o desenrolar dos fatos. O que era um crime accidental, naquele dia entrou para os autos, as páginas amareladas do processo datilografadas com a determinação do pianista ao tocar as notas mais sinistras e determinantes de sua partitura como doloso, ou seja, Aluízio tinha premeditado e assumido o risco, embora não pudesse premeditar

atropelar um bloco que nem sabia existir naquele momento, naquele local. Mas era noite de festa. Alguns estariam pelas ruas. Cada leitor que faça o seu juízo.

Um advogado entrevistado na época fez o seu e declarou:

— Nenhum motorista sobe a ladeira do baldo se não imprimir alta velocidade. Eu, você e qualquer pessoa sabe que quem vem na rua José Bernardo só avista a Rio Branco quando chega embaixo do viaduto. Como o local não é iluminado, quem poderia adivinhar que de madrugada havia mais de 2 mil pessoas no asfalto, do lado direito e no meio da rua, no começo da avenida Rio Branco? A faixa direita das ruas Cel. Estevam, José Bernardo e Rio Branco são exclusivas para ônibus.

Um outro disse no corredor do Fórum ao repórter em tom de pergunta:

— Por que não pediram a prisão preventiva para o funcionário da Chesf que religou a rede de alta tensão, após o acidente? Por que não nomearam um delegado especial para o caso? — se referindo à tragédia de Igapó.

No acalorado debate de colarinhos brancos e ternos pretos, um rebateu:

— Mas o Governo do Estado deu total assistência às famílias das vítimas.

E o debate correu ligeiro.

À essa altura, nos dias atuais, tentar argumentar é chover no molhado. A pena já foi proferida. Nem o fantasma de Aluízio, que ainda assombrava a população indignada, deu o ar da sua graça por lá. Uma cadeira vazia protagonizou as marteladas finais, em um júri popular.

Com os ventos fortes e revoltosos de agosto, chegou mais uma vez de Aluízio depor. Foi ouvido por outro somente no dia 16 daquele mês. Na época, meses depois, estava trabalhando como motorista, morando e trabalhando sob custódia da justiça em Fortaleza, no Ceará e compareceu ao Tribunal juntamente com o advogado contratado pelo Sindicato dos Motoristas José Duda da Rocha.

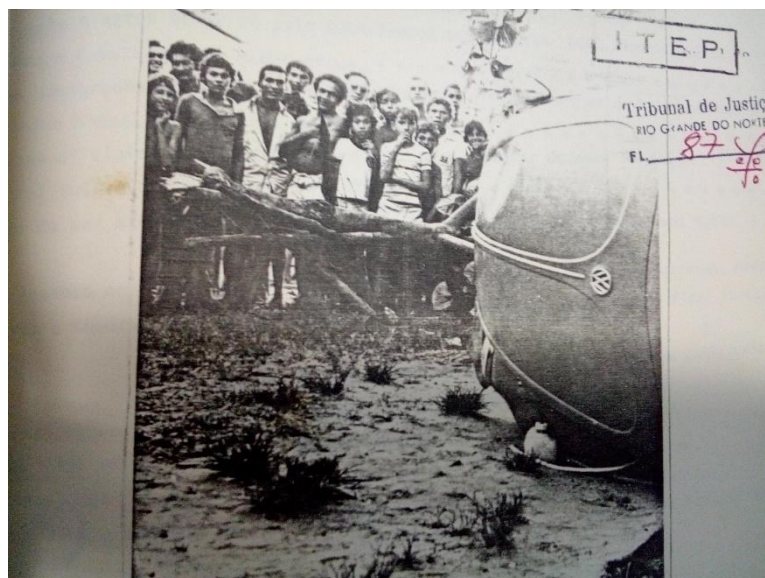
Ele se manteve coerente durante uma longa sessão de interrogatório e reafirmou a tese de que era inocente e o acidente foi causado por um problema nos freios do ônibus. O juiz também não decretou a sua prisão provisória. Aluízio continuou a responder em liberdade. Depois disso, em agosto de 1984, saiu da cidade por causa da insatisfação com o assessoramento jurídico que recebia.



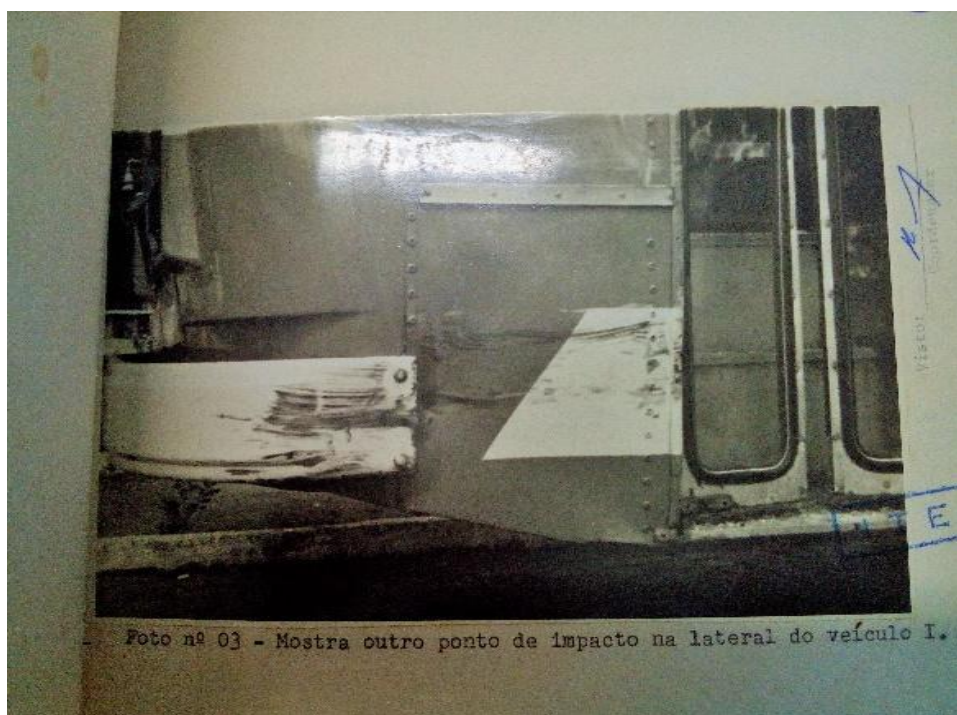
01- Mostrando o posicionamento do veículo, após

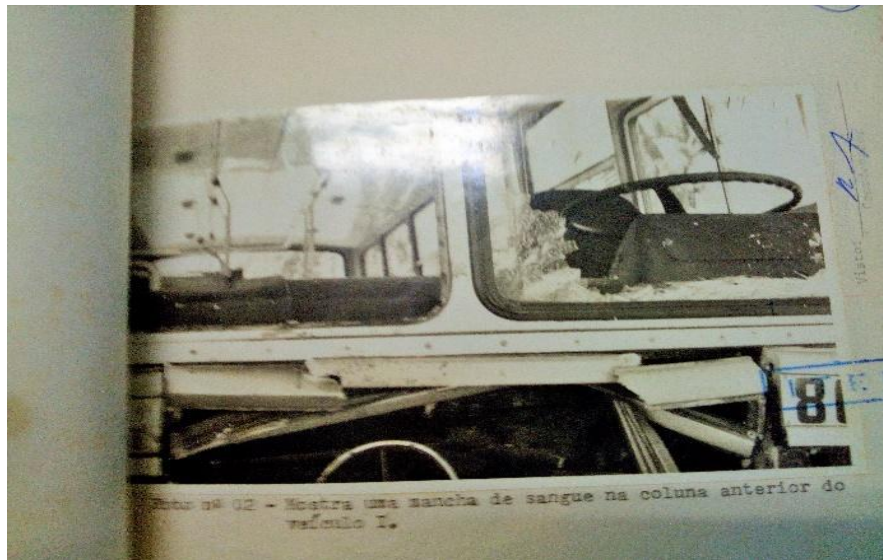


e nº 02- Mostrando o posicionamento do veículo,
visto de outro ângulo.



Primeiro acidente de Aluízio com vítima fatal. (Fotos: 1º Vara Criminal de Natal)





Ônibus destruído passou por uma perícia do ITEP. As marcas de sangue são evidentes (Fotos: 1ª Vara Criminal de Natal)

Segundo o laudo do ITEP, assinado pelo perito criminal Emanuel Varela da Silva, em 27 de fevereiro daquele ano, os sistemas de direção e segurança do veículo envolvidos não apresentavam nenhuma falha técnica e funcionavam corretamente. Consta no laudo anexado ao processo:

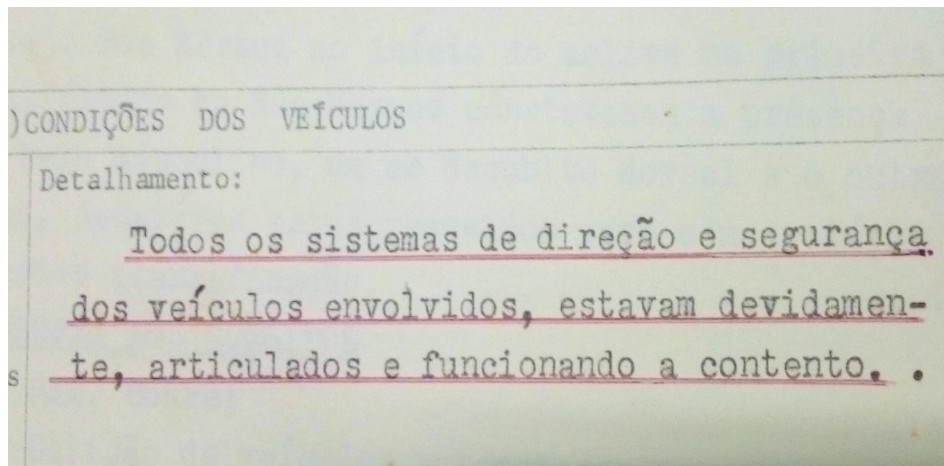
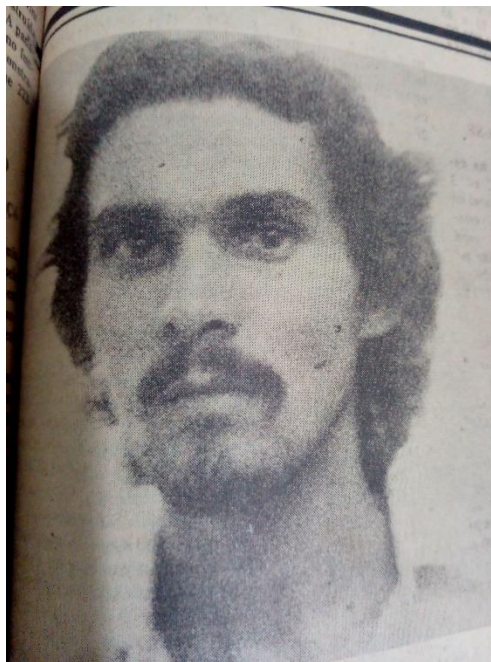


Foto: 1ª Vara Criminal de Natal



Aluízio um pouco menos deprimido ao se apresentar ao juiz em agosto (Foto: Jornal A República/ Reprodução)

Pedro chegou a cogitar ir visita-lo na prisão, mas foi informado pela empresa que já tinha sido liberado. Depois disso, ninguém mais na empresa viu Aluízio. Ele não foi demitido. Se demitiu. Caiu em depressão profunda e não tinha mais condições de saúde mental para trabalhar como motorista no lugar onde tinha feito carreira nos últimos anos. Tanta depressão que dentro de uns 45 dias depois saiu do estado e foi morar no Ceará, pois o sogro lhe estendeu a mão e resolveu o dar abrigo para ajudar à família de sua filha, um amparo a ela.

Dias depois da prisão de Aluízio, Pedro foi até a sua casa para visita-lo na casa vizinha a dele, a dos seus pais, na rua do Caritó, 107, bairro do Bom Pastor. Mas não o encontrou. O pai de Aluízio, Seu Manoel, estava ainda em estado de choque e chorava ao começar a falar sobre o assunto. Não queria comentar muito sobre o acidente. A mãe de Aluízio, Dona Hilda, nada falava. Pedro chegou a perguntar onde Aluízio estava. O seu pai se calou, lhe lançou um olhar sério e desolado nos olhos, respirou fundo e falou:

— Eu não sei.

Na verdade, a paranoia era tanta que nem no melhor amigo do filho confiava. Pedro achava que ele tinha em seu pensamento que ele estava ali a mando de alguém para colher informações e prejudicar a família, que ouviu tantos boatos de ameaça de morte que resolveu ir embora da casa. Pedro não sabe dizer se receberam alguma ameaça, mas aparentemente sim. Pedro ainda foi uma segunda vez um ano depois, mas deixou de ir ao perceber o incômodo do pai dele.

— Ele me disse que quando chegou na altura da igreja de São Pedro percebeu que o ar dos freios secou. Não respondiam mais a ele. Então fez o que pôde para evitar uma tragédia. Não adiantou. Teve medo de tombar o ônibus e coisa pior aconteceu.

Os freios de ar, também chamados de freio pneumáticos, funcionam da seguinte maneira: o ar é comprimido e enviado para o regulador de pressão, que controla a distribuição do ar e o descarta quando apresenta excesso. Em seguida, a válvula de proteção de quatro circuitos irá distribuir a pressão regulada nos quatro circuitos independentes, que são: freios traseiros, freios dianteiros, para estacionamento e uma saída para acessórios (freio motor e buzina).

A autonomia desses sistemas é importante para garantir o bloqueio de ar, caso uma das saídas falhe. A prioridade do sistema são os freios traseiros e dianteiros, depois os acessórios e, por último, o freio de estacionamento. O sistema duplo mantém o ar retido na alimentação da válvula, só liberando

quando o pedal do freio é ativado. Após frear, o sistema reinicia o processo, repondo o ar gasto.

Agora tudo fazia sentido. Os pontos convergiam, se batiam, se fechavam. Estava explicado o porquê de Aluizio parecer estar agindo de maneira estranha quando chegou nas proximidades da igreja do santo das chuvas, do porteiro do céu, como Antônio Vitorino bem percebeu. Não queria causar um tumulto e comoção maiores ainda. Fazer alarde e gerar pânico na escola de samba. Mais pânico do que ela já sentia com a alta velocidade em que dirigia. Escondeu o que aconteceu com o freio. São Pedro fechou as portas do céu para ele, logo viu as do inferno abertas. São Pedro estava ocupado preparando a recepção dos novos moradores que logo chegariam a ele. Fechou o tempo para Aluizio. A para-brisas de seu otimismo também não funcionou o suficiente.

Pedro não consegue explicar tamanho ataque de raiva de Aluizio e atribuiu a oscilação de humor ao cansaço e descontentamento. Maldita hora em que foi ser gentil demais. Se tivesse ido para casa como Pedro...mas por outro lado, tinha que cumprir com o contrato firmado. Não teve, nessa ocasião, como fugir correndo.

Como canta Moacyr Franco em *Turbilhão*: “Sopraram cinzas no meu coração / Tocou silêncio em todos clarins / Caiu a máscara da ilusão/ Dos Pierrôs e Arlequins”.

QUEM SABE, SABE. CONHECE BEM...

O processo de número 001.84.000723-0, atualmente, tem mais de 500 páginas que formam três volumes. Nos seus autos, constam vários depoimentos de testemunhas e de sobreviventes da tragédia. Aluizio Farias foi denunciado pelo Promotor de Justiça José Maria Alves em 30 de julho de 1984. Antes disso, o Ministério Público já o tinha denunciado. Várias denúncias foram feitas depois, pois após a sua última audiência em agosto de 1984, nunca mais compareceu à presença do juiz. Sendo que a sua audiência e os depoimentos de testemunhas de defesa foram várias vezes suspensos por Aluizio ter desaparecido.

Em 1989, O Sindicato dos Trabalhadores e Transportadores Rodoviários do Rio Grande do Norte alegou em tese defesa de Aluizio ao Ministério Público que que:

“O motorista depois de um dia duro de trabalho, onde lida com todos os tipos de pessoas, temendo bater em outros veículos, carros, temendo também perder o emprego por qualquer acidente, já com experiência triste de acidente com outra pessoa, tendo cumprido a sua pena...quando trafegava, via transeuntes nas calçadas, tendo livre a pista de rolamento, jamais poderia prever multidão debaixo do viaduto, sem nenhum policial de trânsito ou veículo com dispositivo luminoso que alertasse aquela aglomeração. Ademais, é necessário salientar que quem vem pela Cel. José Bernardo no sentido Alecrim- Cidade Alta, não tem visão do que ocorre debaixo do viaduto. Falou-se em velocidade excessiva, entretanto a testemunha Adailson Pereira de Oliveira fala em velocidade razoável. Aliás, se o veículo viesse em alta velocidade, não pararia onde ficou, e sim lá nas imediações da Rua Apodi. Todos os depoentes são unânimes que o motorista atropelador reduziu o veículo, e redução significa na prática passar uma marcha de força para diminuir a velocidade, declaração também do motorista.

A ideia de que um veículo vinha desgovernado é natural quando se trata de um coletivo cheio de passageiros em viagem ‘especial’, sem paradas normais, sobretudo, depois de ter batido em um veículo estacionado em um lugar inadequado, contrariando o artigo 181, letra G do Código Nacional de Trânsito. Como se basear na afirmação de que o motorista teria dito ‘se morrer, morre todo mundo’, quando tal afirmação partiu de um único depoente e sem a confirmação dos demais, para o digno representante do Ministério Público dizer que o motorista agiu com dolo eventual?

Ante o exposto, dada a repercussão de lamentável ocorrência, no seio da sociedade natalense, chega-se à conclusão, data venia, que o objetivo do MP, salvo melhor juízo, é levar para o júri popular um homicídio culposo com a finalidade de dar satisfação aos desventurados familiares das vítimas, que foram ‘atropelados’ pela negligência dos dirigentes do bloco e pela falta de previsão das autoridades de trânsito, jamais por dolo do motorista, que deixou de dar assistência às vítimas para cuidar de sua segurança em virtude dos ânimos exaltados dos circunstantes, haja vista depredações e ameaças à sua pessoa, sendo excluída a qualificadora se o agente corria risco concreto para prestar socorro.

O acusado espera que V. Exa. reconheça as suas razões, desclassifique o crime para culposo para ser julgado na vara competente pelo juiz singular, por ser da justiça.

Nesses termos, espera deferimento.

Natal/RN, 05 de junho de 1989

termos até final julgamento.
Requer, finalmente, que seja decretada a prisão preventiva do denunciado, para garantia da ordem pública, além de conveniente à instrução criminal.

Termos em que,
pede deferimento.

Natal, 30 de julho de 1984.

José Maria Alves
PROMOTOR DE JUSTIÇA SUBSTITUTO

Foto: 1ª Vara Criminal de Natal

Então por que Aluízo continuou em liberdade? Me perguntei ao tentar encontrar informações mas apenas me deparar com garranchos ainda não decodificados.

Os homicídios só foram denunciados formalmente no ano de 1997. Mas Aluízio havia deixado de comparecer à instrução processual. As autoridades só julgariam o caso em 13 abril de 2009, 25 anos depois e em um júri popular, antes que o crime prescrevesse em 2017, sem a presença do réu, ou seja, à revelia. A data foi agendada pela juíza Eliana Alves Marinho Carlos, da Primeira Vara Criminal de Natal. A pena estabelecida na condenação do réu foi de 21 anos de reclusão em regime fechado. A sentença proferida pela juíza Ticiania Maria Delgado Nobre condenou o acusado a 14 anos pelo crime de homicídio triplamente qualificado e outros sete pela quantidade de vítimas mortas. Em relação às 12 pessoas que tiveram graves lesões corporais, o crime já havia prescrito. Por esse motivo, o ex-motorista foi condenado apenas pelos 19 homicídios que cometeu.

— Quando nós temos a presença do réu, é realizado um interrogatório. A ausência dele sem dúvida dificulta o acesso a alguns dados que são fundamentais ao veredito final — argumentou aos jornalistas, tentando explicar o seu ponto de vista de que a experiência de julgar um réu à revelia prejudicou o andamento do processo.

Já o promotor público Augusto Flavio Azevedo, que estava no local da tragédia e também perdeu amigos, salientou que a pena de 21 anos foi dada pelo fato de ter havido um “concurso criminal”.

— Ou seja, uma única ação, a de bater com o ônibus no grupo resultou na morte das 19 pessoas. Ele não matou uma por uma. Nesse caso, o artigo 70 do Código Penal estabelece que além da pena de homicídio, escolhe-se um crime e aplica-se a metade da pena para as demais vítimas. — Frisou ao dar declarações para a imprensa no dia do julgamento.

O defensor público e advogado de defesa de Aluizio Geraldo Gonzaga afirmou para a imprensa em entrevista:

— Foi uma experiência inédita e sem dúvida a mais difícil. Até porque eu não sei se o réu está morto ou vivo. Mas nós seguimos todas as normas da lei e defendemos o réu como manda o direito. E sim, pretendo recorrer da sentença.

Sobre os motivos pessoais que levaram Aluizio a cometer aquela catástrofe, o promotor Augusto Flavio de Azevedo foi categórico ao fazer as suas considerações:

— Contudo, isso não o exime de responsabilidade alguma. Porque o fato de eu me sentir cansado para determinada ação, e qualquer um profissional pode se sentir nessa situação, não dá o direito de que você se conduza com irresponsabilidade a ponto de fazer verdadeiras tragédias.

O julgamento em 2009 só foi possível devido à edição da Lei 11.719, de 2008, que altera o Código de Processo Penal. Antes dela, o denunciado só poderia ir a júri popular se estivesse preso e presente à audiência. Essa lei passou a vigorar em 23 de agosto de 2008.

Não se tem notícias sobre o paradeiro de Aluizio Farias. Ele nunca mais foi encontrado após a sua fuga da cidade.

A mais recente movimentação do processo judicial de número 0000723.49.1984.8.29.0001 é datada de 2021, com um despacho da juíza Eliana Alves Marinho (1ª Vara Criminal da Comarca de Natal), que diz o seguinte: “*Aguarde-se a captura do condenado*”. Um esclarecimento: cada volume do processo apresentava um número diferente.

A espera para que Aluizio sentasse no banco dos réus foi longa e o caminho jurídico extenso. Era um sentimento que não cabia em páginas de movimentações processuais. Era dia de um alívio simbólico para as famílias. Da mesma maneira que até então a história era um fantasma, Aluizio também virou um. Para alguns continua a ser por estar em liberdade, mesmo que não na mente

dele. Para outros que já o perdoaram, a página com muita dificuldade foi de maneira bastante lenta virada, com a delicadeza de um restaurador que restaura documentos velhos, também restauraram a si mesmas e a sua paz, preenchendo o vazio com o enxerto de outros papeis que a vida impôs.

— Alô?

— Boa tarde! Eu gostaria de falar com o filho de Aluizio Farias Batista, por favor. Ele é seu pai?

— Sim, mas quem é? O que você quer com ele?

— Sou estudante de Jornalismo da Federal do Rio Grande do Norte e estou escrevendo um livro sobre um episódio chamado de tragédia do Baldo. É que o seu pai é o motorista envolvido no acidente. Você poderia me dar alguma informação sobre ele?

— Eu não sei...não sei nada sobre ele. Meu Deus...liga daqui a pouco e fala com o meu irmão mais velho. Ele está almoçando — Falou o filho mais novo de Aluizio ao telefone com uma voz trêmula, com a respiração com uma cadência que denunciava um ataque de pânico. Falou rápido e gaguejando, muito nervoso. Desligou o telefone.

— O que eu fiz? Ele vai passar mal — Eu me perguntei também nervoso e apreensivo. Pensei que o foca, como jornalistas iniciantes são chamados, deveria voltar para o mar de incertezas que era a sua vida e nadar em outro rumo.

Meia-hora depois:

— Alô, você é o filho mais velho de Aluizio?

— O meu irmão já contou sobre o que se trata. Qual é o seu nome? Olha, Jefferson, eu não tenho problema algum em falar sobre o assunto. A questão é que o meu pai abandonou o meu irmão quando ele ainda tinha três anos de idade e sumiu no mundo. Saiu sem avisar para onde iria e nunca mais voltou. O meu irmão não suporta ouvir falar sobre essa história e sobre o meu pai. Ele fica nervoso. É muito traumatizado.

— Você nunca mais teve notícias sobre ele?

— Não. Não sei onde ele está.

— Desculpa, eu não sabia...Vi os nomes dos parentes dele enquanto deslizava os meus olhos pelas páginas do processo. Peguei os nomes dos filhos, joguei nas redes sociais, apareceu o nome do seu negócio na sua descrição e pesquisei o contato na internet. Confirmei o local onde moram, cruzei com algumas informações que eu tenho, vi que são parecidos. Mas quero apenas conversar sobre como isso impactou vocês, o que viveram na época, a versão contada a partir do ponto de vista dele.

— Tudo bem. É que esse assunto envolve muita gente poderosa. Eu não quero falar sobre ele não, eu tenho muito medo.

Tentei mais uma vez combinar uma entrevista com ele e a mãe, já casada com um outro homem.

— Eu vou falar com ela mas eu acho melhor não. Acho que ela não vai querer falar sobre o assunto. Acho que ele não vai gostar nem de ler sobre isso. Ele detesta esse advogado da época, com quem você conversou. Ele destruiu a vida do meu pai. Foi por causa dele que o meu pai saiu da cidade. Ele era pai de duas crianças e a cidade detestava ele. Como a família ficaria se acontecesse algo com ele. Pintaram o meu pai como um psicopata. Eu não acredito que um homem tão calmo, doce, gentil, amoroso como o meu pai fosse capaz de atropelar e matar alguém de propósito. Depois de crescido, de homem feito, comecei a trabalhar cedo pra ajudar a família, procurei três advogados que me disseram que o caso dele não tinha jeito.

— Que lamentável que ele foi condenado a 21 anos de prisão...— soltei o blefe. Foi quando eu tive a certeza de que ele não estava mentindo. A reação de espanto foi muito verdadeira. Ele pareceu ter comentado algo com alguém que estava ao seu lado. Ou simplesmente afastou o telefone do rosto e falou algo consigo mesmo pasmo.

— O que foi que você disse? Eu não sabia disso. Nossa...

— Bem, se decidirem dar a entrevista, eu espero até amanhã pela ligação.

— Nunca mais retornaram.

Era isso. Fui até onde pude. Em um dia de 1993, Aluizio abriu a porta da sua casa assim como abriu a do ônibus transloucado que dirigia e partiu sem rumo, deixando esposa e filhos para trás. Até hoje se recusam a falar sobre o assunto. A vontade dela, mais uma vítima da tragédia e que nenhuma ligação tem com o fato após a peregrinação por diversos estados legalmente como Ceará e Mato Grosso, foi acolhida e respeitada. No momento, nem ela sabe do seu

paradeiro após um vida refeita. Desde então, Aluízio já não mais está lá, apenas a sua ausência deixou.

O jornalista se limita apenas a contar histórias devidamente checadas em relação à sua veracidade e essa era a que eu tinha para contar, somente. Tanto quanto a liberdade de expressão, sem perseguição, a do anonimato da fonte também é inviolável, e eu a respeitei. Eles têm o direito garantido de não terem os nomes e nem o local onde residem revelados. É o que a ética jornalística manda e sou escravo dela enquanto profissional. Tinha responsabilidades e vidas a zelar. Nenhuma vida iria automaticamente ser trazida de volta se um homem idoso começasse a ver o seu sol nascer quadrado.

A culpa é a pior das prisões. O peso na consciência, a bola de ferro dos nossos grilhões. Optei por não continuar a importunar a família, que hoje vive uma vida renovada, depois de ser mais uma vítima atropelada pelos infortúnios da vida, lesionada e ainda em um lento processo de cicatrização, a pedido deles. O pedido da fonte foi eticamente obedecido. No setor de enfermagem do jornalismo, temos que saber dosar o quanto uma ferida pode ser aberta e mexida, remexida, após ser pontuada com a negra linha do consolo e remediada pelo antisséptico tempo e a morfina do esquecimento. A humildade, a compreensão, o respeito e a complacência são ótimos curativos mas alguns jornalistas dispensam.

Aluízio deixou a cidade para trás, deu as costas e se perdeu pelo mundo, como se perdeu na escuridão, no breu quando fugiu de seus linchadores e da fúria deles. Ele fugiu da fúria da vida, linchado por sua culpa, correu de si. Era um fardo demasiado que levaria para o restante da sua vida. Até hoje me pergunto, ele dorme em paz? Ou aqui jaz?

Porém, a polícia ainda teria recebido notícias dele, de um possível ele, uma denúncia...

Como diz o Zé Ramalho em *Chão de giz*, “E quanto aos confetes/ Já passou meu carnaval...”

CAPÍTULO 11: TRISTEZA

Tristeza

Por favor vai embora

A minha alma que chora

Está vendo o meu fim

*(Tristeza - Carvalinho / Haroldo Lobo / Efsen /
Julio Monteiro / Luiz Antonio / Nei Lopes / Niltinho Tristeza / Oldemar Magalhães)*

Outras duas catástrofes humanas de grandes proporções abalaram o Rio Grande do Norte. Elas seguem esquecidas, ou desconhecidas, e serão contadas brevemente. Ambas com quase o mesmo saldo de mortes. Dantescas. Uma delas, muito similar ao acidente no Baldo. É a dor das tragédias...é a negligência em relação à memória potiguar. Embora tristes, necessárias e não aprendidas nas escolas. E de boca a boca, como um telefone sem fio, são contadas com mentiras ou distorções. O papel do jornalista é investigar e apurar a sua veracidade nos mínimos detalhes antes de ter a responsabilidade social de informar. É comum que jornais exibam rapidamente algumas tragédias semelhantes quando alguma ocorre. Que os prantos venham à tona e sequeem com as brisas do tempo. O que há de similar entre a tragédia que conto e as que vou apresentar é o fato de serem causadas pela imprudência de alguém ao volante. São acidentes automobilísticos.

TRAGÉDIA DE IGAPÓ

29 de novembro de 1982. Segunda-feira, quilômetro 2.5 da BR-406, no bairro de Igapó. 05h00 horas da manhã. Uma Kombi desgovernada se chocou

contra um poste de alta tensão. Muitos estavam na parada esperando a condução para ir trabalhar, nas proximidades da fábrica Coteminas.

O marido de Lourdes, pai de quatro filhas, acordou cedo como normalmente fazia todos os dias. Pôs café em uma caneca gasta pelo tempo e amassada, arrancou um pedaço de pão seco e levou até a boca. Após se alimentar, passou debaixo da rede das filhas que ainda dormiam e foi trabalhar. Ao atravessar a pista, um fio caiu em cima dele. Ficou estendido no chão e nunca mais pôde voltar para casa.

A Kombi foi de encontro ao poste, esmagando uma mulher e matando um homem. O poste veio ao chão juntamente com toda a sua fiação. Do choque, vieram 69 mil *volts* com a descarga elétrica que transitava nos fios. A segunda descarga que passou pelo chão molhado da chuva que caía veio vinte minutos depois e matou doze pessoas, curiosos que foram até o local para verificar o que aconteceu. Muitos morreram até mesmo no quintal de suas casas, distante da fiação caída. A descarga eletrizou uma grande porção do solo. Sete minutos depois, mais uma descarga e mais mortos e feridos. Foram três descargas sequencialmente em menos de meia-hora. O saldo de mortos foi de 23 pessoas, mais oito com graves queimaduras e umas outras dezenas de feridos atingidos pelas descargas. O professor do Departamento de Engenharia Elétrica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Ronaldo Andrade Martins falou que 69 mil *volts* equivalem a 300 vezes mais do que um choque doméstico de 220 volts. O que seria suficiente para matar uma pessoa.

O motorista da Kombi foi levado ao hospital Walfredo Gurgel e fugiu após ser socorrido.

Mais de 3 mil pessoas acompanharam o velório. Dom Nivaldo Monte comandou a missa juntamente com o padre Tiago Theisen, que teve início por volta das 07h30 da manhã na praça São Vicente de Paula, na vila de Igapó. Devido à comoção de parentes e amigos, a missa foi interrompida duas vezes mesmo com o calor que fazia. Uma parte da multidão invadiu a área em que os caixões se encontravam alinhados. Várias mulheres desmaiaram no tumulto. O padre Tiago pediu que se afastassem para que o ato litúrgico pudesse ter prosseguimento. Após a missa, o cortejo fúnebre passou por um beco do bairro e seguiu pela estrada em uma caminhada ao cemitério do bairro, dando destino aos que a partir daquele momento não teriam mais destino algum, pois os seus foram cumpridos. No cemitério, as demonstrações de emoção apenas pioraram. Muitos desmaiavam, gritavam, suplicavam aos gritos à volta a vida de um ente querido. Muitos outros tiveram que ser levados para o pronto-socorro devido ao estado de nervosismo. Lourdes era uma das viúvas. Sentada no chão e cercada

pelos filhos, com um em seu colo, disse em tom de choro e lamento aos repórteres:

— Estou só no mundo. Não sei o que vou fazer da vida com essas quatro crianças para sustentar.

O governador José Agripino Maia apareceu na missa aos risos, acompanhado por sua equipe. O que era contraditório para uma situação tão trágica e triste, em que muitos se consumiam em choro de tanta dor.

Primeiramente, o diretor da Cosern disse que a Chesf iria assumir todas as responsabilidades sobre o ocorrido, indenizando as suas vítimas. Se isentou de qualquer culpa e disse que seguiu todos os procedimentos de segurança. As famílias passavam fome, sem receber nenhum valor indenizatório enquanto acusações eram trocadas. Dom Nivaldo Monte e a OAB lançaram uma campanha para arrecadar doações para as famílias dos mortos. A campanha também era para alertar as autoridades sobre o perigo que envolvia as instalações elétricas da cidade.

—Se formos esperar que se diga quem é culpado, se a Chesf ou a Cosern, o povo morre de fome— falou o religioso.

Até hoje, a Chesf alega que a Cosern foi culpada por não ter desligado o sistema. Até hoje, jogam uma queda de braço em que apontam um para o outro como culpado, sem o pagamento das devidas indenizações.

13 DE MAIO DE 1974, CURRAIS NOVOS

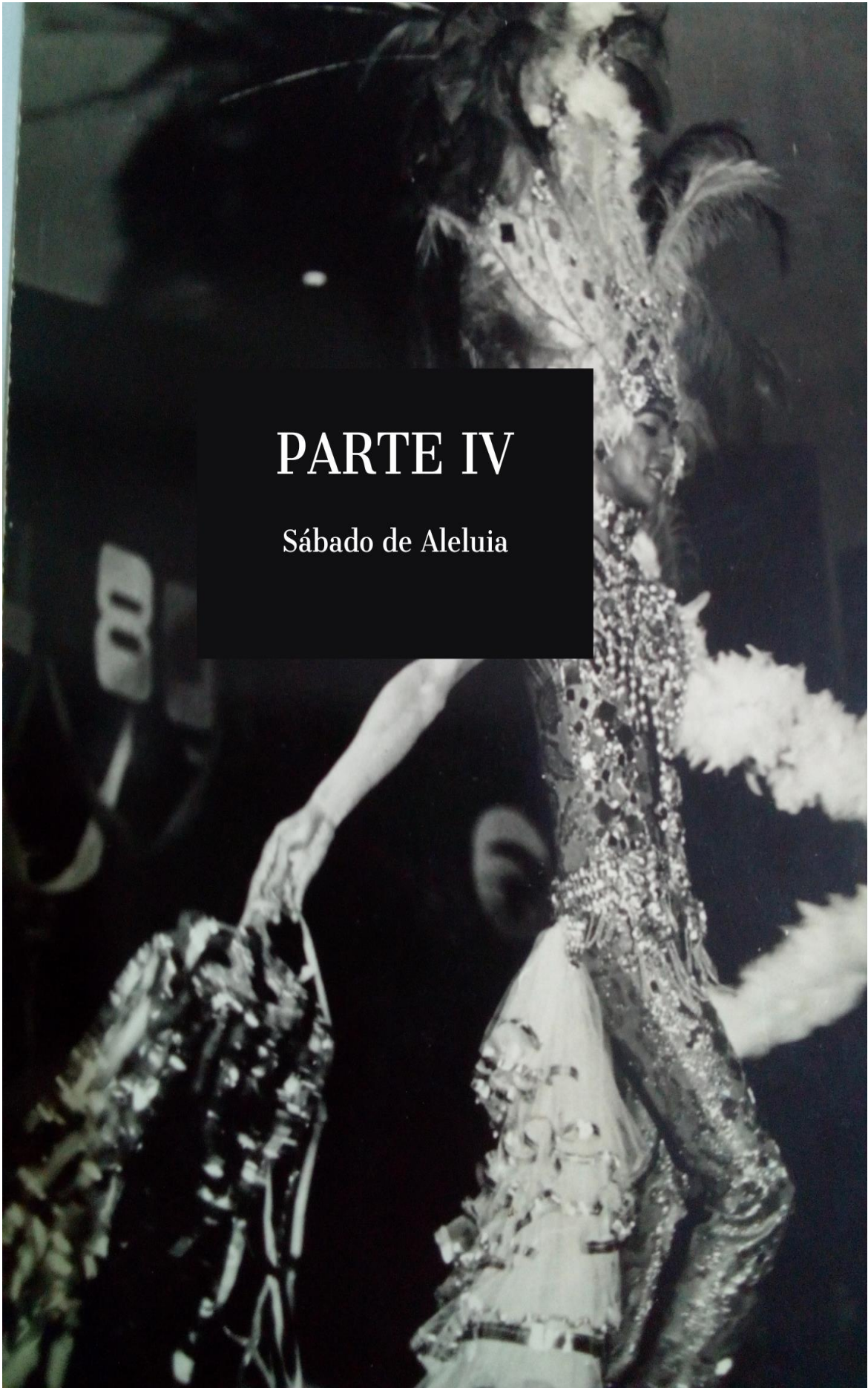
Contraditoriamente, se o atropelamento do Baldo tinha em suma mais pessoas jovens vitimadas, no trágico dia 13 do quinto mês de 1974, dez anos antes, a maioria dos mortos eram pessoas da terceira idade. Vinte e quatro pessoas morreram atropeladas pelo ônibus da Viação Princesa do Seridó. Outros 13 ficaram feridos. Era a viagem de estreia do novo motorista contratado pela empresa, José Roberto, que saiu da rodoviária de Natal com destino a Crato, no Ceará. Por volta de 19h40 minutos da noite de uma segunda-feira, o ônibus avançou sobre uma procissão a 70km/h. A procissão saiu da igreja da praça Cristo Redentor com destino, que seria interrompido, à igreja Nossa Senhora de Fátima no bairro Paizinho Maria, cuja padroeira era. Mais de mil fiéis a acompanharam para uma missa que seria realizada pelo padre Antônio Araújo. Enquanto

cantavam à Virgem de Fátima, o ônibus apareceu desgovernado e esmagou a imagem da santa que era carregada. Sem saber como reagir ou para onde correr, várias pessoas, dentre idosos e crianças foram atropelados e esmagados pelo veículo.

O motorista abandonou o local e deixou os 18 passageiros do ônibus desorientados como ele. A pista estava semeada de cadáveres e pessoas feridas suplicando à Santa Socorro. Mas a santa também precisava de socorro. Estava totalmente quebrada. Foi constatado que o ônibus saiu da capital com os freios quebrados. O motorista fugiu na ocasião, mas foi pego posteriormente.

O clima na cidade era de total luto, chegando a fecharem o comércio e uma grande maioria andar de preto em sinal de luto. Na Avenida que antes se chamava Santos Dumont ganhou a data como nome e um monumento foi erguido em memória dos falecidos. Qualquer semelhança com a tragédia do Baldo não é mera coincidência.

Como canta Caetano em *Desde que o samba é samba*: “A tristeza é senhora/
Desde que o samba é samba é assim...”



PARTE IV

Sábado de Aleluia

CAPÍTULO 12: QUEM PARTE LEVA SAUDADE

Quem parte leva

Saudades de alguém, que fica chorando de dor.

Por isso não quero lembrar

Quando partiu meu grande amor.

Ai, ai, ai, ai está chegando a hora.

O dia já vem raiando meu bem e eu tenho que ir embora.

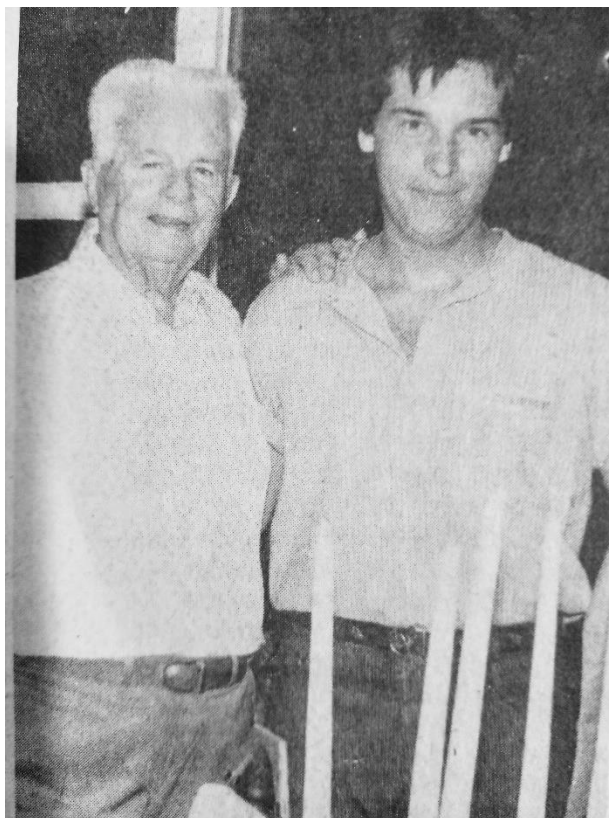
(Quem parte leva saudade – Francisco Scarambone)

“Recordar é viver, eu ontem sonhei com você, eu sonhei, meu grande amor que você foi embora e nunca mais voltou...”, ouvia eu da televisão, sorradeira pelo ar quando comecei a redigir as primeiras palavras desse livro. Coincidência e ironia ou não, era carnaval. E o escritor não o aprecia. Mas o que me fez resgatar essas histórias e tentar tocar com tanta delicadeza nos ferimentos em eterno processo de cicatrização, uma diabetes, pela doçura da diversão dos períodos de carnavais, que tem como consequência a não coagulação do sangue, por mais que tentem estancar a sangria? A ausência de quem se ama é o pior dos vazios. É uma dor que ecoa e que encontra refúgio por detrás de alguma lembrança. Se torna saudade. Viu o amor partir e deixar filhos no ventre como um pedaço de si. Viu o amigo não mais existir ao procurar um ombro para tocar. Viu um pai deixar lhe deixar na orfandade contra a sua vontade. Viu um irmão que sempre lhe sorria e coloria os seus dias partir em muito mais preto do que em branco. Um avô do qual não se sabe nem ao certo a história pois a desgraça virou tabu. Um pai e uma mãe sem ter um rosto para acariciar. Um amor tão intenso quanto o de um carnaval mas desprovido de finitude. A revolta foi o que restou, ficou, criou raízes. O desgosto com os caminhos e descaminhos tortos da vida. A solidão velada de quem teve que seguir em frente para viver, sobreviver. Em alguns dias, foi difícil prosseguir, mas o que fazer com a vida que sempre nos empurra para seguir, seguir, seguir...até cair? Todas as madrugadas, os mesmos dias seguintes de sol nascente, de prantos e gritos. Mas logo vem a imagem daquele que se foi,

querido, como um acalanto. Ele está bem. Me parece que há pessoas que vêm ao mundo predestinadas a algo, com um papel que não é interrompido antes do tempo, mas quando ele já foi necessário. Agora, sou legião de 19 mãos. Entre um canto fúnebre e outro, há um belo frevo colorido na melodia do tempo que passa e deixa tudo para trás, menos a saudade. E no final das danças, sentimos mais os calos nos pés do que as lágrimas, nos compassos e descompassos. Vidas reduzidas mas calejadas.

Dinarte Medeiros de Mariz Neto, era um companheiro inseparável do seu avô, o Ex-governador e senador Dinarte Mariz. Tão querido que ganhou o seu nome. Era descrito como um jovem tranquilo, educado, inteligente, de muitos amigos e colegas. Aos 18 anos, cursava o primeiro ano de engenharia. Naquela noite, estava em casa até tarde, minutos antes do desastre. Se dirigiu ao local a convite para rever amigos.

Uma grande fatalidade, um chamado da morte, pois Dinarte não fazia parte daquele bloco Puxa-saco. Pulava carnaval no mais tradicional, o Saca-Rolha. Era a pessoa errada, no lugar errado e na hora errada, dançando próximo a uma calçada. Até hoje, sua família chora ao ver Murilo, que era um grande amigo de Dinarte. Até hoje, a família cala o seu sofrimento e não quer falar sobre o assunto. Calor a dor, para ver se fala mais alto o afeto que ficou. Não adianta, a lembrança é cicatriz dolorida, que não fecha, não se encerra. De vez em quando, desperta. Desisti de contar uma dezena de histórias para não mexer em muitas.



Dinarte ao lado do avô, o Ex-senador Dinarte Mariz (Foto: Jornal A República/ Reprodução)

Esdrás Cesar da Silva, conhecido popularmente como Lelé, perdeu muito sangue a caminho do hospital, minutos depois de ser socorrido, após tentar socorrer colegas e amigos, num gesto fraternal. Esdrás foi atingido pelo ônibus após Aluizio o abandonar sem ter engatilhado a marcha à ré. Como açougueiro, carne não era um problema para ele. Promovia churrascos em que reunia os amigos regados a muitas risadas, carne assada e doses de bebida. Era uma confraternização, uma celebração de sua vida. Mas nem só de carne vivia. Gostava da fartura dos grandes blocos. Sentiu algo estranho minutos antes de sair para a tocata. Uma sensação de que não deveria sair para tocar a ponto de se despedir de sua família. O pressentimento não vem da carne mas da alma e ele estava certo. Estava indo tocar apenas para quitar o preço do instrumento que dominava como a sua faca no abatedouro. Triste fim o do açougueiro. Quase quatro décadas depois, sua viúva fez revelações ao neto sobre coisas que nunca tinha falado relativas ao acidente. Verbalizou algo que enterrou em si no momento em que enterrou o marido.

Com 7 anos de idade, Élder, sobrinho de Lelé e baterista hoje de uma banda descrita como "ecclética", iria herdar não só a genética artística do músico mas também o instrumento amassado do tio falecido. Já começava a despontar o seu amor pela música. Mas não sabia o destino que o instrumento um pouco retorcido do tio levou, já que a viúva de Lelé, segundo a mãe de Elder lhe contou, lhe daria de muito bom grado o instrumento.

Se alguns da família tinham predileção por instrumentos de corda, a de Lelé era pelos de sopro, os metais. O metal que corta a carne e o metal do instrumento em que deu o último sopro antes de dar o seu último suspiro.

O jornalista Woden Madruga escreveu o seguinte na sua coluna, em homenagem a Lelé, que descreveu como um boêmio simples e anônimo:

“Lelé era um dos símbolos do carnaval de Natal. Ele e seu trombone de vara. Quantos carnavais ele não animou nessa cidade? Quantos? Mais de trinta anos eu vi, ele e seu trombone. Em blocos, em bandas, em ‘sujos’, e nas orquestras de clubes. Ou então brincando sozinho. Ele e seu instrumento, inseparáveis no carnaval e na boêmia. Quantas alegrias o seu sopro metálico fez nesta cidade durante tanto tempo? Frevos, marchas, sambas. Que resultaram em gestos, risos, cantos, passos, gritos. Alegria. No meio do povo ou dos cordões. Ou solidário saindo da rua das Estrelas para os bares da rua João Pessoa, da Treze de Maio, da Rio Branco, quando há trinta anos o carnaval era por ali. No caminho ia, sozinho, soprando o seu trombone. Para mais na frente, entre uma bodega e outra se misturar às multidões de onde se destacava o sopro forte e metálico, a vara do trombone por sobre as cabeças, qual estandarte.

Passado o carnaval, na quarta-feira de cinzas, rouco, a gente aí encontrava-o no velho mercado da Rio Branco. Lelé – incrível essa ambivalência – era marchante. Mas a imagem que dele fica é do trombonista, do músico, do artista, do folião, do carnavalesco, do boêmio. Do fazedor de alegrias”.

Tribuna do Norte, 28 de fevereiro de 1984

Quando a música nos bate, não sentimos dor. Sem ela, a vida seria um erro. Dizia Nietzsche. Quando ela cessou, a vida virou erro para alguns, acabou para outros. Pelo menos morrer preenchendo o ar com ela, em uma atmosfera de alegria, do devaneio da folia fervente, dos pés que se jogavam saltitantes em pulos para todos os lados que nem pipoca ao estourar, foi uma certeza de que a

morte com música foi uma fatalidade, mas não um engano. Ela fazia parte da vida deles e morreu com eles, nascendo deles.

Mas a vida é assim. Não nos dá tempo para paradas. A banda toca e segue em frente. Senão, de qualquer maneira, ela nos atropela.

— Ninha, vem cá!

Atenta às notas que o pai tocava, Jeane corria com os olhos brilhando e um sorriso largo no seu rosto de primogênita, em que tanta alegria não cabia e nem se escondia, pronta mais uma vez para ser a intérprete predileta das novas partituras que o pai saxofonista Jethe Nunes de Oliveira criava.

— Canta pra mim, Ninha!

— Fagulhas, pontas de agulhas, brilham estrelas de São João. Babados, xotes e xaxados seguram as pontas do meu coração. Bombas na guerra-magia, ninguém matava, ninguém morria. Nas trincheiras da alegria, o que explodia era o amor...

— Não ia ter festa do interior como canta a Gal Costa, mas era sinal de que ia ter festa de rua. E das boas, pois Jethe era músico de mão e coração cheios. Não só era músico de formação como de espírito e paixão. Um dos mais requisitados na banda da Polícia Militar. Jeane olhava para o pai com tamanha admiração que se ela dissesse que o achava o máximo, não teria como aumentar o volume. Já era em alto e bom som.

Mas um dia o saxofone e tantos outros instrumentos que o multi-instrumentista de repertório versátil, que ia da MPB ao rock internacional, ficou mudo antes do raiar do sol. Giovana viu os primeiros raios dele nascerem. Amanheceu e Jethe não voltou. Ela sentia que algo estava fora do ritmo, em desafino com o comportamento dele no início daquela manhã de sábado. E nada tinha a ver com a sua barriga gestando mais um filho do casal no seu quarto mês. Ele saiu para mais uma tocata na noite da sexta anterior. Uma folia de rua do bloco Puxa-Saco e da BandaGália, aquecimento pra botar a banda na pista antes da festa de momo oficialmente começar.

Ela ainda não tinha ligado o rádio para ouvir a mesma lista de nomes repetida pelo locutor com insistência e pesar. Todos já sabiam. Um vizinho chegou no seu portão e lhe perguntou:

— O Jethe já chegou?

Giovana respondeu que não sem disfarçar muito o estranhamento.

--- É porque houve um acidente.

Giovana tomou um susto com a possibilidade de Jethe ter sido uma das vítimas. Talvez o vizinho não tivesse a coragem necessária para contar.

Mas vai ver, apenas tinha demorado um pouco mais com os amigos na folia. O bloco apenas se desmancharia na Praia do Meio. A música só cessava depois de o último de carraspana se dispersar. Alguém tinha que tocar pro bloco “mamãe, eu só chego amanhã” até ele acabar.

Ela ficou mais inquieta.

Era 06h00 da manhã quando ela chamou a filha mais velha Jeane e a sua cunhada para compartilhar a sua inquietação. Elas não tiveram dúvidas. Sem tanto acesso ao telefone, procuraram o orelhão mais próximo e ligaram para o quartel da Polícia Militar. A lista foi lida. O nome de Jethe foi dito, chamado, estava na fatídica lista. A irmã de Jethe estremeceu ao ouvir. Jeane, uma pré-adolescente esperta, percebeu. Para bom entendedor, a falta de palavras já basta. Viu uma desconcertante tristeza no seu semblante.

Caminhavam de volta do telefone público quando de longe viram a aglomeração de pessoas em sua casa. Além da “baratinha”, nome dado ao fusca da Polícia Militar. Davi desceu dele. Também sargento da PM, Davi era amigo de Jethe de longos tempos, desde a adolescência como aprendizes de músicos. Davi chegou no portão e Giovana logo perguntou sem rodeios

— Davi, ele está bem? Me diz como ele está. Eu posso ir com vocês?

Davi abaixou a cabeça e se calou por um segundo até responder:

— Não! Onde ele está, você não pode entrar.

— Como ele está!?

--- Mal, muito mal.

Jeane entrou em casa. Ela achava que a mãe já sabia. Foi quando um militar a chamou em um canto e falou:

— Olha, eu vou falar para você porque me parece que está mais calma. O seu pai faleceu e a gente veio buscar a roupa de gala dele.

A ficha de Giovana caiu lá fora, a de Jeane caiu dentro. Ficou tão desorientada que não conseguia processar o fato de o pai ter morrido.

Então, cada uma foi para o seu lado, em um enorme desespero e correria porque o enterro já aconteceria no final da tarde. O corpo precisava ser velado com todas as honrarias que um grande músico e militar merecia.

Jeane pegou todos os trajes do pai e não sabia distinguir o de educação física do de passeio. O militar apontou:

— É esse aqui mesmo. Onde está o *cap*?

— Está no quartel.

A mãe adentrou a sala e Jeane não teve escolha. Contou para a sua mãe. De nada mais lembra. A sua irmã mais nova também, mas por causa da tenra idade. A mãe se sentiu mal.

O vizinho, que também tinha um irmão músico, correu para lhe socorrer. Mal teve tempo e já ouviu a voz da sua irmã lhe dizer no exato momento do socorro:

— O Murilo também faleceu.

O melhor amigo de uma vida inteira de Jethe, sempre ao seu lado, não pôde lhe deixar ir sem fazer companhia.

Antes de ir reconhecer o corpo do irmão, ele levou Giovana para o hospital.

A família ficou desestruturada sem a sua base, o seu chão Jethe. Mas aos poucos, Giovana batalhou e tudo voltou para os eixos. Só Jethe não voltou. Mas ele também não tinha ido. Um pedaço dele estava dentro do seu ventre. Dentro dos corações de seus entes e das musicais lembranças que ele deixou também.

Giovana já tinha passado na fase escrita de um concurso para a Polícia Federal com Jethe em vida. Ficou no quarto lugar. Tudo parecia se encaminhar bem. Jethe também já tinha sido promovido para Primeiro Sargento, mas infelizmente não viveu a tempo de assumir o posto. Burocracias. O Diário da União ainda não havia divulgado a sua nomeação. E nem divulgou. O publicado foi o da pensão por morte que Giovana passou a receber, sem contar com a indenização. Quanto custa trazer alguém querido de volta à vida? Até o mais rico homem do mundo, por isso, é infeliz. Elas, não são.

Giovana e sua família passaram alguns meses na casa do irmão de Jethe, em Recife. Fez a prova oral com o seu barrigão de grávida. Quando a criança nasceu, não teve dúvidas:

— Vai se chamar Jethe Filho, em homenagem ao pai.

Foi selecionada e levou mala e cuia para a vila militar São José. Por lá, conheceu as viúvas de tantos outros músicos que perderam suas vidas naquela madrugada. O foco da sua batalha não era apenas não deixar o arroz com feijão faltar mas a fonte do comprar não se esgotar: uma boa educação. Giovana se desgastou muito para formar seus filhos, mas hoje é com alegria que diz que os filhos de Jethe são mestres e doutores. Jethe descansa sossegado.

O barulho saía forte e ainda ganhava forma do instrumento de um adolescente de 15 anos. Foi nessa idade que Jethe uniu o irmão e outros colegas. Juntos, deram vida a banda/conjunto *Os Diferentes de Parnamirim*. O pai dele era muito ligado à música. A genética e a admiração ao pai fizeram brotar nele a paixão pela música quando ainda era moleque. Escrevia partituras, tocava diversos instrumentos, cantava, era um músico completo e profissional. A sua carteira profissional lhe limitava a ser um saxofonista. Mas na prática, não havia limites para a sua musicalidade.

Ele se empenhava, estudava, aprendia e o seu talento musical lhe rendeu um convite para fundar a banda do Terceiro Batalhão da Polícia Militar. E posteriormente, a ida para Teresina, no Piauí, em 1972 também para fundar uma banda de música. Dessa vez, a do Batalhão de Engenharia de Construção, onde se tornou sargento. Era muito talento para corresponder a tanta responsabilidade. Entrou na banda em Picos, no Piauí, e também foi chefe da banda da Polícia Militar em Natal, em uma época em que para ingressar nela apenas prestando testes e conseguindo a aprovação. Por causa do seu talento musical, chegou ao posto de mestre. Costumava tocar nas chamadas “domingueiras” e matinês. Era quando colocava Jeane no colo e a levava para se divertir e dançar. Nos finais de semana, tocava em clubes. Vivia da música e para a música.

Mas era por Natal que o seu coração soprava mais alto, até que a nota foi alcançada. Na época, não havia transferências dentro da Polícia, algo que foi regulamentado somente na década de 1980. Jethe insistiu, conversou com o diretor da banda de música da Polícia Militar de Natal. Ele cedeu aos encantos musicais do talentoso jovem e à sua perseverança, deu a ele a oportunidade para fazer testes para tocar na banda de Natal e ele logo se tornou sargento na corporação potiguar. Em 1982, dez anos depois, Jethe voltou para as terras

natalenses em companhia da família: Giovana e suas duas filhas. Jovial e expansivo, conseguia lidar bem e conversar espontaneamente com qualquer pessoa. Era comunicativo, carismático e cheio de energia. Até hoje a sua filha alega que puxou a ele por ser muito boa de conversa. Por falar, falar, sem dar a sua hora de parar. Também deve a ele o gosto pela música e pela dança. O seu pai sempre lhe chamava para dançar entre um e outro “Ninha, vem cá!”. Ensinava sobre o rock nacional que desabrochava nas rádios brasileiras a dentro, pela música internacional das rádios afora. Pelas marchinhas, pela música popular brasileira. Tudo era farra e diversão. Pela alegria em viver e sonhar, fazer planos, bailar com os seus pensamentos, chamar a criatividade para dançar. Dizia para a filha com um simpático sorriso adornado por um grosso bigode:

— Me chame de senhor!

A filha o achava tão jovem que de pronto desobedecia.

Mais uma marchinha composta com trompete:

— Venha cá e cante aí!

O seu fraco era a percussão.

O jovem e cheio de vida de pouco mais de 30 anos sepultou muitos sonhos consigo. Para ser mais exato, 32. A idade de cristo, só completaria em julho, se vivo estivesse. Em 1984, falava muito em sair do Rio Grande do Norte, ir morar em uma outra capital nordestina e fazer um curso para aprender a reger orquestras. Da sua, já era maestro nato. Sempre que alguma autoridade fazia alguma visita à Natal, Jethe era o responsável por compor as músicas que seriam tocadas pela banda na solenidade.

Giovana lembra do marido falecido como alguém brincalhão, que da sua companhia uma forte e incondicional união saía. Mas também tinha os seus momentos de introspecção. Era calado, quieto, muito tranquilo. Mesmo depois de sua perda e dos sacrifícios para ser pai e mãe ao mesmo tempo, Giovana o relembra assim, tranquilamente.

Hoje, a pedagoga Jeane tem 49 anos e sorri de maneira radiante ao falar dele. Giovana demonstra no olhar a bravura que lhe permitiu a superação. De vez em quando, uma voz vem aos ouvidos de Jeane e diz rapidamente, mas com o mesmo carinho:

—Ninha, vem cá!

Ela vai, e se rende ao solo da saudade. Mas de onde estiver, guia os seus passos na dança frenética do existir. É apenas mais um dia, mais uma partitura

de sax. E segue o frevo-jazz. A nota escrita não é a mesma nota emitida, como em tudo na vida.

Quando a gente morre, sempre relembram os méritos, as condecorações, as vitórias. Nunca as derrotas. É de lembranças que são feitas as glórias.

Nesse ônibus acelerado, muitas vezes desgovernado e sem paradas para descer em que embarcamos chamado vida, parece que o motorista alguns dias está mal humorado. Às vezes dá vontade de puxar a corda e dizer que queremos descer. Nesse calor do Nordeste, parece que já estamos condenados ao inferno. Bem que o ônibus poderia ser climatizado. A empresa que administra a linha vida-além não se chatearia se eu pedisse ou também bateria o telefone na minha cara? Que Jesus abra os braços cada vez mais sobre a Guanabara.

No dia em que entrei em contato com Adriana Banhos, a irmã de Simone Banhos Teixeira, por uma terrível coincidência, era a data de aniversário de Simone Banhos, que apagaria as velas de 56 anos se estivesse viva. Pensei no quanto era dolorido para ela o mês de fevereiro. Lamentava sua ausência duas vezes em um intervalo muito curto de tempo

A estudante de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, filha do renomado médico Manoel Teixeira, e musa do Bloco Puxa-Saco, tinha 20 primaveras. Gostava de ir perto da banda para se contagiar mais ainda com a vibração que vinha dela.

Além da beleza física, Simone chamava a atenção pela sua beleza interior. A menina sempre sorridente e muita companheira, complacente e simpática, prestativa é lembrada pelo grande coração que tinha.

Segundo o jornalista e professor Adriano Gomes, que foi colega de Simone na escola, ela irradiava a pessoa que era:

— Uma menina extremamente querida, dedicada aos estudos, simpática, de bom relacionamento com todos da mesma classe. Eu me recordo que era uma moça bastante inteligente. Na escola nós trocávamos ideias e ali por 1984, por ocasião da tragédia do Baldo, nós lamentamos profundamente porque era uma pessoa extremamente querida. Simone era neta de Maria Banhos, que era presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte. Lamentamos pela figura querida e humana que era Simone. Ela sempre estava de bem com a vida,

sempre sorria. Em nenhum momento ela foi vista reclamando da vida, ou em um comportamento que denotasse tristeza ou depressão. E isso afirmava a sua personalidade enquanto ser humano. Cada um tomou o seu destino.

Abimael Florêncio Bernardo era um estudante do ensino médio de 17 anos. Brincalhão, sempre de bem com a vida, conseguia ganhar o coração até das mais exigentes das colombinas de sua rua. Morreu com a sua camiseta predileta, relembra a irmã Jô. Amava tocar tarol para ajudar o pai na banda da Polícia Militar e conseguir um dinheiro extra.

Enfrentou sérios problemas de saúde, foi desenganado pelos médicos mas os superou. Pena que não resistiu ao ônibus dirigido por Aluízio. Se foi cedo demais, porém com sua missão já cumprida. Naquele ano, a mãe de Bima, como era carinhosamente chamado, escreveu uma carta emocionante perdendo Aluízio pela morte do seu filho. Uma alma muito elevada, se elevou para mostrar que o rancor não traria seu Bima de volta:

“Natal/RN, 15 de março de 1984

Aluízio Farias Batista! Aqui quem está lhe escrevendo é uma mulher que na madrugada do dia 25 de fevereiro do corrente ano acordou, chamada por uma ambulância do Hospital da Polícia Militar para receber a triste notícia de que seu filho tinha morrido em um acidente.

Mais tarde, ela veio a saber que este acidente tinha sido causado por você, Aluízio! Você já parou para pensar no mal que causou a tantos? Você não pode imaginar a dor que eu estou sentindo, Aluízio! Eu não quero te condenar. Se depender de mim, você não será condenado, nem perderá o seu emprego. Eu só te peço uma coisa: que você reze, peça muito a Deus para não perder um filho tão brutalmente como você tirou o meu na presença do pai dele. Assim como você estava trabalhando, o meu também estava.

Meu filho era uma criança, Aluízio! Tinha apenas 17 anos. Era estudante e quando podia, tocava com o pai. Pois o pai é músico e estava seguindo a mesma profissão. Meu filho era bom, Aluízio! Ele não tinha nenhum vício, a não ser bater pelada com os colegas todas as tardes.

Quando não estava no colégio, estava dentro de casa comigo. Deus, meus vizinhos e meus amigos sabem que eu não estou mentindo Aluizio.

Peça perdão a Deus, porque de mim, de todo coração, você já está perdoado. Aqui fica uma dor tão grande que só quem sabe é quem já passou por ela. Que Deus te perdoe!

Gedalva Florêncio Bernardo”

Morrer jovem é se eternizar em um instante de graça? Não sejamos tolos. A alma não envelhece. A graça não é assim que se perde.

Como cantava Dalva de Oliveira em antepassados carnavais, “*Bandeira branca, amor/ Não posso mais/ Pela saudade que me invade, eu peço paz*”.

CAPÍTULO 13: NÃO DEIXE O SAMBA MORRER

Abre alas pra minha folia

Já está chegando a hora

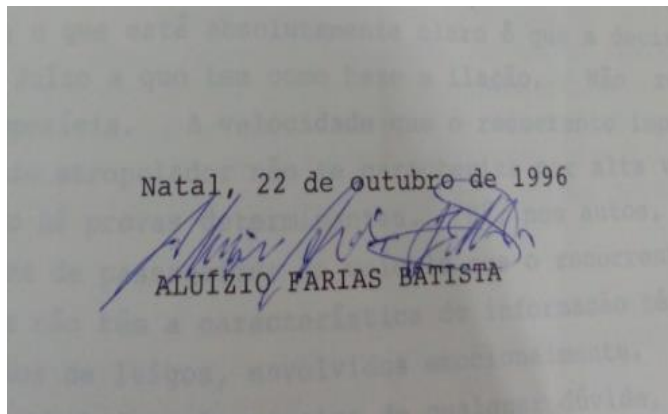
Abre alas pra minha bandeira

Já está chegando a hora

(Abre alas - Ivan Lins)

NINGUÉM ME AGARRA, NINGUÉM ME AGARRA!

Em 1996, Aluízio esteve em Natal e assinou uma procuração em nome do advogado Cleofas Coelho de Araújo, pedindo para que a decisão fosse reconsiderada pelo juiz da Comarca da Primeira Vara Criminal de Natal. No documento era afirmado que Aluízio era casado, estava residindo em Natal, trabalhava como motorista. A não ser que os dados, para efeito do processo, não foram atualizados. Mas era a sua assinatura que estava no documento.



Natal, 22 de outubro de 1996
ALUÍZIO FARIAS BATISTA

Foto: Primeira Vara Criminal de Natal

Cleofas alegou em 25 de outubro de 1996 que não estava provado nos autos que o requerente quis aquele resultado, e que a decisão do Juízo era baseada em ilações e suposições. Que os depoimentos contidos no processo foram dados por leigos envolvidos emocionalmente.

O Ministério Público Estadual respondeu em 22 de dezembro daquele mesmo ano, dizendo que o processo tinha caído no esquecimento e que por essa razão, continuava Aluizio a gozar de liberdade indevida, impune frente aos delitos praticados. Que o apelante queria retardar o julgamento. Dizia que era o exclusivo causador da tragédia.

Em 13 de novembro de 1997, quando o oficial de justiça Pedro David de Andrade o foi até a residência de Aluizio intimá-lo, sua irmã Solange Farias Batista disse que ele não se encontrava em Natal. Ela assinou a papelada e se comprometeu a apresentar o irmão na data do julgamento. Ficou apenas na promessa. A minha *playlist* anos 1980 já tinha até vencido e eu poderia até fazer uma nova com muito grunge, R&B contemporâneo, *britpop*, *rap* e *dance music*.

Em 26 de novembro de daquele corrente ano, Francisco da Silva Fernandes substitui Cleofas no caso como advogado. A família não sabia de seu paradeiro, mas parecia que alguém ainda mexia os paus pelo motorista. Entrou com um requerimento por não saber o destino de Aluizio. Ele teve apenas um rápido contato com seus parentes pois tomou conhecimento de que o julgamento dele estava marcado para o dia 27 de novembro de 1997. Na véspera, pediu para que o processo fosse retirado da pauta com a intenção de melhor estudá-lo. Mais uma manobra para ganhar tempo. Adiaram para 3 de dezembro. Francisco ainda não tinha conseguido entrar em contato com Aluizio.

A paciência do judiciário se esgotou e seu “elevado espírito de justiça” tinha limites. No dia 1º de dezembro de 1997, o juiz Alci Medeiros decidiu que fosse pedido à Polinter, o Serviço de Polícia Interestadual, um mandado de captura, para que ficasse detido na Penitenciária João Chaves até o julgamento.

No começo dos anos 2000, oficiais de justiça foram até a casa dos seus pais e uma nova moradora, que tinha comprado a casa a eles há pouco tempo disse que ouviu dizer que tinham indo embora para as bandas do Mato Grosso.

O delegado Maurilio Pinto argumentou que a demora para a expedição do mandado de prisão atrapalhou a captura e a solução do caso.

Os policiais checaram cada pista dada sobre o paradeiro dele, mas nada de concreto foi conseguido.

— Anos depois, tivemos informações de que ele estaria em uma casa na Zona Norte, mas ao chegarmos lá, a informação foi a de que ele morou no local mais de dez anos antes — alegou o Maurílio Pinto em entrevista à Revista Bzzz.

12

Março de 2007. Geraldo Bernardo da Silva, pai de Bima, procurou a juíza Eliana Alves Marinho Carlos para fazer uma denúncia que poderia mudar os rumos da história e pôr Aluízio de uma vez por todas atrás das grades. A denúncia feita pelo programa da Globo *Linha direta*, em dezembro de 2005, não fez muito efeito. A grade do horário nobre da emissora, pelo visto, era muito bem frequentada por criminosos já que Nazaré Tedesco dividia espaço com o polialesco matando quem se metesse no seu caminho. A loira vilã debochada, e que hoje é a queridinha dos memes nas redes sociais, era sensação na época por ser personagem da novela *Senhora do destino*, escrita pelo autor Aguinaldo Silva.

Segundo Geraldo, o seu cunhado Venâncio Florêncio da Costa, apelido Bibi, estava em uma borracharia na saída da cidade de Canguaretama. Quando chegou um homem muito parecido com Aluízio em um Opala de cor branca que estava com defeito. Bibi o ajudou a empurrar a lata velha. Depois que o dono do carro foi embora, o borracheiro o falou em tom de segredo:

— Esse é o Aluízio, o que matou o filho do seu cunhado atropelado naquele acidente do Baldo. Você lembra?

— 1984...nossa, já faz tanto tempo. Mas como a gente esquece a dor de uma perda dessa, meu filho? — Respondeu Bibi.

— Pois é. Pode não parecer mas é o cabra safado. Ele cortou o cabelo logo após ter saído no Linha Direta. Ele faz frete por essas banda aqui. Entre Canguaretama e Pedro Velho.

Eliana enviou um ofício ao delegado de polícia civil Maurílio Pinto, pedindo que ele e sua equipe averiguassem a veracidade da denúncia. Maurílio designou Omar Bonazza, na época Chefe de Investigações e Operações da SUBSESED, hoje Agente especial na Governo do Estado do Rio Grande do Norte aposentado. A equipe de auxiliares ainda era formada por Flávio José Peixo e Marcelo Siqueira. Todos da classe especial. Aluízio era carne nobre. O filé das crônicas policiais. E para um investigador, quanto mais foge um procurado, mais

a gana de pôr as mãos nele aumenta. E foram rumo à Canguaretama com todas as informações que precisavam, armar a tocaia para pegar o Arlequim já não mais tão cheio de graça.

Tentaram contato telefônico com Bibi, mas não obtiveram resposta. Celular fora de área. Fizeram algumas diligências mas nenhum sinal do famoso Opala branco. Fora até Pedro Velho mas também não conseguiram encontra-lo. Voltaram para Natal frustrados, mas não vencidos.

Na segunda-feira seguinte, dia 19 de março, conseguiram se encontrar com Bibi. Mais uma busca em Canguaretama. Em vão. Em Pedro Velho, para a felicidade dos predadores, encontraram o vereador Deca em um posto de gasolina que ficava na entrada da cidade. Omar jogou o papo de que precisavam de dois motoristas, já sabendo que Deca havia dispensado dois também. Deca deu a apetitosa informação de que a caça, vulgo Mestrinho e o motorista que ambicionavam achar, estavam morando em um local chamado Gruta do Bode, em Canguaretama. A buchada de bode seria de comer rezando. O possível Aluizio que rezasse para não ser pego e virar picado. Deca deu boas referências dos dois. Disse que o motorista havia trocado o opala por um fusca. Deca ficou com a pulga atrás da orelha. Afinal, de bobo não tinha nada pois era escolada na política do interior potiguar. Estranhou mas deixou para lá.

Dirigiram até o local que ficava nas margens da BR-101, já na saída de Canguaretama, no sentido para Natal.

— É ele! — Disse Bibi.

O suspeito estava na companhia de mais quatro homens. Portava na cintura, ao lado direito, uma faca na bainha. Era homem que fazia as suas leis. Voltaram para a BR e deixaram Bibi por lá para que voltasse por conta própria ao seu trabalho. O risca-faca poderia começar. Dariam prosseguimento à missão. Foram até o local da reunião.

— Boa tarde! Quem é Mestrinho?

— Sou eu, sim senhor — respondeu o mais baixo do grupo, levantando de onde estava sentado, olhando desconfiado e estirando a mão.

— É que estamos precisando de dois motoristas. O Deca me indicou o senhor e um amigo seu.

Mestrinho disse estar disposto e indicou o homem que estava ao seu lado, o suspeito de ser Aluizio, conhecido como Miguel. Miguel também aceitou o serviço.

— O senhor tem habilitação para dirigir transportes coletivos? — perguntou Omar.

Mestrinho mostrou a CNH. Miguel disse ser habilitado também, mas não mostrou a carteira.

Omar conhecia Aluizio do depoimento que deu na delegacia, do qual foi testemunha, em março de 1984. Pensou que depois de 23 anos, uma pessoa poderia mudar bastante a sua fisionomia. Pensou isso consigo pois os dois eram completamente diferentes.

— Estamos indo para Natal. Lá para as quatro horas voltamos para terminar de acertar todos os detalhes.

Já em Natal, de posse da foto de Aluizio, perceberam a diferença e o possível engano. Mesmo assim, estavam decididos a terminar o que começaram e voltaram para a residência de Mestrinho e Miguel em Canguaretama. Discutiram o possível salário e a forma de pagamento. Se havia uma maneira de identificar Aluizio era pelas digitais. Por isso, a estratégia de pedirem a CNH. Miguel disse que não podia começar de imediato pois a sua ainda estava sendo renovada. Assim que tiveram acesso à CNH de Miguel, constataram que ele e Aluizio não eram a mesma pessoa. Alarme falso.

E assim, até hoje, Aluizio vai se safando. Não é escorregadio, pois apenas escorrega das nossas mãos aquilo que podemos pegar. E se podemos pegar, existe e está ao nosso alcance. Estaria Aluizio vivo? Talvez, nunca saibamos.

“Se a polícia por isso me prender mas na última hora me soltar/ Eu pego a saca, saca, saca-rolha/ Ninguém me agarra, ninguém me agarra.”

O morador de rua, de aspecto rude e maltrapilho, com o rosto completamente enrugado, maltratado pelo tempo, pela sujeira, miséria e descaso ocupava uma casa abandonada no bairro Candelária, zona Sul de Natal. O seu cabelo estava completamente assanhado e suas roupas eram farrapos. De repente, viaturas da polícia pararam no local que escolhera para se abrigar na manhã daquela terça-feira. Estavam fortemente armados. Saíram do carro e pediram para que pusesse as mãos para o alto. Ele, assustado, fugiu do local. Mas não conseguiu ir muito longe. Foi capturado. Pressionado pelos agentes do

Batalhão de Operações Especiais (BOPE). Parece que Aluízio era um vinho tinto nobre, de sessenta e poucos anos de idade, que estava estocado há 37 anos, que as autoridades de segurança queriam degustar em um brinde de vitória, mesmo tendo investigado tão pouco. Até um estudante de jornalismo encontraria o seu paradeiro mais facilmente. Coagido, confessou até o que não fez para se livrar da sensação de terror e constrangimento. O homem sofria de problemas mentais e contou, de maneira muito fantasiosa, que estava morando em Pernambuco. Foi levado até o Instituto Especializado em Perícia (ITEP), para fazer um exame papiloscópico, já que a semelhança com Aluízio era muito evidente, mas ele estava sem documentos pessoais. *“Sem lenço e sem documento”*, como canta Caetano Veloso. Foi levado na viatura com seus ossos salientados pela grande magreza que ele tinha.

A imprensa se mobilizou para fazer a cobertura do tal motorista que há décadas atrás matou integrantes de um bloco de carnaval. O fato também gerou muita curiosidade por parte da população, à semelhança daqueles para quem eu perguntei sobre a história passaram a conhecer. *“O motorista estava foragido desde o dia do acidente”*, disse um repórter na TV completamente equivocado.

Segundo o delegado de plantão Frank Albuquerque, o homem, que estava sem identificação, inicialmente negou que fosse Aluízio e se disse chamar João de Deus. Em seguida, segundo o delegado, ele teria confessado.

O teste saiu na boca da noite no Instituto Técnico e Científico de Polícia e para a decepção de muitos e da polícia que mais uma vez teve uma operação para prender Aluízio frustrada, era negativo. As digitais do homem apreendido não batiam com as de Aluízio, que constavam no processo que eu consultei. Liberaram o pobre homem para voltar às calçadas sujas natalenses sem nenhum tipo de auxílio. O mandado de prisão vence em 2029, quando o crime também prescreve após vinte anos do seu julgamento. Talvez em 2030, Aluízio, já velhinho, apareça para tomar um café com a imprensa.

Como cantava Cartola, *“O mundo é um moinho”*.

...FOI A SAUDADE QUE ME TROUXE PELO BRAÇO

A tragédia do Baldo pôs fim ao carnaval de rua de Natal. Foi um divisor de águas devastador. Depois daquele triste dia de 1984, os blocos deixaram de passar pelas ruas da cidade e os jovens, principalmente filhos das famílias mais abastadas, fugiam para as praias e lá se refugiavam em uma espécie de “festa do esquecimento”. Ninguém mais falava sobre o assunto. A lei do silêncio imperava. Mas em todos os carnavais era inevitável não lembrar. O carnaval natalense, que estava em ascensão, entrou em declínio. Morreu aos poucos, como muitos que iam deixando a sua vida escapar entre os dedos enquanto agonizavam no chão frio da ladeira da Rio Branco. Até hoje o produtor cultural Dickson, o Meméia, afirma:

— A cidade estava passando por um período de transformações. Se não fosse aquela tragédia, o carnaval natalense estaria na crista da onda.

Até hoje, ele ainda tem pesadelos. As quimeras são muito cruéis.

A tragédia do Baldo contribuiu fortemente para que o carnaval fosse excluído do calendário potiguar e da memória da população natalense também. Durante os anos seguintes da década de 1980, Natal teve a má fama durante a festividade por não ter carnaval ou não se comemorar a farra de momo com a mesma força e intensidade de outras capitais nordestinas como Salvador e Recife. Toda uma tradição cultural se perdeu e foi jogada na lata do lixo do esquecimento, para que as feridas não fossem reabertas. Não as feridas das vítimas lesionados no acidente, mas da memória coletiva. O episódio foi lembrado pela imprensa durante todos os anos posteriores na época do carnaval. Ainda hoje muito se fala sobre, mas pouco se sabe por parte dos mais jovens. Os mais velhos preferem não lembrar daquela noite aterrorizante. Principalmente quem fazia parte do bloco Cordão do Puxa-Saco e por um acaso do destino se livrou de ter a sua vida interrompida precocemente. Muitos ainda lembram de maneira traumatizada o que vestiam ou faziam no exato momento do acidente.

Isso abriria caminho em 1991 para o que seria o mais compatível com o carnaval em Natal: o Carnatal. A micareta (carnaval fora de época) acontece meses antes, em dezembro e apenas serve aos interesses da iniciativa privada, já que os abadáes dos blocos são pagos e as empresas patrocinadoras e de outros setores lucram com o evento. Políticos também, da sua maneira. O Carnatal chegou a ser eleito pelo *Guinness Book*, o livro dos recordes, como o maior bloco de carnaval fora de época do mundo.

Os grupos indígenas e as escolas de samba como a Balanço do Morro e a Malandros do Samba, ainda muito marcada pelo terrível acontecimento e por memórias ainda intactas, continuaram a desfilar pelas ruas de Natal. A comissão de frente seguiu o seu curso sem querer olhar para trás, sem perder as esperanças de que um dia as bandas tocariam mais alto e mais forte, abafando o sofrimento e as trágicas lembranças de uma certa madrugada.

Somente em meados da década de 2000, a prefeitura da cidade, administrada por Carlos Eduardo Alves, tentou ressuscitar o carnaval natalense criando uma programação que tentava resgatar a folia meio apagada pelo tempo de décadas atrás. Polos de carnaval foram criados e divididos por locais da cidade como Redinha, Ribeira, Centro Histórico e Ponta Negra. Nesses locais, palcos foram instalados e artistas de renome nacional e local contratados para animar as festas. Mais uma vez, a iniciativa privada sairia como a maior beneficiada e teria início uma outra farra

Mas muito pouco da memória e da história foi resgatado. O carnaval ainda não é visto como uma manifestação cultural, como um patrimônio imaterial que carrega séculos de manifestações artísticas e folclóricas locais, apesar das tentativas de se trazer de volta os blocos e manifestações culturais típicas de outras épocas, mas ainda é uma iniciativa tímida. É algo apenas para turistas verem. Sempre ela, a fachada criada para agradar os turistas e criar neles uma percepção de Natal como “ilha da fantasia”. O carnaval ganhou novas sonoridades e as marchinhas e os sambas perderam força para a música comercial e radiofônica. Antes disso, ainda existia uma certa resistência por parte de natalenses que não se deixavam abater pelo passado e formavam pequenos blocos de rua isolados aqui e ali.

O carnaval de rua estava praticamente mórbido, mas a população mais pobre não deixava o estandarte cair e se divertia da sua maneira. Um exemplo disso é o Bloco dos Cão. Tradicional da Redinha, foi criado em 1962 pelos irmãos Francisco Ribamar de Brito (Dodô) e Armando Ferreira de Brito (o Gago). Com o passar do ano, o bloco foi crescendo e hoje é um dos maiores símbolos do carnaval potiguar. A característica mais marcante do bloco é o fato de todos os seus integrantes se lambuzarem de lama nos manguezais da praia em um delicioso mergulho e em uma guerra de lama onde o único objetivo é bombardear o adversário com a maior quantidade de lama possível. O carnaval, que depois da tragédia em 1984, mudou definitivamente de endereço para as praias, nelas ainda se concentra.

Mais de três décadas depois, o carnaval de Natal parece ter acordado do coma em que entrou quando também foi atingido pelo ônibus desgovernado que

o motorista Aluizio Farias dirigia. O Bloco do puxa-saco se reinventou, revigorou e através de iniciativas públicas, voltou para as ruas, resgatando parte do que ficou no passado, como se continuasse a seguir o seu curso mesmo depois do infortúnio, subindo a avenida Rio Branco. O saudosismo e a nostalgia falaram mais alto que as memórias ruins e os antigos foliões, que naquele bloco estavam, superaram seus traumas e voltaram a pular pelas avenidas natalenses.

Em 2019 o projeto Grandes Carnavais, do qual o Bloco do Puxa-Saco faz parte, realizou a sua quarta edição, revalorizando o carnaval enfraquecido. Se em 2015, Dickson Meméia andava de um lado para o outro com a ideia fixa de remontar o bloco, mas com muita apreensão causada pelos fantasmas do passado e pelos sons dos instrumentos que ainda povoavam os seus perturbadores sonhos, nesse ano desfilava e dançava novamente com gringos e potiguares. Organizou todo o projeto ao lado de Sérgio Fernandes, que disse a um repórter do jornal Tribuna do Norte com empolgação:

— Começamos retomando os antigos blocos do carnaval de Natal. Agora vamos trazer de volta para a festa os famosos bailes de clube que marcaram época.

No início de 2020, um vírus resolveu sair de Wuhan na China e de disseminar por todo o planeta de maneira pandêmica. Causando aquilo que os parentes e amigos das vítimas da tragédia do Baldo conhecem bem: a dor da perda de uma pessoa querida. Por isso, foi necessário que medidas restritivas fossem tomadas para que a pandemia de Coronavírus, causada pelo vírus Sars-COV-2 não levasse mais vítimas para covas em cemitérios abertos a perder de vista, como foi observado em Manaus, enquanto uma vacina não fosse criada e aprovada. Mesmo depois de os braços dos cidadãos começarem a ser devidamente carimbados como o ingresso para a sua micareta de salvação das suas vidas e outros carnavais poderem ser brincados sem a preocupação de se infectar e terminar seus dias com um respirador introduzido na traqueia, ou causar a infecção de um parente ou um próximo, ou um não tão próximo que pudesse ter esse fim, prudência e consciência coletiva foram fundamentais. Vários pontos da pandemia poderiam ser levantados em paralelo com acontecimentos registrados nesse livro. Isso só constata o que Elis dizia quando cantava a música de Belchior, *“ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”*. O momento político pelo qual passamos em 2021 não deixa dúvidas de que vivemos em um museu de grandes novidades, como dizia outro grande poeta, o Cazuzza. Desde o dia da mentira, em 1º de abril de 1964 até a forma como a política atropela tudo que vê em nome de interesses mesquinhos em épocas de tragédias.

Uma dessas medidas foi o cancelamento dos carnavais de 2020 e 2021. Dois anos sem carnavais. Dois anos em que os blocos e as escolas de samba também se calaram por causa de uma tragédia que já levou mais de 5 milhões de mortes no mundo. A cuíca não gemeu, a passista não sambou, o trombone não entou as notas do frevo, ninguém mesmo vivo foi atrás do bloco.

Hoje, já se vê a população voltando às ruas fogosa e cheia de animação, com fantasias, adereços, corpos de bebida nas mãos de norte a sul, cruzado a cidade entre o leste e o oeste, em novos blocos que foram criados com o passar do tempo. Sinalizadas devidamente e com alvará expedido pelo Corpo de Bombeiros e a Semurb (Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo), como pede a lei. Mas a única lei que impera de verdade no carnaval natalense dos dias de hoje é a da diversão até cair de exaustão, sem dar atenção aos acontecimentos negativos do passado, sem hora para acabar, até que chegue a quarta-feira de cinzas, que cobre as cores e ofusca o brilho da tradicional festa popular brasileira. Mas o que importa é que das cinzas também ressurgiu o carnaval de Natal, como uma fênix imponente e com suas penas multicoloridas.”. Dizem que no Brasil, o ano só começa após o carnaval. Talvez a vida também. Comece e recomece. O triste Pierrô parou de chorar e caiu no frevo. Pois como diz o samba de Luiz Carlos da Vila, “*O show tem que continuar*”. Afinal, no final da história, a Colombina larga o Arlequim e vai viver um romance com o Pierrô quando descobre o seu amor. De tão feliz lágrimas não derrama mais, e entoa com esperança:

O Sol há de brilhar mais uma vez

A luz há de chegar aos corações

Do mal será queimada a semente

O amor será eterno novamente

(Juízo final – Nelson Cavaquinho)

NOTAS

1- Diário de Natal, Terça-feira, 28/02/1984. Página 6. “Puxa-saco previu a tragédia?”

2-O Poti, Domingo, 26/02/1984, capa. “A tragédia do carnaval sangrento”

3 - O Poti, Domingo, 26/02/1984, capa.

4- O Poti, Domingo, 26/02/1984, capa.

5 – O Poti, Domingo, 26/02/1984, página 12, “Bandas acusam polícia de negligência pública”

6 – Diário de Natal, Sábado, 10/03/1984, página 3, “Joca selou a sorte da Malandros”

7- Diário de Natal, Terça-feira, 28/02/1984, página 3, “Tancredo e Ulysses solidários”

8- Diário de Natal, Terça-feira, 28/02/1984, página 3, “Tancredo e Ulysses solidários”

9- Diário de Natal, Sábado, 17/03/1984, página 7. Propaganda da Prefeitura Municipal de Natal: “1 ano de Formiga: Veja o que o governo José Agripino está fazendo em Natal”

10- Diário de Natal, Sábado, 03/03/1984, página 8, “Juíza Nega a prisão do motorista”

11- Diário de Natal, Sábado, 03/03/1984, página 8, “Juíza Nega a prisão do motorista”

12- Revista Bzzz, abril de 2014, 10/04/ 2014. “Tragédia do Baldo”, Eliana Lima

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Fred. Motorista do ônibus depôs à polícia e desapareceu. Portal No Minuto, Natal. 22 de Fev. de 2009. Disponível em: <<<http://nominuto.com/noticias/policia/motorista-do-onibus-depos-a-policia-e-desapareceu/28138/>>>. Acesso em: 24/06/2018.

_____ Depois de 25 anos, responsável pela tragédia do Baldo vai à júri. Portal No Minuto, Natal. 22/02/2009. Disponível em: <<<http://nominuto.com/noticias/policia/depois-de-25-anos-responsavel-pela-tragedia-do-baldo-vai-a-juri/28137/>>>. Acesso em: 24/06/2018.

FARIAS, Bruno Augusto F. Os Territórios Carnavalescos em Natal: Uma Síntese de Diversas Representações Culturais. CCHLA, UFRN, Natal. Disponível em: <<<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT37/OS%20TERRITORIOS%20CARNAVALESCOS%20EM%20NATAL.pdf>>>. Acesso em 26/06/2018.

LIMA, Alice. Tragédia do Baldo. Revista Bzzz, Natal. 10 de Abr. de 2014. Disponível em: << <https://issuu.com/revistabzzz/docs/bzzz-10-web> >>. Acesso em: 26/06/2018.

LIMA, Artemilson. Escaladas da Contracultura: Natal, década de 1980. Natal: Moinhos, 2019.

MACEDO, Thyago. Mortes no Baldo: responsável por acidente é condenado a 21 anos. Portal No Minuto, Natal. 15 de Mai. de 2009. Disponível em: <<<http://nominuto.com/noticias/policia/mortes-no-baldo-responsavel-por-acidente-e-condenado-a-21-anos/31924/>>>. Acesso em: 24/06/2018.

MEDEIROS, Rostand. 1924: O conflito das lavadeiras em Natal. Tok de História. 04 de jan. de 2018. Disponível em: <<<https://tokdehistoria.com.br/2018/01/04/1924-o-conflito-das-lavadeiras-em-natal/>>>. Acesso em: 05/12/2021.

OLIVEIRA, Flávio. Viaduto do Baldo: 37 anos de história. Portal No Minuto, Natal. 5 de ago. de 2015. Disponível em: <<<http://nominuto.com/noticias/natal/viaduto-do-baldo-37-anos-de-historia/128561/>>>. Acesso em: 28/06/2018.

PINTO, Tales dos Santos. História do carnaval e suas origens. Brasil Escola. Disponível em: <<brasilecola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval.htm>>. Acesso em 28 de junho de 2018.

PROJETO TIPO. Herácles Dantas, o fotógrafo da morte em Natal (08m10s). 1 de Dez de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7Ctz_yjZ7r4> Acesso em: 26/06/2018.

QUEM SÃO O PIERRÔ, O ARLEQUIM E COLOMBINA? Mundo estranho. 19 de fev. de 2019. Disponível em << <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-sao-o-pierro-o-arlequim-e-a-colombina/>>> Acesso em: 25/11/2021.

RIBEIRO, Ramon. Velhos blocos se revigoram no Grandes Carnavais. Tribuna do Norte, Natal. 24 de jan. de 2018. Disponível em: <<<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/velhos-blocos-se-revigoram-no-grandes-carnavais/403261>>>. Acesso em 28/06/2018.

_____. Minha Área: Fundadores da Banda Gália relembram lendário bloco. 30 de out. de 2019. Disponível em: << <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/minha-a-rea-fundadores-da-bandaga-lia-relembra-lenda-rio-bloco/463147>>>. Acesso em: 15/12/2021.

VILAR, Sérgio. Conheça toda a história de fundação do bloco Os Cão e do carnaval da Redinha. Papo Cultura, Natal. 27 de Fev. de 2017. Disponível em: << <http://papocultura.com.br/os-cao/>>>. Acesso em: 27/06/2018.

